PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRASILEIRA

Coleção Afrânio Peixoto

I — LITERATURA

Florilegio
da
Poesia Brazileira

ou

collecção das mais notaveis composições dos poetas brazileiros falecidos, contendo as biographias de muitos delles, tudo precedido de um

Ensaio Historico Sôbre as Lettras no Brazil

TOMO II

RIO DE JANEIRO
1946

FLORILEGIO
DA
POESIA BRAZILEIRA

TOMO II

PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRASILEIRA
Coleção Afrânio Peixoto

I — LITERATURA

FLORILEGIO
DA
POESIA BRAZILEIRA

ou

collecção das mais notaveis composições
dos poetas brazileiros falecidos,
contendo as biographias
de muitos delles,

tudo precedido de um

ENSAIO HISTORICO SÔBRE AS LETTRAS NO BRAZIL

TOMO II

RIO DE JANEIRO
1946

FLORILEGIO

DA

Poesia Brazileira,

OU

COLLECÇÃO DAS MAIS NOTAVEIS COMPOSIÇÕES
DOS POETAS BRAZILEIROS FALECIDOS.
CONTENDO AS BIOGRAPHIAS
DE MUITOS DELLES,

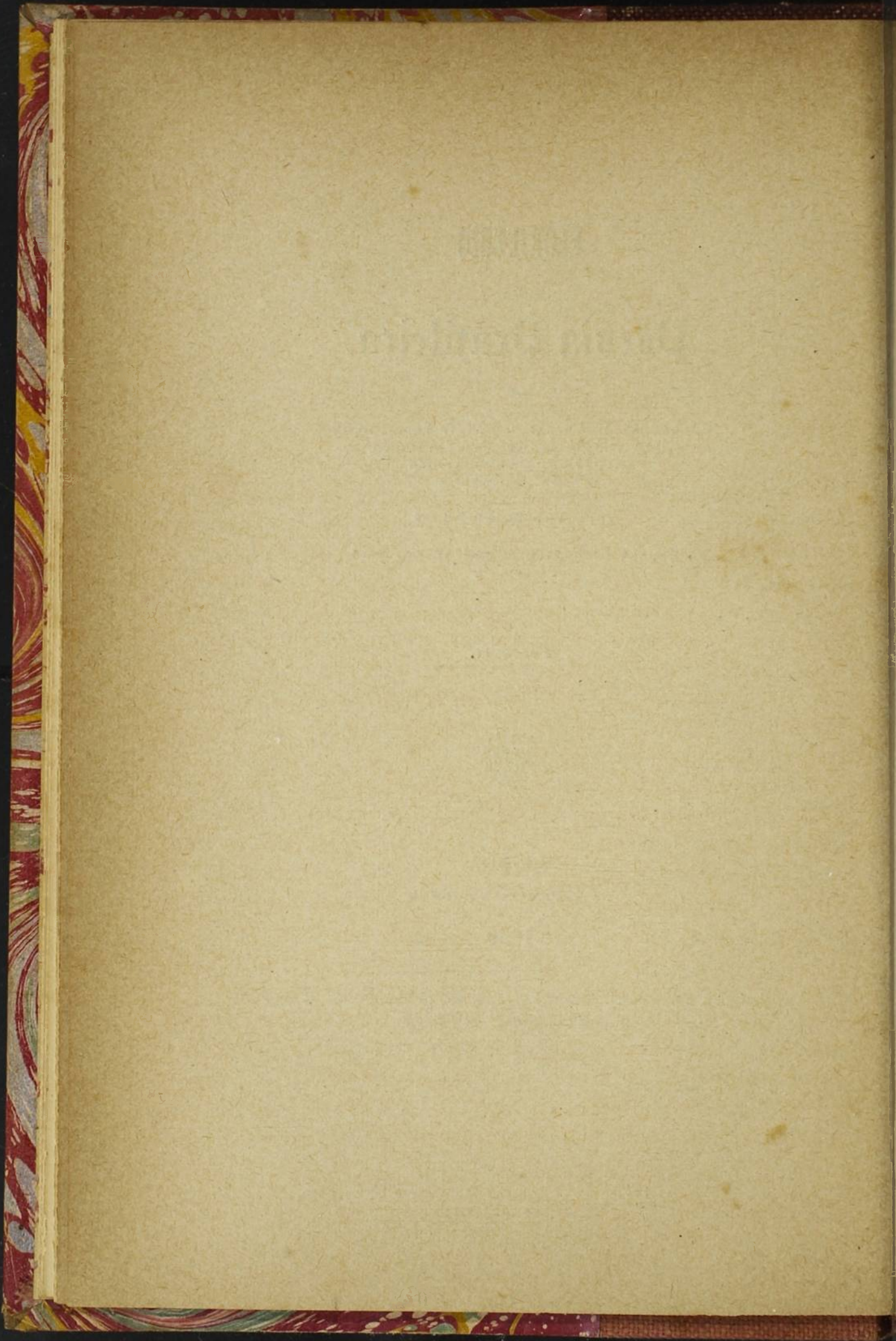
TUDO PRECEDIDO DE UM

ENSAIO HISTORICO SÔBRE AS LETTRAS
NO BRAZIL

TOMO II.

LISBOA
NA IMPRENSA NACIONAL.

1850

Fac-simile do frontespício da edição princeps *do Tomo II do "Florilégio" — 1850.*

ADVERTENCIA

Apesar dos bons desejos que nos animavam ao emprehender ésta publicação, viu-se ella mais de uma vez detida e empatada. E agora que, depois de quatro annos no prelo, a damos por concluida, vexâmo-nos de encontrar-lhe tantas faltas e imperfeições. Chegámos a ter medo de a deixar correr, e a não ver na resolução arbitraria de a guardar um tanto de amor proprio, talvez o público não tivesse a obra com seus defeitos, pelo menos agora. Mas não devemos sustentar caprichos: venham embora as censuras, que ahi vai o livro.

Convem, porém, saber-se que, quando em fins de 1846 entregámos á imprensa os primeiros materiaes para elle, estavamos empregado na legação imperial em Lisboa, d'onde pouco depois tivemos que saír para outro destino. Antolhou-se-nos facil a continuação da impressão naquella cidade, com a condição de que se nos mandaria uma prova pelo correio. Várias dessas provas foram revistas em jornadas n'uma estalagem, e sabe Deus como. Outras vezes chegavam com recommendação de que deviam devolver-se pelo mesmo correio, e era necessario sempre vêl-as com demasiada precipitação.

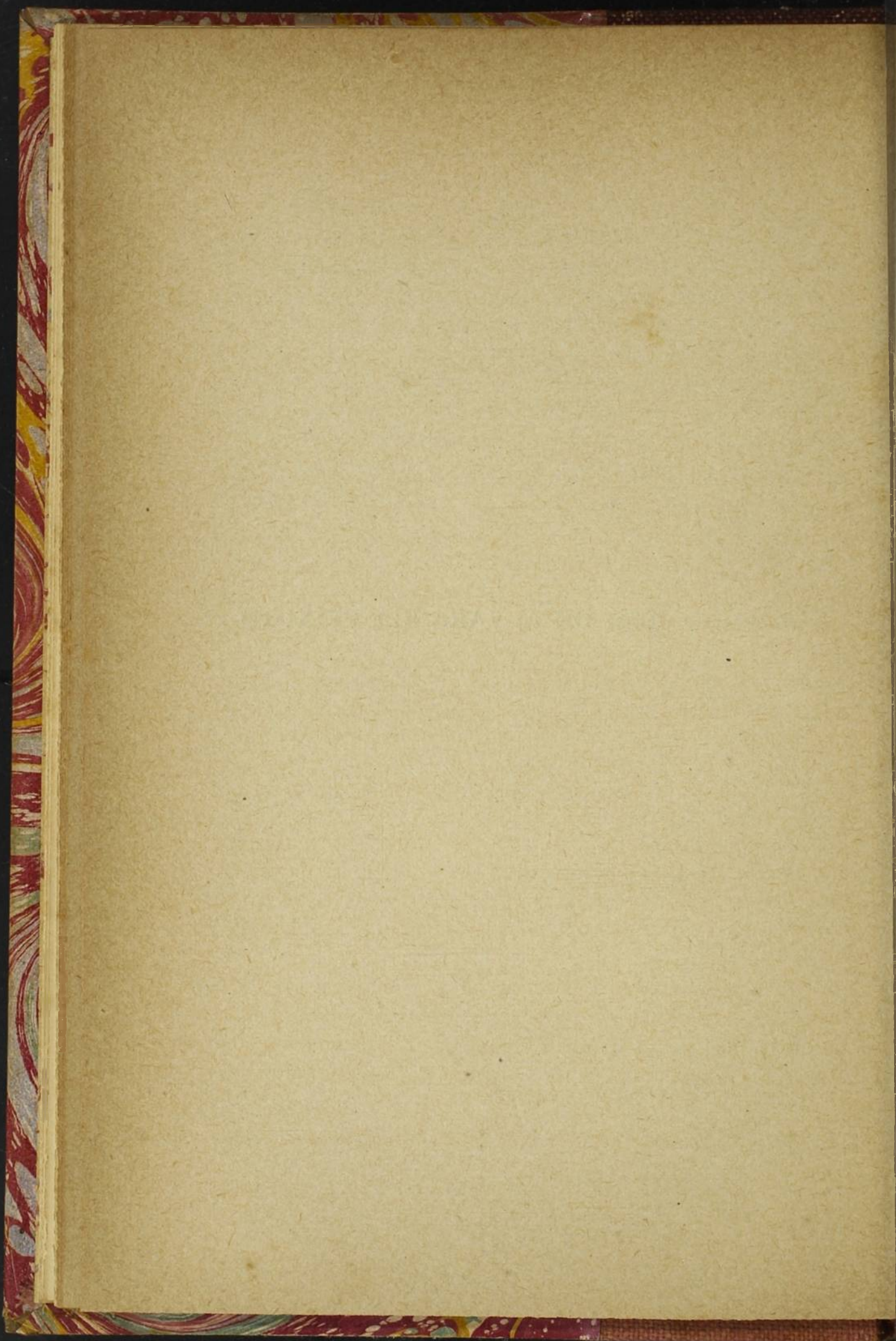
Estas difficuldades, o desejo de terminar a obra, nos obrigaram a abandonar o pensamento de proseguir

com a redacção das biographias de todos os poetas, como fizemos com os quatorze primeiros.

Pedimos, pois, desculpa pelas irregularidades, e pelas emendas que vão em notas e erratas, esperando merecel-a em attenção ao serviço que em todo caso fazemos, e aos bons desejos que nos animam. Quanto á orthographia, sabemos que a muitos parecerá estranha: mâs, tendo que fazer uso dos accentos, não podiamos deixar de ser coherentes, adoptando-os em todas as palavras, em que a sua presença possa auxiliar, sôbre tudo, o leitor estrangeiro.

Madrid, 11 de Outubro de 1850.

F. A. DE VARNHAGEN.

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO

O Marquez de Pombal tinha em sua alta política conhecido a necessidade de cuidar do Brazil, e pois que muitos brazileiros haviam sempre em Portugal correspondido á sua confiança, veio elle tambem a ser grande protector dos brazileiros, que em reconhecimento não perdiam occasião de o exalçar. Um delles, do qual ora nos vamos occupar, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, amigo de José Basilio (a cujo *Uraguay* compoz um Soneto encomiástico, que foi publicado com o mesmo poema) não devia ser menos estimado por Pombal, a quem tanto louvor prodíga na ode

"Não os heroes que o gume ensanguentado."

Assim é que o mesmo Pombal depois de o despachar primeiro juiz de fóra de Cintra o elevou depois a ouvidor de uma comarca em Minas com a patente de coronel do 1.º regimento auxiliar da campanha do Rio Verde.

As suas composições poeticas já antes o haviam recommendado para arcade ultramarino; porém até hoje não nos tem sido possivel decidir com certeza se o nome de *Eureste Phenicio,* era o que levava como pastor (1).

---

(1) Em todo caso *Eureste* é o autor da *Resposta de Nize*

Chegando ao Brazil o nosso poeta, magistrado e militar, a quem talvez não seria estranho o pensamento de Pombal de estabelecer na America a cabeça do imperio portuguez, penetrou-se tanto desta idea que com o vigor da convicção traçou uma ode em que convida a Rainha Maria I, a passar-se ao Brazil, e assenhorear-se da America toda. E com todo o seu enthusiasmo não se esquece de prevenil-a contra as naturaes rivalidades da antiga metropole, e de fazer protestos pela lealdade de seus votos:

Vai ardente desejo:
Entra humilhado na real Lisboa
Sem ser sentido do invejoso Tejo.

.—.

Da America o furor
Perdoai, Grande Augusta, é lealdade,
São dignos de perdão crimes d'amor.

Em Minas é natural que começasse a conviver com Claudio e Gonzaga: além disso vemos que se dava com D. Rodrigo José de Menezes, ao depois Conde de Cavalleiros, e que governou aquella provincia desde 1780 até 1783. E bem digno é de ler-se o patriotico canto geneathliaco que compoz em 19 estancias ao filho desse Governador.

Igual amisade não travou de certo com o sucessor deste último, Luiz da Cunha de Menezes, que conservou o mando até 1788; e antes pelo contrário ha toda a probabilidade de que como os mais mineiros tomasse

---

á despedida de Fileno por Claudio, e collocando-a no *Florilegio* e na composição, não affiançâmos de todo que seja ella obra de Alvarenga Peixoto; mas deixâmol-a em pendencia.

parte activa contra os abusos deste Governador, tão fortemente satyrisado nas *Cartas Chilenas* (1), obra ésta cuja composição cremos não sería estranha ao mesmo Alvarenga Peixoto, ainda suppondo que não tivera nella parte. Do nome Dirceu, pastoril de Gonzaga, faz-se nellas menção como amigo do autor; tambem se faz referencia a um chimico, que talvez sería o Maciel, de que adiante faremos menção, e a um velho jurista, etc. — A critica litteraria só por si difficilmente poderá resolver qual dos litteratos que estavam em Minas sería propriamente o autor das taes cartas satyricas. Devia ser pessoa versada na jurisprudencia, amigo de Gonzaga, de instrução variada e grande facilidade de metrificar. Além disso parece que havia estado em Portugal; e que era autor recommendado por seus escriptos. Esta última circumstancia parece deduzir-se dos dois seguintes versos de uma epistola que precede as *Cartas*, a qual no geral do estylo parece ser de Gonzaga:

"Que teus escriptos de uma idade a outra
Passarão sempre de esplendor cingidos."

Dois poetas havia então em Minas em quem se davam todas estas condições: o de que ora nos occupâmos, e Claudio, cuja affeição por Gonzaga fizemos sentir na sua biographia. A satyra de que tratâmos é inferior ás

(1) Só depois de ler muitas vezes ésta composição, e de sôbre ella meditar, é que chegamos a descobrir que se referia a um governador de Minas, e não do Rio, como a princípio imaginámos. Dado este passo, o marcar a época e apontar a pessoa do satyrisado fanfarrão, já não offerecia tanta difficuldade. *Cartas mineiras* lhes podêmos hoje chamar, visto que já não é necessario o desfarce. Até *Minas* e *Villa Rica* entram no verso com o mesmo metro de *Chile* e *Santiago*.

obras que conhecemos de um e outro: no estylo ha redundancias e nos versos repetições de mau gôsto, e ás vezes expressões menos decorosas que desdizem da alma maviosa de Claudio, e da lyra enthusiasta de Alvarenga Peixoto. Com tudo além de que ás vezes dorme o proprio Homero, e já não parece o mesmo, quem sabe se, visto que as taes cartas não deviam ser impressas, quereria tambem o autor sair-se do serio para

"Refocilar a lassa humanidade" (2).

O certo é que as taes *Cartas Chilenas* são o corpo de delicto do orgulhoso Cunha de Menezes; ao passo que o desgoverno deste foi talvez a origem da primeira fermentação em Minas que levou o povo á conspiração que depois se descobriu. Queixava-se o povo de Cunha de Menezes, e mal sabia se seguiria o caso da fabula que no seu successor encontrariam alguns o seu flagello!

No tempo de Menezes tinha-se ito:

"Que a humanidade emfim desaggravada
Das injúrias que soffre, por teu braço
Os ferros soltará, que desafrouxa
Tintos de fresco gotejando sangue."

Á chegada de Barbacena correu a notícia de que ia elle forçar o pagamento de setecentas arrobas d'oiro,

---

(2) Devendo dar trechos dessas *Cartas Chilenas* nesta collecção de poesias brazileiras, preferimos collocal-os onde vão; conservando-lhes o pseudonymo *Critillo* por escrupulo: se bem que a analogia no uso de algumas frases como *Augusto* por *Soberano*, e amor a certas comparações *verbi gratia* da raça dos homens com a dos leões, etc. que vemos nas obras authenticas de Alvarenga Peixoto, comecem a abalar-nos a favor de que seja elle o tal *Critillo*.

que Minas devia á coroa segundo a capitação. — Em varios circulos se tratou da impossibilidade de se annuir a taes ordens, e o direito natural lembrou logo os recursos que havia para a resistência...

Os Estados Unidos haviam sido felizes contra a metropole: o chimico José Alves Maciel, que voltava de estudar em França onde víra os principios da revolução, julgava encontrar em Minas recursos bastantes para suster-se; o seu cunhado Freire de Andrade, comandante da infantaria, deixou-se convencer; e o nosso poeta Alvarenga Peixoto, vendo ensejo favoravel de realizar as suas ideas de formar-se um governo no Brazil, enthusiasmou-se: improvisou logo a bandeira para o novo estado, e propoz as providencias que se deviam adoptar para crear partido e para resistir á guerra, na qual elle estaria á frente do seu regimento.

Mas, como succede tantas vezes, alguns conspiradores converteram-se em denunciantes. Os reos foram apanhados e julgados.

Em 1792 chegou ao Rio a sentença que condemnava á morte, entre outros a Alvarenga Peixoto; devendo além disso ficar infamada sua geração, confiscados seus bens e posta sua cabeça em pelourinho em S. João d'El-rei.

Segue-se uma excellente catastrophe dramatica. Sae o prestito sinistro; e ao chegar á forca é justiçado primeiro o reo que os juizes deram como mais culpado. O carrasco espera a victima immediata. Mas em logar desta junto ao patibulo lê-se um papel; e o grito de Perdão! Perdão! se propaga pelas turbas apinhadas!

Era um decreto d'amnistia da Rainha Maria I, commutando aos outros a pena de morte.

A Alvarenga Peixoto destina-se o degredo perpétuo para o presidio d'Ambaca nos sertões d'Africa!

E lá o levaram para Angola, onde pouco tempo viveu! Infeliz! Nem ao menos cobrem teus ossos terra civilizada, já que os não pôde cobrir a terra da patria!

[Inácio José de Alvarenga Peixoto nasceu no Rio de Janeiro em fins de 1743, ou princípios de 1744, porquanto em auto de perguntas a que respondeu, em 11 de novembro de 1789, declarou ser de idade de quarenta e cinco anos, — *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*, IV, ps. 127/128, Rio de Janeiro, 1936. Era filho de Simão de Alvarenga Braga e de D. Angela Micaela da Cunha. Seus primeiros estudos foram feitos no Colégio dos Jesuitas do Rio de Janeiro; formou-se em Leis na Universidade de Coimbra em 1769. Deixou-se ficar em Portugal até 1776, como juiz de fóra de Cintra, cargo que ocupou por um triênio; foi depois despachado ouvidor da comarca do Rio das Mortes (São João d'El-Rei), na capitania das Minas Gerais. Deixando a magistratura recebeu a nomeação de coronel do Primeiro Regimento de Cavalaria da Campanha do Rio Verde, onde era abastado proprietário de terras. Em 1778 casou-se com D. Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira, poetisa de renome. Amigo de Cláudio e de Gonzaga, seus contemporâneos na Universidade de Coimbra, foi com êles envolvido na Inconfidência Mineira; em maio de 1789 foi preso e mandado para os cárceres da ilha das Cobras, no Rio de Janeiro. Condenado à pena última, foi esta comutada em degredo para o presídio de Ambaca, em Angola, para onde partiu do Rio de Janeiro a 5 de maio de 1792, na corveta *Nossa Senhora de Guadelupe*. A 1 de janeiro de 1793 faleceu no presidio Alvarenga Peixoto. D. Bárbara Eliodora sobreviveu até 22 de maio de 1819, quando faleceu em São Gonçalo do Sapucaí, aos seessenta anos de idade. — Conf. Lúcio José dos Santos, *A Inconfidência Mineira*, ps. 530 e 533.

— *Obras poeticas* de Ignacio José de Alvarenga Peixoto, colligidas, annotadas, precedidas de juizo de escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o Autor e suas obras, com com documentos historicos, por J. Norberto de Sousa S. — Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier, 1865, in-12, de 270 pp.

São de sua lavra o drama em versos *Enéas no Lacio* e uma tradução do *Merope* de Maffei.

— Veja sua biografia por J. M. Pereira da Silva, *Revista do Instituto Historico*, XII, ps. 400/428; pelo Autor, *ibidem*, XIII, ps. 513/516, XXX, ps. 427/428. — R. G.].

Ode

Invisiveis vapores
Da baixa terra, contra os ceos erguidos,
Não offuscam do sol os resplandores.
Os padrões erigidos
Á fé real nos peitos lusitanos,
São do primeiro Affonso conhecidos.
A nós americanos
Toca levar pela razão mais justa
Do throno a fé aos derradeiros annos.
Fidelissima augusta,
Desentranhe riquissimo thesouro
Do cofre americano a mão robusta;
Se o Tejo ao Minho e ao Doiro
Lhe aponta um rei em bronze eternizado,
Mostre-lhe a filha eternizada em oiro.

Do throno os resplandores
Façam a nossa glória, e vestiremos
Barbaras pennas de diversas côres.
Pâra nós só queremos
Os pobres dons da simples natureza,
E seja vosso tudo quanto temos.
Sirva á real grandeza.
A prata, o oiro, a fina pedraria
Que esconde destas serras a riqueza.
Ah! chegue o feliz dia,
Em que do novo mundo a parte inteira
Acclame o nome augusto de Maria.
Real real primeira,
Só esta voz na America se escute,
Veja-se tremular uma bandeira.

Rompam o instavel sulco
Do pacifico mar na face plana
Os galões pezados de Acapulco.

Das serras da Araucana
Desçam nações confusas differentes
A vir beijar a mão da soberana.
Chegai, chegai contentes,
Não temaes dos Pissarros a fereza,
Nem dos seus companheiros insolentes.
A augusta portugueza
Conquista corações, em todos ama
O soberano autor da natureza.
Por seus filhos vos chama,
Vem pôr o termo á nossa desventura,
E os seus favores sobre nós derrama.

Se o Rio de Janeiro
Só a glória de ver-vos merecesse,
Já era vosso o mundo novo inteiro.
Eu fico que estendesse
Do Cabo ao mar pacifico as medidas,
E por fóra da Havana as recolhesse.
Ficavam incluídas
As terras, que vos foram consagradas,
Apenas por Vespucio conhecidas.
As cascas enroladas
Os aromas, e os indicos effeitos,
Poderão mais que as serras prateadas,
Mas nós de amor sugeitos
Promptos vos offertamos á conquista
Barbaros laços, e constantes peitos.

Póde a Tartaria grega
A luz gozar da russiana aurora
E a nós esta fortuna não nos chega?
Vinde, real senhora,
Honrar os vossos mares por dois mezes,
Vinde ver o Brazil, que vos adora.
Noronhas e Menezes,
Cunhas, Castros, Almeidas, Silvas, Mellos,
Têm prendido o leão por muitas vezes.

Fiai os reaes sellos
A mãos seguras, vinde descançada,
De que servem dois grandes Vasconcellos?
Vinde a ser coroada
Sôbre a America toda, que protesta
Jurar nas vossas mãos a lei sagrada.

Vai, ardente desejo,
Entra humilhado na real Lisboa,
Sem ser sentido do invejoso Téjo:
Aos pés augustos vôa,
Chora, e faze que a mãe compadecida,
Dos saudosos filhos se condôa.
Ficando enternecida,
Mais do Téjo não temas o rigor.
Tens triumphado, tens a acção vencida.
Da America o furor
Perdoai, grande augusta; é lealdade.
São dignos de perdão crimes de amor.
Perdoe a magestade,
Em quanto o mundo novo sacrifica
Á tutelar propicia divindade:

O principe sagrado
No pão de pedra, que domina a barra
Em colossal estátua levantado,
Veja a triforme garra
Quebrar-lhe aos pés Neptuno furioso,
Que o irritado Sudoeste esbarra;
E veja glorioso
Vastissima extensão de immensos mares,
Que cerca o seu imperio magestoso:
Honrando nos altares
A mão, que o faz ver de tanta altura
Ambos os mundos seus, ambos os mares,
E a fé mais santa e pura,
Espalhada nos barbaros desertos,
Conservada por vós firme e segura.

Sombra illustre e famosa
Do grande fundador do luso imperio,
Eterna paz, eternamente goza.
N'um e n'outro hemispherio
Tu vês os teus augustos descendentes
Dar as leis pela voz do ministerio:
E os povos differentes,
Que é impossivel quasi ennumeral-os,
Que vem a tributar-lhes obedientes;
A honra de mandal-os,
Pedem ao neto glorioso teu;
Que adoram rei, que serviram vassallos.
O indio o pé bateu,
Tremeu a terra, ouvi trovões, vi raios,
E de repente desappareceu.

Ao nascimento do filho do Governador D. Rodrigo

Barbaros filhos destas brenhas duras,
Nunca mais recordeis os males vossos;
Revolvam-se no horror das sepulturas
Dos primeiros avós os frios ossos:
Os heroes das mais altas cataduras
Principiam a ser patricios nossos;
E vosso sangue, que esta terra ensópa,
Já produz fructos do melhor da Europa.
Bem que venha a semente a terra estranha,
Quando produz, com igual fôrça gera,
Nem do forte leão fóra de Hespanha,
A fereza nos filhos degenera;
O que o estio em umas terras ganha,
Nas outras vence a fresca primavera,
A raça dos heroes da mesma sorte,
Produz no sul, o que produzio no norte.
Romulo por ventura foi romano?
E Roma a quem deveu tanta grandeza?

O Grande Henrique era lusitano?
Quem deu princípio á glória portugueza?
Que importa que José americano
Traga a honra, a virtude e a fortaleza
De altos e antigos troncos portuguezes
Se é patricio este ramo dos Menezes?
    Quando algum dia permittir o fado
Que elle o mando real moderar venha,
E que o bastão do pae com glória herdado
No pulso invicto pendurado tenha,
Qual esperaes que seja o seu agrado?
Vós experimentareis como se empenha
Em louvar estas serras e estes ares,
Em venerar gostoso os patrios lares.
    Esses partidos morros e escalvados,
Que enchem de horror a vista delicada,
Em soberbos palacios levantados
Desde os primeiros annos empregada,
Negros e extensos bosques tão fechados,
Que até ao mesmo sol negam a entrada,
E do agreste paiz habitadores
Barbaros homens de diversas côres.
    Isto que Europa barbaria chama,
Do seio de delicias tão diverso,
Quão differente é para quem ama
Os ternos laços do seu patrio berço!
O pastor loiro, que meu peito inflamma,
Dará novos alentos ao meu verso,
Para mostrar do nosso heroe na bocca
Como em grandezas tanto horror se troca.
    Aquellas serras, na aparencia feias,
Dirá José, oh quanto são formosas!
Ellas conservam nas occultas veias
A fôrça das potencias magestosas;
Tem as ricas entranhas todas cheias
De prata e oito e pedras preciosas;
Aquellas brutas escalvadas serras
Fazem as pazes, dão calor ás guerras.
    Aquelles morros negros e fechados,
Que occupam quasi a região dos ares,

São os que em edificios respeitados
Repartem raios pelos crespos mares.
Os corinthios palacios levantados,
Doricos templos, jonicos altares,
São obras feitas desses lenhos duros,
Filhos desses sertões feios e escuros.

A corda d'ouro, que na testa brilha,
E o sceptro, que empunha na mão justa
Do augusto José a heroica filha,
Nossa rainha soberana augusta,
A Lisboa de Europa maravilha,
Cuja riqueza a todo o mundo assusta,
Estas terras a fazem respeitada,
Barbara terra, mas abençoada.

Esses homens de varios accidentes
Pardos e pretos, tintos e tostados,
São os escravos duros e valentes,
Aos penosos serviços costumados:
Elles mudam aos rios as correntes,
Rasgam as serras, tendo sempre armados
Da pesada alavanca e duro malho
Os fortes braços feitos ao trabalho.

Por ventura, senhores, póde tanto
O grande heroe, que a antiguidade acclama,
Porque aterrou a fera de erimanto,
Venceu a hydra com o ferro e chamma?
Ou esse a quem da tuba grega o canto
Fez digno de immortal eterna fama?
Ou inda o macedônico guerreiro,
Que soube subjugar o mundo inteiro?

Eu só pondero, que essa fôrça armada
Debaixo de acertados movimentos,
Foi sempre uma com outra disputada
Com fins correspondentes aos intentos,
Isto que tem co'a força disparada
Contra todo o poder dos elementos,
Que bate a fórma da terrestre esfera
Apesar de uma vida a mais austera.

Se o justo e o util póde tão sómente
Ser acertado fim das acções nossas,

Quaes se empregam, dizei, mais dignamente
As fôrças destes ou as fôrças vossas?
Mandam a destruir a humana gente
Terriveis legiões, armadas grossas:
Procurar o metal, que acode a tudo,
É destes homens o cansado estudo:
São dignas de attenção... ia dizendo
A tempo que chegava o velho honrado,
Que o povo reverente vem benzendo
Do grande Pedro com o poder sagrado;
E já o nosso heroe nos braços tendo,
O breve instante em que ficou calado,
De amor em ternas lagrimas desfeito
Estas vozes tirou do amante peito.
Filho, que assim te falo, filho amado,
Bem que um throno real teu berço enlaça,
Porque foste por mim regenerado
Nas puras fontes de primeira graça;
Deves o nascimento ao pai honrado,
Mas eu de Christo te alistei na praça;
Estas mãos por favor de um Deus superno
Te restaurarão do poder do inferno.
Amado filho meu, torna a meus braços,
Permitta o ceo, que a governar prosigas,
Seguindo sempre de teu pai os passos.
Honrando algumas paternaes fadigas
Não receio que encontres embaraços,
Por onde quer que o teu destino sigas,
Que elle pisou por todas estas terras
Matos, rios, sertões, morros e serras.
Valeroso, incansavel, diligente
Do serviço real, promoveu tudo,
Já nos paizes do Porá valente,
Já nos bosques do bruto Buticudo,
Sentiram todos sua mão prudente
Sempre debaixo do acertado estudo,
E quantos viram seu sereno rosto
Lhe obedeceram por amor e por gosto.
Assim confio o teu destino seja
Servindo a patria e augmentando o estado,

Zelando a honra da romana igreja,
Exemplo illustre de teus pais herdado;
Permitta o ceo, que eu felizmente veja
Quanto espero de ti desempenhado,
Assim contente acabarei meus dias,
Tu honrarás as minhas cinzas frias.
  Acabou de falar o honrado velho,
Com lagrimas as vozes misturando;
Ouviu o nosso heroe o seu conselho
Novos projectos sôbre os seus formando.
Propagar as doutrinas do evangelho,
Ir aos patricios seus civilisando,
Augmentar os thesoiros da reinante,
São seus disvelos desde aquelle instante.
  Feliz governo, queira o ceo sagrado
Que eu chegue a ver esse ditoso dia,
Em que nos torne o seculo doirado
Dos tempos de Rodrigo e de Maria;
Seculo, que será sempre lembrado
Nos instantes de gôsto e de alegria,
Até os tempos, que o destino encerra
De governar José a patria terra.

Retrato de Anarda

A minha Anarda
Vou retratar,
Se a tanto a arte
Podér chegar.
Trazei-me, amores,
Quanto vos peço,
Tudo careço
Pâra a pintar.
Nos longos fios
Dos seus cabellos,

Ternos disvellos
Vão-se enredar.
Trazei-me, amores,
Das minas d'ouro
Rico thesoiro
Pâra os pintar.
No rosto a idade
Da primavera,
Na sua esphera
Se vê brilhar.
Trazei-me, amores,
As mais viçosas
Flores vistosas
Para o pintar.
Quem ha que a testa
Não ame e tema,
De um diadema
Digno logar?
Trazei-me, amores,
Da silva idalia
Jasmins de Italia
Pâra a pintar.
A frente adórnam
Arcos perfeitos,
Que de mil peitos
Sabem triumphar.
Trazei-me, amores,
Justos niveis,
Subtis pinceis,
Pâra a pintar
A um dôce aceno
Settas a mólhos
Dos brandos olhos
Se vêm voar.
Trazei-me, amores,
Do sol os raios,
Fieis ensaios
Pâra os pintar.
Nas lisas faces
Se vê a aurora,

Quando colóra
A terra e o mar.
Trazei-me, amores,
As mais mimosas
Pudicas rosas
Pâra as pintar.
Os meigos risos
Com graças novas
Nas lindas covas
Vão-se ajuntar.
Trazei-me, amores,
Os pinceis leves,
As sombras breves
Pâra os pintar.
Vagos desejos
Da bocca as brazas
As frageis azas
Deixam queimar.
Trazei-me, amores,
Coraes súbidos,
Robins polidos
Pâra as pintar.
Entr'alvos dentes
Póstos em ála
Suave fala
Perfuma o ar.
Trazei-me, amores,
Nas conchas claras
Perolas raras
Pâra os pintar.
O collo, aflante
De taes assombros
Airosos hombros
Corre a formar.
Trazei-me, amores,
Jaspe a mãos cheias,
De finas veias
Pâra o pintar.
Do peito as ondas
São tempestades,

Onde as vontades
Vão naufragar.
Trazei-me, amores,
Globos gelados,
Limões nevados
Pâra os pintar.
Mãos cristalinas,
Roliços braços,
Que doces laços
Promettem dar.
Trazei-me, amores,
As assucenas,
Das mais pequenas
Pâra as pintar.
A delicada,
Gentil cintura,
Toda se apura
Em se estreitar.
Trazei-me, amores,
Ancias, que fervem,
Só ellas servem
Pâra a pintar.
Pés delicados
Ferindo a terra,
Ás almas guerra
Vem declarar.
Trazei-me, amores,
As settas promptas
De duras pontas
Pâra os pintar.
Pórte de deosa
Espirito nobre,
E o mais, qu'encobre
Fino avental.
Só vós, amores,
Que as graças nuas
Vêdes, as suas
Podeis pintar.

Conselhos a seus filhos (1)

Meninos, eu vou dictar
As regras do bem viver,
Não basta somente ler,
É preciso ponderar,
Que a lição não faz saber,
Quem faz sabios é o pensar.

Neste tormentoso mar
D'ondas de contradicções,
Ninguem soletre feições,
Que sempre se ha de enganar;
De caras a corações
A muitas legoas que andar.

Applicai ao conversar
Todos os cinco sentidos,
Que as paredes têm ouvidos,
E tambem podem fallar:
Ha bixinhos escondidos,
Que só vivem de escutar.

Quem quer males evitar
Evite-lhe a occasião,
Que os males por si virão,
Sem ninguem os procurar;
E antes que ronque o trovão,
Manda a prudencia ferrar.

Não vos deixeis enganar
Por amigos, nem amigas;
Rapazes e raparigas
Não sabem mais, que asnear;
As conversas, e as intrigas
Servem de precipitar.

---

(1) Custa-nos a crer que sejam de Alvarenga Peixoto tanto estas sextilhas como a poesia que se segue (*O Sonho*).

Sempre vos deveis guiar
Pelos antigos conselhos,
Que dizem, que ratos velhos
Não ha modo de os caçar:
Não batam ferros vermelhos,
Deixem um pouco esfriar.

Se é tempo de professar
De taful o quarto voto,
Procurai capote roto
Pé de banco de um brilhar,
Que seja sabio piloto
Nas regras de calcular.

Se vos mandarem chamar
Pâra ver uma funcção,
Respondei sempre que não,
Que tendes em que cuidar:
Assim se entende o rifão.
Quem está bem, deixa-se estar.

Devei-vos acautelar
Em jogos de paro e tópo,
Promptos em passar o copo
Nas angolinas do azar:
Taes as fábulas de Esopo,
Que vós deveis estudar.

Quem fala, escreve no ar,
Sem pôr virgulas nem pontos,
E póde quem conta os contos,
Mil pontos accrescentar;
Fica um rebanho de tontos
Sem nenhum adivinhar.

Com Deus e o rei não brincar,
É servir e obedecer,
Amar por muito temer
Mâs temer por muito amar,

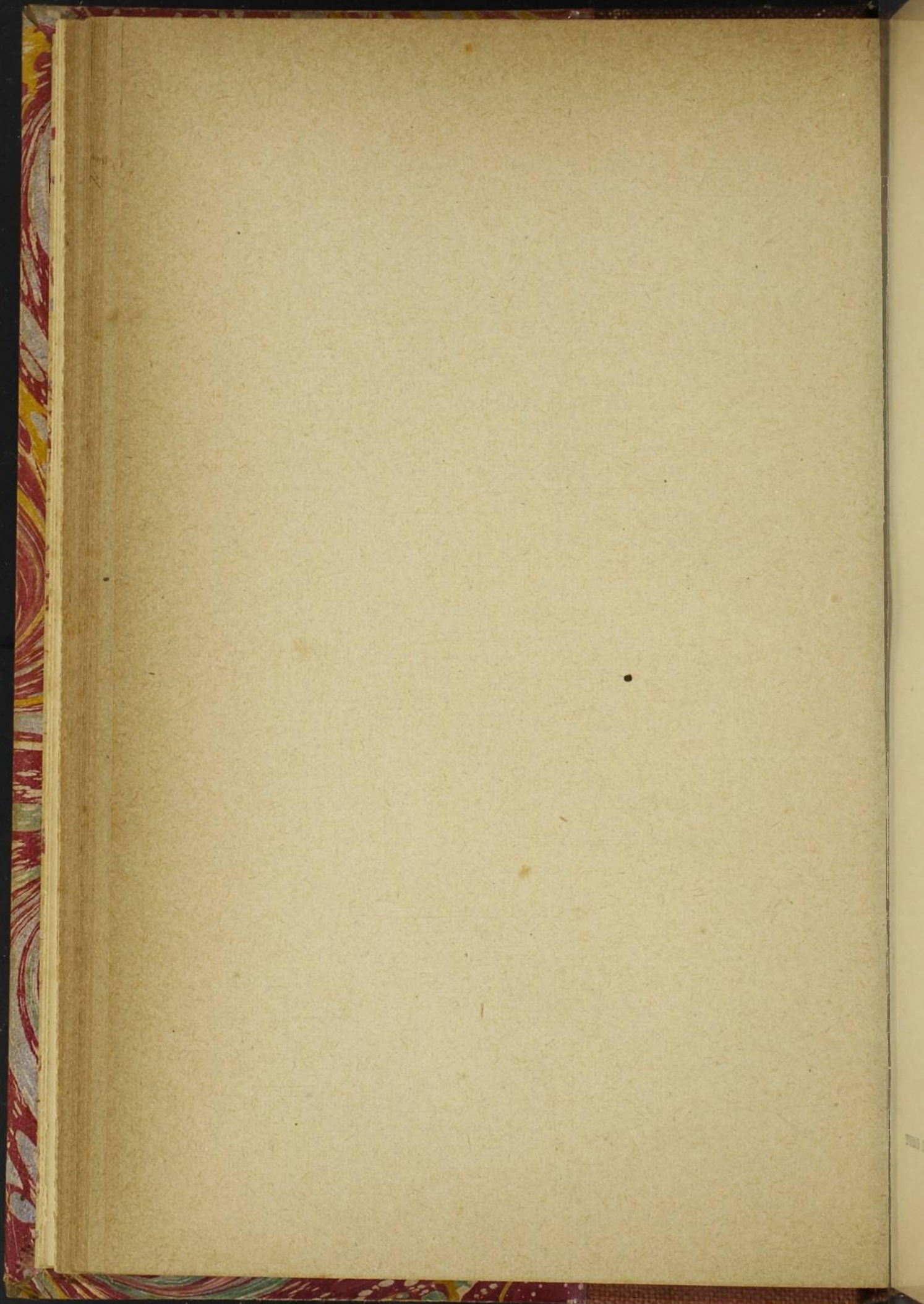
Santo temor de offender
A quem se deve adorar!

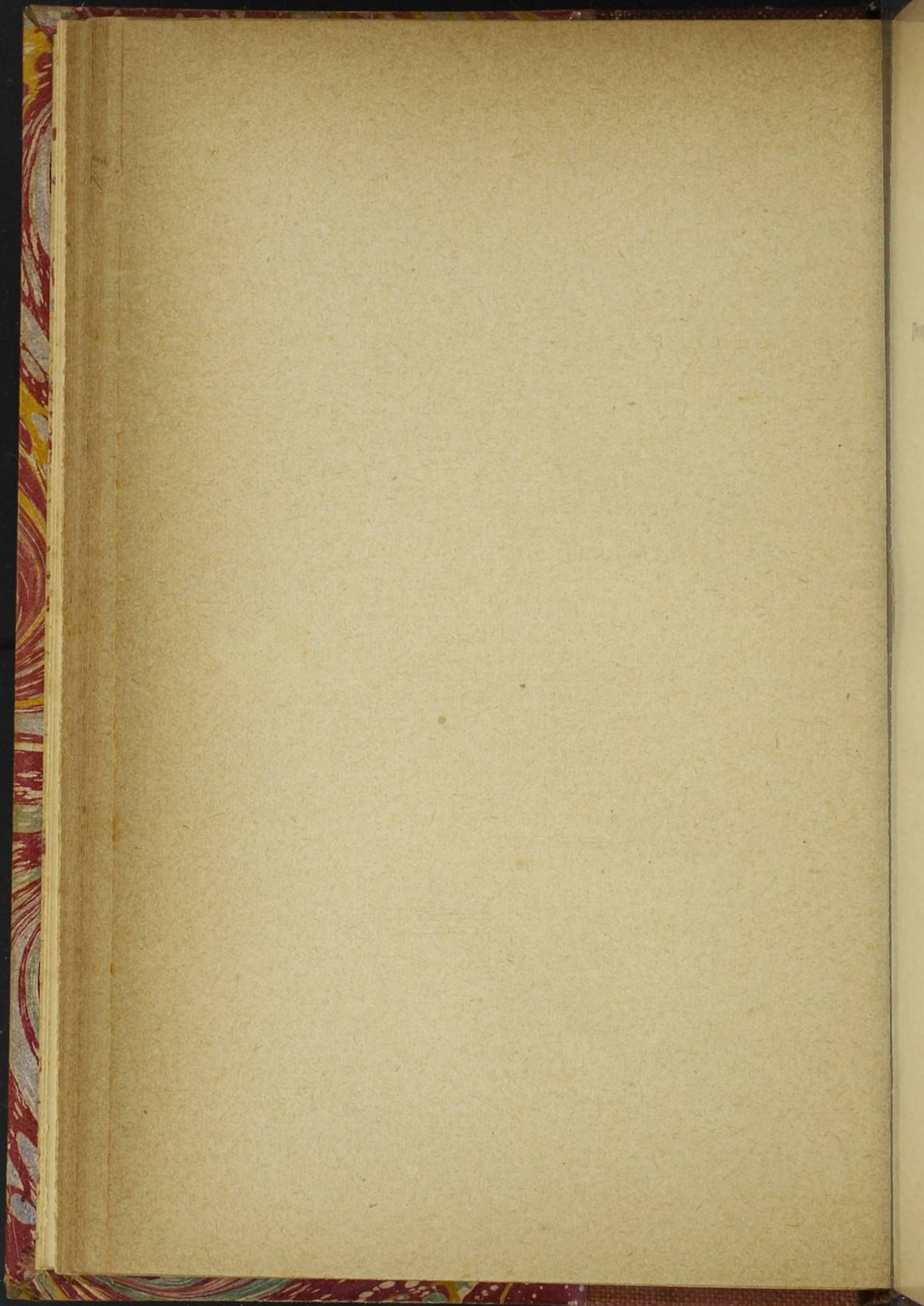
Até aqui pode bastar,
Mais havia que dizer;
Mâs eu tenho que fazer,
Não me posso demorar,
E quem sabe discorrer
Póde o resto adivinhar.

O Sonho

Oh que sonho! Oh! que sonho eu tive n'esta,
Feliz, ditosa e socegada sésta?
Eu vi o Pão de Assucar levantar-se
E no meio das ondas transformar-se
Na figura de um indio o mais gentil,
Representando só todo o Brazil.
Pendente ao tiracol de branco arminho
Concavo dente de animal marinho
As preciosas armas lhe guardava;
Era thesoiro e juntamente aljava.
De pontas de diamante eram as setas,
As hásteas d'oiro, mas as pennas pretas;
Que o indio valeroso altivo e forte
Não manda seta, em que não mande a morte,
Zona de pennas de vistosas côres
Guarnecida de barbaros lavores,
De folhetas e perolas pendentes,
Finos chrystaes, topazios transparentes,
Em recamadas pelles de sahiras
Rubins, e diamantes e saphiras,
Em campo de esmeralda escurecia
A linda estrella, que nos traz o dia.
No cocar... oh que assombro! oh que riqueza!
Vi tudo quanto póde a natureza.

No peito em grandes letras de diamante
O nome da augustissima imperante.
De inteiriço coral novo instrumento
As mãos lhe occupa, em quanto ao doce accento
Das saudosas palhetas, que afinava,
Pindaro americano assim cantava.

Sou vassallo e sou leal,
Como tal,
Fiel constante,
Sirvo á glória da imperante,
Sirvo á grandeza real.
Aos elysios descerei
Fiel sempre a Portugal,
Ao famoso vice-rei,
Ao illustre general,
Ás bandeiras, que jurei,
Insultando o fado e a sorte,
E a fortuna desigual,
Qu'a quem morrer sabe, a morte
Nem é morte, nem é mal.

EURESTE FENICIO

(*Desafio*)

Despedida de Fileno a Nize, por Claudio

Adeus, idolo amado,
Adeus; que o meu destino
Me leva peregrino
A não te ver jámais.
Sei, que é tormento ingrato
Deixar teu fino trato:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Tu ficas; eu me ausento;
E nesta despedida
Se não se acaba a vida,
É só por mais penar.
De tanto mal, e tanto
Allivio é só o pranto:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Quantas memórias, quantas
Agora despertando,
Me vem acompanhando
Por mais me atormentar!
Faria o esquecimento
Menor o meu tormento:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Girando ésta montanha,
Os sitios estou vendo.
Aonde amor tecendo
Seu doce enredo está.
Aqui me occorre a fonte.
Alli me lembra o monte:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Sentado junto ao rio
Me lembro, fiel pastora,
Daquella feliz hora,
Que n'alma impressa está.
Que triste eu tinha estado,
Ao ver teu rosto irado!
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

De Filis, de Lizarda,
Aqui entre desvelos,
Me pede amantes zelos
A causa de meu mal.
Alegre o seu semblante
Se muda a cada instante:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Aqui colhendo flores
Mimosa a ninmfa cara,
Um ramo me prepara;
Talvez por me agradar:
Anarda alli se agasta;
Dalizo aqui se affasta:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Tudo isto na memória
(Oh barbara crueldade;)
A fôrça da saudade
Amor me pinta já.
Rendido desfaleço
De tanta dor no excesso:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

O mais, que augmenta a mágoa,
É ter sempre o receio,
De que outro amado enleio
Teu peito encontrará.
Amante nos teus braços,
Quem sabe se outros laços...
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Por onde quer, que gires,
Desta alma, que te adora,
Ah lembra-te, pastora,
Que já te soube amar.
Vérás em meu tormento
Perpétuo o sentimento,
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Lá desde o meu desterro;
Verás, que ésta corrente
Te vem fazer presente
A ancia de meu mal.
Só gemo, só suspiro:
Verás, que em meu retiro
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

As ninfas, que se escondem
Lá dentro do seu seio,
De meu querido enleio
O nome hão de escutar.
No bem desta lembrança
Allivio a alma alcança:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Ah! Deva-te meu pranto
Em tão fatal delirio,
Que pagues meu martyrio
Em premio de amor tal.
Mereça um mal sem cura
Lograr ésta ventura:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

E se por fim, pastora,
Duvídas de minha ância,
Se em ti não á constancia,
Minha alma o vingará.
Farei, que o ceo se abrande
Aos ais de uma ância grande:
Mâs quando , que tu viste
Um triste
Respirar!

Terás em minha pena,
Com passo vigilante,
A minha sombra errante,
Sem nunca te deixar.
Terás... ah bello emprêgo!
Não temas: eu socégo:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Resposta de Nize a Fileno, por Eureste Fenicio

Em vão, Fileno amado,
Accusas teu destino;
Se foges peregrino,
Por me não ver jámais.
Viste-me, falso, ingrato,
Prêsa a teu doce trato:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Dizias: eu me ausento.
Foi ésta a despedida.
Que toda a minha vida
Me ha de fazer penar.
Entre martirio tanto
Eu me desfiz em pranto:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Oh quantas vezes, quantas
Do somno despertando,
Te vou acompanhando,
Por não me atormentar!
Não ha esquecimento,
Que abrande o meu tormento:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

No prado e na montanha
Saudosa hoje estou vendo
O engano que tecendo
A minha idéa está.
Baixei comtigo á fonte
Subi comtigo ao monte:

E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Ao som do manso rio,
Nize, fiel pastora,
Chorando a toda a hora
A tua ausencia está.
Afflicta neste estado
Accuso o ceo irado:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Nem Filis, nem Lizarda,
Que foram teus desvelos,
Me podem já dar zelos,
Nem á; me fazem mal.
Só teu cruel semblante
Me lembra a cada instante:
E tu, que assim me viste,
Partiste,
A respirar!

Fileno as bellas flores
A Nize amada e cara,
Já agora não prepara;
Já não quer agradar.
Comigo amor se agasta;
O meu pastor se affasta:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Conservo na memória
A tua crueldade;
Nem sei, como a saudade
Me não ter morta já.
Mas ah! que desfaleço,
Chorando em tal excesso:

E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Crescendo a minha mágoa,
Se augmenta o meu receio;
Que entregue a novo enleio
Talvez te encontrará.
Que vezes nos meus braços
Eu te formei os laços!
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Por mais, que ausente gires,
De Nize, que te adora,
Não has de achar pastora,
Que mais te saiba amar.
Vê bem, a que tormento
Me obriga o sentimento:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Aqui posta em destêrro,
Ao som desta corrente,
Sempre terei presente
A causa de meu mal.
E tu nesse retiro
Desprezas meu suspiro;
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Até de mim se escondem
As ninfas no seu seio;
Pois teu fingido enleio
Não querem escutar.
E nem ésta lembrança
Sequer minha alma alcança:

E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Conheço, que o meu pranto
Passou a ser delirio:
Pois meu cruel martyrio
Chega a extremo tal.
Mâs como ha de ter cura,
Quem nasce sem ventura?
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Talvez outra pastora,
Zombando de aut ância,
Da falta de constancia
Em ti me vingará.
Mal feito, que se abrande,
Vendo rigor tão grande:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Verás na minha pena,
Que sempre vigilante,
Por todo o campo errante,
Jámais te hei de deixar.
E tu... ah louco emprêgo
De quem não tem socêgo!
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

EXCERPTOS DAS CARTAS CHILENAS

Por CRITILO (1)

Descripção d'umas festas em Villa Rica

Chegou á nossa Chile a doce nova
De que real infante recebêra
Bem digna do seu leito casta espôsa.
Reveste-se o bachá de genio alegre,
E pâra bem fartar os seus desejos,
Quer que ás expensas do senado e povo
Arda em grandes festins a terra toda.
Escreve-se ao senado extensa carta
Em ar de magestade, em phrase moira,
E nella se lhe ordena que prepare
Ao gôsto das Hespanhas, bravos toiros.
Ordena-se tambem que nos theatros

---

(1) Veja nota ps. 14.

[*Critilo* foi pseudônimo de Tomás Antônio Gonzaga para as *Cartas Chilenas*. A tal respeito são decisivas as provas trazidas à colação por Afonso Arinos de Melo Franco, em sua edição daquelas *Cartas*, ps. 36/39, Rio de Janeiro, 1940. Tomou-o Gonzaga das obras do Padre Lourenço (ou Baltasar) Gracian y Morales, que se dividem em tres partes, das quais uma se intitula *El Criticon*, com dois personagens principais — *Critilo*, ou o crítico, o homem da razão, e *Androgênio*, o homem da natureza. As obras de Gracian existiam em Vila Rica e figuraram nos traslados dos sequestros feitos ao Dr. Cláudio Manuel da Costa, *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira*, V, ps. 264. Podiam pertencer tanto a Cláudio, como a Gonzaga, e estivessem, por ocasião do sequestro, emprestadas àquele, dado o hábito de empréstimos de livros em Vila Rica, principalmente entre colegas e amigos íntimos, como eram os dois poetas, do que, como bem acentua Afonso Arinos, há mais de uma referência nos *Autos da Devassa*.

Por essa razão, e por outras, por igual convincentes, não ha como contestar a Gonzaga a autoria das *Cartas Chilenas*, resolvendo-se de vez, sensata e inteligentemente, êsse velho dissídio literário. — R. G.].

Os tres mais bellos dramas se estropiem,
Repetidos por boccas de mulatos:
Não esquecem emfim as cavalhadas.
Só fica, Dorotheu, no livre arbitrio
Dos pobres camaristas repartirem
Bilhetes de convite pelas damas.
Amigo, Dorotheu, ah! tu não podes
Pezar o desconcêrto desta carta,
Emquanto não souberes a lei propria,
Que aos festejos reais prescreve a norma.

Em quanto, Dorotheu, a nossa Chile
Em toda parte tinha a flor da terra
Extensas, abundantes minas d'oiro;
Em quanto os taberneiros ajuntavam
Immenso cabedal em poucos annos,
Sem terem nas tabernas fedorentas
Outros mais sortimentos, o negro fumo,
E sôbre as prateleiras negros frascos;
Em quanto emfim as negras *quitandeiras*
Á custa dos amigos só trajavam
Vermelhas capas, de galões cobertas,
De galacés e tissus, ricas saias:
Então, prezado amigo, em qualquer festa
Tirava liberal o bom senado
Dos cofres chapeados grossas barras.
Chegaram taes despezas á notícia
Do rei prudente, que a virtude présa;
E vendo que estas rendas se gastavam
Em tiros, cavalhadas e comedias,
Applicar-se podendo a coisas santas:
Ordena providente, que os senados
Nos dias em que devem mostrar gôsto
Pelas reaes fortunas se moderem,
E só façam cantar nos templos os hymnos
Com que se dão aos ceos as justas graças.
Ah! meu bom Dorotheu, que feliz fôra
Esta vasta conquista, se os seus chefes
Com as leis dos monarchas se ajustaram;
Mâs alguns não presumem ser vassallos,
Só julgam que os decretos dos augustos

Tem fôrça de decretos, quando ligam
Os braços dos mais homens que elles mandam,

Com esta sábia lei replíca o corpo
Dos pobres senadores, e pondera
Que o severo juiz que as contas toma,
Não lhes ha de approvar tão grandes gastos,
De sorte, Dorotheu, que o bravo potro
Quando a sella recebe a vez primeira,
Em quanto não sacode a sella fóra,
E faz em dois pedaços sella e redea,
Mette entre os duros braços a cabeça,
E dá, saltando aos ares, mil corcóvos:
Assim o irado chefe não atura
O freio desta lei; espuma e brama,
E em quanto entende que o senado zela
Mais as leis que o seu gôsto, não descança.
Aos tristes senadores não responde,
Mâs manda-lhes dizer que a não fazerem
Os pomposos festejos, se preparem
Pâra serem os guardas dos forçados,
Trocando as varas em chicote e relho.

.—.

Mandam-se apregoar as grandes festas,
Acompanha ao pregão luzida tropa
De velhos senadores: estes trajam
A modo cortezão, chapéos de plumas;
Capas com bandas de vistosas sedas.
Chega emfim, o dia suspirado,
O dia do festejo; todos correm
Com rosto de alegria ao santo templo;
Celebra o velho bispo a grande missa;
Porém o sabio chefe não lhe assiste
Debaixo do espaldar ao lado esquerdo.
Pâra a tribuna sóbe, e alli se assenta.
Uns dizem, Dorotheu, fugiu prudente,
Por não ver assentados os padrecos
Na Capella maior acima delle.
Os outros sabichões, que a causa indagam
Discorrem, que o senado lhe devia

Erguer no presbyterio docel branco,
Em honra de elle ser lugar-tenente.
Mâs eu com estes votos não concordo,
E julgo affoito, que a razão foi ésta:
Porque estando patente, e tendo posto
O seu chapéo em cima da cadeira,
Podéra duvidar-se se devia
O bispo ter a mitra na cabeça.

Acabou-se a funcção: o nosso chefe
Á casa com o bispo se recolhe.
A nobreza da terra os acompanha
Até que montem a doirada sege.
Aqui, meu Dorotheu, o chefe mostra
O seu desembaraço, e o seu talento.
Só n'uma funcção destas se conhece
Que tem andado terras, onde habitam
Despidas dos abusos, sábias gentes.
Vai passando por todos, sem que abaixe
A emproada cabeça; qual mandante,
Que passa pelo meio das fileiras.
Chega junto á sege, á sege sobe,
E da parte direita toma assento.
O bispo, o velho bispo atraz caminha
Em ar de quem se teme da desfeita!
Com passos vagarosos chega á sege,
Encaixa na estribeira o pé cançado.
E duas vezes por subir forceja.
Acodem alguns padres respeitosos,
E por baixo dos braços o sustentam;
Então com mais alento o corpo move,
Dá o terceiro arranco, o salto vence;
E sem poder soltar uma palavra,
Ora vermelho, ora amarello fica
Do nosso *Fanfarrão* ao lado esquerdo.
Agora dirás tu que bruto é esse?
Póde haver um tal homem, que se atreva
A pôr na sua sege ao seu prelado
Da parte da bolça? Eu tal não creio.
Amigo, Dorotheu, estás mui ginja.

Já lá vão os rançosos formularios,
Que guardavam á risca os nossos velhos.
Em outro tempo, amigo, os homens serios
Na rua não andavam sem florete,
Traziam cabelleira grande, e branca,
Nas mãos os seus chapéos; agora, amigo,
Os nossos proprios becas tem cabello;
Os grandes sem florete vão á missa,
Com a chibata na mão, chapeo fincado,
Na fórma em que passeiam os caixeiros.
Ninguem antigamente se sentava
Senão direito, e grave nas cadeiras,
Agora as mesmas damas atravessam
As pernas sobre as pernas. N'outro tempo
Ninguem se retirava dos amigos
Sem que dissesse — adeus — agora é moda
Sahirmos dos congressos em segredo;
Pois corre, Dorotheu, a paridade,
Que os costumes se mudam c'os tempos.
Se os antigos fidalgos sempre davam
O seu direito lado a qualquer padre,
Acabou-se esta moda, o nosso chefe
Vindica os seus direitos: vê que o bispo
É um grande, que foi ha pouco frade,
E não póde hombrear com quem descende
De um bravo *patagão*, que sem disputa
Lá nos tempos de Adão já era grande.

.—.

Ainda, Dorotheu, no largo curro
Caretas não brincavam, nem se viam
Nos razos camarotes altas popas,
Enfeites com que lustram nescias damas,
Quando já no castello de madeira
As peças fuzilavam; signal certo
De que o nosso heroe e o velho bispo
No adornado palanque se assentavam:
Agora dirás tu, é forte pressa!
Os chefes nos theatros entram sempre
Ás horas de correr-se acima o panno;

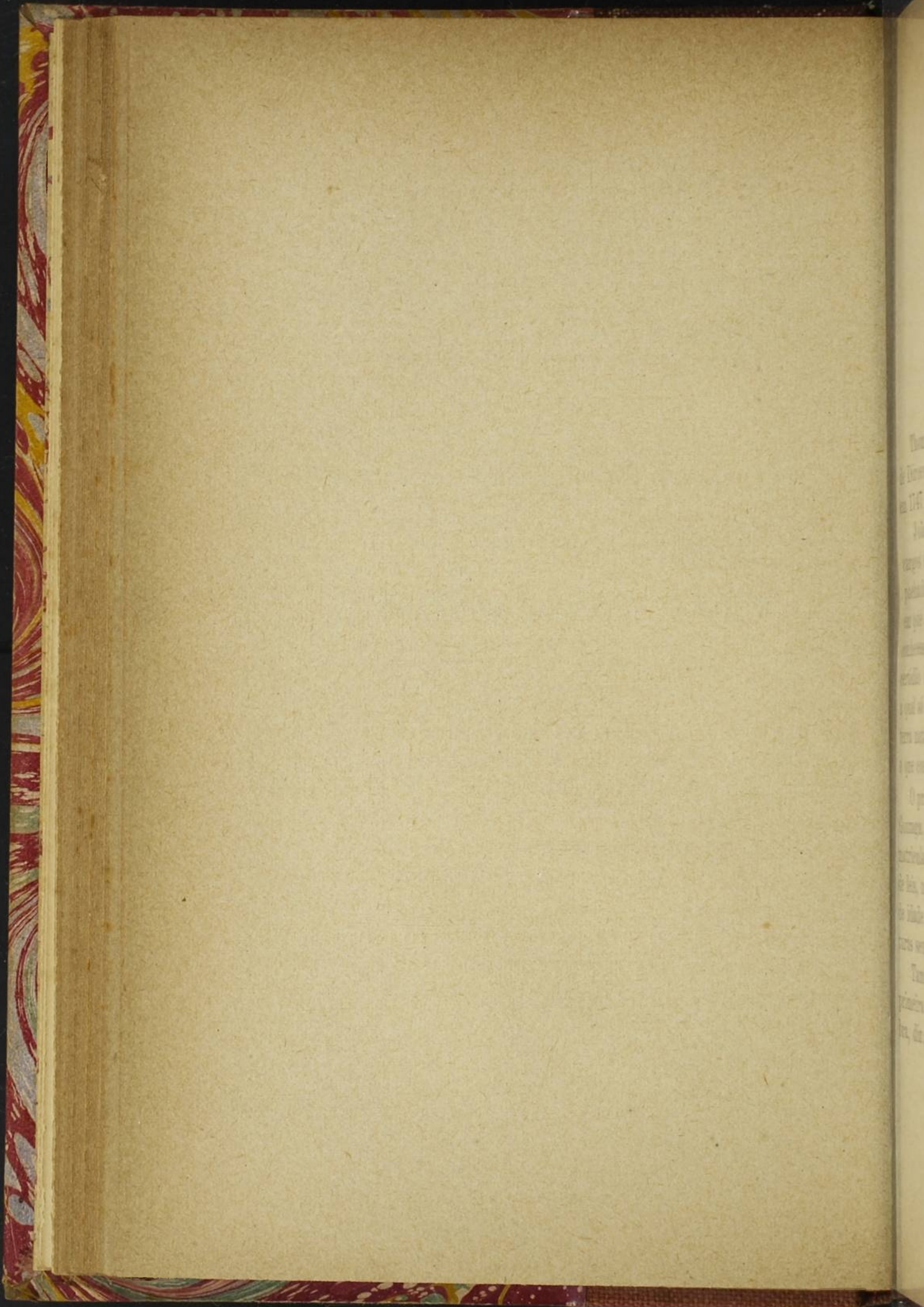
Amigo Dorotheu, tu nunca viste
Uma creança a quem a mãi promette
Leval-a a ver de tarde alguma festa,
Que logo de manhã á mãi persegue,
Pedindo que lhe dispa os fatos velhos?
Pois eis-aqui, amigo, o nosso chefe
Não quer perder de estar casquilho e teso
No erguido camarote um breve instante.
Chegam-se emfim as horas do festejo,
Entra na praça a grande comitiva,
Trazem os pagens as compridas lanças
De fitas adornadas; vem á dextra
Os formosos ginetes arreados.
Seguem-se os cavalleiros, que cortejam
Primeiro ao bruto chefe, logo aos outros,
Dividindo as fileiras pelos lados,
Não ha quem o cortejo não receba
Em ar civil e grato: só o chefe
O corpo da cadeira não levanta
Não abaixa a cabeça; qual o dono
Dos miseros escravos, quanto juntos
A benção vão pedir-lhe, porque sejam
Ajudados de Deus no seu trabalho.
Feitas as cortezias do costume
Os destros cavalleiros galopeam
Em circulos vistosos pelo campo;
Logo se formam em diversos corpos
Á maneira das tropas, que apresentam
Sanguinosas batalhas; sôam trompas,
Sôam os ataballes e fagotes,
Os clarins, os boés e mais as frautas.
O fogoso ginete, as ventas abre,
E bate com as mãos na dura terra:
Os dous mantenedores já se avançam.
Aqui, prezado amigo, aqui não lutam
Como nos espectaculos romanos
Com formosos leões, malhados tigres,
Os homens peito a peito e braço a braço.
Jogam-se encontroadas, e se atiram
Redondas alcancias, curtas cannas,

De que o destro inimigo se defende
Com fazel-as no ar em dous pedaços.
Ao fogo das pistolas se desfazem
Nos postos as cabeças; umas ficam
Dos ferros transpassadas, outras vôam
Sacodidas das pontas das espadas.
Airoso cavalleiro ao hombro encosta
A lança no principio da carreira.
No ligeiro cavallo a espora bate;
Desfaz com mão igual o ferro, e logo
Que leva uma argolinha a redea toma,
E faz com que o bruto pare. Dois córos
Applaudem o successo enchendo os ares.
De grata melodia. Então vaidoso
Guiado de um padrinho ao chefe leva
O signal da victoria que segura
Na dextra, aguda lança. O bruto chefe
Acceita a offerta em ar de magestade,
Á maneira dos amos quando tomam
As coisas que lhe dão os seus criados.

.—.

Principam os toiros, e se augmentam
Do chefe as parvoices. Manda á praça
Sem regra, sem discurso e sem concerto.
Agora sabe um toiro levantado
Que ao máo capinha, sem fugir espera:
Acena-lhe o capinha, elle recúa
E atira com as mãos no ar a terra.
Acena-lhe o capinha novamente;
De novo raspa o chão, e logo investe,
Lá vai o máo capinha pelos ares;
Lá se estende na' arêa, e o bravo toiro
Lhe dá com o focinho um par de tombos;
Nem deixa de pisal-o em quanto o nescio
Não segue o meio de fingir-se morto.
Meu esperto boisinho em paz se fica,
Que o nosso chefe ordena te recolham
Sem fazeres mais sorte, e te reserva
Pâra ao curro sahires, quando forem
Do Senhor do Bomfim as grandes festas.

Agora sahe um toiro que é prudente,
Se o capinha o procura logo foge,
Os caretas lhe dão mil apupadas:
Um lhe pega no rabo e o segura;
Outro intenta montal-o; e o grande chefe
O deixa passear por largo espaço.
Manda-lhe soltar os cães, manda metter-lhe
As' garroxas de fogo, que primeiro
Que a pelle rompam do ligeiro bruto.
Nos dextros dedos do capinha estalam.
Com estes máos festejos que aborrecem,
Se gastam muitos dias. Já o povo
Se cança de assistir na triste praça:
E ao ver-se solitário, o bruto chefe
Nos trata por insultos, mais ingratos.
    Soberbo e louco chefe, que proveito
Tirastes em gastar em frias festas
Immenso cabedal, que o bom senado
Devia consumir em coisas santas;
Suspiram pobres amas, e padecem
Crianças innocentes, e tu podes
Com rosto enxuto ver tamanhos males?
Embora sacrifica ao proprio gôsto
As fortunas dos povos que governas:
Virá dia em que mão robusta e santa,
Depois de castigar-vos, se esconda
E lance na fogueira as varas torpes.

THOMAZ ANTONIO GONZAGA

THOMAZ ANTONIO GONZAGA

Thomaz Antonio Gonzaga, mais conhecido pelo nome de Dirceu, viu a luz, segundo suas proprias declarações, em 1747.

João Bernardes Gonzaga, seu pai, depois de seguir cargos de magistratura na Bahia e Pernambuco, foi despachado desembargador do Porto. Ignorâmos as epocas em que successivamente serviu nessas tres cidades; se as conhecessemos, buscariamos onde se achava em 1747 a certidão de baptismo de seu mencionado filho Thomaz, a qual só nos dará o verdadeiro desengano ácerca de sua terra natal; sendo para nós insufficiente a tal respeito o que consta da Universidade de Coimbra.

O primeiro facto biographico incontroverso do poeta Gonzaga, de que temos conhecimento, é o haver-se elle matriculado em Coimbra, como estudante da faculdade de leis, no dia 1.º d'outubro de 1763, aos dezeseis annos de idade. Em 1768 parece que concluiu com as formaturas seus estudos universitarios.

Tambem nos não cabe dúvida que não foi Minas a primeira provincia do Brazil onde viveu; pois se lembra, diz:

> .... na Bahia
> Onde passei a flor da minha idade;

e nem se esquece das palmeiras e dos dois bairros em que era

"Partida a grã cidade".

Mas é tão vaga para nós a expressão de "flor da idade", que não sabemos se essa estada deve ter tido logar em companhia de seus pais antes de ir a Coimbra, ou se em algum primeiro posto da carreira da magistratura depois de formar-se.

Despachado ouvidor de Villa Rica, ignorâmos em que anno, foi Gonzaga na Capital de Minas encontrar primeiro os estimulos amorosos que o crearam poeta erotico, e depois a origem dos flagellos de que foi victima. Com effeito se por um lado lhe appareceu a sua Marilia (D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas) que o inspirou a ponto de o tornar immortal, e se ao mesmo tempo encontrou no fiel Glauceste (Claudio) um amigo como raras vezes ha na terra; depois as suas virtudes tanto o recomendaram que se chegou a crer que os mineiros o proclamariam chefe d'uma conspiração que premeditaram, o que lhe promoveu a prisão e degredo em Africa, onde falleceu como veremos.

Parece que o nosso poeta viveu ao princípio em Villa Rica, alheio a affeições amorosas; o que elle celebra quando já apaixonado por Marilia, e vendo-se mui outro:

Acaso são estes
Os sitios formosos
Aonde passava
Os *annos* gostosos?

A que o captivou era uma bella mineira, cujas feições e predicados elle eternisou em seus versos; nem quiz

que a posteridade pozesse em questão a patria daquella que era para elle a fonte de toda a poesia:

> Tu formosa Marilia já fizeste
> Com teus olhos ditosas as campinas
> Do turvo Ribeirão em que nasceste.

É verdade que Dirceu confessa que já antes de conhecer Marilia

> Seus versos alegre
> Ali repetia:

mas esses versos seriam provavelmente aquelles que depois engeitou para não deverem fazer parte da sua lyrica, segundo nos manifesta:

> N'uma noite socegado
> Velhos papeis revolvia,
> E por ver de quem tratavam
> Um por um a todos lia.
>
> Eram cópias emendadas,
> De quantos versos melhores
> Eu compus na tenra idade,
> A meus diversos amores.
>
> Aqui leio justas queixas
> Contra a ventura formadas.
> Leio excessos mal acceitos,
> Doces promessas quebradas.
>
> Vendo sem-razões tamanhas
> Eu exclamo transportado:
> *Que finezas tão mal feitas!*
> *Que tempo tão mal passado!*
>
> Junto pois n'um grande monte
> Os soltos papéis, e logo,

Porque reliquias não fiquem,
Os intento pôr no fogo.

Então vejo que o deus cégo
Com semblante carregado
Assim me fala, e crimina
O meu intento acertado:

Queres queimar esses versos?
Dize, Pastor atrevido,
Essas Lyras não te foram
Inspiradas por Cupido?

Achas que de taes amores
Não deve existir memória?
Sepultando esses triunfos,
Não roubas a minha glória?

Disse amor; e mal se calla,
Nos seus hombros a mão pondo,
Com um semblante sereno
Assim á queixa respondo:

Depois, amor, de me dares
A minha Marilia bella,
Devo guardar umas Lyras,
Que não são em honra della?

O que importa, amor, que importa,
Que a estes papeis destrua;
Se he tua esta mão, que os rasga,
Se a chama, que os queima, é tua?

Apenas amor me escuta
Manda que os lance nas brazas;
E ergue a chama c'o vento,
Que formou batendo as azas.

E aqui nos occorre uma idea, que se bem pertença mais á critica litteraria do que á biographia, não deixa-

remos para outra occasião. É mui possivel que a maior parte das lyras que se publicaram com o titulo de *3.ª Parte* de suas poesias, e que são estranhas ao romance amoroso de *Marilia e Dirceu*, e os bons criticos tem regeitado em varias edições (1) como espurias, — é possivel, dizemos, que entre ellas haja várias legitimamente compostas por Gonzaga, mas do numero das que elle diz ter engeitado. De todas as lyras dessa chamada *3.ª Parte* a unica que não é estranha ao romance é a seguinte, que nos dá o desfeixo delle pela despedida do poeta, que diz á sua Marilia que vai (como sucedeu) morrer no desterro sem a tornar a ver.

Leu-se-me em fim a sentença
Pela desgraça firmada;
Adeus Marilia adorada,
Vil desterro vou soffrer.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Que vá para longes terras,
Intimarem-me eu ouvi;

---

(1) A edição original de Bulhões publicada aos cadernos continha só a 1.ª e 2.ª parte. — Á 2.ª se accrescentou pela 1.ª vez em 1800 uma parte 3.ª que se reimprimiu na edição nunesiana de 1802. — As edições da imprensa régia de 1812 e da lacerdina de 1811 e 1819 dirigidas por criticos conspicuos não contém a tal 3.ª parte, o que julgâmos que seguiu Serva na Bahia em 1813. Posteriormente como o público entrou a ter por menos completas essas edições, a que presidia um razoavel escrupulo, começaram os editores a publicar sempre a 3.ª parte, que se encontra nas edições de Rolland de 1820, 1827 e 1840; na de 1824; na de 1825 e 1828 de Nunes; na de 1827 da régia; bem como na de 1835 da Bahia, na de 1846 do Rio de Janeiro. — Nenhuma obra em portuguez a não ser o Camões tem tido mais edições neste seculo. Foi traduzida em francez pelo Sr. Monglave e em italiano com todo o esmero pelo Sr. Buscalla.

E a pena que então senti,
Justos ceos! não sei dizer.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Mil penas estou sentindo
Dentro n'alma, e por negaça
Me está dizendo a desgraça,
Que nunca mais t'hei de ver.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Por deixar os patrios lares,
Não me fere o sentimento;
Porem suspiro, e lamento
Por tão cedo te perder.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Não são as horas que perco,
Que motiva a minha dor;
Mas sim ver, que o meu amor
Este fim havia de ter.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

A mão do fado invejoso
Vae quebrando em mil pedaços
Os doces, suaves laços,
Com que amor nos quiz prender.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Da desgraça a lei fatal
Póde de ti separar-me;
Mas nunca d'alma tirar-me
A glória de te querer.
Ausente de ti, Marilia,
Hei de amar-te até morrer.

Aos felizes amores de Dirceu é consagrada a primeira parte da obra lyrica; são trinta e sete odes anacreonticas em que o poeta feliz com a sua estrella rende graças ao deus do amor por lhe haver concedido o bem de mais valia,

> De tudo quanto se cria
> Ou nos mares ou na terra.

É uma nova história de uma paixão amorosa que seguia seu caminho natural, com todas as competentes declarações, requebros, esperanças, mas quasi sem ciumes. Ha por ahi reminiscencias do cantor de Teos (1) e mais poetas de sua escola.

Outro tanto não succede na segunda parte que por um successo extraordinario vai dar originalidade ás composições do poeta.

Gonzaga despachado desembargador para a Bahia, cuidava dos preparativos da partida, no número dos quaes entrava talvez a prévia união á sua cara Marilia,

---

(1) Compare-se da 1.ª parte a lyra 3.ª com a de Anacreonte que começa:

Συ μὲν λέγεις τὰ Θήβης, etc.

e igualmente as seguintes:
a 11.ª com

Θέλω λέγειν 'Ατρείδας, etc.

a 56 com a

Γράφε μοι, etc.

e com a

Αγε, ζωγράφων ἄριστε, etc.

quando uma ocorrencia extraordinaria veio interromper sua felicidade. O capitão general de Minas, Visconde de Barbacena, foi informado que se tratava na provincia de seu mando de uma conspiração, e que Gonzaga era a pessoa indigitada para chefe do novo estado independente. Foi então Gonzaga preso e posto em segredo, como Claudio, Alvarenga Peixoto, e outros.

Daqui por diante até partir para o degredo todas as penas, todas as queixas do amante infeliz, acham-se consignadas nos seus versos da 2.ª parte. A leitura desta póde familiarisar-nos mais com os sentimentos do poeta na prisão do que o faria talvez uma auto-biographia escripta depois. E por tal fórma temos esta convicção que ora mesmo não ousâmos dar um passo sem primeiro correr de novo os olhos pelas 38 lyras da 2.ª parte.

....

Assim o acabâmos de executar, e tal é a commoção de que nos sentimos ainda possuidos que nos treme a mão ao escrever estas linhas. Estamos profundamente convencidos de que Gonzaga foi martyr da prognosticada sedição, e que até era a ella inteiramente alheio. Assim o protestou bem solemnemente aos juizes, e com todo o vigor d'alma o protesta nos seus versos a si mesmo, á sua Marilia, e ao mundo! — Ouçamol-o:

A insolente calumnia depravada
Ergueu-se contra mim, vibrou da lingua
A venenosa espada.

Outra vez na lyra seguinte:

Não has de ter horror, minha Marilia,
De tocar pulso, que soffreo os ferros?
Infames impostores nos lançaram,
E não puniveis erros.

Esta mão, esta mão, que ré parece,
Ah! não foi uma vez, não foi só uma,
Que em defesa dos bens, que são do Estado,
Moveo a sábia pluma.

É certo, minha amada, sim é certo
Que eu aspirava a ser de um sceptro o dono;
Mas este grande imperio, que eu firmava,
Tinha em teu peito o throno.

As fôrças, que se oppunham, não batiam
Da grossa peça, e do mosquete os tiros;
Só eram minhas armas os soluços,
Os rogos, e os suspiros.

De cuidados, desvelos, e finezas
Formava, ó minha bella, os meus guerreiros:
Não tinha no meu campo estranhas tropas:
Que amor não quer parceiro.

Mas póde ainda vir um claro dia,
Em que estas vís algemas, estes laços
Se mudem em prisões de alívio cheias,
Nos teus mimosos braços.

Vaidoso então direi: *Eu sou monarca;*
Dou leis, que é mais, n'um coração divino;
Solio que ergueo o gôsto, e não a fôrça,
E que é de aprêço dino.

Reparemos ainda nos seguintes versos:

Embora contra mim raivoso esgrima
Da vil calumnia a cortadora espada;

Uma alma, qual eu tenho,
Não se receia a nada.
Eu hei de, sim, punir-lhe a insolencia,
Pizar-lhe o negro collo, abrir-lhe o peito
Co'as armas invenciveis da innocencia.

e n'estes outros:

Tu, Marilia, se ouvires
Que ante o teu rosto afflicto
O meu nome *se ultraja*
C'o supposto delicto,
Dize severa assim em meu abono:
Não toma as armas contra um sceptro justo
Alma digna de um throno.

Dá porém terminante prova de sua não cumplicidade a lyra da mesma 2.ª parte, lyra mais d'argumentos de defensa que de imagens eroticas (1).

Eu vejo aquella deosa,
Astréa pelos sabios nomeada;
Traz nos olhos a venda,
Balança n'uma mão, na outra espada:
O vê-la não me causa um leve aballo
Mas antes atrevido,
Eu a vou procurar, e assim lhe falo:

Qual é o povo, dize,
Que comigo concorre no attentado?
O americano povo!
O povo mais fiel, e mais honrado!
Tira as praças das mãos do injusto dono,
Elle mesmo as submette
De novo á sujeição do luso throno.

---

(1) Publicando neste logar esta lyra, dispensâmo-nos de a repetir no corpo do Florilegio.

Eu vejo nas histórias
Rendido Pernambuco aos hollandezes;
Eu vejo saqueada
Esta illustre cidade, dos francezes;
Lá se derrama o sangue brazileiro;
Aqui não basta, supre
Das roubadas familias o dinheiro...

Em quanto assim falava,
Mostrava a deosa não me ouvir com gôsto;
Punha-me a vista teza,
Enrugava o severo e acceso rosto:
Não suspendo comtudo no que digo,
Sem o menor receio,
Faço que a não entendo, e assim prosigo.

Acabou-se, tyrana,
A honra, o zêlo deste luso povo?
Não é aquelle mesmo,
Que estas acções obrou: é outro novo?
E póde haver direito, que te mova
A suppor-nos culpados,
Quando em nosso favor conspira a prova?

Ha em Minas um homem,
Ou por seu nascimento, ou seu thesoiro,
Que aos outros mover possa
Á fôrça de respeito, á fôrça d'ouro?
Os bens de quantos julgas rebelados,
Podem manter na guerra,
Por um anno sequer, a cem soldados?

Ama a gente assisada
A honra, a vida, o cabedal tão pouco,
Que ponha uma acção destas
Nas mãos d'um pobre, sem respeito e louco
E quando a commissão lhe confiasse
Não tinha pobre somma,
Que por paga, ou esmola lhe mandasse?

Nos limites de Minas,
A quem se convidasse não havia;
Ir-se-hiam buscar socios
Na Colonia tambem, ou na Bahia?
Está voltada a côrte brazileira
Na terra dos suissos,
Onde as potencias vão erguer bandeira?

O mesmo autor do insulto
Mais a riso, do que a terror me move;
Deu-lhe esta loucura,
Podia-se fazer Neptuno, ou Jove.
A prudência é tratá-lo por demente;
Ou prendel-o, e entregal-o,
Para delle zombar a moça gente.

Aqui, aqui a deosa
Um extenso suspiro aos ares sólta;
Repete outro suspiro,
E sem palavra dar as costas volta:
Tu te irritas! Lhe digo, quem te offende,
Ainda nada ouviste
Do que respeita a mim, socega, attende;

E tinha que offertar-me
Um pequeno, abatido, e novo Estado,
Com as armas de fóra,
Co'as suas proprias armas consternado!
Achas tambem, que sou tão pouco experto
Que um bem tão contingente
Me obrigasse a perder um bem já certo?

Não sou aquelle mesmo,
Que a extincção do debito pedia!
Já viste levantado
Quem á sombra da paz alegre ria?
Um direito arriscado eu busco e feio,
E quero que se evite
Toda a razão do insulto e todo o meio?

Não sabes quanto apresso
Os vagarosos dias da partida?
Que a fortuna risonha,
A mais formosos campos me convida?
Não me uníra, se houvesse, aos vís traidores;
Daqui nem oiro quero;
Quero levar sómente os meus amores.

Eu, ó cega, não tenho
Um grosso cabedal dos pais herdado;
Não recebi no emprêgo,
Nem tenho as instrucções d'um bom soldado.
Far-me-hiam os rebeldes primeiro
No imperio, que se erguia
Á custa do seu sangue e seu dinheiro?

Aqui, aqui de todo
A deosa se perturba, e mais se altera;
Morde o seu proprio beiço;
O sitio deixa, nada mais espera.
Ah! vai-te, então lhe digo, vai-te embora:
Melhor, minha Marilia,
Eu gastasse comtigo mais est'hora.

Note-se que atribue a infames impostores as algemas que lhe lançaram; que julgava ultraje o ser taxado de cumplice na sedição; que tinha por impossivel e condemnava de inepcia se fosse entregar seus destinos ao *Tiradentes*

"... pobre, sem respeito e louco,"

que segundo o mesmo Gonzaga não era digno de outro castigo mais que o ser declarado em alienação.

O caracter do amante de Marilia manifesta-se em muitas de suas composições quando prêso. É admiravel a nobre audacia com que se resigna até a soffrer uma

injusta morte, e a convicção que tinha de que essa morte era uma nova palma de martyrio que jámais murcharia.

Na innocencia me fundo
Mas não morreram outros
Que dávam honra ao mundo!
O tormento minha alma não recuses
A quem sábio cumpriu as leis sagradas
Servem de solio as cruzes.

... se os justos céos, pâra fins occultos
Em tão tyranno mal me não soccorrem;
Verás então que os sábios,
Bem como vivem, morrem.

Eu tenho um coração maior que o mundo.
Tu, formosa Marilia, bem o sabes;
Um coração, e basta,
Onde tu mesma cabes.

A parte deste pensamento sublime vejâmos na seguinte estrofe lugubre como nessa hora estava talvez sua alma de contínuo pairando entre as esperanças de gozar Marilia e a morte:

Dirceu te deixa, ó bella,
De padecer cansado;
Frio suór já banha
Seu rosto descorado;
O sangue já não gyra pela vêa;
Seus pulsos já não batem,
E a clara luz dos olhos se basêa;
A lagrima sentida já lhe corre;
Já pâra a convulsão, suspira e morre.

Alguma vez lhe assalta uma idéa tremenda, e que mais que a morte o deixa atormentar. Lembra-se que

seu velho pai sabe da sua sorte, que soffre com ella perante a sociedade além de soffrer pelos padecimentos de seu filho.

> Parece que vejo a honra
> Marilia toda enlutada
> A face d'um pai rugosa
> N'um mar de pranto banhada.
> ....

Por outro lado enternece o leitor, que conhece a biographia do poeta, ver o modo como este, ás vezes abraçado com a esperança, imagina um futuro mais tranquilo, em que a sua Marilia possa vir a contar a seus filhinhos as aventuras e prisões de seu pobre pai, o triste Dirceu. Não respira menos confiança, aquella estrophe com que conclue outra lyra:

> Qual eu sou, verá o mundo;
> Mais me dará do que eu tinha,
> Tornarei a ver-te minha:
> Que feliz consolação!
> Não ha de tudo mudar-se,
> Só a minha sorte não?

Sua resignação ás vezes é tão grande que tem per alguns sido julgada menos sincera: não tanto quando christãmente diz

> E beijo a santa mãe que assim me guia;

porém sim quando roga á sua Marilia não pragueje ao seu accusador Barbacena por que diz

> Não é o julgador, é o processo
> É a lei que nos condemna.

A nós parece-nos haver demasiado rigor em tal modo de julgar, lembrando-nos de que o maior número das lyras da 2.ª parte foram ainda compostas em Villa-Rica, quando Gonzaga, pelas perguntas vagas que lhe fazia o magistrado Torres, não podia ter uma idéa de toda a culpa que lhe impunha, nem das authoridades que tomavam parte em sua accusação. — Talvez só quando com seus trinta e tantos co-réos, em uma jornada de mais de um mez, passou à cadêa do Rio, e ahi compareceu perante a alçada é que soube de todo o teor da accusação.

Depois da mencionada transferencia sua primeira composição é talvez a lyra (34) com mais visos de epistola, accusando o recebimento da carta em que Marilia lhe aconselha *siga o seu destino,* na certeza de que ella lhe será firme na ausencia.

A constancia de Dirceu é mais notavel, não como amante, pois não faltam exemplos d'amantes extremosos; sim como poeta que se votára a legar á posteridade um padrão de seu nome e da belleza da sua Marilia, do mesmo modo que Tasso e Petrarcha haviam grangeado fama, afamando para sempre Clorinda e Laura:

Mas se aos vindoiros
Teu nome passa
E só por graça
Do deus de amor,
Que tanto inflama
A mente, o peito
Do teu pastor.
. . . .
Em vão terias
Essas estrellas,
E as tranças bellas,
Que o ceo te deu;
Se em doce verso

Não as cantasse
O bom Dirceu.

Gonzaga tinha uma alma nobre, que pensava mais na glória immortal que nas vaidades do mundo.

É melhor .... ser lembrado
Por quantos hão de vir sábios humanos,
Que ter arcos, ter coches e thesoiros
Que morrem com os annos.

E para essa glória postera estava persuadido de que

Só podem conservar um nome illustre
Os versos ou a história.

Com esta idéa fixa Gonzaga não se occupa senão da sua Marilia. — Até na prisão se tinha imposto o dever de escrever cada um dia em honra d'ella algum canto:

Se me viras com teus olhos
N'esta masmorra metido,
De mil idéas funestas,
E cuidados combatido:
Qual seria, ó minha bella,
Qual seria o teu pezar?

Á fôrça da dor cedêra,
E nem estaria vivo,
Se o menino deos vendado,
Extremoso e compassivo,
Com o nome de Marilia
Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva;
O meio dia tem dado,
E o cabello ainda fluctua
Pelas costas desgrenhado.

Não tenho valor, não tenho,
Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido: *E Marilia*
Não estima este cabello?
Se o deixas perder de todo,
Não se ha de enfadar ao vêl-o?
Suspiro, pego no pente,
Vou logo o cabello atar.

Vem um taboleiro entrando
De varios manjares cheio;
Põe-se na meza a toalha,
E eu pensativo passeio;
De todo o comer esfria
Sem nelle poder tocar.

Eu entendo que a matar-te,
Diz amor, *te tens proposto;*
Fazes bem: terá Marilia
Desgosto sôbre desgosto.
Qual enfermo c'o remedio,
Me afflijo, mas vou jantar.

Chegam as horas, Marilia,
Em que o sol já se tem posto;
Vem-me á memória que nellas
Vi á janella teu rosto;
Reclino na mão a face,
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido: *Já basta,*
Já basta, Dirceu, de pranto;
Em obsequio de Marilia
Vai tecer teu doce canto.
Pendem as fontes dos olhos,
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o forçado accender-me
A velha, suja candêa;

Fica, Marilia, a masmorra
Inda mais triste, e mais fêa.
Nem mais canto, nem mais posso
Uma só palavra dar.

Diz-me Cupido: *São horas*
De escrever-se o que está feito;
Do azeite e da fumaça
Uma nova tinta ageito;
Tomo o páo, que penna finge,
Vou as lyras copiar.

Sem que chegue o leve somno,
Canta o gallo a vez terceira;
Eu digo a amor, que fico
Sem deitar-me a noite inteira;
Faço mimos, e promessas
Para elle me acompanhar.

Elle diz, que em dormir cuide,
Que hei-de ver Marilia em sonho,
Não respondo uma palavra,
A dura cama componho,
Apago a triste candêa,
E vou-me logo deitar.

Como póde a taes cuidados
Resistir, ó minha bella,
Quem não tem de amor a graça;
Se eu, que vivo á sombra della,
Inda vivo desta sorte,
Sempre triste a suspirar?

Em quanto livre e feliz só Marilia lhe vinha ao pensamento; penando só a lembrança de Marilia lhe podia suavisar seus males.

A alçada creada no Rio condemnou Gonzaga a degredo perpétuo para as Pedras d'Angoche; pena commutada em dez annos de degredo para Moçambique.

Em fins de setembro de 1793, deixou este poeta o solo brazileiro para ir cumprir seu destino, que segundo elle mesmo dizia, na última lyra que compôs, era o de ir *morrer em vil desterro*.

Em Moçambique quiz dedicar-se á advocacia. Mas de contínuo lhe vinham á mente as injustiças dos homens... fez-se hypocondriaco. — Lembravam-lhe suas antigas esperanças de amor e de glória... frustradas.

Algum tempo depois sentia que a cabeça lhe abrazava... Deixou de trazer chapéo. Mas o calor que soffria não era physico. Foi acomettido de uma febre violenta de que esteve á morte. Os soccorros da medicina restituiram-lhe a saude do corpo; mas o espirito ía de mal a peor. Quando não tinha acessos de furor ou de ternura obedecia em tudo á mulher que o tratára na doença.

E louco terminou seus dias em 1809 quem fôra capaz de compôr e de legar ao mundo a preciosa lyrica intitulada *Marilia de Dirceu*.

[Tomás Antônio Gonzaga nasceu na freguesia de Miragáia, rua dos Cobertos, na cidade do Pôrto, a 11 de agosto de 1744. Foram seus pais o icenciado João Bernardo (não Bernardes) Gonzaga, natural do Rio de Janeiro, e D. Tomásia Isabel Gonzaga, natural do Pôrto, filha de John Clark, inglês, negociante ali estabelecido. — Conf. José Pereira de Sampaio (Bruno), *Portuenses illustres*, I, ps. 297/302, Pôrto, 1907. O texto dispensa maior desenvolvimento à biografia de Gonzaga: o pouco que falta refere-se à correção da data do embarque do degredado no Rio de Janeiro para Moçambique, que foi a 22 (aliás 23) de maio de 1793, no navio *Nossa Senhora da Conceição Princesa de Portugal*, "nome que quase se poderia dizer maior que o barco" — aditamento do Autor à biografia do poeta, in *Revista do Instituto His-*

tórico, XIII, ps. 405; ao seu casamento no exilio, com uma senhora de muita fortuna e poucas letras, chamada D. Juliana de Sousa Mascarenhas, entre maio e agosto de 1793, e ao seu falecimento, ocorrido nos princípios do ano de 1810, talvez em fevereiro, — M. Rodrigues Lapa, *Tomás Antônio Gonzaga — Marilia de Dirceu e mais poesias*, ps. XXIV-XXVI, Lisboa, s/d.

Para sua bibliografia veja:

— *Gonzagueana da Biblioteca Naaional.* — Catálogo organizado pelo Bibliotecário Emanuel Eduardo Gaudie Ley, in *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. XLIX, ps. 417/492.

— Oswaldo M. B. de Oliveira. — *As edições de Marilia de Dirceu.* — Rio de Janeiro. Estão aí descritas quarenta e sete edições em português e nove traduções em francês, italiano, latim, castelhano e alemão. — "Nenhuma obra em portuguez, a não ser o Camões, tem tido mais edições neste seculo [XIX], escreveu o Autor, *Revista do Instituto Historico*, XII, ps. 123.

— Gonzaga é patrono da cadeira n. 37 da Academia Brasileira. — R. G.]

———

LYRAS

I.

Tu não verás, Marilia, cem captivos
Tirarem o cascalho, e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pezado esmeril a grossa arêa,
E já brilharem os granetes de oiro
No fundo da batêa.

Não verás derrubar os virgens mattos;
Queimar as capoeiras ainda novas;
Servir de adubo á terra a fertil cinza:
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das sêccas folhas do cheiroso fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas.
Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa meza
Altos volumes de enredados feitos;
Ver-me-has folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Em quanto revolver os meus consultos:
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os factos da sábia mestra história.
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella,
Eu vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cansado processo.

Se encontrares louvada uma belleza,
Marilia, não lhes invejes a ventura,
Que tens quem leve á mais remota idade
A tua formosura.

II.

Péga na lyra sonora,
Péga, meu caro Glauceste;
E ferindo as cordas de oiro,
Mostra aos rusticos pastores
A formosura celeste
De Marilia, meus amores.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Que concurso, meu Glauceste,
Que concurso tão ditoso!
Tu és digno de cantares
O seu semblante divino;
E o teu canto sonoroso
Tambem do seu rosto é dino.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Pâra pintares ao vivo
As suas faces mimosas,
A discreta natureza
Que providencia não teve!
Creou no jardim as rosas,
Fez o lyrio, e fez a neve.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Pâra pintares Glauceste,
Os seus beiços graciosos,
Entre as flores tens o cravo,
Entre as pedras a granada,
E para os olhos formosos,
A estrella da madrugada.
Ah, pinta, pinta,
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Mal retratares do rosto
Quanto julgares preciso,
Não dês a cópia por feita;
Passa a outros dotes, passa,
Pinta da vista, e do riso
A modestia, mais a graça.
Ah, pinta, pinta,
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Pinta o garbo de seu rosto
Com expressões delicadas;
Os seus pés, quando passeam,
Pisando ternos amores;
E as mesmas plantas calcadas
Brotando viçosas flores.
Ah, pinta, pinta,
A minha bella!
E em nada a copia
Se afaste della.

Pinta mais, presado amigo,
Um terno amante beijando
Suas douradas cadêas;
E em doce pranto desfeito,
Ao monte e valle ensinando
O nome, que tem no peito.

Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Nem suspendas o teu canto,
Inda que, pastor, se veja
Que a minha bocca suspira,
Que se banha em pranto o rosto;
Que os outros choram de inveja,
E chora Dirceu de gôsto.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Aquelle, a quem fez cégo a naturesa,
C'o bordão palpa, e aos que vem pergunta;
Ainda se despenha muitas vezes,
E dois remedios junta!

De ser céga a fortuna eu não me queixo;
Sim me queixo de que má céga seja:
Céga, que nem pergunta, nem apalpa,
É porque errar deseja.

A quem não tem virtudes, nem talentos,
Ella, Marilia, fez de um sceptro dono:
Cria n'um pobre berço uma alma digna
De se sentar n'um trono.

A quem gastar não sabe, nem se anima,
Entrega as grossas chaves de um thesoiro;
E lança na miseria a quem conhece
Para que serve o oiro.

A quem fere, a quem rouba, a infame deixa,
Que atraz do vicio em liberdade corra;
Eu honro as leis do imperio, ella me opprime
Nesta vil masmorra.

Mâs ah! minha Marilia, que esta queixa
Com a solida razão se não coaduna
Como me queixo da fortuna tanto,
Se sei não ha fortuna?

Os fados, os destinos, essa deosa,
Que os sabios fingem, que uma roda move,
É só a occulta mão da Providencia,
A sábia mão de Jove.

Nós é que somos cégos, que não vemos
A que fins nos conduz por estes modos;
Por torcidas estradas, ruins veredas
Caminha ao bem de todos.

Alegre-se o pervorso com as ditas;
C'o seu merecimento o virtuoso;
Parecer desgraçado, ó minha bella,
É muito mais honroso.

Meu sonoro passarinho,
Se sabes do meu tormento,
E buscas dar-me, cantando,
Um doce contentamento,

Ah! não cantes, mais não cantes,
Se me queres ser propício;
Eu te dou em que me faças
Muito maior beneficio.

Ergue o corpo, os arcos rompe,
Procura o Porto da Estrella,

Sóbe á serra, e se cansares,
Descansa n'um tronco della.

Toma de Minas a estrada,
Na igreja nova, que fica
Ao direito lado, e segue
Sempre firme a Villa Rica.

Entra nesta grande terra,
Passa uma formosa ponte,
Passa a segunda, a terceira.
Tem um palacio defronte.

Elle tem ao pé da porta
Uma rasgada janella,
É da sala, onde assiste
A minha Marilia bella.

Pâra bem a conheceres,
Eu te dou os sinaes todos
Do seu gesto, do seu talhe,
Das suas feições, e modos.

O seu semblante é redondo,
Sobrancelhas arqueadas,
Negros e finos cabellos,
Carnes de neve formadas.

A bocca risonha e breve,
Suas faces côr de rosa,
N'uma palavra, a que vires,
Entre todas mais formosa.

Chega então ao seu ouvido,
Dize, que sou quem te mando,
Que vivo nesta masmorra,
Mâs sem alivio, penando.

Se o vasto mar se encapella
E na rocha em flor rebenta,
Grossa nau, que não tem leme,
Em vão sustentar-se intenta;
Até que naufraga e corre
Á discrição da tormenta.

Quem não tem uma belleza,
Em que ponha o seu cuidado,
Se o ceo se cobre de nuvens,
E se assopra o vento irado,
Não tem fôrças, que resistam
Ao impulso do seu fado.

Nesta sombria masmorra,
Aonde, Marilia, vivo,
Encosto na mão o rosto,
Fico ás vezes pensativo.
Ah! que imagens tão funestas
Me finge o pesar activo.

Parece que vejo a honra,
Marilia, toda enlutada;
A face de um pai rugosa,
N'um mar de pranto banhada;
Os amigos macilentos,
E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos
Pâra outro diverso lado;
Vejo n'uma grande praça
Um theatro levantado;
Vejo as cruzes, vejo os potros,
Vejo o alfanje afiado.

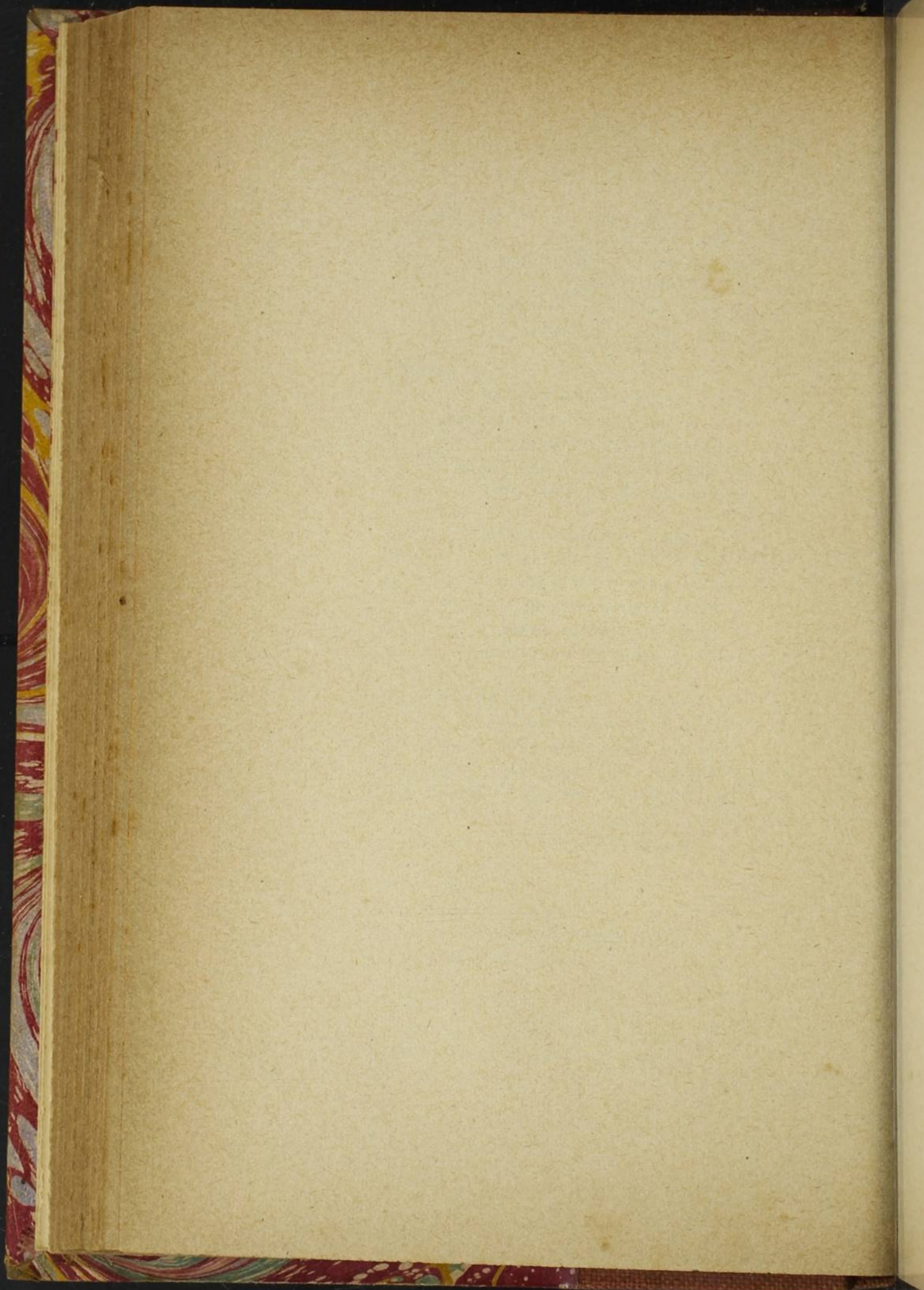
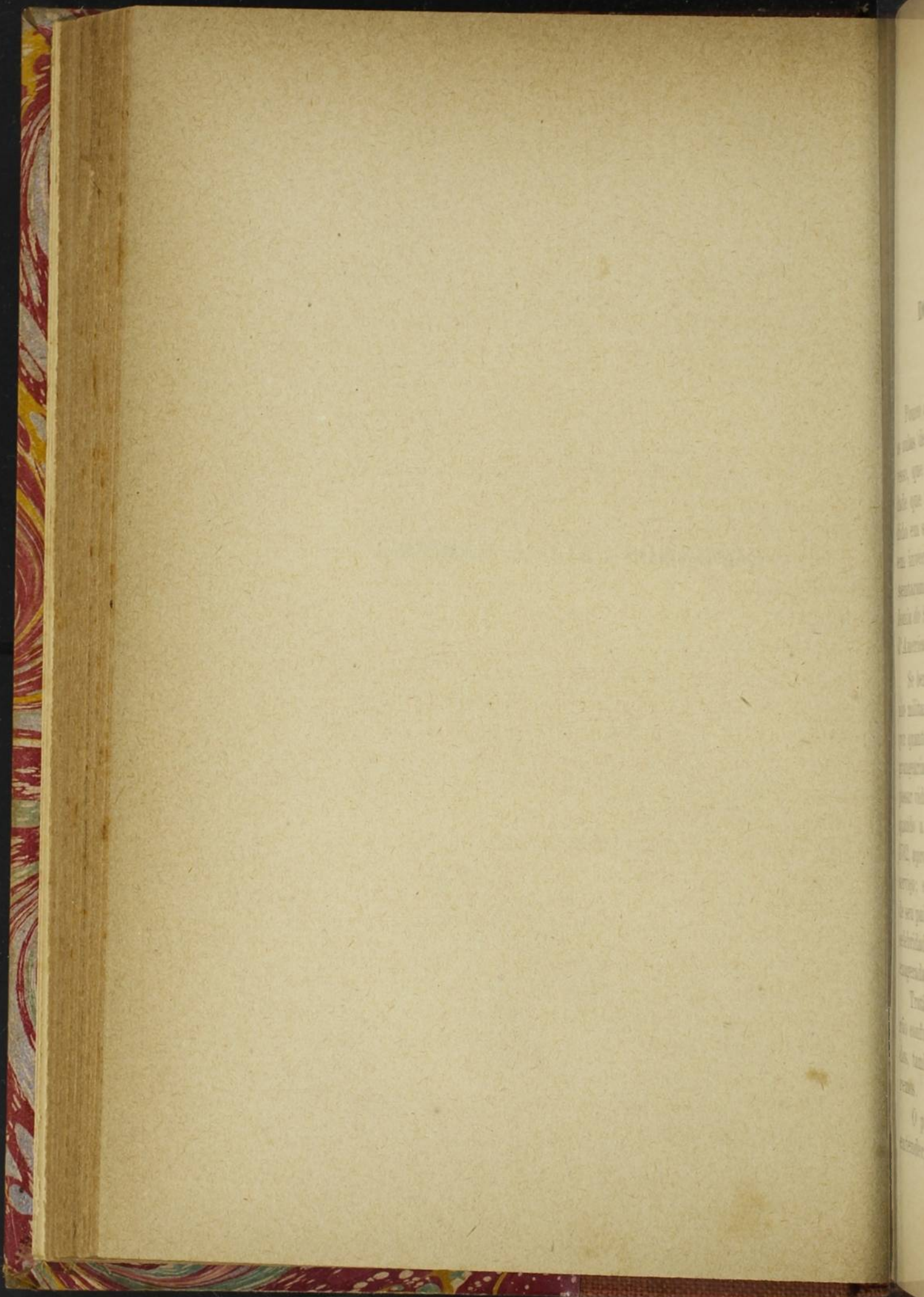
Um frio suor me cobre,
Lassam-se os membros, suspiro;
Busco allívio ás minhas âncias,
Não o descubro, deliro.

Já, meu bem, já me parece,
Que nas mãos da morte expiro.

Vem-me então ao pensamento
A tua testa nevada,
Os teus meigos, vivos olhos,
A tua face rosada,
Os teus dentes crystallinos,
A tua bocca engraçada.

Qual, Marilia, a estrella d'alva,
Que a negra noite afugenta;
Qual o sol, que a nevoa espalha
Apenas a terra aquenta;
Ou qual Iris, que o ceo limpa,
Quando se vê na tormenta;

Assim, Marilia, destérro
Triste illusão, e demencia;
Faz de novo o seu officio
A razão e a prudencia;
E firmo esperanças doces
Sôbre a candida innocencia.

Restauro as fôrças perdidas,
Sobe a viva côr ao rosto,
Gyra o sangue pela vêa,
E bate o pulso composto:
Vê, Marilia, o quanto póde
Contra os meus males teu rosto

DOMINGOS CALDAS BARBOSA

DOMINGOS CALDAS BARBOZA

Pouco antes da suppressão dos Jesuitas frequentava as aulas delles, no Rio de Janeiro, certo pardinho travesso, que se distinguia entre seus collegas pela facilidade que tinha de rimar. Esse joven, vendo-se applaudido em seus primeiros ensaios, começava a desmandar-se em invectivas de mau gôsto, quando, por correcção, lhe sentaram praça de soldado, e o destacaram para a Colonia do Sacramento, nesse tempo a Ceuta ou a Gibraltar d'America.

Se bem que não fossem as armas a vocação do bisonho militar, tão pouco encontraria nellas grande castigo; por quanto seu genio social e prazenteiro prompto lhe grangearia amigos entre os novos camaradas, com que passar vida alegre e folgada. Entretanto, voltando ao Rio quando a Colonia foi occupada pelos Hespanhoes em 1762, aproveitou a occasião para sollicitar sua baixa de serviço; e, apenas a conseguiu, resolveu, com auxilio de seu pai, passar-se ao Reino, onde veio a adquirir certa celebridade, que até agora tem sido, quanto a nós, ou exagerada, ou, talvez, innocentemente calumniada.

Tratâmos de Domingos Caldas Barboza, que convem não confundir com o sublime e biblico poeta Sousa Caldas, tambem brazileiro, de quem adiante nos occuparemos.

O pai de Caldas Barboza, segundo elle nos dá a entender, era de Portugal:

Filho de honrado colono
Q'em soberba e curva quilha
Dos ventos ao desabono
Foi ao novo mundo e ilha
Soffrer o perpétuo somno.

N'outra occasião refere-se o mesmo Caldas á sua triste e longa história e á lealdade de seu pai que contada, diz elle, fazia a glória d'ambos: e accrescenta:

Herdei-lhe a infelicidade,
Mâs honro a sua memória.

Sua mãi era uma negra escrava de seu pai: ésta circumstancia do nascimento, que elle apregoava no rosto, parece que o affligia por extremo; se bem que alguma vez tratasse de atenuar:

Desde o triste nascimento
Fundára minhas razões
Se fôra aqui meu intento
Ir desculpar gerações:
E tenho em conhecimento
Que não houve dois Adões.

Rara vez encontraremos Caldas Barboza em suas composições repassado de melancolia, sem que nos fale do seu berço; o que nos faz crer que antes era a lembrança do mesmo berço que lhe inspirava esses versos sombrios. Citaremos em primeiro logar as quadras:

Rodeou feia tristeza
Meu berço logo ao nascer:
Bafejou-me a triste vida,
Serei triste até morrer.
Ao abrir dos frouxos olhos
Vi o dia escurecer,

Foi preságio da tristeza,
Serei triste até morrer.

bem como aquella:

Desgraçado desde o berço
Serei té a sepultura,
Pois assim o quiz meu fado
Chóro a minha desventura.

Faremos ainda menção dos sonetos, principalmente no que diz

Negro vapor da terra aos ceos alçado
Veio empecer-lhe a alegre louçania,

dos sentidos improvisos,

Ao som da lyra a chorar,

e das tristissimas quadras

Á mortal melancolia.

Caldas Barboza achava-se em Vianna do Minho quando recebeu a notícia fatal da morte de seu pai, que equivalia para elle ao annúncio de sua immediata indigência:

Assim de remoto clima
Deixei do sul o cruzeiro,
Vi do norte a estrella em cima
De muito maior luzeiro;
Nas margens do claro Lima
Eu me vi orfão primeiro,
E então da fortuna opima
Vi o dia derradeiro.

Durante essa residencia em Vianna foi que elle compoz à *Tempestade* aquella ode:

> O torvo inverno sôbre pardas nuvens
> Caminha á foz do socegado Lima.

Por occasião da inauguração da estátua equestre d'El Rei D. José em 1775, foi Caldas Barboza um dos que appareceram a festejar essa solemnidade com suas composições poeticas.

Ao mesmo rei D. José dedicou Caldas a *Lebreida,* frouxa composição em 50 oitavas rimadas, que nem merece o nome de poema, e cujo assumpto foi uma real caçada de lebre, presenciada pelo autor, que á custa della ía ganhar talvez a protecção do monarcha, se não falecesse este logo depois:

> .... Quem diria
> Quando o grande rei me honrou
> E da facil poesia
> Agradar-se assim mostrou;
> Que de noite que de dia
> Gratamente me escutou;
> E a real protecção pia
> Franquear-me começou,
> Que tão pouco viveria!!

Felizmente para o infeliz orfão ao faltar-lhe tal Augusto, encontrou um Mecenas, que foi seu arrimo e amparo.

O Regedor das Justiças José de Vasconcellos e Sousa (irmão do conhecido Vice-rei do Brazil), ao depois Conde de Pombeiro, foi o novo protector que appareceu a Caldas Barboza, a quem amparou por toda a vida; e tão grande este lhe ficou que, apezar da prohibição que rece-

beu, a maior parte das suas composições, fóra as cantigas, tem por objecto perpetuar as virtudes, acções, anniversarios natalicios, etc. do mesmo Conde Regedor e de sua boa familia.

Essa protecção não se limitou a dar-lhe cama e meza primeiro no palacio de seu irmão o Marquez de Castello Melhor, e depois de casar-se nos seus aposentos da Bemposta; senão que o fez ordenar, arranjou-lhe um beneficio, e o logar da capellão da Casa da Supplicação.

Além disso introduziu-o em toda a boa sociedade da Côrte, cuja estima o protegido depois soube cantar, já pela facilidade de seus improvissos cantados ao som da viola, á similhança de um lyrico grego ou de um trovador da idade média, já por sua alma affectuosa e inoffensiva, que não creava inimigos, nem era accessivel a intrigas. Este acolhimento foi tal que a presença do Caldas se tornou quasi uma necessidade de todas as festas, sôbre tudo nas partidas do campo. Nas aristocraticas reuniões das Caldas, nos cansados banhos do mar, nos pictorescos passeios de Cintra, em Bellas, em Queluz, em Bemfica, sociedade onde não se achava o fulo Caldas com sua viola não se julgava completa.

Todos os sitios mencionados ficaram em seus versos commemorados; sendo para lastimar que o autor figura nelles geralmente mais como truão do que como poeta, v. gr. no seguinte estribilho:

Ai ceo
Ella é minha yayá,
O seu *moleque* sou eu.

Mâs em abono do nosso trovador cumpre dizer que essa abnegação devia de ser calculada. Caldas Barboza

conheceu, por ventura, que na sociedade a paixão mais prejudicial nella mais commum, é a do amor proprio: tinha a consciencia do pouco valimento de sua côr n'um paiz onde ella era um máu preconceito: preferiu pois passar por bobo, ser o primeiro a escarnecer de si á custa de sua dignidade, mas ir vivendo descançado; como fez depois o bom Tolentino, que a elle no caracter e no estillo ás vezes se assemelha.

Além de que a mesma falta premeditada de amor proprio era uma qualidade a favor dos improvisos de Caldas. Nelles olhava este só ao effeito do momento, não á rima e perfeição; surprehendia os motes e glosava-os segundo se lhe apresentavam; a tal ponto que alguns por incompletos parecem absurdos por que não se deram á imprensa as circumstancias que os acompanharam. Encontrareis ahi muitos desalinhos, e faltas d'arte, mas atravez dessa irregularidade e pobreza de vestuarios descubrireis muita vez inspirações originaes.

Podiam, quanto a nós, comparar-se as inspirações do nosso improvisador aos caprichos do pintor Goya. Este a rir reduzia a quadros, que depois se copiavam em razes, as murmurações da Côrte do Prado e do Escurial; mostra genio; mâs é na execução incompleto e ás vezes grosseiro. Caldas tambem não quer saber de correcções: nos seus estribilhos admitte trivialidades, e até disparates semsabores; v. gr.

> Meu bem está mal com eu
> Gentes de bem pegou nelle
> Tape, tape, tipe, ti,

e outras quejandas, que fizeram com que alguem o nomeasse por autor de cantiguinhas com seus ai lé lé.

Andam por quasi duzentas as taes cantigas, que nos deixou. A maior parte correm impressas em dois volumes, accompanhadas do seu retrato. Muita gente se admira de que essas cantigas tivessem tão grande acolhimento, e por ventura chegou a condemnar o gôsto poetico da sociedade que as apreciava, sem se lembrar de dar desconto ao trovador, que se via muita vez obrigado só por comprazer a glosar sem inspiração; e aos ouvintes que não applaudiam só a poesia, mas tambem a melodia do accompanhamento da voz e da viola, e a docilidade daquelle que não se mostrava jamais esquivo em fazer-se agradavel.

Mas Caldas Barboza não deve ser só avaliado pelas suas cantigas: nem são ellas as que lhe dão a corôa de poeta. Quintilhas nos deixou que têm muito da natural graça e singeleza das de Sá de Miranda; compoz muitos sonetos, e póde dizer-se que se ensaiou em todo o gênero de poesia. No didactico possuimos delle, em rimas emparelhadas, uma recopilação da história sagrada, cuja 2.ª edição foi feita em 1793. Della se conservam quasi todos os exemplares alçados e em papel, na livraria da Casa de Castello Melhor em Lisboa, e é obra que ainda hoje podia servir nas escolas para os meninos reterem na memória o mais importante da Escriptura. Compoz tambem Caldas neste gênero duas epistolas a Arminda ácerca da metrificação, cujos preceitos expõe com clareza, mas demasiado pobremente. Além disso fazemos menção do canto em verso solto, *O Jardim;* da canção

Qual enxame de abelhas sussurrando.

da traducção da ode 1.ª de Horacio, e da carta de Mme. Deshoulieres á Snra. que queria ser poetisa, etc. Em

fim as suas poesias lhe mereceram entrada na Arcadia de Roma com o nome de Lereno Selinuntino.

Caldas Barboza era para com os seus collegas superior a todo sentimento de inveja ou de rivalidade. Procurava quanto podia o trato dos poetas, aos quaes rendia muitos serviços, fazendo valer suas relações cortezãs. E longe de os recommendar humilhando-os ao seu valimento, procurava occasião favoravel para o fazer com dignidade, e de modo que cada qual se apresentasse logo a pedir com o direito adquirido por seu comprovado merecimento. Foi assim que uma vez se aproveitou de certo anniversario para recomendar ao seu Mecenas entre outros poetas a Elmiro (José Agostinho de Macedo), que na ode encomiastica ao Conde de Pombeiro consagra as seguintes expressões ao seu amigo Caldas:

Eia sublime, sonoroso Caldas,
Improviso cantor, eu pulso a Lyra,
Que Apollo enasta de frondosa rama:
O fogo que respira
Nos versos teus com rutilante chama,
Com que a voluvel fantasia escaldas,
Eu sigo: e o vôo rapido qu'ergueste
Do ninho americano, onde nasceste.

Eia anima o meu canto, ao ceo sagrado
Eu me sinto levar: toco co'a frente
O convexo d'abobeda azulada
Do astro refulgente,
Já vejo o disco, e face illuminada,
Vejo o plano estensissimo encrespado,
Que sôbre um lenho intrepido sulcaste,
Quando o cruzeiro lucido encaraste.

Lá vejo a praia, lá desubro a arêa,
Na qual eleva a torreada frente,

A quem Neptuno cede o sceptro undoso;
Lá vão pelo horizonte
As ameas do muro magestoso,
Que em torno cinge a inclita Ulissea,
Côrte famosa, que avistando honraste,
Quando as arêas humidas beijaste.

Ah! tu não trazes o metal luzente,
Os accesos rubins, os diamantes,
Nem esses lenhos nos sertões cortados,
Nem aromas fumantes,
Que ponhas nos altares consagrados,
Que offerta o rico lucido Oriente:
Mâs versos urdes de immortal belleza,
Sublime voz da simples natureza.

Ah! tu de Vasconcellos hoje o dia
Natal na lyra, que te dera Apollo,
Nos astros leva, onde mora Astrea,
E de um a outro póllo
Leva a glória da inclita Ulissea
Na improvisa, na doce melodia,
Sôe o seu repentino altivo canto,
Q'a mim, ao mundo possa encher d'espanto.

Eu confundido, qual mesquinho ganço,
Entre bandos de cisnes sonorosos,
Que nas ismeneas ondas se mergulham,
E bebem dos undosos
Rios, que no Parnaso inda borbulham,
Tão remontados vôos não alcanço,
Que versos possa urdir alti-sonantes,
Mais sublimes qu'o oiro, qu'os diamantes.

Já a par de um bisavô, qu'o vacilante
Reino susteve nos nervosos hombros
Pela Patria infeliz sacrificado,
Entre pasmos, e assombros
Lá lhe levantam busto consagrado,
Fundido do metal puro, e brilhante,

Outros já pulem os penhascos broncos,
E já dos bosques desarreigam troncos.

A empresa é grande, porém tu sobejas,
Cinge-te a ella, sonoroso Caldas,
Desprega as aureas magestosas pennas,
Pois do Parnaso as faldas
Deixas, e sobes, as mansões serenas;
Mâs se outros vates inclitos desejas,
Que rouca tornem esta lyra minha,
Tens os cisnes qu'o fulvo Tejo aninha.

Elles louvem comtigo o natal dia,
Que tantas vezes seja repetido,
Q'Apollo gaste o coche e gaste as rodas;
Louvado, e applaudido
Seja dos povos, e das gentes todas,
Que cheios de prazer e de alegria
Lhe augurem para sempre dilatados
Seculos pelos ceos abençoados.

É verdade que nesta ode, cujo estylo elevado não condiz com o assumpto, parece que Elmiro (1) tinha mais em vista inculcar seus vôos que dizer o que sentia.

---

(1) Não perdoou Bocage a José Agostinho esta circumstancia na grande satyra com que o zurziu:

Chamaste grande, harmonico ao Lereno,
Ao fusco trovador, que em papagaio
Transformaste depois, havendo impado
Com tavernal chanfana, alarve almoço,
A expensas do coitado orang-otango,
Que uma serpe engordou, cevando Elmiro.

Note-se porém que papagaio se chamava Lereno a si proprio:

Não é do Tamise um cysne
Que vai soltar doce canto:
Brazileiro papagaio
D'arremedo a voz levanto.

Mais sinceros, se bem que menos estrondosos, são os elogios que lhe fazem Belmiro Transtagano (Belchior Curvo Semedo) Corydon Neptunino, e sôbre todos Eurindo Nonacriense, cujo seguinte trecho não podémos deixar de transcrever; pois nos revela o amavel caracter de Lereno:

.... Unicamente
As virtudes pacificas me aprazem.
Tu ris, Lereno amado? E c'o meneio
Dos perspicazes olhos do semblante
Com que approvas o pensar d'Eurindo?
....
Sei que o mal te aborrece, o bem te enleia,
Que um coração te ha dado o Ser Supremo
Onde mil dotes candidos se acolhem.
....
Mas vejo, amavel Caldas, que te enojas
De tão comprida arenga, e que a sonora
Lyra tomando, que te afina Apollo,
Vás nella eternisar do grão Pombeiro,
Da illustre esposa virtuosa e bella,
Os claros nomes, meritos sublimes.
Da fresca Bellas, os amorosos troncos
Mover (que assombro!) vejo ao som divino.

Porém Caldas Barboza, apezar de sempre leal e consequente com seus amigos, teve por vezes o dissabor de não se ver correspondido. Chegou a ser íntimo de Bocage; mâs este poeta sacrificava os seus amigos ao prazer de exercitar sua innata maledicencia. Bem conhecido é o epigramma que compoz quando certo intrigante lhe foi dizer que se queixára Lereno dessa sua pessima qualidade:

Dizem que Fabio Beltrão
Em Bocage ferra o dente,
Ora é forte admiração.
Ver um cão morder na gente?

Além de ingratidões similhantes, que são duras de soffrer a uma alma candida e ingenua, como a de Lereno, viu este ainda em vida hostilisado e enxovalhado por invejosos da reputação exaggerada que o público lhe creára. Este resentimento de varios arcades contemporaneos ainda dominava Filinto quando ao desterro se incommodava de que applaudissem em Portugal

Os versinhos anões a anãs Nerinas
Do cantarino Caldas a quem parvos
Poem a alcunha de Anacreonte luso,
E a quem melhor de Anacreonte fulo
Cabe o nome; pois tanto o fulo Caldas
Imita Anacreonte em versos, quanto
Negro perú na alvura ao branco cysne.

Este juizo parece-nos apaixonado, e em parte contradictorio. O que é sem dúvida é que muitas composições de Lereno são sem merecimento, o que por fôrça devia succeder a quem muita vez compunha só por obsequio, e sem inspiração. Mâs algumas poesias ha suas que são bastantes para que os litteratos o tratem com consideração, embora se deva confessar que profundava pouco, sabía menos, não estudava, e tudo devia á natureza; pois como elle diz singelamente:

Versos me viram fazer
Por innato e doce tom.

Domingos Caldas Barboza terminou seus dias quasi ao mesmo tempo que o precedente seculo. Falleceu a 9

de Novembro de 1800 de uma rapida enfermidade que apenas lhe permittiu prover-se dos sacramento. Depois de ser depositado seu corpo n'uma capella que tem os Condes de Pombeiro dentro de um bosque no seu palacio da Bemposta, foi enterrado na igreja parochial dos Anjos, em cujo liv. a fl. 277 está lavrado o seu assento de obito, do qual devemos uma certidão á bondade da Exma. V. d'A. quando creança mui valida do nosso poeta, que a posteridade avaliará no justo termo que lhe cabe.

Segundo informações que obtivera o defunto conego Januario, Caldas Barboza nascêra no mar, vindo sua mãi d'Africa para o Rio de Janeiro. Esta informação cairia só por si diante das pessoas da familia de seu protector e do de J. Agostinho, que affirmam que elle era filho do Brazil. Mâs o proprio Caldas diz que, quando nasceu,

Por cima da infeliz choça
Gralha agoureira se ouviu.

o que dá a entender que nascêra em terra. Mais: continuamente está elle a confessar que é brazileiro, chamando-se até papagaio, e pelo seu genio nem se lhe importaria de apropriar-se o epiteto de orang-otang, que lhe dá o seu amigo Bocage. Descrevendo a Albano em versos soltos certas festas de Queluz, diz tratando do Principe do Brazil:

É mais do que teu...
Do throno portuguez, é inda herdeiro,
Mâs é principe já da patria minha.

E quem não conhece aquelles seus versos:

Nós lá no Brazil
A nossa ternura,
A assucar nos sabe,
Tem muita doçura.

E os chulos lunduns da *Nhánhásinha* e do *Charapim*, em que se lembra da *cuia*, do *angú*, do *quingombó*, da *malagueta*, do *mel do tanque* etc. etc.

Não abandonemos pois ao oceano cosmopolita a nacionalidade do bom fulo Caldas, que tanto se occupou do Brasil.

[Domingos Caldas Barbosa tem a data e o lugar de seu nascimento incertos. Teria vindo ao mundo em 1740, para deixa-lo aos sessenta anos de idade, no último ano do século; teria nascido no Rio de Janeiro, segundo deduziu o Autor, e não no mar, em viagem de seus pais de Angola para o Brasil, conforme admitiu o Cônego Januário da Cunha Barbosa, na biografia do poeta, — *Revista do Instituto Histórico*, IV, ps. 210/211.

Essa biografia e a que escreveu o Autor no texto supra, reproduzida na *Revista* citada, XIV, ps. 449/460 (com retrato), — eis tudo quanto se conhece sobre o poeta, famoso e interessante, por suas sátiras e suas cantigas, odiado por uns e estimado por outros. "Contra êle, diz Varnhagen, *Historia Geral do Brasil*, IV, ps. 362, nota, possuimos nós um poema heroi-cômico, intitulado *Caxorraida*, obra do Dr. José Botelho, de Vila Real."

Sua obra poética foi reunida na *Viola de Lereno*: *Collecção de suas Cantigas. Offerecidas aos seus Amigos.* — Vol. I. Lisboa: Na Officina Nunesiana. Com licença do Desembargo do Passo (sic). Ano 1798, in-8.º, VIII números. — Vol. II. Lisboa: Na Typographia Lacerdina. 1826, in-8.º. Com Licença. VIII números.

Essa coletânea teve recente edição na Biblioteca Popular do Instituto Nacional do Livro, n. XIV, in-8.º, 2 volumes, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1944. — R. G.].

Desafôgo do Estro

Já fatigado de forçar vãmente
Aferrolhadas portas do futuro;
Cançado de espreitar por várias fendas
O que o tempo por vir-me tem guardado;
Surgir vejo o phantasma do possivel,
Q'ora se apouca, e ora se agiganta,
Sinto o pavor, que vai calando as veias,
E aqui me prende o sangue, ali o agita;
Ah! quer de mim fugir minha alma afflicta!

Armania, Armania... timido eu clamava,
E os soluços a rouca voz cortando,
Só arma, arma... pelo ar soava,
E o echo o triste som ia alongando:
Não sei se mais me assusta a infeliz troca,
Que faz perder teu nome em minha bocca.

Mas graças a Morfêeo co'a plumbea vara
O meu corpo tocou, e as dormideiras
Espremeu nos meus olhos assustados:
Cerram-se frouxamente, á luz do dia,
E afracando-me os pés, falhando o passo,
Já na terra baquêa o corpo lasso.

Outra vez a Morfêo as graças rendo,
Q'arranjando a revôlta phantasia,
Faz q'em torno de mim ledos risonhos,
Voem alegres lisongeiros sonhos:
Vem com elles em placida mistura,
Vivificas voluveis esperanças:
Qual me mostra a abundancia bem de perto
Q'a mão estende, e sôbre mim entorna
O seu torcido cofre, nunca exausto;
Qual me faz ver q'o meu merecimento
(Quanto se alegra esta alma com tal vista)
Cresce de dia em dia, e vai subindo

Á sombra do alto throno, q'o escuda,
Aos raios que fulmina a ardente inveja.
Ah seja embora assim, sempre assim seja

Quem avalia a confusão q'eu tive,
Ao ver o lindo rosto da ventura,
Na sonhada phantastica figura?
Armania, Armania, viste-me risonho,
É q'eu vi a fortuna, mas foi sonho.

Pareceu-me que o templo seu me abria
Que tu a elle mesmo me guiavas,
Q'inclinando-se meiga, já me ouvia,
Q'á sua protecção tu me entregavas,
Q'a poderoza mão ella estendia,
E que de onde eu jazia, ella me alçava.
Já quasi entrava as portas da fortuna,
Eis subito se erguer vapor espesso;
Pâra aqui vou errado, ali tropeço.

Por entre a nuvem adiante opposta,
O templo eu vejo, as portas vejo abertas,
Lá vejo os bens, que pâra mim pedias,
Não é longo o caminho, o altar é perto,
Mas se Armania me deixa, eu não acerto.

Armania, Armania, acode-me: que monstro
De orelhas azininas, larga bocca!
Não tem, não tem mais horridos latidos,
O rouco ladrador das tres gargantas.
Cruel maledicencia, assim se avança,
Vomita em mim o infernal veneno,
Ó triste sorte do infeliz Lereno!

Os amores de feira

Librado sobre as azas
O deus de amor eu vi gyrar tres dias:
Desce ao Campo da Luz entra nas casas:
Com elle as inquietas alegrias
Os travessos prazeres,
Desasocegam homens, e mulheres.

Ora poisava em ariçadas tranças
Ora se vê a furto em olhos bellos
Semeando esperanças,
Que dão por triste fructo horriveis zelos
Ora em peito se esconde,
E ali existe, e não se sabe aonde.

No logar em que o povo compra, e vende,
Ali pretende amor ter lucro grande,
Subtis laços estende,
Nem algum ha que ali seguro ande,
Dão-se arriscados passos,
E eu vi a mais de cem cair nos laços.

Destra belleza ufana passeava
Turba immensa a seguia:
Com estudados gestos captivava,
E nunca se rendia,
A seus grilhões já presos
Vi muitos corações em vão acesos.

Martezia que de livre assim blazona,
E que tantos captiva
Por entre as ruas de baeta, e lona
Faz rabear a escrava comitiva,
E vai ao torpe bando
Desgraçados rivaes accrescentando.

Pendem d'um lado matizadas fitas,
Bordadas coifas, lenços mui galantes,
Várias plumas bonitas,
Lindas caixas, anneis extravagantes,
Com que o dêstro caixeiro
Faz do que pouco vai muito dinheiro.

De preparada cóncha a um lado alvejam
Pequenos corações com letras d'oiro,
Lem-se ali expressões, que se desejam.
Um acha o seu agoiro:
E numero infinito
Poupa em curto letreiro um longo escripto.

De um amphibio animal malhada casca
Dera os subtís anneis, que vende aos fios
Graciosa tarasca,
E os grosseiros bonecos d'assobios,
E as azues, e encarnadas charamelas,
E os molhos de perpetuas amarellas.

Já Martezia lá vai a recostar-se
Em certo mostrador, defronte eu fico;
Basta ella chegar-se
O pobre vendedor se torna rico:
Qual virtude eu conheço
Do que a ella lhe agrada sóbe preço.

Vãos peraltas lá vão em competencia,
Qual offertar-lhe a fita primorosa,
Que acceita por decencia;
Qual leva por offrenda graciosa
Um coração bem feito,
Tão fragil como o que lhe esconde o peito.

Esta volante, e frouxa bateria
Não póde inda rendêl-a;
E é falso amor, amor de zombaria,

O que se lê nos lindos olhos della:
E já Cupido irado
Tem digno vencimento destinado.

As magras bolsas dão o último alento.
E esta belleza invicta
Bem livre canta o proprio vencimento.
Fria isenção terriveis leis lhe dicta,
E astuta resistindo
Os deixou ir chorando, e ficou rindo.

Mas não zombes, cruel, que pouco tarda
A vingança d'amor,
A quem tua isenção não acobarda
Teme o teu vencedor,
Mil settas despontaste, mas espera
A que de Acrizio a prole já rendêra.

Fogosos brutos entre espuma envoltos
Duro freio raivosos mastigando
Param aonde os amorinhos soltos
Os virtuosos corações tentando
Escreviam attentos
A lista de futuros cazamentos.

Desce o moço Frondelio, então retine
O som das algibeiras
Não tarda que Martezia não se incline
Ás vozes lizongeiras
De oiro sempre suave,
Que ao peito sem virtude é propria chave.

Venceste, astuto amor, em fim venceste
Já Martezia delira,
Não fazem todos o que fez sô este,
A cruel já suspira,
Ao seu vil interesse é despresado
Mas alviçaras, amor, estás vingado.

Incautos moços, conhecei o engano,
E nelle contemplai o que eu contemplo,
E pâra o outro anno,
Lembrando o conto que vos dou d'exemplo,
Ninguem fiar-se queira
Em achadiços corações da feira.

Boas festas (1)

Eis-me a vossos pés prostrado,
Dai-me a beijar essa mão
Capaz de mudar meu fado,
E que em piedoza intenção
Me tem beneficiado.

Por ésta occasião, por ésta
Eu vos venho apparecer
Hoje com cara de festa,
Enfeitada do prazer,
Qu'entre esperanças me resta.

Felizes annos conteis,
Pedir ao ceo me compete,
E fazei vós, que podeis,
Me seja o de oitenta e sete
Melhor, que o de oitenta e seis.

Este o tempo, vós sabeis,
De cumpridas prophecias:
Tenho fé nas que fazeis,
Lembro mais, que estou nos dias.
Dos donativos dos rêis.

---

(1) Ao Arcebispo Inquisidor.

Mas temo uma má ventura,
Que tudo o meu me baralha,
E cruel talvez procura
Embrulhar-me na mortalha,
Tristes bens da sepultura.

Dai-me vós algum conforto,
Marcai mais curta ésta méta:
Q'ás vezes pondero absorto
Que já Camões o poeta
Foi feliz depois de morto:

Quizera que a real mão,
Que faz felizes as gentes,
Me tirasse de aflição:
E em quanto inda tenho dentes
Me desse da Igreja o pão.

E mais que o proprio sustento
Vai-me a honra interessada,
Porque haverá fraudulento,
Q'affirme, que não ter nada
É não ter merecimento.

Fôra o meu crime cantar,
Se isto crime póde ser!
Agora vou-me a mudar
De cantar para comer,
A comer para rezar.

E pois que o Senhor vos pôz
Onde me valhais assim:
Vá um ajuste entre nós:
Orai vós, e orai por mim,
E eu rezarei por vós.

Não quero ser mais extenso,
Boas festas vos agoiro;

E ao Misterio a que eu pertenço,
Fazei possa offertar oiro,
Q'eu só tenho mirra, e incenso.

Aos annos da condessa de Pombeiro

Hoje é dia de oblação,
E eu trago do meu tezouro
Coizas, que já raras são:
Valem mais que prata, e ouro,
Pedaços de gratidão.

Trago palavras, Senhora,
Q'offertar-vos: não duvido;
Ralhe o Mundo muito embora,
Q'expressões de agradecido
Não são de lançar-se fóra.

Mas disto não venho mal;
E se eu mesmo testimunho,
Q'ante vos ser grato val:
Da gratidão com o cunho
Trago muito cabedal.

Trago dos meus companheiros,
Os que vos servem commigo,
Q'ahi vedes prazenteiros,
Parabens de cunho antigo
Singelos, e verdadeiros.

Qual diz: que aos céus vos pediu,
E que do céo vos julgou,
Apenas vos descobriu;
Pois as que o céu vos doou,
Graças iguais nunca viu.

Qual vos viu entre as mantilhas,
E logo, em belleza, diz:
Que podieis dar partilhas,
E mostra que as repartís
Pelos filhos, pelas filhas.

Qual vos trouxe nos braços,
E qual pelas andadeiras
Vos teve em primeiros passos:
Qual conta as graças primeiras,
E pueris desembaraços.

Por todos se nota então
Quanto mais fieis crescendo
Ia crescendo a razão;
Mais, e mais apparecendo
Formozura, e discrição.

Trago entre tantos louvores
Com o toque da verdade
Agradecidos clamores,
De vozes de toda a idade,
Gentes de todas as côres.

Reparai bem no alvoroço
De mim, e de todos estes:
Reparai no aceio nosso:
Pâra tanto vós nos destes,
Quanto vêdes tudo é vosso.

Mâs aqui não pareis, não:
Veja o vosso entendimento,
Qual vem nosso coração,
Que traz agradecimento
Por cambio de gratidão.

Tomemos um tom mais alto:
Convem á honra do dia;
Saiba o Mundo que eu não falto,

Dando em signal de alegria
Até nos versos meu salto.

Dos outros disse até-aqui;
Agora de mim direi:
Que logo quando vos ri
Desde então presagiei
Cumpriu-se o que eu antevi,

Inda nas faxas honraste
Minha rude cantilena:
Já quando então me escutaste,
Sempre ao som da minha avena
Piedosos olhos voltaste.

A minha uzada amargura
Diminuir-se eu sentia:
Cuidei que era a formosura,
A cujo esplendor fugia
Minha feia má ventura.

Batia o meu coração,
Qual podia se expressava,
Elle me dizia então:
Qu'em vossos dias estava
Dos meus a consolação.

Quando na desgraça minha
José estancou meus ais,
Roguei ao céo, qual convinha,
Desse aos outros gandes mais
Almas, como a que elle tinha.

Ouve o céo meus gritos lassos;
Foi a minha voz ouvida:
Teceu estes doces laços,
Eis sua alma á vossa unida
Já nos dão dignos pedaços.

Possa a tão justa união,
Segura em doces affectos,
Respeitar do tempo a mão,
E os netos dos vossos netos
Recebam vossa benção.

Quando vai meu voto ardente
Revoando ao céo assim:
Sabe o Deos Omnipotente
Que não sois só pâra mim
Sois o bem de muita gente.

Portugal, que não se esquece
Do que dos vossos lhe vem,
E medita o que carece,
Pede comigo tambem
Q'é seu o mesmo interesse.

Nega-me o céo cabedais,
Qual seja a razão não sei;
Porêm como vós vivais;
Mais nada ao céo pedirei:
Vivei, não desejo mais.

Fragmento dirigido ao primogenito da dita condessa

Senhor, deveis escutar
Estes meus conselhos serios,
E n'alma os deveis gravar
É mais que ganhar Imperios
O sabel-os governar.

Nunca a discordia desuna
Nações, que a amizade enlaça,

Que nos obrigue importuna
A ser de outros a desgraça:
Ah! sêde a nossa fortuna.

Sêde dos servos que crescem
Amparo e consolação:
Honrai-os, que honra merecem.
Sêde arrimo e dai a mão
Aos que como eu envelhecem.

Sei que pouca perda vai,
Succedem outros a estes;
Porém um pouco notai,
Achaste-os quando nascestes,
Já serviam vosso pai.

E quando frôxos e lassos,
Para a vossa companhia
Não podérmos já dar passos,
Lembre-vos, senhor, um dia,
Que vos trouxemos nos braços.

Guardai em vossa lembrança
O que é digno de reter,
Que merece confiança;
E não é para perder
Uma servidão de herança.

Pois que o céo assim dispôs
A obrigação nos reparte:
Vivei, senhor, para nós;
E do mundo em qualquer parte
Nós morreremos por vós.

Lyra ao dito primogenito

Deixa qu'a lyra
Nas mãos eu tome;
E qu'o teu nome
Possa cantar:
Vai-te ensaiando
Desde pequeno
A ouvir Lereno
Por ti clamar.

Se um nome queres
Digno de glória,
E qu'a memória
O haja de honrar:
Tens os modelos,
Não busques mais,
Os dignos pais
Te hão de guiar.

Vai bem quem segue
Destes modelos,
Qu'os Vasconcelos
São de imitar:
Deixam-te a glória
Castellos-Brancos
Caminhos francos
Para trilhar.

Diser podia
Pasmosas cousas,
Que dos teus Sousas
Ha que contar:
Se eu chamo os seculos
Por testimunhas
Corrêas, Cunhas,
Ouves louvar.

Quando tu leres
A lusa história,
Tua memória
Tens que fartar:
Illustre Aonio,
Graças aos céos,
Podes dos teus
Lições tomar.

Se eu fosse proprio
Para ensinar-te,
Bem pouco d'arte
Tinha q'usar:
Basta mostrar-te
Dos teus o trilho,
Vai d'aguia o filho
O sol buscar.

Já sobre o Pindo
Eu me levanto,
Ouço alto canto
Teu nome alçar
Para escrevel-o,
Doiradas pennas,
Sábias Camenas
Vão preparar.

O céu vigie
Na tua idade,
E ésta verdade
Verás chegar:
Nos pobres versos,
Qu'off'reeer venho,
A honra tenho
De a annunciar.

Que é saudade? — (Fragmento)

Pois saber o qu'é saudade
Gentil O'Neile careces,
Vou talvez dizer-te um mal,
Que soffres e não conheces.
Dirão uns qu'é sentimento,
Que só portuguezes tem;
E qu'importa falte aos outros,
Vozes qu'o expliquem bem:
Mas eu, senhora, não quero
Illudir vossa grandesa:
Saudade — é nome qu'explica
Triste mal da naturesa.
Filha da cruel ausencia
É essa terna paixão,
Que se nutre de esperanças
No sensivel coração:
De lembranças e desejos
Tristemente acompanhada,
Punge e fere uma alma terna
Do amado separada.
Por exemplo — dividida
Da tua cara metade,
Toda essa falta que sentes,
Isso, O'Neile, é qu'é saudade
Em meio de mil prazeres,
Sempre ésta paixão é triste,
E a seu íntimo tormento,
Nenhuma coisa resiste:
Obriga a lagrimas tristes,
Obriga a sentidos ais,
Nem só humanos obriga,
Inda a brutos animais.
Ouve o saudoso gorgeio
Da amorosa philomella,
Quantas vezes te enterneces
Co'a triste saudade della:

O aureo collo entumecendo,
Arrullando o pombo afflicto,
Tenra esposa que lhe falta
Chama em seu saudoso grito:
Bravo, sanhudo leão,
A madeixa sacudindo,
Se a cara leoa prendem,
Os campos corre bramindo.
Traz estes males amôr,
Porém a doce amisade
Não deixa de ter tambem
A doença da saudade
Tu, qu'a memória tens cheia
De mil sucessos antigos
Escusas qu'eu te reconte,
Tristes, saudosos amigos.
Do teu Augusto Ricardo,
Te lembre a celebre história,
E vê do amigo saudoso
Qual seja a honrada memória:
Tambem de fido animal,
Que seu bom senhor perdeu,
Se conta que de saudades,
Junto ao sepulchro morreu
É de temer este mal,
O tempo o torna mais forte;
E em lhe faltando a esperança,
Bem depressa é mal de morte.
Basta, senhora: já sabes,
Qu'em fim saudade só é
O sentimento que um soffre
Quando o qu'estima não vê.
Tu, qu'onde quer qu'appareces
Causas amôr e amisade,
Terás dado (oh! não duvido!)
Motivo a muita saudade.

A Melancolia

Pastoras não me chameis
Pâra vossa companhia,
Que onde eu vou comigo levo
A mortal melancolia.
Coube-me por triste sorte
Eclipsada estrella impía,
Que em meus dias sempre influe
A mortal melancolia.
Logo ao dia de eu nascer,
Nesse mesmo infausto dia,
Veio bafejar-me o berço
A mortal melancolia.
Por cima da infeliz choça
Gralha agoireira se ouvia,
Que a meus dias agoirava
A mortal melancolia.
No meu innocente rosto
Quem o notava bem via,
Que em triste côr se marcava
A mortal melancolia.
Que fiz eu á naturesa,
Á fortuna eu que faria,
Para inspirar-me tam cedo
A mortal melancolia!
Da alegria ouço eu falar,
Mâs não sei que é alegria:
Nunca me deixou sabel-o
A mortal melancolia.
Se um anno triste se acaba,
Triste o outro principia:
Marca as horas, dias, mezes,
A mortal melancolia.
Sou forçado a alegre canto,
Faço esforços de alegria,
E occulto no fundo d'alma
A mortal melancolia.

Enxugo o pranto nos olhos,
Obrigo a que a bocca ria,
Pâra disfarçar comvosco
A mortal melancolia.

Não quero com os meus pesares
Funestar a companhia;
Que é uma peste que lavra
A mortal melancolia.

Se os seus bens me mostra a sorte
Móstra-m'os por zombaria;
Porque pâra mim só guarda
A mortal melancolia.

Sonhei que uma augusta mão
Venturoso me fazia:
Foi sonho — e fica em verdade
A mortal melancolia.

Fui abranger as venturas
Que o sonho me offerecia:
E despertei abraçando
A mortal melancolia.

Se um praser se me dirige,
Occulta força o desvia:
Só de mim se não separa
A mortal melancolia!

Ella me vai consumindo
De hora a hora, dia a dia;
Sinto-me ir desfalecendo
Da mortal melancolia.

O sangue vai-se gelando,
O coração se me esfria:
Fica em paz Armenia — eu morro
Da mortal melancolia.

Inda quando o frio corpo
Se envolver na terra fria,
Há de corroer meus ossos
A mortal melancolia.

Se acaso dura a tristeza
Dos numes na companhia,

Ali mesmo hei de ter n'alma
A mortal melancolia.
Sobre a minha sepultura
Que escrevessem eu queria,
Um epitafio em triumpho
Da mortal melancolia.
Lereno alegrou os outros,
E nunca teve alegria:
Viveu — e morreu nos braços
Da mortal melancolia!

Zabumba

Amôr ajustou com Marte
Vãos mancebos alistar,
Uns lhes dá trabalho honroso,
Outros os faz rir e zombar:
Tan, tan, tan, tan, tan, zabumba
Bella vida militar:
Defender o rei e a patria
E depois rir e folgar.

Toca Marte á generala,
Vai as armas aprestar:
Amor tem praseres dôces,
Com que os males temperar:
Tan, *etc.*

Ouço o rufo dos tambores,
Já dali toca a marchar;
Os adeuses são á pressa,
Não ha tempo de esperar:
Tan, *etc.*

Vai passando o regimento
E as meninas a acenar;

Vão as armas perfiladas,
Mal se póde a furto olhar:
Tan, *etc.*

A mochila que vai fofa,
Pouco leva que pesar;
Pouco pão e pouca roupa,
Mâs saudades a fartar;
Tan, *etc.*

A cidade que é de lona,
Vejo á pressa levantar;
Poem-se as armas em sarilho,
Vai a tropa descançar:
Tan, *etc.*

Vigilantes sentinelas
Vejo álerta passear:
Quem vem lá! quem vai! faça alto!
Sempre álerta ouço gritar:
Tan, *etc.*

Vejo alegres camaradas
Os baralhos apromptar;
Param, topam sujo cobre
A perder, ou a ganhar,
Tan, *etc.*

Dá-se um beijo na borracha,
Lá vão brindes a virar;
E co'a pública saude
Vai tenção particular,
Tan, *etc.*

Vem quartilho, vai canada,
Toca em fim a emborrachar;
A cabeça bambaleia,
Ali ouço ressonar:
Tan, *etc.*

Corre o que vigia o campo
Vem perigo annunciar:
Dobra ás armas, péga ás armas,
Dobra a marcha e avançar:
Tan, *etc.*

Uma brigada em columnas,
Marcha a outra a obliquar,
Os contrarios fazem cara,
Toca a morrer e a matar:
Tan, *etc.*

Já fusila a artilharia,
Sinto as balas sibilar;
Nuvens já d'espesso fumo
Vão a luz do sol turbar:
Tan, *etc.*

Ouço o bum, bum, bum das peças,
Vejo espadas lampejar;
Lá vão pernas, lá vão braços,
E cabeças pelo ar:
Tan, *etc.*

A batalha está ganhada
Vão o campo saquear;
Vem bandeiras arrastando,
Toca em fim a retirar;
Tan, *etc.*

Venha a nós — viva quem vence!
Quem morreu deixal-o estar;
E da patria no regaço
Os heroes vem descançar;
Tan, *etc.*

Os que salvam da peleja
Vem a amor as graças dar;

E em signal da sua gloria
Juntam flores ao cocar;
Tan, *etc.*

Os olhos que viram tristes
Vem agora consolar:
A saudade se esvoaça,
Torna a posse ao seu logar;
Tan, *etc.*

Vem familia, vem visinhos
Boa vinda festejar;
E da bocca gloriosa
Grandes coisas escutar:
Tan, *etc.*

Desde a veste, mostra o peito,
Quer sisuras procurar;
Mâs o tempo sarou tudo,
Nem signal se póde achar:
Tan, *etc.*

Que affrontou sempre os perigos
Gentil dama ha de escutar;
S'estimou guardar a vida;
É só pâra lh'a entregar:
Tan, *etc.*

Um merecimento novo
Tem de novo a apresentar,
Vem mais rico de esperanças,
Tem despachos que esperar:
Tan, *etc.*

Ha de ter a fita verde
De uma ordem militar;
Soldo em dôbro por tres mezes
Que a senhora ha de gastar:
Tan, *etc.*

Não credes, meninas nestes,
Não é certo o seu amar;
Costumados sempre á marcha
Até amam a marchar:
Tan, *etc.*

Retratos

Quero Lucinda
Bem retartar-te,
Se acaso a arte
Tanto pudér.
Finos cabellos
Em trança grossa,
Temo que possa
Pintal-os bem.
Dos lindos olhos
A luz tão viva,
Côr expressiva
Nunca eu darei.
Não tens nas faces
Jasmins e rosa,
Côr mais graciosa
Nas faces tens.
Todas t'a invejam,
E ha quem ser queira,
Assim trigueira
Como tu és.
Tão linda bocca
Graciosa e breve,
Ninguem a teve
Nem póde ter.
Quando tu mostras
Os alvos dentes,
Causas ás gentes
Doce prazer.
Vem por entre elles
Vozes discretas,

São de amor settas
Que ferem bem.
    Risos e graças
Não tem pintura,
Tanta doçura
Cópia não tem.
    Guardas no seio
De amor o encanto,
Mâs cobres tanto
Que não se vê.
    Se o gentil corpo
Quero imitar-te,
Desmaia a arte,
Tu bem o vês.
    Pobre Lereno
Vê que é loucura,
Deixa a pintura
Beija-lhe os pés,
    Neste retrato
Se acaso eu minto,
É porque pinto
Menos do qu'és.

    Não digo o nome
Da minha amada,
Que não tem nada
Que conhecer.
        Com tanta graça
        Não ha ninguem.

    Amor nos fios
Da loura trança,
Quantos alcança
Vai enlaçar.
        Mais prêso qu'eu
        Ninguem está.

    A luz dos olhos
Nunca se eclipsa,

Ali atiça
Seu fogo amor.
Não é tão bella
A luz do sol.

A côr das faces
Lindas formosas,
É a das rosas
Com os jasmins.
Outra nenhuma
Tem côr assim.

Guarda na bocca
As mais graciosas
Pedras preciosas
Entre rubins.
Que voz tão rica
Se fórma ali!

É cofre rico
O niveo peito,
Do mais perfeito
Mais puro amor.
Guard'a minh'alma
Que eu lá fui pôr.

Os pés mimosos
Com graças tantas,
São tenras plantas
São pés de flor.
Eu vou beijar-lh'os
Seja o que for.

Se acaso virem
A ninfa bella,
Que como ella
Não ha ninguem.
É essa mesma
Que é o meu bem.

SONETOS

Negras nocturnas aves agoiraram
Este funesto, malfadado dia!
Dia em que a triste idade principia
De um triste, que as desgraças bafejaram:
Quanto ha de mau, em duros nós ataram
Atropos, Cloto e Láchesis impía,
Que ésta nodosa vida estende e fia
Pâra males que ainda não chegaram.
Tocou-me o berço a mão cruel e dura
Da cêga e inconstante Potestade,
Que enche meus pobres dias de amargura:
Mágoas, desgostos, marcam minha idade,
Mâs esqueceu á minha má ventura,
Tirar-me o refrigerio da amisade.

Neste dia fatal — infausto dia
Nasceu ao mundo, mais um desgraçado;
E bem que pelas musas embalado,
Só para Melpomene é que nascia:
Quando a funesta aurora resurgia,
O lucido caminho achou turbado,
Negro vapor da terra aos céus alçado,
Veio empecer-lhe a alegre louçania:
Tres vezes trôa o céu, e do Cocyto
Soltou a inveja as viperinas tranças,
Soou da parte esquerda um rouco grito:
Ah! nasceste infeliz — e em vão te canças!
Lereno, já teu fado estava escripto,
Serão teu maior bem vãs esperanças!

Do seguinte epithalamio feito por Caldas nas nupcias de Antonio de Vasconcellos, Conde da Calheita,

e impresso avulso em Lisboa na off.regia typographica, em 1777, em 7 pag. de 8º, não tinhamos antes conhecimento. E aqui nos cumpre igualmente dizer que depois que publicamos a 2.ª ed. da biographia do mesmo Caldas no tomo 14.º da Rev. do Instituto Historico do Rio, tivemos occasião de ver (e de adquirir) a 1.ª edição do poema "A Doença", o qual não se deve considerar posthumo; por quanto dita 1.ª edição se publicou na mesma officina regia, no dito anno de 1777, em um folheto de 49 pag. de 8º. Nos quatro cantos deste poema, em rimas pareadas, ha pouco numen; para o que baste dizer que a Doença consistia em uns bem prosaicos tumores. Colhem-se entretanto neste folheto muitos esclarecimentos para a biographia do poeta. Deixando o Brazil aportou primeiro em Lisboa; passou depois á "frondigera" Barcellos, onde conheceu os dois Vasconcellos. Dahi "um acaso infeliz" o levou outra vez a Lisboa. Daqui, depois de soffrer miseria, passou a Coimbra, onde o novo trovador era ouvido com gosto, e em suas proprias mãos o Conde de Lippe lhe fez presente de seu retrato em agradecimento de uns versos que o mesmo Caldas lhe dirigiu. — Chegando a ferias viu-se de novo na desgraça, e um novo protector o trouxe a Lisboa; porém falleceu logo. No fim do canto 2.º decide Caldas a questão de seu natalicio, com estes versos:

"Por entre a gente, que a ouvir se ajunta,
Moço alegre rompeu, que lhe pergunta
Se é elle o mesmo Caldas brazileiro
Que tem por patria o Rio de Janeiro."

Daremos aqui tambem noticias da existencia: 1.º de uma 3.ª edição da "Recompilação da Historia Sagrada": é de Lisboa. — imp. de Alcobia, 1819; 2.º das duas

seguintes composições mui raras, de cada uma das quaes possuimos um exemplar, que devemos á generosidade do nosso amigo o Sr. J. C. Figanière.

1.º Descrição de Bellas (em prosa) Lisboa 1799 — 87 pag. 4.º.

2.º "A Vingança da Cigana", drama joco-serio de um acto, representado no theatro de São Carlos em 1794; 47 pags. 8º.

Epithalamio

Musas, favorecei meu doce canto,
Porque eu temo, que possa
Soster segura a voz, que aos Ceos levanto.
Musas, a empreza é vossa;
Nem podem os humanos fracos rudes
Cantar sem favor vosso altas virtudes.

Vós entoastes já suaves hymnos
Aos grandes Vasconcellos
Do vosso canto heroico sempre dignos;
Como illustres modelos,
Mostrastes suas inclytas façanhas
Á gente propria e ás nações estranhas.

Do immortal Martim o nome illustre,
Que conserva Lisboa,
Sem que o tempo lhe embace o claro lustre,
Calliope inda entoa;
E voa honrado nas sonoras rimas
Remotas regiões, remotos climas.

"Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos"
Quem não lhe cede em gloria?
Os outros, Clio, podes tu dize-los,
Que em verdadeira historia

Tens á futura idade transmittido
Os nomes dos que ao Ceo já tem subido.

Africa adusta timida se enfia
A ouvir o nome delles;
Inda lhe lembra triste o que algum dia
Soffreu das mãos daquelles;
Se Gonçalo, se Ruy inda vivêram
Tanger e Ceuta nos grilhões gemêram.

Renova o pranto, que soltou mais vezes
A chorosa Camena;
Mostra aos fieis e honrados Portuguezes,
João em Carthagena.
E o banido Luiz, cuja lealdade
Conserva a Catharina a magestade.

Não mais: conheço bem a estirpe rara,
De que Antonio nascêra;
Eu sei, com que altos troncos s'enlaçara,
Quantos a si trouxera:
Tu mesma, ó Gallia, sim, tu mesma o dize
Que vês florente a rama de Soubize.

Desejam muito as Lusitanas gentes,
Que mais heróes produza,
Com poucos frutos não estão contentes:
Revolvamos, ó Muza,
Os arcanos, se póde ser, divinos,
Vamos ao grande templo dos destinos.

Tu, que sóbes ás nitidas estrellas,
E com seguro passo
Vês o maravilhoso gyro dellas;
Tu, que em certo compasso
A carreira ao Sol medes ignorada,
Guia-me, Urania, á perigosa estrada.

Não de outra sorte aos ares se arrebata
De Jove a conductora:

Que largamente a vista se dilata!
E quão pequeno agora
Se offerece aos olhos quanto o mundo encerra!
Quão pouco me parece o mar e a terra!

Altos lugares só dos vates dignos,
A vós em fim eu chego;
Vejo a morada dos brilhantes signos,
E em tranquillo socego
Passeio a estrada, por que o Sol passeia
De mil estranhas maravilhas cheia.

Inda vôo mais alto; já no peito
O coração palpita:
Horror sagrado, divinal respeito,
O que vejo me excita:
Es tu, ó templo santo, onde eu procuro
Cantar ao Grande Antonio um louvor puro

Sobre redondas nuvens sustentado
Vejo o sacro edificio;
Cupido á porta vejo desvendado
No horrivel exercicio
De aguçar uma setta, mas tão linda,
Que igual não viram os mortaes ainda.

Senti abrir-se a porta refulgente,
E o carinhoso Nume
Provando na pequena mão contente
O afiado gume,
Entrou no templo, e eu entrava, quando
O destino lhe estava assim falando;

Ó filho da razão, ó Amor puro,
De poucos mortaes digno,
Á terra desce rápido e seguro
Cumpre a lei do destino;
Une por bem da gente lusitana
O termo Antonio á linda Marianna.

Cysis m'o pede, Lysia o necessita;
Voa, não te detenhas,
Assim consola a terra ha pouco afflicta:
A illustre Mascarenhas
Enlaça a Vasconcellos, e dos dois
Veja o mundo nascer novos heróes.

Dos estimaveis paes imitadores
Serão os filhos cáros,
Que hão-de a memoria honrar de seus maiores;
E dar exemplos raros
De valor, de justiça, de piedade,
Que façam pasmo á pressurosa idade.

Raio das densas nuvens despedido
Não desce mais violento,
Do que o modesto, alligero Cupido
Baixou; e em um momento
Feriu os dous co'a preparada setta,
Que faz nascer uma paixão discreta,

Casto Hymineo os corações lhes prende
Quando as mãos lhes enlaça,
Lucina ao longe a rubra faxa accende,
E uma e outra Graça
O leito nupcial alegres ornam,
Puros prazeres ao redor entornam.

Ouzei examinar, que aberta estava
A urna do Destino
Dos meus heróes o nome se guardava
Em cofre diamantino;
Do defensor de Dio, e de outros mundos
Mascarenhas em outro cofre juntos.

Bradou-me então a austéra Divindade,
E eu treinta escutando,
Vê, me disse, ó mortal, futura idade,
Que o tempo vai formando;

E eu vi, de doces alegrias
Tecer aos meus heróes ditosos dias.

Tu participarás (me continúa)
Destes dias ditosos:
Depende a sorte tua
Da mão benigna dos fieis esposos:
Canta, quem te segura
Dos insultos da hórrida ventura:
Ouça o mundo na Lyra Americana
Sempre os nomes d'Antonio e Marianna:
Mas eu não posso tanto,
Musas, favorecei meu doce canto!

PADRE ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS

PADRE ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS

A biographia dêste illustre cidadão, modelo dos ecclesiasticos e honra do pulpito, foi já escripta por um orador igualmente illustre (1), e por isso nesta collecção a daremos apenas em resumo, e quanto baste a fazer conhecer o poeta e o individuo.

Antonio Pereira de Sousa Caldas nasceu no Rio de Janeiro no dia 24 de Novembro de 1762. Sendo de compleição mui debil na idade de oito annos, seu pai que era um commerciante da mesma cidade, o mandou a Lisboa recommendado ao cuidado de um tio, negociante abastado, que, conhecendo nelle decidida vocação ás lettras, nada poupou pâra lh'a cultivar. Mandou-o, pois, a Coimbra, onde, começando a distinguir-se já nas aulas do curso de direito, já nas palestras com seus collegas, já em suas composições poeticas, foi apanhado pelos do Santo Officio, havendo quem diga que por *maçon*.

Remettido para Lisboa, foi por ordem do Govêrno e a empenho de seu tio, transferido pâra o convento de Rilhafoles, a fim de ser alli cathequisado por seis mezes. Os Rilhafolistas desempenharam de tal modo a sua mis-

---

(1) O Cônego Januario da C. B. — *Rev. do Inst. Hist. do Rio de Janeiro,* T. II, ps. 126. [Ps. 127/132, 2.ª edição].

são, que não só ganharam a affeição do joven cathequista, como talvez ahi lhe fizessem nascer a vocação pâra a vida ecclesiástica, que depois abraçou.

Saindo do convento fez uma pequena viagem á França, indo recommendado em Paris ao embaixador de Portugal, o Marquez de Pombal, filho. — Regressando a Lisboa seguiu á Universidade de Coimbra, onde concluiu com distincção sua formatura em direito.

Regeitando a carreira da magistratura, que se lhe offerecia, foi a Roma tomar ordens. A viagem que então fez pelo Mediterraneo até Genova, descreve elle em uma carta de prosa e verso a seu amigo João de Deus Pires Ferreira, que se acha impressa entre suas obras, e no *Parnaso Lusitano*, pelo que não a reproduzimos, apezar de ser um espelho do seu caracter. A pequena ode ao Creador ao entrar o estreito é digna do primeiro de nossos poetas sagrados.

Voltado a Lisboa depois de tomar ordens em Roma, não se demorou ahi muito; pois quiz ir ver sua patria e sua mãi. Estava outra vez em Lisboa, quando pela entrada dos Francezes regressou ao Brazil, donde nunca mais saiu.

Aqui começa verdadeiramente a melhor época da vida do Padre Caldas, ao menos aquella em que adquiriu mais glória, e patenteou seus talentos oratorios. Todos os domingos se apinhava o melhor da cidade pâra o ouvir no templo de Santa Rita, cujo pulpito elle escolhêra por estar junto da pia onde fôra feito christão.

Nas occasiões mais solemnes da côrte, nas festas maiores das outras igrejas, o Padre Caldas era sempre o prégador procurado.

Mâs pouco lhe duraram seus dias de glória. Debil de constituição e applicado mais do que ésta lhe permittia,

acabou desta vida aos 2 de Março de 1814, e foi enterrado no convento de Santo Antonio da mesma cidade. Foi bom amigo, homem probo e esmoler.

Suas poesias sagradas e profanas, que deixou pâra corrigir e publicar ao General Stockler, tambem poeta, têm mais nomeada por aquellas que por éstas; por isso mesmo que sua vocação o fez occupar-se mais das primeiras.

Publicaram-se em París em 1811, com mui importantes notas e comentos de Stockler; e em 1836 se deram á luz em Coimbra dois tomitos, em que não se contém as traducções.

Outras obras deixou, das quaes apenas se sabe o paradeiro, e algumas cartas em prosa no gôsto das de Montesquieu, que começou a publicar o Instituto do Rio de Janeiro.

[Poucos aditamentos comportam a notícia do texto e a biografia por Januário da Cunha Barbosa, *Revista do Instituto Histórico*, II, ps. 127/132. — Antônio Pereira de Sousa Caldas, filho de Luis Pereira de Sousa, nasceu no Rio de Janeiro; matriculou-se na Universidade de Coimbra, em Matemática, em 26 de outubro de 1778 (obrigado); formou-se em Direito a 3 de àunho de 1789, — *Estudantes Brasileiros na Universidade de Coimbra*, n. 164. Suas produções poéticas, de publicação póstuma, constam das:

— *Poesias Sacras e Profanas* do Revdm. Antonio Pereira de Sousa Caldas, com as notas e additamentos de seu amigo, o Tenente-General Francisco de Borja Garção Stockler, dadas á luz pelo sobrinho do defunto poeta, Antonio de Sousa Dias, Fidalgo da Casa Real. — Paris. Na Officina de P. N. Rougeron, 1820-1821, 2 tomos in-8.º. — Tomo I: *Psalmos de David*, LII + 409 pp.; tomo II: 246 pp.

— *Obras poeticas* de Antonio Pereira de Sousa Caldas, com as notas e additamentos de F. de B. G. Stockler. — Coimbra: Imprensa de Trovão & Comp., 1836, in-16, de 135 pp.

— *Poesias sacras* do Padre A. P. de Sousa Caldas. — Nictheroy, Typ. de Amaral & Irmão, 1850, in-16, de 87 pp.

— *Poesias sacras*... Nova edição para uso das escolas publicas da instrucção primaria do municipio da Côrte. — Rio de Janeiro, 1872, in-16, de 127 pp.

A *Revista do Instituto Histórico*, III, ps. 144/148 e 216/221, publicou duas cartas de Sousa Caldas, a primeira numerada como 48.ª, datada do Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 1812, e a segunda como 47.ª, datada de 7 de novembro do mesmo ano. Uma nota do Redator da *Revista* explica que Sousa Costa havia composto uma obra, à imitação das cartas de Montesquieu, a qual, levada para a Europa afim de imprimir-se, desgraçadamente se perdeu. Um sobrinho de Sousa Caldas, já referido, tinha conseguido copiar algumas das cartas do manuscrito original; suas cópias foram parar ao Instituto Histórico, que apenas publicou as *supra* mencionadas.

Sousa Caldas é patrono da cadeira n. 34 da Academia Brasileira. — R. G.].

Ao homem selvagem

Ó homem, que fizeste? tudo brada:
Tua antiga grandeza
De todo se eclipsou; a paz doirada,
A liberdade com ferros se vê prêza,
E a palida tristeza
Em teu rosto esparzida desfigura
De Deus, que te creou, a imagem pura.

Na cithara, que empunho, as mãos grosseiras
Não pôz cantor profano;
Emprestou-m'a a verdade, que as primeiras
Canções nella entoára; e o vil engano,
O êrro deshumano,
Sua face escondeu espavorido,
Cuidando ser do mundo em fim banido.

Dos céus desce brilhando
A altiva independencia, a cujo lado
Ergue a razão o sceptro sublimado,
Eu a ouço dictando
Versos jámais ouvidos: rêis da terra,
Tremei á vista do que ali se encerra.

Que montão de cadêas vejo alçadas
Com o nome brilhante
De leis, ao bem dos homens consagradas.
A natureza simples e constante,
Com penna de diamante,
Em breves regras escreveu no peito
Dos humanos as leis, que lhes tem feito.

O teu firme alicerce eu não pertendo,
Sociedade santa,
Indiscreto abalar: sôbre o tremendo
Altar do calvo tempo, se levanta
Uma voz que me espanta,

E aponta o denso véu da antiguidade,
Que á luz esconde a tua longa idade.

Da dor o austero braço
Sinto no afflicto peito carregar-me,
E as trémulas entranhas apertar-me.
Ó céus! que immenso espaço
Nos separa daquelles doces annos
Da vida primitiva dos humanos!

Salve dia feliz, que o loiro Apollo
Risonho alumiava,
Quando da natureza sôbre o collo
Sem temor a innocencia repousava,
E os hombros não curvava
Do despota ao aceno enfurecido,
Que inda a terra não tinha conhecido.

Dos férvidos Ethontes debruçado
Nos ares se sustinha,
E contra o tempo de furor armado,
Este dia alongar por glória tinha;
Quando nuvem mesquinha
De desordens seus raios eclipsando,
A noite foi do averno a fronte alçando.

Saiu do centro escuro
Da terra a desgrenhada enfermidade,
E os braços com que, unida á crueldade,
Se aperta em laço duro,
Estendendo, as campinas vai talando,
E os miseros humanos lacerando.

Que augusta imagem de explendor subido
Ante mim se figura!
Nu; mas de graça e de valor vestido
O homem natural não teme a dura
Feia mão da ventura:
No rosto a liberdade traz pintada
De seus serios prazeres rodeada.

Desponta cégo amor, as settas tuas:
O palido ciume,
Filho da ira, com as vozes suas
N'um peito livre não accende o lume.
Em vão bramindo espume,
Que elle indo apoz a dôce natureza
Da fantazia os erros nada préza.

Severo volteando
As azas denegridas, não lhe pinta
O nublado futuro em negra tinta
De males mil o bando,
Que, de espectros cingindo a vil figura,
Do sabio tornam a morada dura.

Eu vejo o molle somno susurrando
Dos olhos pendurar-se
Do frôxo caraíba que, encostando
Os membros sôbre a relva, sem turbar-se,
O sol vê levantar-se,
E nas ondas, de Thetis entre os braços,
Entregar-se de amor aos dôces laços.

Ó razão, onde habitas?... na morada
Do crime furiosa,
Polida, mâs cruel, paramentada
Com as roupas do vicio; ou na ditosa
Cabana virtuosa
Do selvagem grosseiro?... Dize... onde?
Eu te chamo, ó philosopho! responde.

Qual o astro do dia,
Que nas altas montanhas se demora,
Depois que a luz brilhante e creadora,
Nos valles já sombria,
Apenas apparece; assim me prende
O homem natural, e o estro accende.

De tresdobrado bronze tinha o peito
Aquelle ímpio tyranno,

Que primeiro, enrugando o trovo aspeito,
Do *meu* e *teu* o grito deshumano
Fez soar em seu damno:
Tremeu a socegada natureza,
Ao ver deste mortal a louca empreza.

Negros vapores pelo ar se viram
Longo tempo cruzando,
Té que bramando mil trovões se ouviram
As nuvens entre raios decepando,
Do seu seio lançando
Os cruéis erros, e a torrente impía
Dos vicios, que combatem, noite e dia.

Cobriram-se as virtudes
Com as vestes da noite; e o lindo canto
Das musas se trocou em triste pranto.
E desde então só rudes
Engenhos cantam o feliz malvado,
Que nos roubou o primitivo estado.

Sôbre o amor

Não foram, caro Sousa, as lyras de oiro
De Orpheo e de Amphion, que os leões bravos,
E os indomitos tigres amansando,
As cidades fundaram.

Embora finjam mentirosos vates,
Que as torcidas raizes desprendendo
As arvores anuosas, que os penedos,
Apoz elles correram.

Tu, só tu, puro amor, despir podeste
Da estupida bruteza a humana especie;
Só tu soubeste unir em firmes laços
Os dispersos humanos.

Sem ti insociaveis viviriam,
Nas escarpadas serras, embrenhados;
Ou nos sombrios, verde-negros bosques,
Em pasmada tristeza.

As fugitivas horas passariam,
Em languido lethargo submergidos,
Té que o pungente estímulo da fome
Lhes espantasse o somno.

Os singelos prazeres da amizade,
Prazeres suavissimos, só dados
Aos peitos generosos e sensiveis,
Provar não poderiam.

As sciencias, as artes sepultadas,
No seio da ignorancia inda jazeram;
Que inerte e frôxo a nada se atrevêra
Um peito enregelado.

As bellas Marcias, as gentís Lycores,
Em vão dos vivos olhos fusilaram
Accesos raios, com que audaz fulminam
Rebeldes esquivanças.

Suas vermelhas, engraçadas bôccas,
Em vão, meigos sorrisos soltariam,
Tingindo as juvenís, mimosas faces
De pudibundas rosas.

Anhelantes suspiros, brandas queixas,
Ternos agrados, carinhosos gestos,
Nada mover os peitos poderia
Dos animados troncos.

Dos risos e das graças rodeada,
Venus com farta mão não derramára
Em seus rusticos leitos brandas flôres,
Flôres que tu só colhes.

O gôsto de abraçar a cara esposa,
De se ver renascer nos doces filhos,
De educar cidadãos, nutrir virtudes,
Coitados! não sentiram.

Vira-se em breve co' volver dos annos,
Ermo de novo, o povoado mundo,
Té que do seio da fecunda terra
Outros homens brotassem.

Ah! crê-me, Sousa, amor, amor sómente
A vasta natureza vivifica:
Amor nossos prazeres todos gera,
Nossos males adoça.

O soldado animoso, que se arroja
Com brio denodado a expor a vida,
Em defesa da patria ameaçada
De inimigas phalanges;

Depois de haver soffrido longas marchas
Por aridos sertões, por frias serras,
Arrastando cançado os cavos bronzes
Nas pesadas carretas;

Depois de ouvir nas horridas batalhas,
Troando a furiosa artilheria,
Pelos ares silvar os ferreos globos
Que a morte envolta levam;

Depois de ver os rapidos ginetes
Atropelando os fulminados corpos
Dos caídos guerreiros, que em vão pedem
Vingança ou piedade,

Entre os braços da timida donzella,
Que amor lhe promettêra, prompto esquece
As passadas fadigas, os horrores
Da guerra sanguinosa.

O misero cultor, que industrioso
Do fertil seio da benigna terra
Faz abrolhar os preciosos frutos,
Que a vida nos sustentam,

Ou já soffra no frigido janeiro,
Em quanto o arado rege, os finos sopros,
Com que lhe tolhe os calejados dedos
O gelado *nordeste;*

Apenas desenvolve o denso manto
Sôbre a face da terra a noite amiga,
Se o repouso procura aos lassos membros
Na rustica morada,

Vendo a fiel consorte, que saudosa
Ao encontro lhe sae, e o caro filho,
Que, largando da mãi o doce peito,
Lhe estende os tenros braços,

Em ternura suavissima desfeito,
Que o casto amor no coração lhe entorna,
Contente já de sua humilde sorte
Bemdiz a Providencia.

Assim, ó Sousa, na fiel balança,
Onde a razão os bens e os males pesa,
Se vê que, sem amor, a vida humana
Sería insupportavel.

A creação

Já do tempo voraz se divisava
A ferrea, curva foice reluzindo;
Desapiedado, umas vezes meneava,
Outras vezes ao longe desferindo,

Em tôrno de si mesmo a agitava;
Quando o Numen potente
A cujo aceno o tempo audaz nascêra,
Fez retumbar a voz, que tudo impera;
Os abysmos do nada estremeceram
E ao Deus grande e clemente
Os possiveis tremendo obedeceram:
Atonito levanta a escura frente
O cahos rodeado
De confusão e horror: inda a belleza
Com pincel variado
Não ornava a recente natureza.

Tranquillas jazendo,
As ondas dormiam
Que a face cobriam
Do cahos horrendo.

Ao leve soprar
De um zefiro brando,
Vida vai cobrando
O languido mar:

Do vasto Oceano
No seio se encerra;
E a mádida terra
Deixa respirar.

A luz resplandeceu, e o firmamento
Que em denegridas sombras se involvia,
Mostrou formoso o seu soberbo assento:
De graças e esplendor se revestia
O magestoso dia;
Quando cheio de pompa o luzimento,
O sol rompeu nos ares, dardejando
De animante calor celestes raios.
Enternecido, triste sentimento
Magôa o rosto lindo
Da noite descontente,

Que a ausencia de Phebo luminoso
Assim terna annuncia:
Emtanto desferindo
Escassa luz em throno tenebroso,
Sôbre nuvens o sceptro reclinando,
A luz os céus e terras alumia.

Fulgentes estrellas
Nos céus resplandecem;
Na terra verdecem
Mil arvores bellas.

Os montes erguidos
Os valles retumbam
Ao som dos rugidos,
Dos feros leões.

Nas azas sustidas,
As aves revoam:
Nos ares entoam
Sonoras canções.

Ó terra! ó céus! ó muda natureza!
Transbordai de alegria: triumphante
Das entranhas do nada surge o homem:
Eis apparece; e a candida belleza
O sisudo semblante lhe ennobrece.
Seu magestoso porte
Soberano do mundo o patentea.
Gravada mostra n'alma a augusta imagem
Do Senhor adoravel
Que o immenso universo senhorea:
De sua pura carne se teceram
As meigas graças, que no rosto amavel,
Da mulher carinhosa,
Com suave doçura resplandecem.
Apenas a diviza transportado,
Tu és o meu prazer, que novo encanto
Eu vejo lhe dizia; e arrebatado
Em delirio amoroso,

Mil vezes em seus braços a apertava,
E todo o extenso mundo,
Por ella só, deixar pouco julgava.

Qual rosa engraçada
Que zefiro adora,
Terna e delicada,
Enredo de Flora:

Assim é mimosa
E linda a mulher
E o homem se gosa
Em se lhe render.

Qual grita entre as feras
Leão rugidor,
Derramando em tôrno
Gelido terror:

Tal se mostra o homem
Sôbre toda a terra;
Tudo rende e aterra
Em arte e valor.

O mundo era creado, e transluzia
Em toda parte o braço omnipotente,
Que fizera raiar a noite e o dia.
Da frígida semente
Outra vez novo ser se produzia,
Animada ao calor do sol ardente:
Tudo em vida fervendo parecia.
Virtude de crescer, multiplicar-se,
O animal que á fera
Impia morte soubéra sujeitar-se.
Então o Creador arrebatado
Em divino prazer, almo, infinito,
Olhou dos céus o livro sublimado
Que com as suas mãos havia escripto,
E assim falou: Ouvi cheios de susto,
Mortaes, a voz do Deus immenso e justo.

Os céus entoam
Minha grandeza,
Os seres todos
Juntos pregoam,
Por varios modos,
Do eterno ser
O incomparavel,
Grande, ineffavel,
Alto podêr.

A minha glória,
Homem, respeita;
Rendido, acceita
Meu mandamento:
Traze á memória
Que o firmamento
Por ti criei;
Que o mar e a terra,
E o que ella encerra
Tudo te dei.

Se me adorares
Com vivo amor,
E me offertares
Santo temor;
Por mim o juro,
Minha presença
Ao peito puro
Eu mostrarei,
E recompensa
Tua serei.

Mâs se quebrares
O meu preceito,
E sem respeito
O profanares,
Da morte fera
A mão severa
Tu sentirás.

E em vão gemendo,
No averno horrendo,
Me chamarás.

Á immortalidade da alma

Porque choras, Fileno? Enxuga o pranto
Que rega o teu semblante, onde a amisade
De seus dedos gravou o terno toque.
Ah! não queiras cortar minha esperança,
E de dor embeber minha alegria.
Tu cuidas que a mão fria
Da morte, congelando os froxos membros,
Nos abysmos do nada inexcrutaveis
Vai de todo afogar minha existencia?
É outro o meu destino, outra a promessa
Do espirito que em mim vive e me anima.
A horrenda sepultura
Conter não póde a luz brilhante e pura,
Que soberana rege o corpo inerte...
Não descobres em ti um sentimento
Sublime e grandioso, que parece
Tua vida estender além da morte?
Attenta... escuta bem... Olha... examina...
Em ti deve existir: eu não te engano...
Tu me dizes que existe... Ah! meu Fileno,
Como é dôce a lembrança
Dessa vida immortal em que, banhado
De inefavel prazer, o justo goza
Do seu Deus a presença magestosa!

Desperta, ó morte:
Que te detem?
Teu cruel braço
Esforça, e vem.

Vem, por piedade,
Já transpassar-me,
E avisinhar-me
Do summo Bem.

E queres que eu prefira
Humanos passatempos ao momento,
Em que raia a feliz eternidade?
Um Deus de amor m'inflamma;
E já no peito meu mal cabe a chamma
Que docemente o coração me abraza.
Eu vôo por elle: elle só póde
Minha alma, sequiosa do infinito,
De todo saciar: este desejo
Me torna saboroso
O calix que tu julgas amargoso.
Fileno, doce amigo, a mão estende,
A minha aperta: não te assuste o vê-la
De mortal frio já passada e languida.
Mais duravel que a vida,
É da amisade a teia delicada,
Se a virtude a teceu... Em fim, ó morte,
Tu me mostras a foice inexoravel.
Amarga este momento: eu não t'o nego,
Meu amante Fileno: a voz já prêsa
Sinto faltar-me; o sangue
Nas veias congelar-me; pelo rosto
Me cae frio suor; a luz mal posso
Das trevas distinguir; e suffocado
O coração desmaia.
Vem, immortalidade — vem, ó grande,
Sublime pensamento,
Adoçar o meu último momento.

Ó Nume infinito,
Que aspiro a gozar,
O meu peito afflicto
Enche de valor.

Suave esperança
De sorte melhor,
Quanto deste instante
Adoças o horror!

SONETOS

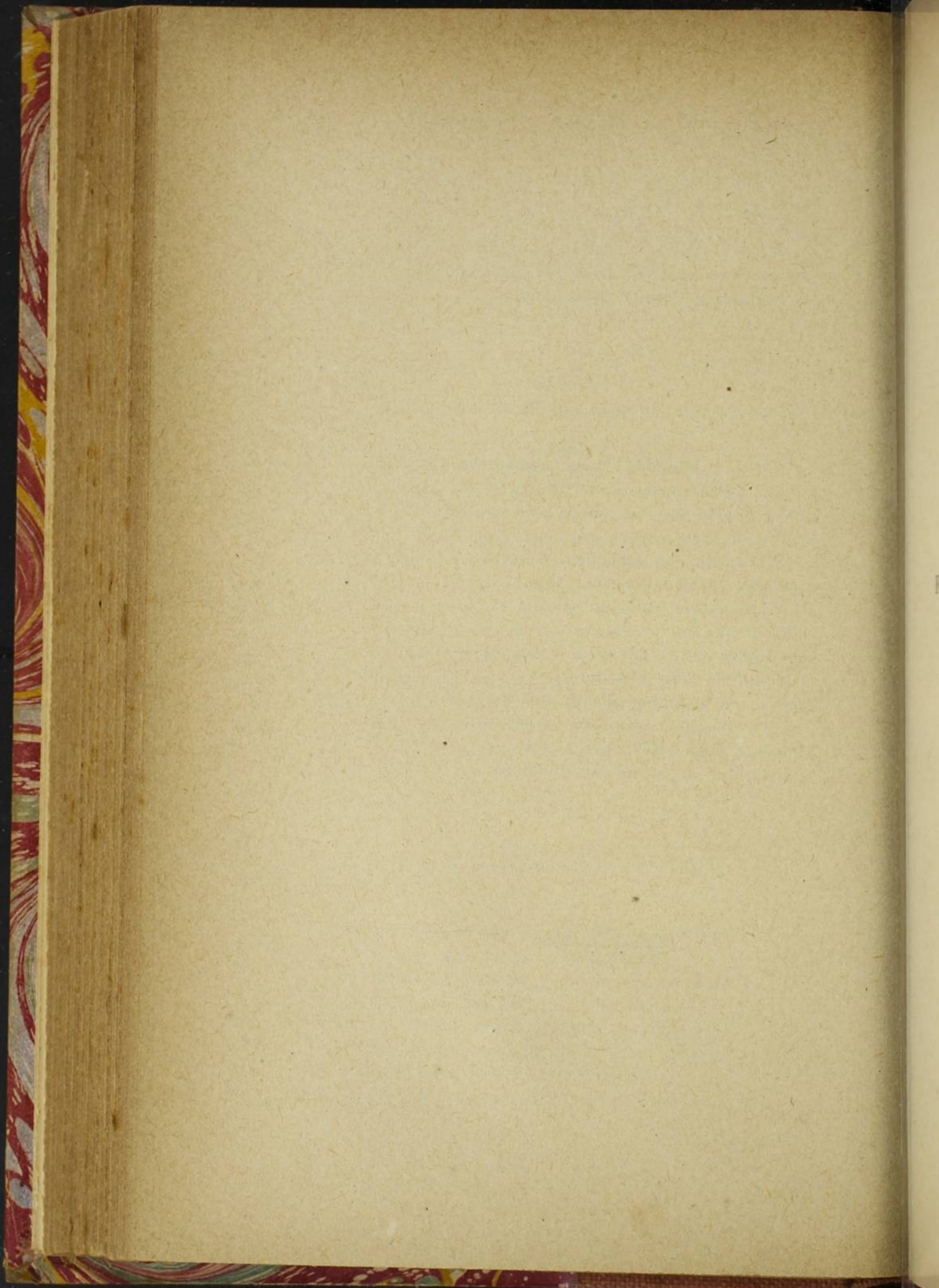
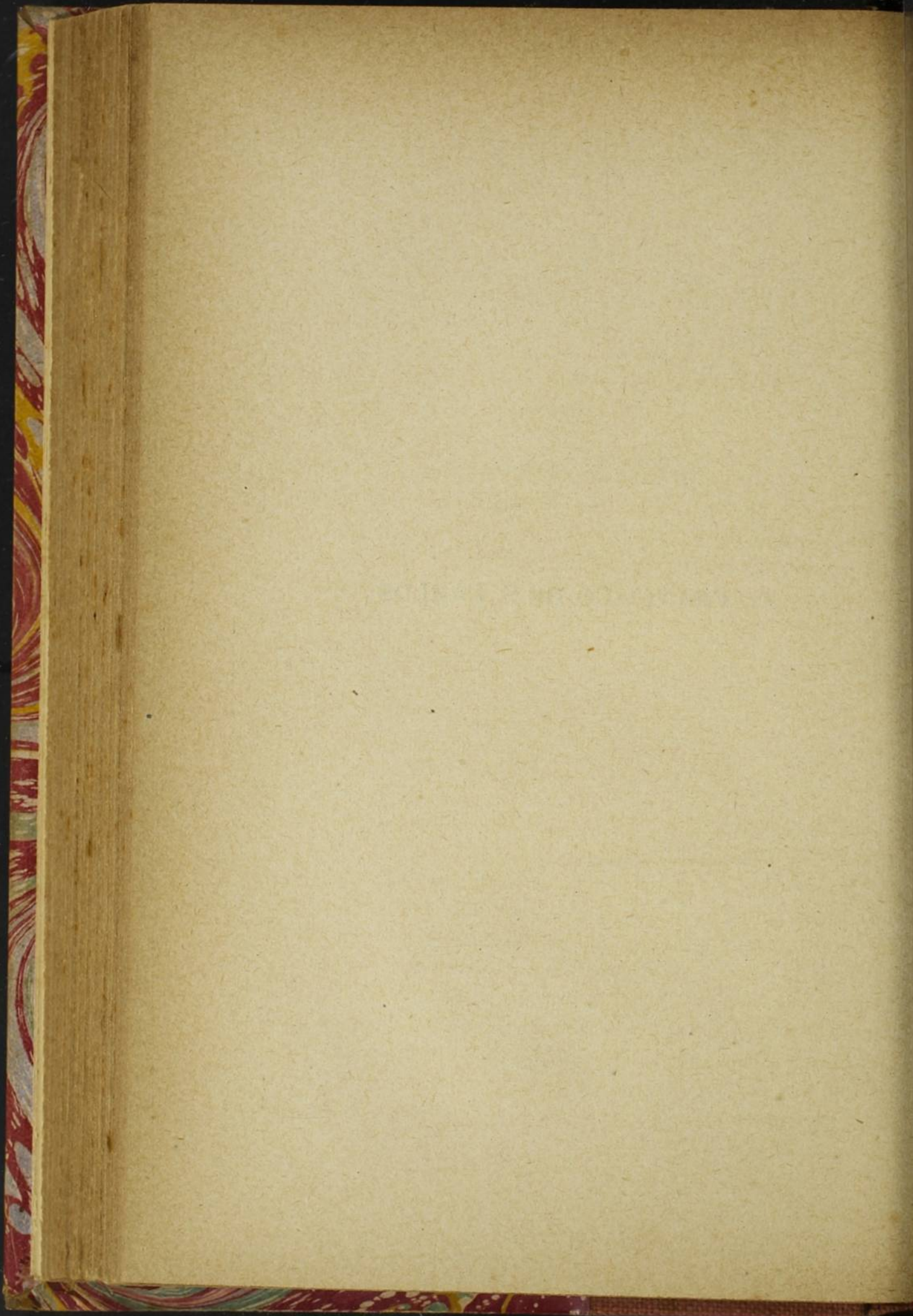
Oito annos apenas eu contava,
Quando á furia do mar, abandonando
A vida, em fragil lenho e demandando
Novos climas, da patria me ausentava.
Desde então á tristeza começava
O tenro peito a ir acostumando;
E mais tyranna sorte adivinhando
Em lagrimas o pai e a mão deixava.
Entre ferros, pobreza, enfermidade
Eu vejo, ó céus! que dor! que iniqua sorte!
O comêço da mais risonha idade.
A velhice cruel, (ó dura morte!)
Que faz temer tão triste mocidade,
Pâra poupar-me descarrega o córte.

Á immortalidade da alma

Sim, eu sou mortal. Bramindo espume
A maldade cruel; e desgrenhada
Morda-se embora, pois não póde irada
Extinguir da razão o vivo lume.
Crêde, caros amigos, não consume
Do tempo estragador a foice ervada
Esta viva faisca, que abrasada
Caíu do sôpro do Supremo Nume.

O justo sôbre a terra, aos céus erguendo
Os algemados braços, e o tyranno
Vício no throno com o pé batendo,
Fazem fugir o refalsado engano
Que em vão forceja, pâra ver gemendo
Da verdade o sisudo desengano.

Na presença de uma grande trovoada

Tremei, humanos: toda a natureza.
Do seu Deus ao aceno convocada,
Sôbre negros trovões surge sentada,
Em cruel furia contra nós accesa.
Do rosto seu escondem a belleza,
Medonha escuridade acompanhada
De abrazadores raios, e pesada
Saraiva que no ar estava prêsa.
Agora perde a côr de medo cheio,
O monarcha feliz e poderoso,
Que o vil orgulho abriga no seu seio.
Tu descoras tambem, atheo vaidoso,
E menos cego sem achar esteio,
A mão, que negas, beijas duvidoso.

Fr. FRANCISCO DE S. CARLOS

Fr. FRANCISCO DE S. CARLOS

A litteratura brazileira conta tambem uma epopêa sagrada. Tem por assumpto a assumpção da Virgem pelos anjos considerada na cidade de Epheso: tem por auctor um religioso franciscano reformado da provincia da Conceição do Brazil, Fr. Francisco de S. Carlos.

Nasceu este poeta sagrado no Rio de Janeiro em Agosto de 1763: no seu proprio poema se lembra elle de sua patria:

> Nas ribeiras do placido Janeiro,
> Presado berço meu, que fez a sorte
> Do aurifero Brazil o centro e a côrte.

Contava apenas treze annos de idade, quando, destinando-se á religião, entrou desde logo no convento de S. Boaventura de Macacú; e, seguindo seus estudos, professou quando teve idade, dando como noviço mostras de grande talento, e como religioso professo decididas provas de sentimentos religiosos e conducta exemplar. Como prégador se distinguiu tanto, que ao entrar dêste seculo foi nomeado professor de eloquencia sagrada, e quando ao Rio chegou a côrte, o escolheram pâra prégador da casa real. Não é como prégador que agora o temos que considerar: sua voz forte e clara, sua figura

nobre, e ao mesmo tempo expressiva, sua eloquencia facil, fecunda e accomodada aos assumptos, foram dotes que o fizeram considerar o primeiro prégador do Rio. Não lemos nenhum de seus sermões, e delles raros chegaram a imprimir-se; mâs a facilidade de sua eloquencia confirmâmos pela fluidez, pela expontaneidade de seus versos, viveza de suas imagens e colorido de suas pinturas, no poema que o fará immortal.

A Assumpção, em oito cantos, foi impresso em 1819. Parece incrivel como o poeta creador soube fertilisar com seu genio um assumpto que não o é, e que além disso estava já bastante tratado, para ainda sair-se delle seu auctor com tanta glória. Não que o poema se tornasse popular; em Portugal nem sequer o nome é conhecido; no Brazil apenas ha quem o lêa. Concorre pâra isso talvez menos a natureza das rimas pareadas, que infelizmente adoptou o poeta, e que, como elle mesmo diz, só advertiu demasiado tarde que causavam excessiva monotonia. Assim, quanto a nós, é um poema que ganhará muito se alguma vez chega a ser traduzido; pois é repleto de grandes imagens, cheio de episodios variados e descripções das belleza americanas, ás quaes o auctor teve o feliz pensamento de dar um justo logar no seu paraiso terreal.

Fr. Francisco de S. Carlos falleceu no Rio de Janeiro a 6 de Maio de 1829, e jaz no convento de Santo Antonio. Seu retrato se vê em uma estampa do frontespicio do poema, offerecendo à Virgem de joelhos este, que tem aberto na mão.

[Frei Francisco de São Carlos, no século Francisco Carlos da Silva, nasceu no Rio de Janeiro a 13 de agosto de 1763, batisado na freguesia de São José, filho de José Carlos da Silva e Ana Maria de Jesús. — Veja as biografias por J. M. Pereira da Silva, *Revista do Instituto Histórico*, X, ps. 524/542; por José

Tito Nabuco de Araujo, *Revista* citada, XXXVI, parte 2.ª, ps. 517/542.

Sua obra publicada consta:

— *Oração funebre recitada na Igreja da Cruz da Côrte do Rio de Janeiro, nas exequias da Senhora D. Maria I, Rainha Fidelissima do Reino Unido de Portugal e do Brasil, e Algarves...* Rio de Janeiro, na Impressão Régia, 1816, in-8º, de 24 pp.

— *A Assumpção; Poema composto em honra da Santa Virgem* — Rio de Janeiro, Imprensa Regia, 1819, in-8º, de VIII + 215 pp.

O poema teve segunda edição dirigida pelo Cônego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, Rio de Janeiro, Livraria B. L. Garnier, 1862, in-12 de XLIV + 271 pp. — R. G.].

America

....

"Além dos máres vejo, além das ilhas
Ah! que immenso paiz! que maravilhas!
Vejo um novo hemispherio, novos ares,
Outros céus, outros bosques, outros máres,
Aves estranhas, flores nos matizes
Diversas, das que vi nos meus paizes.
Pelo longo da costa demandando
As regiões austraes, debaixo estando
Do semicapro peixe, que é patente
Méta meridional do sol ardente;
N'um braço do oceano, que ali morre,
Pulquerrima cidade logo ocorre
De nobres eidificios; torreada
De bronze e revelins a augusta entrada.
Inda mais vejo ali, se não me engana
Em painel tão escuro a mente humana,
Que pela praça vai a generosa
Deipara em triumpho; e populosa
Companhia com tochas mil accesas
Parece celebrar suas grandezas.
Dizei-nos, nobre archanjo, o que isto intíma.
Pâra mim é mysterio, é tudo enigma,
Tudo sombras escuras, e tão densas
Que as azas da razão me tem suspensas."
O vasto continente que affigura
(Diz o nuncio do Eterno) ésta gravura,
É um grande paiz quasi deserto:
No trato ao mundo antigo inda encoberto.
Mâs em fim por um genio denodado
Será das densas trevas arrancado
Co'o soccorro da agulha e do astrolabio,
Novo invento subtil do engenho sabio.
Ó Ligure immortal, nesta ardua empreza
Tornaste a abrir a porta à natureza;

E obrigaste a adorar do mundo a gente,
Como de novo, a mão do Omnipotente.
    Que cythara tão doce, ou que profundo
Engenho poderia neste mundo
Uma parte cantar de tua glória!
Não mais, não mais blasono a antiga história,
As proezas do grego e do troiano;
Nem a fabula dêsse tão ufano
Pelos dôze trabalhos. Os seus feitos
Com os teus confrontados são defeitos.
Ou antes um pigmeu, ou uma aranha
Á vista do gigante, ou da montanha.
Por ti um grau de glória soberana
Recebe, e mais se exalça especie humana.
Nova serie de cousas eis que assoma,
E o orbe inteiro nova face toma.
Aplanadas dos golfos as passagens
Novos meios se abriram, mil vantagens
Aos tratos mercantís; e os bons talentos
Dictaram-se de luzes e de inventos.
Tocaste a méta da terraquea esfera,
Rasgado o véu dos se'los que a escondêra,
Então do Creador novos primores
Resplenderam, pregões dos seus louvores.
Que quando o seu saber mais patentea,
Delle nos cresce o amor, crescendo a idéa.
Em fim, mostrada em parte a naturesa,
Agora tu lhe expões toda a riquesa;
Mâs confessa, que a honra assim o ensina;
Que aprendeste os segredos e a doutrina
Dos bravos, dos affoitos Luzitanos,
Que primeiros traçaram-te os teus planos.
    É tamanho o paiz, tão vasto o solo,
Que se estende de um polo a outro polo.
Ali vegetam várias alimárias,
Varios troncos e frutas; flores várias.
Acham-se ricas pedrarias finas,
Oiro, prata e mil drogas peregrinas.
Os tres reinos aqui, que a opulencia,
E bazes são da humana subsistencia;

Em minas, animaes e vegetantes,
Tão uberrimos são e tão prestantes;
Que não resolve a sábia subtileza,
Pâra onde mais pendeu a natureza.
Cria tudo, que o mundo velho envia;
E o mais, que o velho mundo jámais cria,
Porque, como uma e outra zona apanha,
Produz Lieu, e a fructa d'oiro estranha,
No jardim das Hesperides nascida,
Por quem foste, Atalanta, já vencida.
E o caixo, que de Rhodes gera o seio,
Melhor tornado neste clima alheio.
Abrilhanta o ananaz, sanzona a pera,
E o pomo, que discordia já tecêra
Entre as deusas do Olympo no monte Ida,
Que fez Dardania em cinzas reduzida
Os dons da Ceres loira, em competencia
Co'os celeiros Egypcios na afluencia.
Quando o próvido Hebreu amontoava
Nelles o grão, que arêas igualava.
Além das farinaceas e das raizes,
Que os povos fazem fartos e felizes,
Que direi dêsse reino vegetante
Em dilatar a vida tão prestante?
Aqui colheita salutar descobre
O farmaco, em vigilias uteis nobre.
Rica mina por certo, grão thesoiro
De mais alto valor, que a prata e oiro,
E o lustre vão de pedrarias finas;
Do nume de Epidauro prendas dignas.
A palmachristi, a nova ipecacuanha
Do velho Dioscorides estranha.
Da cupaiba o oleo precioso,
Que vence a dor e o golpe mais p'rigoso.
Hervas, plantas em succos e virtudes.
Ferteis de vida, fontes de saude.
Encontram-se tambem tribus errantes
Nos bosques; que entre si belligerantes
Vivem de singular e estranho povo,
Que parece outra raça, germe novo.

Antropophagos são, que a tão sobido
Gráu de horror chega humano embrutecido!
Pintam o rosto seu mal encarnado
De verde, croceo, rôxo e encarnado.
E por fugir á vespa o corpo todo
De resinas agrestes, ou de lodo.
Tecer ignoram; mas as suas tellas
São as plumas das aves, côres bellas.
A vida passam em contínuas festas
De crapulas e danças inhonestas.

Rio de Janeiro

A cidade, que ali vêdes traçada,
E que a mente vos traz tão occupada,
Será nobre colonia, rica, forte,
Fecunda em genios, que assim quiz a sorte.
Será pelo seu porto desmarcado
A feira do oiro, o emporio frequentado,
Amplissimo ao commercio; pois profundo
Póde as frotas conter de todo o mundo.
Será de um povo excelso, germe airoso
Lá da Lysia, o logar mais venturoso.
Pois dos Lusos Brazilicos um dia
O centro deve ser da monarchia.
Alçarão outras no povrir da idade
Os trofeus, que tiverem por vaidade.
Umas nas artes levarão a palma
De aos marmores dar vida, aos bronzes alma.
Outras irão beber sua nobreza
Nos tratos mercantís. Tal que se préza
De ver nas suas scenas e tribunas,
Maior brazão, mais inclitas columnas.
Aquellas dos Timantes o extremoso
Pincel com estro imitará fogoso.
Muitas eerão mais destras no compasso,
Que as linhas mede do celeste espaço.

Mâs cuidar de seu rei, ser sua côrte,
Dar ás outras a lei: eis desta a sorte.
Gravaram do rigor de impostos novos
Os dynastas crueis a terra e os povos
Egypcios, por alçar maças estranhas,
Que tu, transpondo o leito, ó Nilo, banhas,
Fosse superstição ou só vaidade
Da fama dilatar por longa idade:
É certo que o sentiu o povo santo,
Que tanto ali gemeu por tempo tanto.
Hoje busca o viajor o immenso lago
De Mexis, e só topa um campo vago.
E se restam taes obras peregrinas,
São sobejos do tempo, e só ruinas.
Aqui, pelo contrário, pôs natura,
Por brazões da primeva architectura,
Volumes colossaes, corpos enormes,
Cylindros de granito desconformes
Massas, que não erguerão nunca humanos,
Mil braços a gastar, gastar mil annos.
Vêdes na foz aquelle, que apparece
Pontagudo e escarpado? Pois parece,
Que deu-lhe a providente naturesa,
(Além das obras d'arte) por defsa,
Na derrocada penha transformado
Nubigena membrudo; sempre armado
De face negra e torva; e mais se o c'rôa
Neve, trovões e raios, com que atrôa.
Que, co'a frente no céu, no mar os rastros,
Atrevido ameaça o pégo e os astros.
Se os delirios da vã mythologia
Na terra inda vagassem; dir-se-ía:
Que era um desses Alóidas, gigante,
Que intentou escalar um céu brilhante.
Que das deusas do Olympo namorado
Foi no mar por audaz precipitado.
E as deusas por acinte lá da altura
Lhe enxovalham de neve a catadura.
Do seio, pois, das nuvens, onde a fronte
Esconde, vendo o mar, até o horisonte;

Mal que espreita surgir lenho inimigo,
Prompto aviza e previne-se o perigo.
Por uma e outra parte ao céu subindo
Vão mil rochas e picos; que existindo
Desde o berço do mundo, e d'então vendo
Os sec'los renascer e irem morrendo;
Por tanta duração, tanta firmeza,
Deuses parecem ser da naturesa.
Ossos da grande mão, que ao ar saíram
Na voz da creação; e mal que ouviram
Que deviam parar, logo pararam
Nas fórmas e extensões, em que se acharam.
Que affiguram exercitos cerrados
De mil negros tipheos petrificados.
Ao resto sobresae co'a fronte erguida
Dos orgãos a montanha, abastecida
De grossas matas, de sonoras fontes,
Que, despenhando-se de alpestres montes,
Vem engrossar o lago da agoa amára
Do grão Netheroy, do Guanabara.
Tal a fabula diz, de Alfeo que o rio
Faz por baixo do mar longo desvio
Té Ortygia, em demanda de Arethusa,
Que abraçar-se com elle não recusa.

O Brazil, seus fructos e passaros

Então, Brazil, verá tua ventura:
O sec'lo d'oiro teu, tua cultura.
Pelas largas espadoas penduradas
Não te verão mais settas aguçadas.
Nem de pennas multicolôr textura
Teus braços cingirá, tua cintura,
Debalde o Caiman se pinte enorme
De rôjo a tuas plantas, qual o informe
Do Ichnéumon rival, que gera o frio
Em lodosos paúes septemphino rio.

Correu-se o pano á scena: roçagante,
Estellifero palio, auriflammante,
Desenho do primor, obra de custo
Adornará teu vulto baço e adusto.
Sceptro na mão terás, e na cabeça
Corôa, donde santa resplandeça
Com raios de rubis a cruz erguida;
A cruz, que é tua crença querida.
Os fructos de teus bosques, de teus prados,
Mais doces hão de ser; porque cantados
Dos tytiros serão na agreste avena,
Nas silvas resoando a cantilena.
O aureo cambucá, fructa que unida
Nasce à casca da rama: a denegrida
Jaboticaba doce que bem vinga
Nas frescas varzeas da Piratininga.
Vós tambem, ó alados, que em plumagens
Da filha de Thaumante sois imagens;
Vós sereis celebrados, que girando
Lindos jardins no céu andais pintando,
O psitaco loquaz, grossas araras,
Os loiros canindez de plumas raras:
O trombudo tucano, que no peito
A côr formosa traz, daquelle geito,
Que Daphne já trouxera nos cabellos,
Em crespos fios d'oiro rico e bellos:
A iraponga nivea, que nos montes
Arremeda em tinir sordidos brontes.
Os ceruleos sahís, e tambem verdes,
Onde tu, esmeralda, o preço perdes.
Os roseos colhereiros, e os vermelhos
Guarás, que pennas trajam sendo velhos
De escarlate, se bem que negros nascem,
Mâs quando as salsas conxas do mar pascem,
Rubras côres recebem tão sobejas.
Que tu, rei dos jardins, o cravo, invejas.
O raro carajoá, que grão thesoiro
Tem na gorja de azul, de rôxo e d'oiro.
Que beatifica os goytacaces prados
De sons angelicos, de mil trinados,

E a tuas margens ama, e as agoas liba
O sereno e austrino Paraíba.
E o thiê, que o murice escurece,
Com que a praia de Tyro se ennobrece;
E outras muitas, em fim, que são diversas
No canto e fórmas, pelo ar dispersas.

Provincias do Brazil

Tambem colonias mil serão fundadas
De praças e lugares: affamadas
Por nobreza e commercio; da maneira
Que qualquer julgará ser a primeira.
Da latitude austral no gráu trezeno,
N'um rico e fertilissimo terreno,
A primeira cidade o navegante
Saudará do mar, ninho importante:
Que no cume de um monte se sublima;
Qual o da aguia, que alturas tanto estima.
Mãi de nobres colonias, que algum dia
Serás o Soteropole Bahia
É daqui que tu, inclyto Janeiro,
Tomas o berço e o fundador primeiro.
    Assim matrona illustre, grave e annosa
Vê, prolifica em fructos gloriosa,
Cem filhos dos seus filhos desposados,
Esgalhos de um só tronco derivados.
Assim arvore exotica estimavel,
Que restou singular, inexgotavel
De si reparte garfos a milhares
Pâra mil hortas, pâra mil pomares.
Do porto seus baixeis empavezados
Irão cortando máres empolados
O paiz demandar fronteiro a este,
Por onde corre o Zaire, sopra o leste.

Conservando no seio em seu proveito
O oiro das nações: como tem feito
Antes de se abrazar, Tyro e Carthago:
Esta em Ausonio, aquella em grego estrago.

Subindo um pouco mais, verão Olinda
Surgir das ondas marcial e linda;
Cujos trofeus, com q'as Dunas se ennobrecem,
Em vão o leão fero das Asturias
Castigar jure belgicas injurias.
Inutil tentativa: vão refôrço
Só Olinda arrostar pôde a tanto esfôrço.
Ao resto do paiz, como engrenhadas
Matas tiver, cidades isoladas,
(Prosegue o Archanjo) e Amphitrite em meio,
Todo o ardil será vão, todo o bloqueio.
Se algum porto, ou logar for esbulhado,
Não será pelas hostes conservado.
Que tendo além dos máres a esperança,
Não soffre o instante mal menor tardança.

Mais acima a cidade se descobre
Em lares não humilde, em cópia nobre
Do arminho vegetal, da casca ardente,
Com que tu, Maranhão, és excellente.
Colonia que o Gaulez sagaz fundára,
E dos Brazís corrido não gozára.
Quando do Ebro seguia a infausta estrella
A princeza do Téjo, Lyzia bella.
Viuva de legitimos senhores
No jugo e nos grilhões de usurpadores.
Mas lá por onde a noite iguala o dia,
Linha equinocial na hydrographia,
Por último a cidade nobre impera,
Com o nome, onde o verbo à luz viera.
Bem sôbre a foz de um rio, que no mundo
É capitão das agoas sem segundo.
O Téjo, que já perolas da aurora
E hydraspicos máres houve outr'ora;
O Tybre, que nos giros, que rodêa,
Trofeus volvia, como agora arêa;

O Rheno, cujas margens se gloriam
Do rôxo nectar, que fecundas criam;
Á vista do Amazonas, representam
Quaes ramos sôbre os troncos qu'os sustentam.
Ó nautas, que contaes couzas tamanhas,
Vendo extranhos paizes, novas manhas,
Dizei ao morador do velho mundo,
Que n'outro um rio vistes tão profundo,
Que no seu vasto seio uma ilha aponta
Que tres vezes cincoenta milhas conta.
Paiz quasi ao desdem; até que um dia
Lhe imprima dextra mão nobre energia.
Analogo rival, quadro imitante
Do cheiroso terreno, do abundante,
Que o Indo réga, morador da aurora,
E o Ganges, cuja fonte em eden mora.
Aqui as plantações tão lindas crescem
Do extremo Chim, que indigenas parecem:
A estomacal raiz, acre e pungente;
A negra pipereira, o cravo ardente;
O muscado, odoriferante fructo,
De que as aves recebem grão tributo.
E aquelle, cuja amendoa cria massa
Da potagem balsamica, que passa
Em delicias o nectar delicado,
Dos immortaes nas mezas só brindado.
A canfora, antevermis precioso,
O áloes, o sandalo cheiroso;
E a salutar cortiça da canela,
Com que, Taprobana, és rica e bella.
Bem poderiam, pois, ser transplantadas
Estas substancias todas: trasladadas
Aqui vantagens taes; e dêste geito
Mais profícuo o Brazil, de mais respeito.
Quem ouzára affrontar golfos tão altos,
Expondo o peito a tantos sobresaltos?
Quem ver quizera a horrenda catadura
Do gigante, ao presente rocha dura;
Tendo aqui lastro prompto, fresco e certo,
Por mar mais social, rumo mais perto?

Voltando ao Austro, os bosques senhorea
A illustre povoação de Paulicea;
Aprazivel logar, cuja campanha
O Tamandatay cercando banha.
Cujos alumnos fortes e briozos,
Rios transpondo, montes escabrozos,
Atropos insultando e os seus perigos
Sem rotina segura, sem abrigos,
De pantheras e serpes assaltados,
E do indigena bruto; em fim cançados
Darão com terras pingues e abundantes
Das veias d'ouro ricas e diamantes.
Aquelles que furando o peito duro
De triplicado bronze, o mar escuro
De Helle na aventureira faia arando
Voltam de Colcos ledos, transportando
D'oiro a lã; não disputem as conquistas,
Que hão de tentar os inclytos Paulistas.
Contigua a ésta terra, a terra péga
Do metal, que a fortuna a muitos nega.
Tudo quanto de Ophir se tem falado
E de riquezas d'ouro exaggerado;
Em gráu aqui se encontra tão sobejo,
Que póde terminar qualquer desejo.
Nunca tamanhas, tão exuberantes
Cópias de metaes finos e diamantes
Em cofres eclipsaram chapeados
Da riqueza os heroes: nem celebrados
Senhores foram já de tanto preço,
Atalo em Pergamo, e na Lydia Cresso.
E se nada exaggero ou dissimulo,
Em vão se aggrave contra mim Luculo.
Descendo a costa um pouco ao meio-dia
A Ilha Linda se verá que um dia
Nomeada será florente e culta
Da illustre Martyr que o Sinai sepulta.
Por quem a antiga Grecia esquecêra
De Chipre, Chio, Samos e Cithera.
Em fim nas margens da um soberbo rio,
Quasi termino austral do senhorio

Luso; em gentís e deleitosos prados
Dos dons da flava Ceres lourejados;
Ficará Portalegre, cujo nome
Natura deu-lhe, que ninguem lh'o tome.
E tu, inclyta villa da Victoria,
Que já em teu nome ostentas tua glória:
Não penses que de ti se esquece a musa,
Que o merito exaltar jámais recusa.
Tu erguste soberba os teus pavêzes
Contra o Belga e o Tamoio muitas vezes.
Tu abundas de aromas e resinas,
E, o que é louvor, de mentes peregrinas.
Mâs se algum contradita quanto allego
Venham vingar-te as muas do Mondego.

Cultos á virgem: a Igreja da Glória do Rio de Janeiro

A bella estatua, que com bello arranjo
Sôbre aureos serafins (prosegue o archanjo)
É levada entre a turma, que abrazada
De amor, laudes lhe rende em voz alçada;
Já mostra que será da vencedora
Do Erebo a cidade grão cultora.
E é por ésta razão, e é neste intento,
Que mereceu aqui distincto assento.
Ella fará subir à clara esfera
Em seu nome trofeus, onde a arte impera.
Soarão pelos lares e nas ruas
Hymnos mil, e canções em glórias suas.
Não vêdes acolá como apartada
Colina, ora de silvas eriçada,
Ninho de serpes, placida guarida
De feras? Será então no cume erguida
Casa à Virgem, mediocre na altura,
Mâs no risco primor de architectura,

Que ostentará por timbre de memória,
O título pomposo desta glória.
Trofeu, que inda será, da piedade
Do trato mercantil desta cidade.
Celebrarão a volta deste dia
Nella os povos com fogos de alegria.
Por marmoreas escadas a subida
Conduz ao alto e ao portico da ermida.
Sôbre lagedos de granito em quadro
Descança a baze, que ali tem um adro.
Dos lados peitorís; descanço e meio
Dos olhos pastearam seu recreio.
Situação risonha, sobranceira
Ao mar, entre a vaidosa cordilheira
De rochas e de serras mil erguidas,
De palmas e arvoredo abastecidas.
Oh! que novo fulgor! Oh! que serena
Luz innunda e abrilhanta a rica scena!
De piedade inuzitado exemplo
Eu vejo, eu vejo neste augusto templo.
Este dia, Brazil, com typos d'oiro
Transmittam teus annaes até o vindoiro.
Marcha a pompa dos nobres e senhores,
Brilha o oiro, o ostro e os seus primores.
Entre todos levanta o magestoso
Collo o Principe, qual ergue frondoso
Plátano a verdejante copa ingente
Sôbre a vergontea debil. Eis que contente
Vem ao templo offertar com fé que espanta,
A nova Imperatriz dos céus a planta
Bragantina Dicando agradecido
Aquella, por quem tinha recebido.
Arde a panchaia, sóbe o odor aos ares
Descança a linda offerta nos altares.
Entre as grympas da torre ao céu erguidas
Festejam bronzeas boccas retangidas.
A vária côr purpurea das bandeiras
Nutre os olhos, das vistas mil fagueiras.
Rebomba pelo espaço do oceano
Em crebreas explosões rouco Vulcano.

Sobem votos de amor ao céu propício
Porque ria de cima ao natalício.
Clama o povo, e no longe os arredores
Vão repetindo os eccos dos clamores.
Em fim tudo é festivo e prazenteiro
Nas venturosas ribas do Janeiro.
Aqui nautas virão cumprir o voto,
Trazendo em hombros o velacho roto:
Co'a roupa mal enxuta, inda assustados
Dos euros e escarceus encapellados.
Virão tambem romipetas, trazidos
Da devoção, de offertas opprimidos
Assim que por tal fé, tão extremada,
Bem podéra ésta praça ser chamada
A cidade da Virgem; bem como ella
É cidade de Deus risonha e bella.

Civilisação da Capital do Brazil

E tu, fausto logar, que inda algum dia
Nobre assento serás da monarchia;
Tu que já fôras inclyto e florente
Nas artes, na riqueza e illustre gente;
Escuta agora os dons esclarecidos,
Que a ti do céu estão apercebidos.
Verás soberbas filhas do oceano,
Prenhes de rico pêso, que cada anno
Feudos te pagarão das ricas têas
Das plagas orientaes, das europêas.
Verás do reino physico aclarados
Seus segredos, té-li não revelados,
Madeiros de fabrico primorosos,
Cascas de tintas, oleos preciosos,
Tintas rezinas, massas e perfumes
Que ora desprezam barbaros costumes.

E outras mil raridades descobertas,
Reduzidas a classe e a regras certas.
Thesoiros a meu ver, mais importantes,
Do que teu oiro, do que teus brilhantes.
    Verás brilhar as artes, florescendo
Novos inventos: máquinas nascendo:
O prêmio honrado do talento e zêlo,
E este o premio a honrar com merecê-lo.
Respeitando o cinzel dos Praxitelles,
Com lettras de nobreza a arte de Apelles.
Verás das santas leis ao doce abrigo
Da donzella o thesoiro sem perigo.
A orfã lacrimosa consolada,
A viuva de insultos resguardada.
Do avido tutor o desvalido,
Innocente pupillo protegido.
Verás, verás, então, com grande lustre,
Renascer do teu seio prole ilustre:
Nova raça de heroes, bravos guerreiros
Dos heroes da nação filhos e herdeiros.
Rivaes dos Magalhães, rivaes dos Gamas,
Que farão renascer as lusas famas,
Que farão respeitar a patria cara,
Tornando-a por seus feitos grande e clara.
Levando, a ser preciso, o fogo e a guerra
Á ilha mais longiqua, aos fins da terra.
Verás do santo culto a lei sagrada
No último explendor depositada.
Ao céu subir sagrado, puro incenso,
Por mãos mais puras, dado ao Deus immenso.
O santo sacerdocio irreprehensivel,
O templo venerando, o altar terrivel.
Que todos estes bens em fim se esperam,
Quando as virtudes n'um logar imperam.
Verás... mâs ah! não quer o céu qu'a humanos
Eu revele inda mais os seus arcanos —..

MANOEL JOAQUIM RIBEIRO

MANOEL JOAQUIM RIBEIRO (1)

Ao Conde de Sarzedas

Á sombra de um alto freixo,
Quando o sol cresta as boninas,
Almeno a sésta passava
Em uma selva de Minas.

---

(1) Nenhumas noticias possuimos dêste poeta, mais que, sendo professor regio de philosophia em Minas, *mandou* ao publico, debaixo dos auspicios do ex-governador daquella provincia Bernardo José de Lorena, conde de Sarzedas, as suas *Obras Poeticas,* as quaes se imprimiram em 1805 na impressão régia em Lisboa em um tomo de 109 paginas de 8.° De algumas dellas se vê, que o poeta já conhecia as lyras de Dirceu, que alguma vez quis imitar.

[Manuel Joaquim Ribeiro nasceu em Portugal, na segunda metade do século XVIII e viveu em Minas Gerais; alí faleceu depois de 1831. Publicou:

— *Obras poeticas,* que debaixo dos auspicios do Illmo. e Exmo. Sr. Bernardo José de Lorena, Conde de Sarzedas, ex-Governador da Capitania de Minas Gerais, manda ao publico... — Lisboa, 1805, in-8°, de 109 pp. (Tomo 1.°).

— *Obras poeticas,* que debaixo dos auspicios da Illma. e Exma. Sra. D. Maria Magdalena Leite de Oliveira, manda ao publico... — Lisboa, 1806, in-8° de 141 pp. (Tomo 2°).

No *Patriota,* do Rio de Janeiro, tomo 2.° (1813) e 3.° (1814), foram publicadas duas odes pindáricas de sua lavra; de publicação em avulso sairam duas orações suas, Rio de Janeiro, 1822 e 1823. Na *Revista do Instituto Histórico,* LX, parte 1.ª, ps. 371/373, lêem-se seus versos *Á feliz e venturosa chegada de Suas*

Seu gado junto de um rio
Que mansamente corria,
Por entre frescos arbustos
Um brincava, outro dormia.
Pêlas folhinhas dos ramos
Brandos zefiros trepavam,
E suaves dormideiras.
Sôbre o pastor espalhavam.
Morfeu, que escondido estava
Entre o seu cabello loiro,
Pouco e pouco lhe estendia,
As suas algemas de oiro.
Té que sôbre a relva molle
Na dextra mão encostado,
Uma aura doce o prendeu
Em que ficou sepultado.
Ledos sonhos voadores
Junto ao rosto lhe adejaram,
E lindos paineis brilhantes
Na idéa lhe pintaram.
Então sua fantazia
Batendo as azas de fogo,
A bella por quem suspira
Presente lhe trouxe logo.
Elle viu a sua Jonia
Ir após do manso gado,
Duas brancas ovelhinhas
Levando junto a seu lado.
"Estas ovelhas, que estimo,
Como estimo o claro dia,
São pâra o meu doce Almeno,
A pastora assim dizia.
"Eu lhe apanho a branda relva
Pêla minha própria mão,

Magestades Imperiaes a esta Imperial Cidade de Ouro-Preto, em o sempre memoravel dia 22 de Fevereiro de 1831.

Era presbítero secular e cavaleiro da Ordem de Cristo.

— Conf. Afrânio Peixoto, *Noções de História da Literatura Brasileira*, ps. 173, Rio de Janeiro, 1931. — R. G.].

Descançam no meu regaço,
De mim sempre junto estão,
"Mil vezes já me tem dito
Quando está no meu casal,
Que ama e respeita em extremo,
Ao nosso maioral.
"As virtudes e as graças,
Ornaram tanto a Lorena,
Que me é tão grato, dizia,
Como a tua face amena.
"Estas ovelhas, que imitam
A alvura da branca neve,
Talvez, qu'em signal de affecto
O meu Almeno lhe leve.
"De várias, cheirosas flores
Uma capella virente,
Ali guardo preparada,
Pâra lhe elle ornar a frente.
"Tomára que já crescessem
Os medronhos rubinsados,
E os rôxos muscateis
Estivessem sasonados.
"Estes sestinhos de juncos,
Que ornam pintados amores,
Almeno os levára cheios
Todos cobertos de flores.
"Eu bem sei que nada valem
Nossos rusticos presentes,
Mâs sua alma bem conhece,
Que são brindes innocentes.
"Se dar-lhe todo o meu gado
O meu Almeno quizera,
Como dou éstas ovelhas
De boamente lh'o dera.
"S'eu vira, que o meu Almeno
Deixava de ser pastor,
E que n'umas ricas minas
Dominava, era o senhor...
"Qu'em cintados cofres tinha
Guardadas pedras brilhantes,

Braçados de barras de oiro,
Mãos cheias de diamantes...
"Tudo, Almeno, tu lhe deras,
Qu'eu sei o teu coração;
Mâs que ha de ser, s'inda tens
De pastor a condição.
"Pêlo affecto que te guarda
Esta alma de que és senhor,
Vai, meu Almeno, vai dar-lhe
As prendas do meu amor.
"Dá-lhe as brancas ovelhinhas,
Dá-lhe a capella tambem...
Mâs, que menino gentil
Pâra aqui andando vem?
"As loiras, compridas tranças,
De rosas traz ennastradas,
Nas suas faces de neve
Vem as papoilas pintadas.
"Lá no hombro lhe diviso
Aurea aljava, estar pendente:
Acaso será cupido?
Esse deus que fere a gente?
"Que fazes aqui menino,
Tão só por entre éstas brenhas?
Não temes que de hirtas feras
Tu pasto a ser lhe venhas?"
"Não temo... amor lhe tornou:
Nas armas que vês comigo,
De quem quizer offender-me
Eu trago prompto o castigo.
"Minha mãe, que em Chipre mora,
Como tu, formosa e bella,
Te manda por mim dizer,
Que Lorena é cousa della.
"Junto ás aras qu'elle occupa
Do prazer no templo ameno,
Prata, oiro, diamantes,
Qu'ella tem, dirás a Almeno.
"Que Lorena tem uma alma
De regio sangue animada,

E que de humildes pastores
Estima o amor, mais nada.
"Essas brancas ovelhinhas,
Que pâra Almeno destinas,
Venus manda que as não leve
Ao maioral de Minas.
"De teu affecto, extremoso,
Que as guarda sempre em penhor.
Dir-lhe-has, pastora, do qu'ésta
Foi a vontade de amor."
E logo as azas batendo
Nos leves ares subia,
Em tanto Almeno gritava
Vendo que amor lhe fugia.
"Suspende, Jonia adorada,
Suspende, detem amor..."
E neste bradar afflicto
Acorda o pobre pastor.
Olha a um e a outro lado,
Mede a solitaria selva,
E apenas vê seu rebanho
Pastando na branda relva.
Neste sonho, que a idéa
Lhe pintava verdadeiro,
Conheceu Almeno que,
Nem dormindo, ha gôsto inteiro.

Que fará o meu bem, a minha Jonia,
Os meus lindos amores,
Depois que os resplandores
Dos seus olhos deixei, mais as campinas
Das aureas, ricas Minas!

Inda o pranto, que ardente as faces rega,
Verterá por Aulindo?
Inda estará sentindo
Aquelle vivo golpe, activo e forte,
Que quasi a pôs à morte?

Ah! quem podéra agora meigo e terno,
Aperta-la em meus braços,
Depois contar-lhe os passos
Que já dei, desde a hora denegrida
Da nossa despedida.

Dir-te-ia, sim, meu bem, dir-te-ia o como
Trespassado o meu peito,
Senti da dor o effeito,
Quando nas mágoas e transportes meus
Te dei o último adeus.

Quando nos longos, espaçosos mattos
Por onde caminhava,
Por ti, Jonia, chamava,
Contando áquelas feras e avesinhas
As tristes penas minhas.

Quando d'agreste, despenhada serra,
Que ardente sol batia,
Pêlas pedras descia,
Té chegar, doce bem, á suspirada,
Agradavel calçada.

Quando à Estrella cheguei, e em curvo barco
Por negros governado,
Entrei no mar salgado,
E nas vélas soprando o vento frio,
Cheguei em fim ao Rio.

Minha querida, minha Jonia bella,
Que mágoa, que saudade,
Ao entrar na cidade,
Não sentiu a minha alma terna e amante,
De ti, meu bem, distante.

Ah! se nos vôos do veloz desejo
Podéra, ó Jonia! ir ver-te...
Que tinha que dizer-te

Do que ausente soffri, ó minha cara!
Que cousas não contára?

Porém a sorte, que me leva errante
Longe de ti, ó bella!
Se agora me atropella,
Virá tempo em que deixe inda juntar-nos,
E felizmente amar-nos.

Então te contarei quanto hei soffrido
Distante do teu rosto:
As penas, o desgôsto,
E a mágoa devorante, em que fluctua
Esta alma — que é só tua.

Junto de um freixo copado
Com minha Jonia adorada,
Sôbre a relva matizada
Doces horas vou passar.
Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Não vem ali bravas feras
Dessas alpestres montanhas,
Só tu, amor, acompanhas
Nosso gôsto singular.
Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Naquelle sitio, sómente
Aos prazeres consagrado,
Não entra inhumano fado,
Nem desgôsto chega a entrar.
Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Ali, de um manso regato,
Se escuta o susurro brando,

Como quem vai murmurando
Do que nos vê praticar.
Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Cantam ternos passarinhos
Nos altos ramos pousados,
E com suaves trinados
Vem nosso gôsto augmentar.
Quem disfqructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

As rosas em tôrno nascem
Da minha Jonia formosa;
Quando me deixa amorosa
Nos seus braços recostar.
Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Suas lindas, alvas faces,
S'eu lhe expresso algum desejo,
Logo cobertas de pejo
Mostram a côr de nacár.
Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Bando de gentís amores,
Nas brancas azas suspensos,
Os nossos gostos intensos
Vem alegres contemplar.
Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Permitta amor que ésta dita,
Qu'eu góso e mais Jonia bella,
Assim em mim, como nella
Nunca se chegue a acabar.
Quando estou com minha amada,
Mais não tenho a que aspirar.

Aqui nesta balça escura,
Da tristeza imagem feia,
Lembranças de um bem que adoro
Vou revolver na idéa.
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

A terna rolla suspira
Quando não vê o consorte:
Eu longe da minha Jonia
Supporto âucias de morte.
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Brutas penhas se me ouvires
Algum amante segredo,
Ó penhas! não sei se o diga,
Até de vós tenho medo.
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Anda a sabiá cantando,
De raminho, em raminho,
Alegre por ver defronte
A sua amada no ninho...
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Eu, porém, sem ter socêgo,
Ando por ésta espessura,
Inuteis queixas formando
Da minha pouca ventura.
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Tu, limoeiro, que viste
Aquelle beijo suave...
Folhinhas, guardai silencio,
Só vós, ninguem mais o sabe.
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Doces, amantes promessas
Pêla minha Jonia feitas,
Qual será o feliz dia
Que vos veja satisfeitas.
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

O mais vil d'entre os bichinhos
Vê e logra o bem que adora,
Só eu, infeliz, não posso
Ver a quem nesta alma mora.
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Deixai-me tristes lembranças,
Deixai-me infeliz morrer:
Não é justo tenha vida
Quem seu bem não póde ver.
Ai, ai, ó dores!
Eu morro de saudades
Se não vejo aos meus amores.

Canta o pastor namorado
Da pastora os olhos bellos,
Canta-lhe o rosto nevado,
Os longos, pretos cabellos,
Onde amor anda enredado.

Sôbre a borda do saveiro,
Canta o terno pescador
Os grilhões do captiveiro,
Bemdizendo o deus d'amor
Por se ver prisioneiro.

Sua linda, ao som da lyra,
Canta o soldado na guerra;
Ora geme, ora suspira;
Nunca lhe esquecendo a terra,
E a última vez que a víra.

Eu tambem dentro em mim sinto
Igual férvida paixão;
Dos mais eu não sou distincto;
Do meu bem a perfeição
Mil vezes na idéia pinto.

Amor a tuda avassalla,
Ninguem delle vive isento:
Alguem ha que soffre e cala;
Porém o seu fogo lento
Tudo mina, a tudo iguala.

Ao rei no throno sentado,
No inculto monte ao serrano,
A todos fere o vendado:
Ninguem se isenta do damno,
Que faz o farpão doirado.

Achilles com peito de aço
É sensível à ternura:
Do rei Latino no paço
O teucro heroe, por ventura
D'amor não caíu no laço?

Alexandre ostenta forte
Não ver de Dario as filhas,
Mâs depois segue outro norte:

Entre as amantes quadrilhas
Tu o vais pilhar, ó morte.

De Carthago o vencedor
Tambem sente a chama ativa:
Perdido todo o valor,
Á vista de uma captiva
Chora nos ferros d'amor.

Quem levou Helena a Troya?
Deu a Lucrecia o punhal?
Quem urdiu a vil tramoia
Com que no Uraguay fatal
Morreu a gentil Lindoia?

Quem a Cleopatra envia
Do throno ao cahos profundo?
Leva Dido á campa fria?
Quem affamada no mundo
Fez a lusitana Osmia?

Só tu és, idalio nume,
A causa dêstes effeitos:
Ninguem livre se presume;
Tu pões em todos os peitos
Teu activo, ardente lume.

Jonia, a minha Jonia bella,
Me faz sentir igual chamma;
O seu amor me disvella;
Venturoso aquelle que ama
S'é correspondido della.

No meu coração cravada
Tem amor a setta dura,
Mâs não é envenenada:
É setta que, com ternura,
Sempre foi por mim beijada.

S'é êrro, Jonia, adorar-te,
A natureza o protege:
Quem censura nesta parte,
Talvez seja por que inveje
Eu ser feliz em amar-te.

Que querem de mim qu'eu faça,
Vendo teu rosto divino?
Tudo, Jonia, tudo enlaça,
Tudo prende o deus menino
Á vista da tua graça.

Se aquelles guerreiros fortes,
Perdido o marcio furor,
Mudaram seus duros portes...
Se no domínio do amor,
Sentiram doces transportes...

Se aos mesmos padres conscriptos
A gentil Virginia inflamma;
S'em Florença aos patrios gritos
Sacrifica Laura a fama,
Sem temer da crise os ditos...

Fale o mundo o que quizer,
Hei de amar-te, Jonia linda;
O deus Pafio assim o quer;
Té agora ninguem ainda
Resistiu ao seu podêr.

SONETOS

As redeas toma o inclyto Lorena,
A paz nos baixa da justiça ao lado,
Geme a maldade no grilhão pezado
Victima digna da mais dura pena;

A sábia dextra, que o castigo ordena,
Longe afugenta todo o monstro irado,
Da sagrada virtude acompanhado
As redeas toma o inclyto Lorena:
A nuvem do terror ao criminoso
Entre as brenhas persegue e nas campinas,
Té que vindo a seus pés é venturoso:
Com govêrno feliz de acções tão dinas,
Melhora sua sorte o desditoso,
Exulta alegre a afortunada Minas.

Mais póde o sol deixar de ser luzente,
E com a noite misturar-se o dia;
Ser a calma, bem como a neve fria,
E se por natureza o gêlo quente:
Mais póde o mar deixar de ser movente,
E de ser rocha a bruta penedia,
Tornar-se em trevas tudo o que alumia,
E a mesma terra ser resplandecente:
Mais pode o mundo em nada ser desfeito
A materia perder a gravidade,
Deixar o fogo de queimar o effeito:
Mais póde, emfim, ser sombra a claridade,
Que'eu deixar de sentir no terno peito
O golpe que me fere da saudade.

JOAQUIM JOSÉ LISBOA

JOAQUIM JOSÉ LISBOA (1)

Descripção curiosa

Minha Marilia, eu não faço
Do Brazil uma pintura,
De sublime architectura,
Como a que tem Portugal.

---

(1) Quasi tão escassas, como do precedente, são as noticias que temos de Joaquim José Lisboa, alferes do Regimento regular de Villa Rica em Minas. Em 1804 publicou o seu interessante folheto, em 8.º, intitulado *Descripção curiosa*, em que pinta a sua provincia nas quadras que adiante transcrevemos.

Com a invasão dos francezes em Portugal, declarou-se com o maior enthusiasmo contra estes, publicando poesias patrioticas, etc. — Em 1808 (typographia de Simão Thaddeu Ferreira) publicou uma ode ao Silveira e um soneto á guerra. Logo depois (impressão régia) outro intitulado — *A Proteção dos Inglezes* — com um soneto, trinta e duas quadras e quatro decimas, que offereceu ao novo corpo conimbricense. — Em 1810, sob o titulo de — *Obras Poeticas* — (Impressão régia) imprimiu dois sonetos e uma ode ao bispo do Algarve. — Em 1811 (Impressão régia) tambem com o titulo de *Obras Poeticas*, consagrou a Wellington uma ode, um soneto, um dialogo e quatro decimas.

[Joaquim José Lisboa nasceu em Vila Rica, no ano de 1775. — O titulo completo da *Descripção* é: — *Descripção curiosa das principaes producções, rios, e animaes do Brasil, principalmente da Capitania de Minas Geraes*, por Joaquim José Lisboa, Alferes do Regimento Regular de Villa Rica (Armas reais portuguesas).

Pinto com pobre discurso,
Com pouca arte e sem belleza,
Os dotes que a natureza
Lhe deu com mão liberal.
Campos nativos lhe deu,
Deu-lhe bosques, mattos, serras,
E fez fecundas as terras,
De proficuos vegetais.
Ornam aos campos e aos mattos,
Engraçadas, ternas flores,
Com differença nas côres,
No feitio e em tudo o mais.
Serpeando regam tudo
Claros, frígidos ribeiros,
Que descem d'altos oiteiros,
E d'entre rochedos nascem.
Todo o anno ha primavera:
Fosse agosto ou fosse abril,
As arvores no Brazil,
Não me lembro que seccassem.
Seu clima é o mesmo que este,
Porém muito mais sadio,
Porque o inverno é menos frio,
Menos calmoso o verão.
Tão benigna a natureza
Neste paiz nos costuma,

Lisboa. Na Impressão Regia, 1806 (não 1804). Com licença. In-16 de 22 pp. — Consta a *Descripção* de 154 quadras, e foi reproduzida na *Revista do Archivo Publico Moneiro,* ano XIV (1909), ps. 551/565, e por Mário de Lima, *Collectanea de Autores Mineiros — Poetas,* vol. I, ps. 249/271, Belo Horizonte, 1922.

O Alferes havia publicado antes versos pastoris, sob o nome de *Jonino* e *Tamisa* (Lisboa, 1802); depois a *Ode offerecida ao Illmo. e Exmo. Senhor Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, Moço Fidalgo com exercicio no Paço...* — Lisboa, 1808; e a *Protecção dos Inglezes,* impressa em Lisboa e reimpressa no Rio de Janeiro, Impressão Regia, 1810, como se vê da *Gazeta do Rio de Janeiro,* n. 40, de 19 de maio daquele ano: "Sahiram á luz... *A Protecção dos Inglezes,* versos de José Joaquim (sic) Lisboa, por 320 reis. Vendem-se na loja de Paulo Martin. — R. G.].

Que gozâmos sempre d'uma
Deliciosa estação.
　　Os campos, minha Marilia,
Sendo, como são, regados,
Nutrem numerosos gados,
Sem precisão de pastor.
　　Um só alqueire de milho,
Na fertil terra plantado,
Dá duzentos ao cançado,
Fatidico agricultor.
　　Temos nas nossas montanhas,
Inda nas que são mais brutas,
Saborosissimas fructas,
Que poucos conhecem cá.
　　Nós temos a gabiroba,
O araticum, a mangaba,
A boa jaboticaba,
O saboroso arasá.
　　O rugado genipapo,
A guaiaba, o bom cajú,
Pitanga, azedinha, ambú,
Cambocá, baco-parí.
　　Os joazes excellentes,
Côco espinho, jambo, angá,
Temos o mandapusá,
Marmellada e moricí.
　　A silvestre sapocaia,
As bananas, os mamões,
Limas da China, limões,
Temos manga e jatobá.
　　Temos a fructa de conde,
Gorumixamas delicadas;
E temos posto em latadas
Mimoso maracujá.
　　Temos áta, jaca, côcos,
Cabacinhas amarellas,
Ananás e outras bellas
Fructas do mesmo paiz.
　　Isto junto ao genio docil
Da fiel, brazilia gente,

Faz uma idade excellente,
Produz um tempo feliz.
São fartas as nossas terras
De palmitos, guarirobas,
Coroá cheiroso, taiobas,
E bolos de carimans.
Dêstes bolinhos, Marilia,
Usam muito aquelles povos,
Fazendo um mingáu com ovos,
Quasi todas as manhãs.
Temos o cará mimoso,
Temos raiz de mandioca,
Da qual se faz tapioca,
E temos o doce aipim.
Temos o caraeté
Carajú, cará barbado,
O inhame asselvajado,
A junça, o amendoim.
Mangaritos redondinhos,
Batatas doces, andús,
Quiabos e carurús,
De que se fazem jambês.
Temos quibebes, quitutes,
Moquecas e quingombôs,
Gerzelim, bolos d'arrôs,
Abarás e manauês.
Temos a cangica grossa,
Pirão, bobôs, caragés,
Temos os jocotupés,
Orapronobis, tutús.
Tambem fazemos em tempo
Do milho verde o corá,
Mojangués e vatapá,
Pés de moleque e cuscús.
Os rios, que há lá mais ricos,
Marilia, eu te vou dizer,
Se os não chegares a ver,
Ao menos sabes quaes são.
A Giquitinhonha é um,
Rio do Sono, Abaethé;

Porém maior, que este, é
O que passa em S. Romão.
    Ha sitios em que é mais largo,
Que a distancia de tres milhas,
Basta dizer, que tem ilhas,
Que dão pasto para os gados.
    São tão fecundas de fructos,
Na estação de varios mezes,
Que nutrem porcos montezes,
Anta, lobos e viados.
    Temos o rio das Contas,
Temos o rio da Prata,
Que em varios sitios se trata
Pêlo rio Paracatú.
    Temos o Paraibuna,
Visinho da Paraíba,
E temos a Parnaíba,
E o rio Perauasú.
    Temos o rio das Velhas,
Que passa por Sabará,
E o rio Preto que está
Visinho ao Arasuahí.
    Do alto monte do Itambé
Morada de chuva e frios,
Nascem alguns sete rios
Além do Capivarí.
    Temos o rio das Mortes,
O prudente rio Verde,
Porém neste ninguem perde,
Nem vida, nem cabedal.
    Sonolento faz seu giro,
Não ha quem delle se queixe,
É riquissimo de peixe,
E por manso não faz mal.
    Ha no Sêrro o rio Pardo,
E ha outro Tijucosú:
Rio Escuro em Paracatú,
Orocuia em S. Romão.
    Tórno ao Sêrro e mostrarei,
Que um rio Inhacica, ha,

E a Paracatú onde está,
De S. Pedro o Ribeirão.
O rio Doce lá temos,
Que está contiguo Gentio,
E temos no Sêrro frio
O Inhahi e a Paraúna.
O Fanado é em Minas Novas,
E perto de Macaúbas,
Rio Jaboticatubas,
Rio Manso e rio Duna.
Temos o rio das Guardas,
O da Arêa, o Borraxudo,
Que corre tranquillo e mudo,
E temos o Andaiá.
Temos o rio dos Tiros,
O rio Gequitahí,
E o rio de Petanquí,
O qual se chama o Pará.
Ha certo monte, Marilia,
Junto á Comarca do Sêrro,
Que tem em si prata e ferro,
Mesmo em cima do seu cume.
E no Itacambirosú,
Junto á diamantina serra,
Se faz extrahir da terra
Excellente pedra hume.
Ha salitre em abundancia,
Barro para loiça, cal,
E extrahe-se da terra sal,
N'alguns sitios do sertão.
D'uma côr assucarada,
Bem como a ganga de cá,
Da mesma côr temos lá,
No seu cazulo, algodão.
Vamos, Marilia, observar
Outras muitas producções,
Daquelles vastos sertões,
Por onde em soldado andei.
Se eu comtigo for feliz,
E ambos nos formos embora,

Quanto aqui te pinto agora,
No Brazil te mostrarei.
Tu verás naquelles campos
Grande número de emas,
Verás cantar seriemas,
Verás negros orubús.
Verás os pombos astutos,
E verás outra perdiz,
Differente codorniz,
E verás rôxos nhambús.
Verás um passaro lindo,
Todo de peito amarello,
Cujo canto é muito bello,
Porque explica — *bem te vi* —
Grande tucano verás,
Que tem palmo, ou mais, de bico,
Verás ave que diz — *tico* —,
E verás o arasarí.
Gordo, cinzento macuco,
O jacutinga, o jacú,
O nocturno cariangú,
O differente pavão.
Verás encarnada arara,
Outra azul, as mexeriqueiras,
Que são assás chocalheiras,
Em todo o nosso sertão.
Vearás nas nossas lagoas
Colhereira côr de rosa,
A branca garça formosa,
O tristonho jaború.
Verás ave, que não vôa,
Sem correr um longo espaço,
Tem bico de ferro e aço,
O seu nome é tuiúiú:
Tu verás rolinha azul,
E outras mais, que nunca viste,
E ouvirás a pomba triste,
Dizendo que só ficou.
Verás rolinha cinzenta,
Que airosamente passeando,

Anda co'as outras cantando
Mesmo assim — *fogo pagou* —
Os papagaios verás,
E de muitas qualidades,
E outras variedades
D'aves e feras tambem.
Tu verás o João de Barros
A sua casa arranjar,
Onde elle deve morar
Co'a familia e mais ninguem.
Verás negra caraúna,
Curicáca e sabiá,
Que imita ao melro de cá,
Só no canto, não na côr.
Verás catinguento guache
Abrir um leque amarello,
Verás o canario bello,
E o pequeno beija-flor.
Tu verás sabiá-sica,
A juriti, zabelê,
Nos mesmos sitios em que
Às vezes anda o mutum.
Verás socó-boi, marrecas,
Nos lagos do campo ou matto.
Os massaricos, o pato,
Narcejas, carriça, anum.
Eu, Marilia, em Salvaterra
Das aves na casa entrei,
E com vagar observei
O feitio dos falcões.
Todos têm bico revôlto,
Unhas e dedos compridos,
E são muito parecidos
Com os nossos gaviões.
Temos ave no Brazil,
Que ao galeirão se figura,
É o seu nome — *saracura* —,
E nos pantanos habita.
Temos o jaó mimoso,
O minhoto, ave rasteira,

A saborosa capoeira,
Que á perdiz de cá imita.
Uma ave pequena temos,
Que viuva se appellida,
Anda de luto vestida,
Traz capello e diz — *viuva* —
Nos lugares os mais sombrios
Commumente é onde assiste,
Oserva-se sempre triste,
Haja sol ou haja chuva.
Com um passaro pequeno,
Marilia, se viajâmos,
Todos nós nos enganâmos,
Ao qual chamam — *ferrador* —
Com tão grande fôrça bate,
Que na verdade figura,
Que atarraca a ferradura,
Pois faz o mesmo estridor.
Temos o passaro que entôa,
Por mil differentes modos,
Porque elle arremeda a todos,
Seu proprio nome é — *corrixo* —
Tem encontros amarellos,
E são passaros pequenos:
Serão pouco mais ou menos
Do tamanho d'um cochicho.
Supersticiosas velhas,
Das que benzem do quebranto,
Escondem-se ouvindo o canto
D'ave chamada caumhã.
E dizem a outras taes
Que as caumhãs e os bizoiros,
Annunciam máus agoiros,
Quando se ouvem de manhã.
Naquellas mattas espessas
Ha ferozes animaes,
Eu te dou delles signaes,
E das suas condições.
Quatro qualidades d'onças
Nós temos, e temos lobos,

Propensos a fazer roubos,
Pois são do gado os ladrões.
    Entre éstas diversas onças,
Ha nellas diversas côres,
Porém todas são maiores,
Que o cruel lobo traidor.
    É para a sosuarana,
Porém mais destra em ciladas,
Ha duas que são pintadas,
E o tigre de negra côr.
    Ao que cá se chama gamo,
Lá é viado campeiro,
Ha outro que é catingueiro,
Outro chamado virá.
    Ha raposa, ha papamel,
E ha do campo e do matto,
De negras mesclas um gato,
Chamado malacaiá.
    Temos o caitatú,
O tiririca, o queixada,
Os quaes deixam destroçada
A planta ao agricultor.
    Tambem faz mil prejuizos
O astuto macaco, a anta;
Porém o porco é da planta
O peior perseguidor.
    Temos dois tamanduás,
Um bandeira, outro merim,
Temos mono, o saguim,
O gambá e a capivára.
    Ha outra onça pequena,
Que é do tamanho d'um cão,
E ha tambem pelo sertão
A grande suçuapára.
    Ha mocós, ha pereás,
Ha quatís, e ha cotia,
Ha paca, que foge ao dia,
Geriticáca e tiiú.
    Temos menor que o saguim,
Um tal caximguemguelê,

Que raras vezes se vê,
Camaleão e tatú.
Temos animal felpudo,
De curtos, nervosos braços,
Que em quanto dá só dois passos
Póde um homem dar tres mil.
Maldito este bicho seja,
Que tão máu costume tem,
Pois delle o nome nos vem
Da priguiça do Brazil.
Tambem, Marilia, lá temos
Cobras muito venenosas,
E por isso assás damnosas
A tudo quanto é vivente.
Mâs mesmo nos nossos mattos,
Nos nossos campos amenos,
Temos contra estes venenos
O antidoto excellente.
Lá temos cobra que engole
Um viado, tendo fome;
É amphibia; e o seu nome
É — *o grande sucuriiú* —.
O cascavel venenoso
É a que faz maior mal;
A gereráca, coral,
E o temivel surúcucú.
Mâs estes contrarios nossos
Não 'stão nas povoações,
São dos incultos sertões
Os proprios habitadores.
É certo que em Portugal
Ha lobos, mas não na côrte,
Pois tambem da mesma sorte
São aquelles malfeitores.
Nos nossos rios, Marilia,
Ha muitas variedades,
De peixes de qualidades,
Que em Portugal nunca vi.
Temos a peripitinga,
O pacú asselvajado,

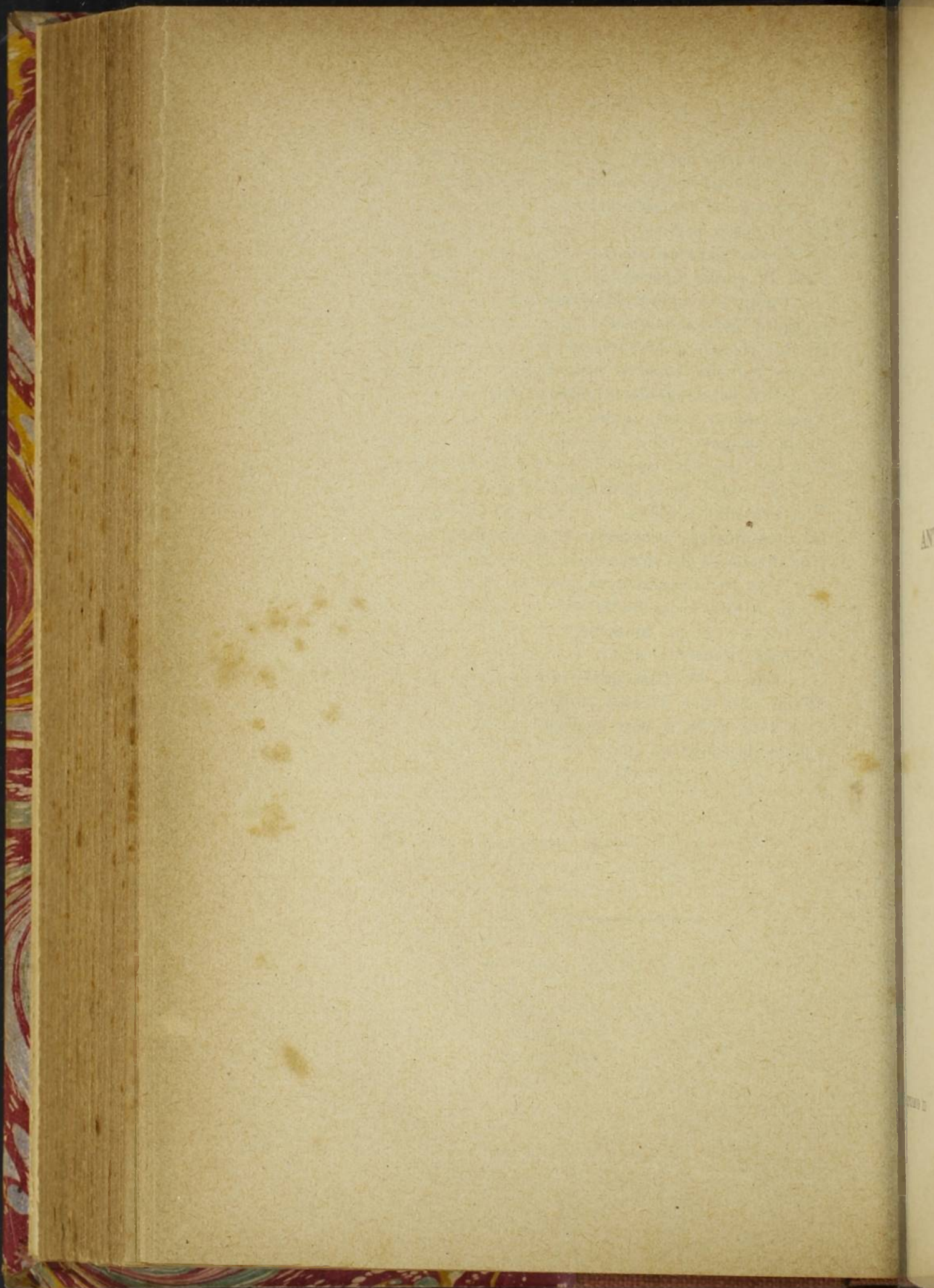
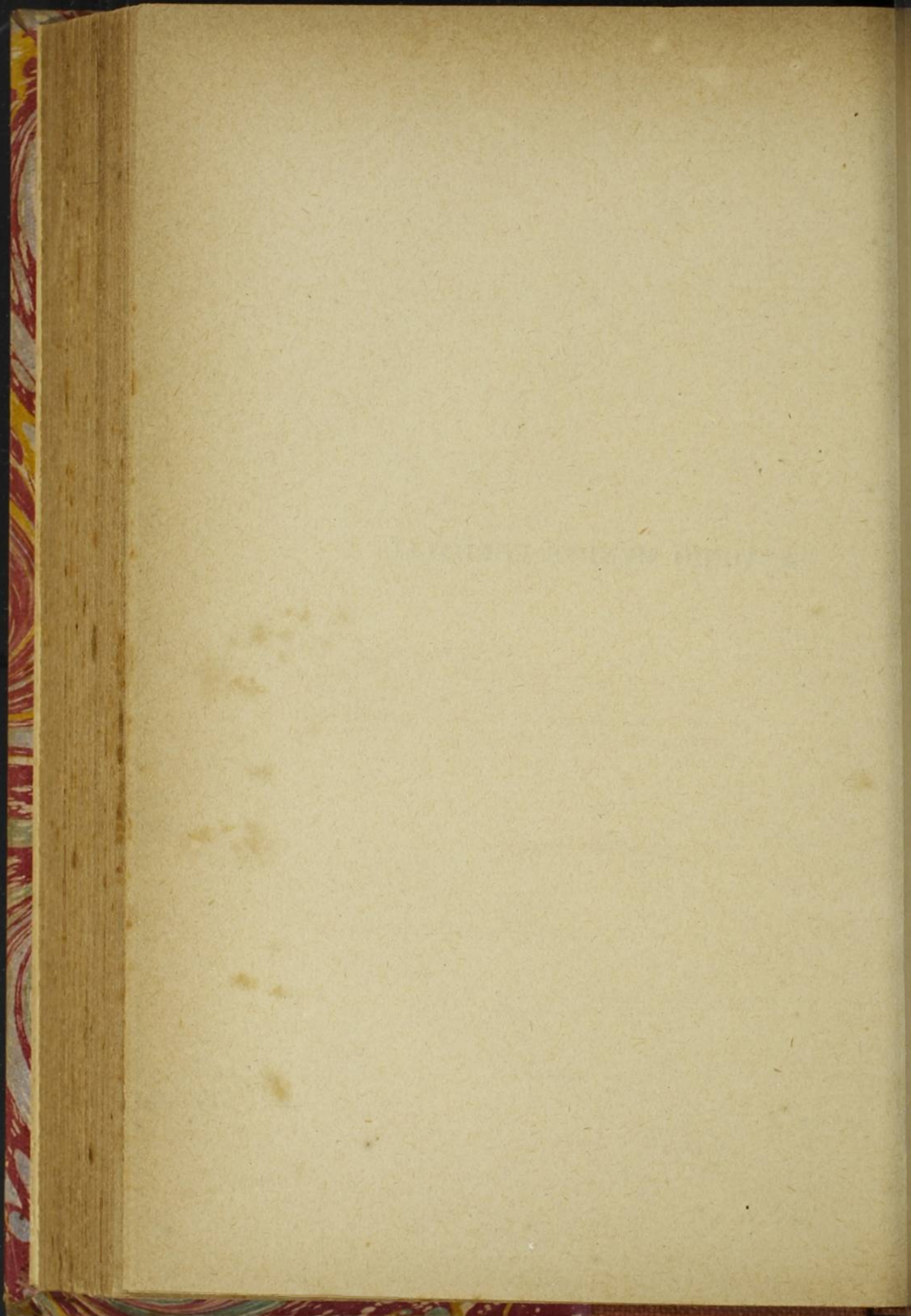
Piranha, bagre, doirado,
Piampára e lambarí.
Temos a corumatá,
A traira, o sorubí,
A piabanha, o mandí,
A corovina, o piáu.
A escamosa matrinxam,
Que no veio d'agoa alveja;
E bem, que mais rijo seja,
O cascudo não é mau.
Os escravos pretos lá,
Quando dão com máus senhores,
Fogem, são salteadores,
E nossos contrarios são.
Entranham-se pelos mattos,
E como criam e plantam,
Diverte-se, brincam, cantam,
De nada têem precisão.
Mâs inda que nada criassem,
Ou que não fizessem rossas
Benignas as terras nossas,
Mil silvestres fructos tem.
E como elles sejam ageis,
Descobrem naquellas mattas,
Carajú, cará, batatas,
E muito mel que ha tambem.
Vêm de noite aos arraiaes,
E com industrias e tretas,
Seduzem algumas pretas,
Com promessas de casar.
Elegem logo rainha,
E rei, a quem obedecem,
Do captiveiro se esquecem,
Toca a rir, toca a roubar.
Eis que a notícia se espalha
Do crime e do desacato,
Cahem-lhe os capitães do matto,
E destroem tudo emfim.
Ora ahi vem o pobre preto
Entre cordas, prêso e nú,

Vão-lhe os bacalháus ao c...
E o seu reino acaba assim.
Os indios daquelles mattos,
Por outro nome — o gentio,
Andam nús na calma e frio,
Do tempo não se lhes dão.
Não tem casas, não fabricam,
Vivem da caça e dos roubos,
São peiores do que os lobos,
Peiores que as cobras são.
A uns chamam boticudos,
A outros chamam chavantes,
Que são no valor constantes,
Os que não são caiapós.
São os caiapós traidores,
Porém assás timoratos;
E ha tambem nos nossos mattos,
Maconís e bororós.
Não têem rei, porém respeitam
Entre si um maioral,
Que traz um penacho, ao qual
Dão o nome de cacique.
Quando uns com outros guerreiam,
Este os commanda, este os rege;
E, pensando que os protege,
Fiam delle o seu despique.
Logo que a gentia pare,
Haja calma ou haja frio,
Mette-se toda no rio,
E o tenro filho tambem.
Este banho é lhe saudavel,
Do vento não se reserva,
Assim vive e se conserva,
Assim nutre e se mantem.
A este mesmo boticudo
Dão o nome de emboré,
Ha capaxó, o qual é
Sempre opposto aos malalís.
O panháme e o mariquita
Giram por diversos mattos,

Ha purís e ha croatos
Monaxós, machacalís.
Os boticudos, Marilia,
Têem beiço e nariz furado;
E nelle têem pendurado
Grande pedaço de páu.
Se gigantes haver podem,
Estes os gigantes são,
Têem fôrças e coração
Inexoravel e máu.
Deixa explicar-te, Marilia,
Quaes são daquelles paizes
As virtuosas raizes,
E oleos medicinaes.
E depois te contarei,
Se me deres attenção
Pâra que remedios são
Os seguintes vegetaes.
Pâra o galico é a salsa
Remedio ha muito approvado,
E applica-se ao constipado
Raiz de carapiá.
A casca d'anta, a chapada,
Pâra dores de barriga,
Diz a gente mais antiga
Que melhor, que ellas, não há.
Tambem é muito excellente
A butua nova, a biquiba,
O oleo de copaíba,
Fumo bravo e fedegoso.
O barbasco, o geribão,
A vassourinha miuda,
Congonha, caroba, arruda,
E o vellame precioso.
Temos a lingoa de vacca,
Que é d'uma folha comprida,
A qual posta sôbre a f'rida,
É remedio especial.
A herva Santa Maria,
Quente e posta sôbre a dor,

Tem virtude superior,
Não ha outra a ella igual.
    Temos o sipó de chumbo,
Temos figueira terrestre,
O páu terra, e as fructas dêste,
Remedio dos beiços são.
    Temos abob'ra do matto,
Trapoiraba, herva do bicho,
Que se applica por esguicho
Aos que sentem corrupção.
    O nhambú, herva rasteira,
Dá um botão amarello,
Que é remedio mui bello
Pâra o dente que nos doe.
    O mesmo dente o mastiga,
E aquelle succo excellente,
O faz sarar de repente,
E a podridão lhe destroe.
    Nós temos mamona branca,
Temos almeciga fina,
Que é uma espécie de resina,
Mâs d'um cheiro especial.
    Posta em parchos junto aos olhos,
Quando nos doe a cabeça.
Sua virtude depressa
Prompto allívio nos vai dar.
    Virtuosa epiquaquanha,
Cujo nome é bem notorio,
É purgante e é vomitorio,
Do Brazil todo em geral.
    Barbatimão pâra banhos;
E a experiencia nos ensina,
Que contra a febre malina,
A capeba é cordeal.
    Corpolento, alto coqueiro,
Produz o nosso sertão,
Dá cortiça, e lá lhe dão
O nome de borití.
    Do feitio da romã,
Silvestre fructa lá temos,

A qual cozida comemos,
E lhe chamâmos pequi.
Anda, vamos ver, Marilia,
De Portugal o thesoiro,
Vem ver a extracção do oiro,
Vem ver de tudo a extracção.
Vem ver fabricar o assucar,
Os engenhos de pillar.
Verás tambem fabricar
Alvo, macio algodão.
Verás extrahir da terra
As safiras, os brilhantes,
Os rubins, os diamantes,
Producções de alegres vistas.
Verás o igneo topazio,
A grizolita amarella,
A esmeralda verde e bella,
Verás rôxas amatistas.
Os pingos d'agoa cascudos,
E verás outras pedrinhas,
Chamadas agoas marinhas,
Que são azues por signal.
Lá verás tambem granadas,
Pingos d'outras qualidades;
E verás mil raridades
No interior do cristal,
Todas éstas producções,
Ha, Marilia, no Brazil;
Mâs além destas ha mil,
Que com mais vagar direi.
Só posso affirmar-te agora
Que os fiéis patricios meus,
Adoram no céu a Deus,
E adoram na terra o rei.
E que as agoas, peixes, campos,
Pedras, fructas, oiro, prata,
E o mais que aqui se retrata,
De indiziveis cabedaes.
Nada tem tanto valor,
Como a fiel producção,

D'um sincero coração,
Que te adora sempre mais.
    Que nelle moras e vives,
Eu te posso segurar,
Já nasceu pâra te amar,
Pâra te servir nasceu.
    Cumpre-te agora, Marilia,
A grata correspondencia,
De dar sempre preferncia
A um coração como o meu.
    Se o real regente augusto
Fosse honrar nosso paiz,
Faria ao povo feliz,
E o seu imperio faria.
    No logar mais precioso
Das brazilias regiões,
Ou dos nossos corações,
Um throno se lhe ergueria.
    Mâs se elle não quer piedoso,
Cheio d'alta magestade,
Ir ver na nossa amizade
O mais innocente amor.
    Vamos, Marilia, gozar-nos
D'um paiz que julgam bravo,
Que bem póde o bom escravo
Servir de longe ao senhor.

ANTONIO MENDES BORDALLO

ANTONIO MENDES BORDALLO (1)

A D. João d'Almeida

Cansada a vista, o rosto macilento,
A pelle quasi rota sôbre os ossos;
Perdido o grão socorro dos humanos
A santa paciência.

---

(1) Antonio Mendes Bordallo nasceu no Rio de Janeiro em 24 de Outubro de 1750. — Foram seus pais, Francisco Mendes Bordallo (nascido em Portugal, e Governador do Castello de S. Januario), e D. Anna Maria Alvares e Asturias, nascida no Brazil.

Veio de 16 annos de idade pâra Portugal, com todos os preparatorios pâra a Universidade, ahi se matriculou, formando-se em direito canonico em 1771. — Em Lisboa principiou a praticar a advocacia, em que se fez eminente, sendo o seu nome citado a par do de Silveira da Motta, Saturnino (ambos igualmente brazileiros) Barboza e Araujo, e outros, que naquelle tempo eram ornamentos do foro portuguez.

Teve relações intimas com as pessoas mais notaveis de Lisboa, como José de Seabra, e seu irmão Lucas de Seabra, e Martinho de Mello e Castro, e com os homens mais distinctos em sciencias e litteratura como Stockler, e Almeida (depois barão), Bocage, Sebastião Xavier Botelho, Morgado de Assentiz, e os brazileiros Sousa Caldas, e desembargador Vellozo.

A estas suas relações deveu o não ser envolvido nas perseguições do celebre Maníque.

Foi casado com D. Theresa Claudia d'Almeida.

Falleceu em Lisboa a 17 de Fevereiro de 1806, com 56 annos de idade.

[A acrescentár apenas a sua bibliografia conhecida, que se encontra em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, I, ps. 265. — R. G.].

Almeida illustre, qual o furioso
Que perdeu a rasão na violenta,
Na crise mais cruel da infeliz sanha,
Se morde, se espedaça.

Accuso os fados — corro delirante
Á fonte dos meus males: fataes livros!
Desde os primeiros, innocentes annos,
Paixão, doce cuidado!

Fixos os tristes, macerados olhos
Nos sublimes, nos celebres escriptos,
Onde achei a rasão, d'onde a minh'alma
Maravilhada, absorta,

Ás esferas subiu, no immenso espaço
Viu os astros girar; da natureza
Os arcanos, que o vulgo desconhece,
Penetrou atrevida.

Arranco mil suspiros — que funestas
Idéas, na enleiada fantasia,
Se chocam, se confundem, sem que possa
Formar um só discurso!

O pranto se desprende; a dor immensa
Os gemidos suffoca, das virtudes
A mais bella me empresta a sua heroica
Constancia inalteravel.

Os mesmos que m'opprimem, que m'entregam
No seio tragador da vil miseria,
O buido punhal que toca o peito
Suspendem, me desviam.

Os livros onde lia moral pura
Condemnam de Catão o sangue, a morte,
Sou forçado a viver, a ser ludibrio
Dos homens que me ultrajam.

Neste de afflicções duro combate
Se exaltam, se refinam mais pezares:
Os gregos, os romanos já não vivem
Pâra honrar os talentos.

A misera, infeliz bibliotheca
Condemno ao fogo, juro inconsiderado
Offertar nos altares da ignorancia
Frequentes sacrificios.

Porém que injusta, barbara deidade
A sentença revoca? Me apresenta
Do bravo Achilles, do piedoso Eneas,
Os immortaes cantores?

O furor se mitiga, não te espantes
Da subita mudança, caro Almeida;
Se fosse acaso capital delicto
A licção de taes livros,

Com elles entre os braços subiria
Os lugubres degraus do cadafalso,
E diria ao tyranno: — Vil, aprende
A ter alma sensivel — !

O primeiro logar que se offerece
Aos olhos mal enxutos, quebrantados,
Narra os desastres, miserandos casos
Do genitor de Páris.

Então a mente como absorta pára,
Com aquelles combina os meus successos:
Que remedio efficaz pâra os afflictos
Achar damnos maiores!

Tu, que em herança dos avós preclaros,
Recebeste os brasões, o patrimonio;
Tu, que não viste o pavoroso aspecto
Da faminta pobreza;

Que cheio de afflicção, de encolhimento,
Não ensaias, não forças o teu rosto,
Pâra ouvir do ministro inaccessível
Um desabrido — *logo* —.

Que á custa de fadigas, de despresos,
Não buscas o padrinho que te insulta;
Que não és reputado pelos grandes
Animal de outra espécie.

O fertil genio, solidos talentos
Anciosos cultiva, reivindica
Do podêr do fatal esquecimento
A lusa, antiga glória.

A casa de jogo

Brindemos, Chapelain, a companhia
Dos guerreiros tafues, que denodados
Investem do cadete o louro campo,
Que encaram mil azares.

Que importa que o cruel, surdo destino
Desprese do Morão os ais, os votos,
Que importa que o cadete inexoravel
Embote nossas armas!

Não affrouxa a constancia, novo aproxe
Tu e eu dirigimos: pêla esquerda
Eis que a dama apparece, qual Santelmo
Ao náufrago marinho.

Um pirolo, uma paz, um casamento,
Annuncia a derrota; já vacilla,
Já fluctua, e talvez peça armisticio
O medroso banqueiro.

Mâs ah! que a scena muda! Horror, carnagem
O valete nos mostra! os teus suspiros
Só servem de aggravar males tamanhos,
Morão endiabrado.

Fujamos, Chapelain, nada nos resta,
Alem da paciencia; novo esfôrço
Façamos com os dados, *oitos, setes,*
Mudaram nossa sorte.

É igual a desgraça! tudo céde
Ao bravo campeão, filho das musas:
Mais *trezes,* mais *quatorzes,* mostra o dado,
Do que pulgas em maio.

Os fados não se forçam, não se abrandam,
Impreterivel é sua carreira:
Embora filosofe o sabio Motta,
Co'o a sciencia de Euclides.

É preciso ceder, mudar de esgrima,
Unamos nossas armas contra as adens,
Que a par do lombo, em tôrno da chouriça,
Pacíficas descançam.

Ali em batalhão todos unidos,
Qual Cezar de Pompeu ferindo as tropas,
Arremessemos amoladas facas,
Os garfos empunhemos.

Então o bom Faustino, mais affoito
Do que Annibal em Cannas, vai fendendo
Os fartos peitos da perdiz cevada,
Com o durasio trigo.

Então o Bernardino espaventado,
As trigueiras bochechas Baccho invoca,
Invectiva o Duarte, narra os casos
Do desertor de Boston.

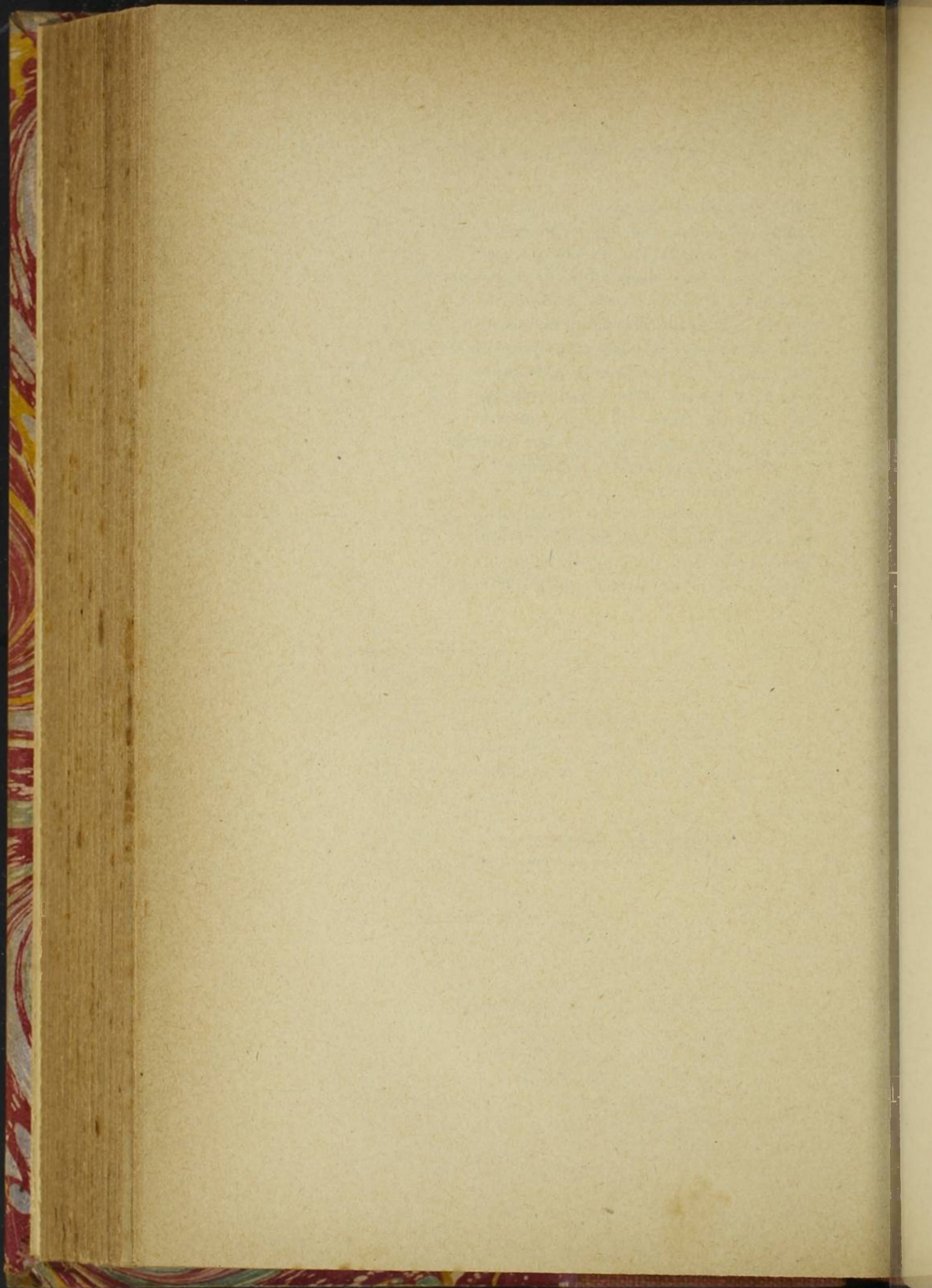
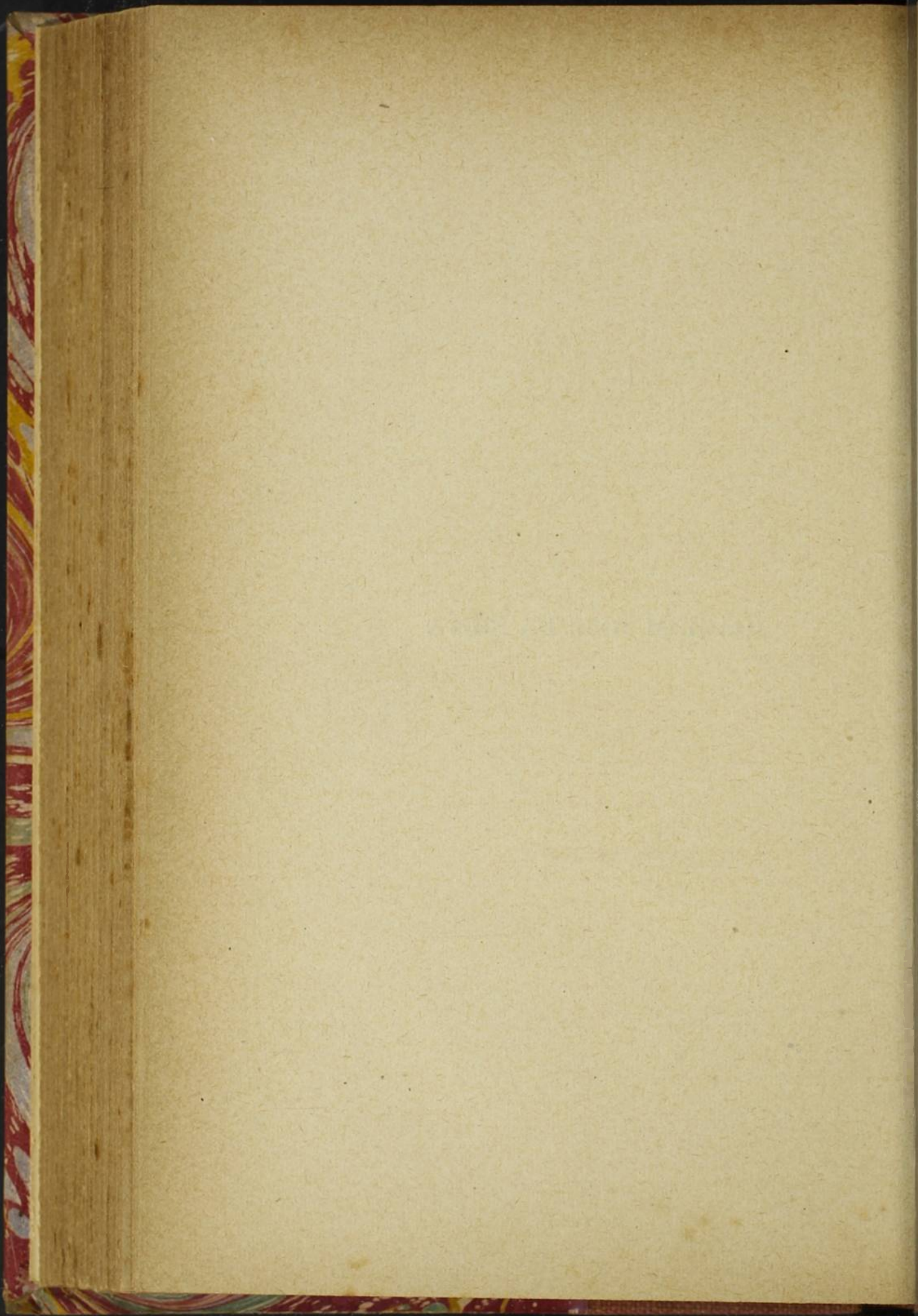
A tactica de beber rubro falerno,
Qu'os copos transbordando em grossa espuma,
Alegra os corações, eleva as almas,
Fará grandes conquistas.

Ou praguejem, ou não os maldizentes,
Esta nova invenção de colhêr louros:
É certo que riremos do cadete,
Sem perder um só chavo.

Sátyra aos abusos da Magistratura

(Fragmento d'uma epistola a Martinho de Mello e Castro)

Que devo, pois, temer? ....
Os tristes zoilos, campeões da inveja,
Que podem responder? Que se enfureçam,
Que vomitem negruras, que me insultem,
Porque Pêgas despréso e leio Horacio!
Porque digo e direi nas grandes praças,
Com seguro semblante, que a origem,
A fonte inexhaurivel das trapaças
Com que Mevio retem injustamente
Do afflicto Lelio o pingue patrimonio;
Que o plausivel pretexto com que Silvio,
Juiz iniquo, digno da calceta,
Só porque no processo falta acaso
Uma insignificante palavrinha,
Dá ao direito asperrima tortura;
E o que é mais torpe (tu crerás apenas!)
Prefere Acursio á Ordenação do Reino!
São esses da ignorancia monumentos,
Livros sem methodo, sem nenhum criterio,
Que prohibem o mesmo que aconselham! —..
Porém um sabio professor antigo
De calúmnias, de meios odiosos;

Habil consulto, que de cór sabia,
Folha por folha, Sanches e Molina,
Me falou desta sorte ha poucos dias:
— "Rapaz sem tino, falto de experiencia,
Francez da moda, louco rematado:
Queres reformas, amas novidades,
Sem pezar suas tristes consequencias?!
De tres mil bons e maus advogados,
D'outros tantos fieis e requerentes,
De mais de cinco mil procuradores,
Que vivem nesta côrte, do que chamas
Ladroeiras, calúmnias e trapaças,
Dize, reformador, o que seria?
Mette o teu modernismo n'algibeira,
Os teus e meus avós assim viveram,
Esses costumes, que detestas tanto,
Teem o sêllo da prisca antiguidade..." —..

JOAQUIM JOSÉ DA SILVA

JOAQUIM JOSÉ DA SILVA (1)

Amei a ingrata a mais bella,
Que o mundo todo em si tem:
Eu morri sempre por ella,
Ella nunca me quiz bem.

GLOSA

Quando eu era mais rapaz,
Que jogava o meu pião,
Andava o Centurião
Dando a todos sotta e az.
Nesse tempo aos sabiás
Armava a minha esparrella;
Comia caldo em panella
Por ter os pratos quebrados;
E até por mal de peccados,
Amei a ingrata a mais bella.

Depois de mais alguns mezes
Já por baixo da sobcapa,
Pêlas calçadas da Lapa
Pernoitava muitas vezes.
Não bastaram os arnezes,
Que herdei de Matusalem;

(1) A respeito dêste versejador confessâmos ter escassez completa de noticias biographicas. Era çapateiro no Rio.

[Era natural do Rio de Janeiro e viveu aqui do último quartel do século XVIII ao primeiro do seguinte. Sua obra poética anda esparsa nas coletâneas de Januário da Cunha Barbosa e Melo Morais Filho. — R. G.].

Só sei que querendo bem
Me achei como Antão no ermo,
E o mais galante estafermo,
Que o mundo todo em si tem.

Com os annos, com a idade,
Na festa e seu oitavario,
Só, em passo imaginario,
Andava pêla cidade.
Se é mentira, se é verdade,
Diga-o a minha mazella,
Que não sendo bagatella
Bem mostra de cabo a rabo,
Que por artes do diabo
Eu morri sempre por ella.

Depois de velho e caduco,
Já cheio de barbas brancas,
Eu bispei-a dando ás trancas
Nos sertões de Pernambuco.
Ali trabalho e trabuco
Por lhe abrandar o desdem;
Mâs o mau modo que tem,
Procedido da vil prole,
Faz crer que nem a pão mole
Ella nunca me quiz bem.

Ao pé do monte Sião
Ha um pé de cajurú,
Onde ....
O almirante Balão.

GLOSA

Despresou Matusalem
Duzentos annos de vida,
Por não ver na amante lida
O gôsto que o lamba tem.

O juiz de Santarem
Quasi estala de paixão:
Das montanhas do Japão
Ungil-o veiu o seu cura,
Mâs desceu-lhe a quebradura
Ao pé do monte Sião.

Sem dar accôrdo de si
Na dura terra prostrado,
Acudiu-lhe o deus vendado,
Com a funda de David.
Uns daqui, outros dali
Já chegam do Calundú;
Levado de belsebú
Confirma o bom Juvenal,
Que na nossa cathedral
Ha um pé de cajurú.

Esta mentira tamanha
Que soou no Oriente,
Fez abortar de repente
A imperatriz de Allemanha.
Veiu a parteira de Hespanha
Montada n'um baiacú:
Faz-se a guerra no Perú
Por se saber que Mavorte
Vende a gadanha da morte,
Onde ....

No romano capitolio
Todas éstas tradições
Se dão a ler ás nações
N'um grosso livro de folio.
Sentado, então, no seu solio
Sem ter alguma attenção,
Deu tremendo caxação,
No tempo dos tres Filippes,
Em sua filha Floripes
O almirante Balão.

Alminhas do purgatorio,
Que estais na beira do rio,
Virai-vos da outra banda
Que vos dá o sol nas costas.

GLOSA

Atraz da Porta Ottomana
Se conserva um bacamarte,
Com que Pedro Malasarte
Defende a Curia romana.
Nas margens do Guadiana
Dá Castella o reportorio:
Um tal frade frei Gregorio
Nas ventas do seu nariz
Tem um letreiro que diz:
Alminhas do purgatorio.

No passar do Helesponto,
Esta nossa atmosphera
O seu ambiente altera,
Por não achar barco prompto;
Em falsete ou contraponto
O tempo passa do estio;
O mestre inverno com frio
Manda accender o pharol,
Pois vê de ré-mi-fa-sol
Que estais na beira do rio.

Depois do geral diluvio,
Inda nos ficaram mágoas,
Porque no tempo das agoas
Innunda mais o Danubio.
Qualquer atomo ou effluvio
Sempre féde que tresanda;
Renasce o mal de Loanda
Na cidade de Guiné;
Se quereis tomar caffé,
Virai-vos da outra banda.

Raia agora a lua cheia,
A nova faz seu eclipse:
É galante parvoice
Deitar-se a gente sem cêa.
Junto da Palma Idumea
Estão as cousas dispostas
Pâra evitar as propostas
Em que estão sôbre a vindima:
Ponde a barriga p'ra cima
Que vos dá o sol nas costas.

Tenho um galante chinello
Com que vou a São Mattheus,
Tenho a minha fralda rota,
Ninguem me bote quebranto.

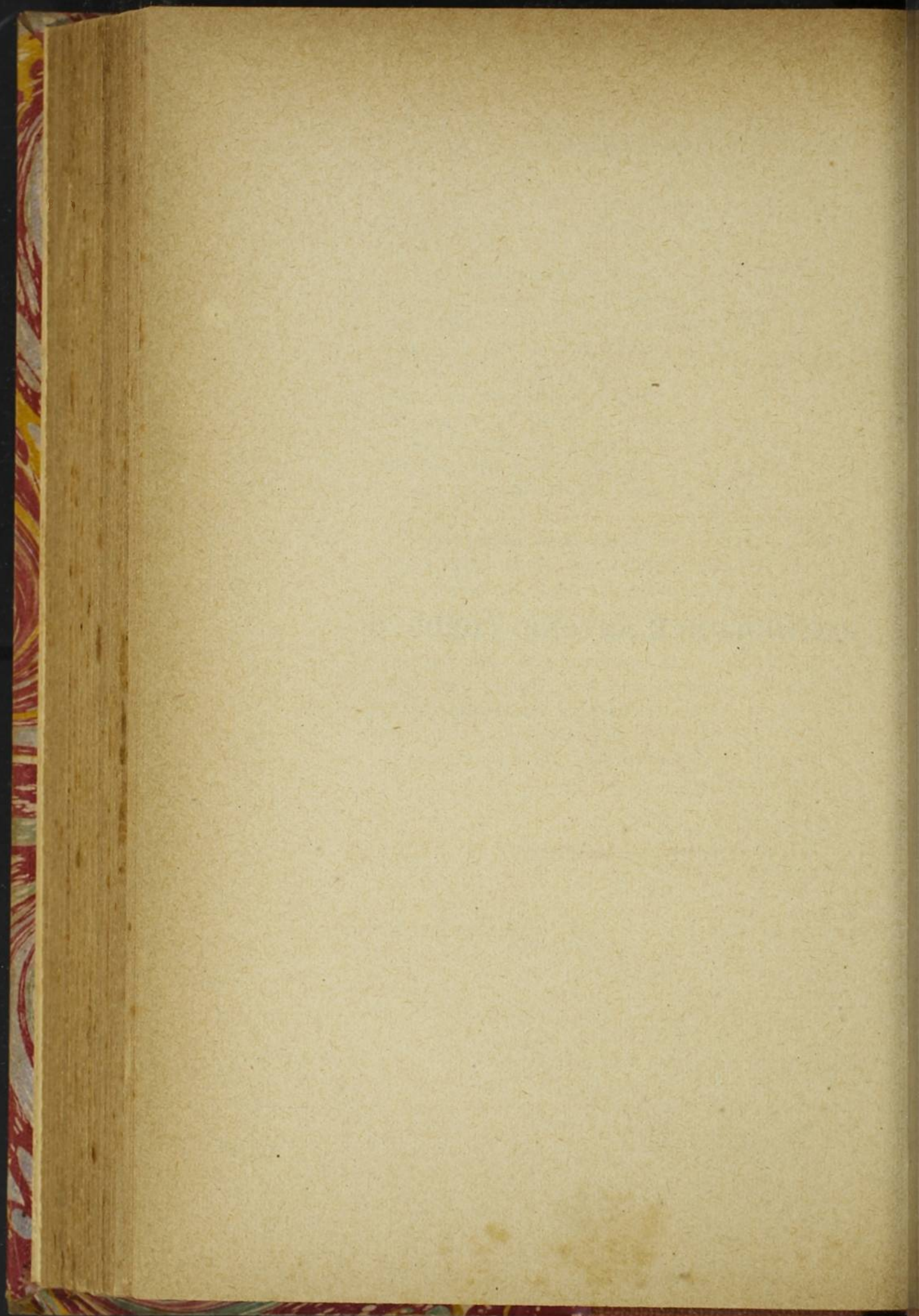
GLOSA

Se vós tendes um baijú
Com seus babados de chita,
Eu tenho agora a marmita,
Semi-rubra de ourocú.
Se tendes de gorgutú
Um macaquinho amarello,
Eu nas casas do castello,
Como é publico e notorio,
Por baixo do consistorio
Tenho um galante chinello.

Se vós tendes de cambraia
Camisa fina e bordada,
Eu tenho a minha rendada
Que veiu da Marambaia:
Se de setim tendes sáia,
Eu só tenho os calções meus;
Se com esses trastes teus
De mim toda te desunes,

Eu tenho os pannos de Tunes,
Com que vou a São Matheus.

Se tendes çapato justo,
E pões as mãos nas ilhargas,
Eu tenho as bottas mui largas,
Com que passeio sem custo.
Se tendes de raios susto
Eu caço da vella a escota;
Se tendes no frasco a gota
Como mostra das crioulas,
Eu por baixo das ceroulas
Tenho a minha fralda rota.

Se tendes novo capote
Mais chibante do que o velho,
Eu tenho um torto chavelho,
Que me faz vezes de pote.
Se a cavallo andais de trote,
Eu do chão não me levanto,
Não me assusto, nem me espanto,
Serei sempre pé de boi;
Ora ahi está como foi,
Ninguem me bote quebranto.

BARTHOLOMEU ANTONIO CORDOVIL

BARTHOLOMEU ANTONIO CORDOVIL (1)

Sonho

Sôbre os braços do somno recostado,
Que objectos me não mostra a phantasia?
Pelos vastos espaços do universo
Dilato a vista a um e a outro lado,
Quando da parte austral vejo um gigante
Que um pé tinha na terra, outro nos máres,
Ia a cabeça a se esconder nos ares.

Verdes cabellos de robustos troncos
A frente circulavam bronzeada:
Do collo lhe pendiam por ornato
Amphibios jacarés e acarapepes;

---

(1) Tão pouco possuimos dados para a sua biographia. Era, segundo parece, de Goyaz.

[Nasceu no Rio de Janeiro, em 1746, e chamava-se Antônio Lopes da Cruz, conforme declarou no testamento com que faleceu em Meia-Ponte, capitania de Goiás, a 12 de outubro de 1800. Foi o primeiro professor régio da aula de Latim enviado àquela capitania, nomeado por carta régia de 16 de abril de 1787. — Conf. Americano do Brasil, *No convivio das traças* (*Polêmica*), ps. 94, Goiás, 1920.

Sua obra poética nunca teve edição especial: encontra-se esparsa nas coletâneas de Januário da Cunha Barbosa, J. M. Pereira da Silva e Melo Morais Filho. — R. G.].

Cada pulso prendia uma manilha,
Onde o topazio e os diamantes brilha.

Era rispida a barba, hirsuta e negra,
Povoada de esqualidas serpentes,
Que em tôrno do pescoço se enroscavam;
Por cajado na mão tinha um coqueiro,
Cuja ponta nas nuvens se occultava,
E a base no abysmo se enterrava.

Longa aljava nos hombros lhe carrega
De settas emplumadas guarnecida,
Sustenta a esquerda mão por arco um tronco
De pezado madeiro extenso e bronco:
O peito lhe apertava uma esmeralda
Com certas lettras de rubins gravadas,
Que não pude entender o que diziam,
Por mais que os meus sentidos applicasse:
Eu lhe pergunto, e elle a voz erguendo
Dêste modo fallou com som horrendo:

—" Eu sou o Maranhão, soberbo rio
Que nas minhas entranhas tenho e crio
Immensa cópia de metal luzente:
Altivo pizo, com terror da gente,
Brilhante pedraria e mais riquezas,
Até hoje aos indigenas defezas:
Apezar do furor, a que me inclino,
Devo ceder á fôrça do destino.
Chega o tempo por elle decretado,
Em que manda que eu seja navegado:
Tristão, o bom Tristão, que hoje governa,
Com fama e glória, que ha de ser eterna,
E cujo nome é este, que não lias,
Traz aos meus nacionais ditosos dias.
Elle o primeiro foi, que providente
Fez explorar do meu podêr a enchente;
Elle tenta primeiro os meus desertos,
E poz os meus sertões de todo abertos.

Ao novo navegante e viageiro
Não ha de assombrar mais o canoeiro;
Elle desiste da cruenta guerra,
Com que assusta nas agoas e na terra;
E deixando as pirogas e as covas,
Tristão sôbre a cerviz lhe põe leis novas;
Eu quero obedecer aos seus accenos.
Vós geraes moradores dos terrenos,
Que com meus braços sem terror retalho,
Vinde abraçar o próvido trabalho,
Que Tristão vos offerta, e em breves annos
Subjugados tereis os vossos damnos.
Do meu descobrimento expõe a história,
A quem de descobrir quizera a glória.
Seus designios declara e patentêa
A Francisco, a importancia desta idéa.
Tristão conhece a fôrça e vê a essencia
De uma nova e geral correspondencia;
Mâs antes que o commercio estabeleça
Como prático e sabio, quer que cresça
Uma firme e legal civilidade,
Sem a qual não persiste a sociedade.
Só quando este princípio se conhece
Se faz indispensavel o interêsse.
Communicam-se os povos mutuamente
Pêla troca que fazem differente;
As maximas e as leis introduzidas
Vão pouco a pouco nas nações vencidas
A operação firmando sem excesso,
Que facil torna todo o seu progresso.
Se povos que não pensam, nem discorrem
Com firme actividade, inda não correm
A buscar as riquezas, que lhe offerto
No thesoiro, que tem Tristão aberto,
Tempo virá que busquem infelizes
As ricas producções dos meus paizes,
E que fiquem depois involuntarios
Da oppressão e miseria tributarios.
Systema regular e reflectido
Da bocca de Tristão eu tenho ouvido;

E p'ra vosso constante beneficio,
Sôbre solida base ergue o edificio
De uma futura e doce sociedade,
A industria, a paciência, a sobriedade,
A mutua confiança perduravel,
São de uma precisão indispensavel
Á nascente colonia que se fórma:
Tristão regra vos dá, preceito e norma;
E sem que mais palavras eu repita,
Nos suaves costumes que exercita,
Melhor firmeza e ordem achareis,
Do que na fôrça e no vigor das leis."

Assim o monstro fala, meneando
A virente cabeça, e suspirando,
O beiço, então, mordeu — a cara volta,
E de novo ésta voz aos ares sólta:

— "Finalmente Tristão quebrou o imperio
Que tinha o meu podêr neste hemisferio.
De ardentes febres uma audaz cohorte,
Que atacando era certa e prompta a morte,
Pâra o averno intrepido desterra:
Com fogos novos purifica a terra,
Alimpa-se a atmosphera e as malinas
Pâra longe se vão destas campinas.
Benignos ares são substituidos,
E alimentos saudaveis produzidos,
Em vez das hervas más e venenosas:
Sibilantes serpentes perigosas
Vão a furia cevar n'outros logares
Distantes de meu leito e de meus ares.
E terão os meus nobres navegantes
Outra saude que não tinham dantes.
Sinto o que posso..."

— "Basta! lhe repito:
Não quero escutar mais as tuas vozes:
Antepões a crueza á humanidade?"

— "Perdoa, me responde, crueldade
Não chames ao que é pura natureza:
Tu louvas de Tristão d'alma a grandeza,
Eu sigo a inclinação, que o céu me inspira,
Sem que o louvor denigra com a ira.
Do teu heroe conheço a illustre alma,
Digno, pelo que faz, de loiro e palma:
Elle, só elle rompe-me as entranhas,
Quer-me abater as lateraes montanhas,
Intenta-me arrancar todo o thesoiro:
Como posso ocultar a pedra e o oiro,
Se céde o meu podêr á sua fôrça?
Quem ha, que o seu mandato evite ou torça?
Quer q'os meus hombros com valor supportem
O pêzo que me impõe, e que o transportem
Aos desejados fins do seu destino;
Quer que me sulque o nauta peregrino,
E que tome por fim até ao mar
A volta a direcção que me quer dar."

Em quanto assim comigo conversava
Voltei a face, e vi que branquejava
Um soberbo edificio, a quem adornam
Marmoreos balaustres, encrustados
De laminas brilhantes, d'oiro e prata:
Pêla elevada porta, immenso povo,
Alegre ora sahia, ora tornava,
E mutuamente os parabens se dava.

Ao gigante pergunto o que contemplo,
Quando elle me responde:

— "É este o templo
Da immortal gratidão: esse congresso,
Que vês sahir e entrar com tanto excesso,
E que ser povo immenso tu suppunhas,
São os heroes, que as azuladas cunhas
Ao teu illustre protector deixaram,
E que tanto com elle melhoraram;
Mutuamente se estão congratulando,

E uns aos outros os parabens se dando,
Por ver que em beneficio dos humanos
Enche Tristão o giro dos seus annos,
E que a mão poderosa da alegria
Inda tıouxe a Goyaz tão bello dia."

Ouvi a este tempo um grande viva
Que nos concavos ares retumbava:
Acórdo, deixo o templo, e n'um instante
Vejo em agoa tornado o meu gigante;
Porém pâra louvar a Tristão forte,
Tomára sonhar sempre desta sorte.

Dythirambo

Nymphas goyanas,
Nymphas formosas,
De côr de rosas
A face ornai.
Vossos cabellos
Com muitas flores
De várias côres
Hoje enastrai.
Sim, nymphas, applaudi tão grande dia!
E tu, doce Lyeu, pai da alegria
Vem-me influir,
Que os annos de Tristão quero applaudir.
Ó lá, traze do Pheno
O suave licor grato e sereno;
Traze os doirados copos cristalinos,
Venham falernos,
Venham sabinos,
Deita, deita, enche o copo — gró, gró, gró:
Não entornes, espera, que este só
Não é que havemos
Hoje beber;
Mais vinhos temos

Sem confeição,
Pâra brindar.
Ao bom Tristão.
Hoje á sua saude
Pretendo de beber mais de um almude!

Evoé
Ó padre Leneu
Saboé
Evan Bassareu.

Nectar suave, oh! quanto me consolas!
De mim se ausentem
Rixas, temores,
Mágoas, tristezas,
Penas e dores.
Venha outro copo de Baccho espumante,
Que ferva no peito,
E a mente levante.
Nos lusos fastos não se leia agora
Dos seus maiores a brilhante história:
Com alheias acções não condecora
A sua alta memória
O bom Tristão delicias dos humanos.
O curso dos seus annos
Cheios não são dêste furor guerreiro,
Que nos campos de Marte desbarata,
Rende, saqueia, obriga, assola e mata;
Mâs esperem, que escuto!
Vejo os troncos bolir! Ah! sim, bem vejo
Os Satyros brincões, Faunos auritos,
Que cheios de desejo,
Saltando aos ares vem ruidosos gritos,
Os capripedes deuses que diriam?
Se não me engano, em sua companhia
Vem bistanidas Thracias ululando,
Agitadas na rubida ambrozía,
Em choreas sincinnas volteando
Estas doces cantigas modulando:
Goyanos louvemos

Tristão immortal,
Bebamos, dancemos,
Ausente-se o mal.
E os doces licores
Do bom Nicteleu,
Em taças se entornem
De claro cristal.

Evoé
O padre Leneu
Saboé
Evan Bassareu.

Pois já que Tristão
De paz nos encheu,
Gostosos bebamos
O sumo de Oreu.
Traze, traze depressa o Peramanca,
Empine-se a botelha toda inteira.
Mâs que chama ligeira,
Ao modo de uma tropa,
Pêlas tumidas vêas me galopa?
És tu, Bromio gostoso? Eu bem te entendo
Bebamos mais aquelle, que das ilhas
Me mandaram de mimo
Do profundo oceano as verdes filhas.
No licor forte o coração me nada,
Baccho, Baccho, evoé!
O que terei nos pés? Eu cambaleio?
Cahindo estou de somno:
Depois que esvasiei quatro botelhas,
Rubidas tenho e quentes as orelhas,
O nariz frio, os braços estendidos,
Parece-me que gyra a casa toda.
Já não posso suster-me — nos ouvidos
Sinto um leve sussurro:
O corpo tremilhica, o chão me falta,
E julgo que esta casa está mais alta.
Como o teu elixir
Tão depressa, ó Leneu, me faz dormir?!

Agora, que eu queria
Cantar do bom Tristão
O seu candido genio,
O terno coração,
A presaga prudencia,
A profunda modestia,
A serena clemencia,
A justa temperança,
Agora é que me fazes tal mudança?

Evoé
O padre Leneu
Saboé
Evan Bassareu.

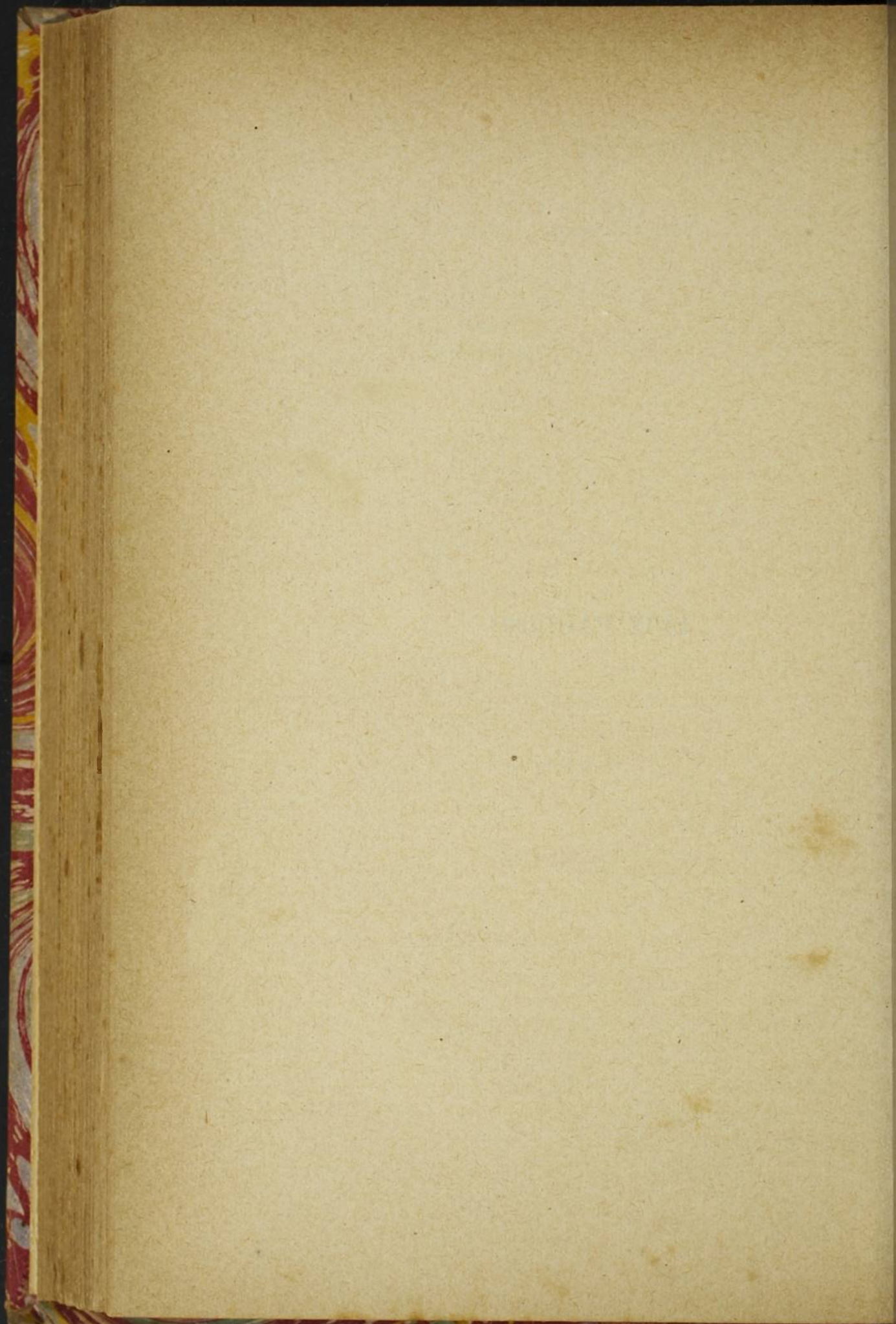
Venha um copo, dois copos, tres copos,
Retinem nos ares
Mil brindes contentes,
E os povos ardentes
De summa alegria,
Nas aras do gôsto
Com férvido mosto
Entoem gostosos
Sem mais dilação
Os annos ditosos
Do terno Tristão.

Evoé
O padre Leneu
Saboé
Evan Bassareu.

Sim, do grande Tristão tantas virtudes
O povo lhe louve,
O Neiva lhe dará muitos almudes
Dêste espirito rubro,
Que colhe no moinho,
Que os pezares desvia,
Que o somno concilia,

Que alegra a mocidade,
Que faz vermelha a envelhecida idade.

Evoé
O padre Leneu
Saboé
Evan Bassareu.

LUIZ PAULINO

LUIZ PAULINO (1)

Descrição d'um naufragio

Do vento açoitado
O oceano geme;
Desarvora o mastro,
E nos rouba o leme.
Já rasgada a véla
Pelos ares vôa,

(1) Luiz Paulino seguiu a carreira das armas, e serviu em Portugal até general. Era filho da Bahia, e pai do actual visconde da Fonte Nova, Bento da França.

[Luis Paulino de Oliveira Pinto da França nasceu na Bahia, em 30 de junho de 1771. Seguiu a carreira das armas, e era tenente-coronel de cavalaria do exército de Portugal, quando foi promovido, a 30 de julho de 1813, ao posto de coronel agregado ao 1.º Regimento de Cavalaria do exército do Brasil; foi provido nesse posto e no mesmo regimento em 17 de dezembro de 1815; promovido a brigadeiro em 26 de outubro de 1817 e a marechal de campo graduado em 13 de maio de 1819. Foi ajudante-general da expedição mandada contra os revolucionários de Pernambuco em 1817. Por ocasião dos sucessos de 1821 foi nomeado governador das armas pela junta da Bahia; foi também deputado por essa província às Côrtes Constituintes portuguesas. — Conf. Laurênio Lago, *Brigadeiros e Generais de D. João VI e D. Pedro I no Brasil*, ps. 111, Rio de Janeiro, 1938.

Achava-se em Portugal, quando foi enviado ao Brasil em missão especial de D. João VI ao Imperador D. Pedro I; veio a bordo do brigue de guerra *Treze de Maio*, que fundeou na barra,

Nas ondas mergulha
Soçobrada a prôa.
Materia inflamada
Do ar se despega,
Clarão côr d'enxofre
A vista nos cega.

---

segundo noticiou o *Diario do Governo*, nas *Noticias Maritimas*, de 11 de setembro de 1823: "Acha-se fundeado na barra o Brigue de guerra Portuguez *Treze de Maio*, do qual veio um bote a esta Fortaleza com um Official do dito Brigue que trazia officios para S. M. I., e que d'aqui foi mandado para a Cidade escoltado por um Official Inferior."

Nas mesmas *Noticias Maritimas* lê-se: "Dia 9 (do corrente): Lisboa pela Bahia, 61 dias; B. de guerra *Treze de Maio*, Com. o 1.° Ten. Manuel Pedro de Carvalho; traz a bordo o Marechal de Campo Luis Paulino de Oliveira Pinto da França, em Commissão de S. M. F."

A carta régia de D. João VI, trazida pelo marechal, datada de Lisboa, 7 de julho de 1823, ordenava-lhe que entrasse em entendimento na cidade da Bahia com o chefe de divisão José Félix Pereira de Campos e com o Brigadeiro Inácio Luis Madeira, para a suspensão de armas, que deviam imediatamente propôr aos comandantes das fôrças adversas.

O emissário não encontrou na Bahia com quem tratar, motivo por que continuou viagem para o Rio de Janeiro. Pretendendo aqui desembarcar, o governo brasileiro não anuiu ao seu desejo, não se dignando o Imperador em atender à proposta ou convenção alguma de sua parte, não só pela falta absoluta de poderes de que devia vir munido, mas ainda por não haver precedido a indispensável formalidade do reconhecimento da independência política do Império. Levado o fato ao conhecimento da Assembléia Constituinte, afim de deliberar sôbre a conservação do emissário a bordo, ou sôbre o pronto regresso, tendo em consideração o estado de doença que o mesmo alegava, comprovado pelos facultativos que o examinaram e atestaram que o enfêrmo padecia de "dispepsia e hemoptises crônicas", sendo por isso a mudança do local remédio apropriado a melhorar o seu estado, *Diario do Governo*, de 26 de setembro de 1823. Resolveu então o governo que o mesmo se recolhesse à casa de seu cunhado, o desembargador Antônio Garção Pinto Madureira, onde devia permanecer sob a guarda de um capitão, rendido cada dia, afim de ter ali em conveniente cautela o detido, inhibindo-lhe qualquer comunicação com pessoas que não fossem de sua família.

Raio combustivel
Nosso barco arromba,
No bojo dos máres
O ecco retomba.
Tres vezes Neptuno
Com ância implorámos:
Neptuno está surdo,
Em vão o chamámos.

No dia 2 de outubro zarpava o brigue *Treze de Maio*, recambiando a missão do Conde do Rio-Maior, que viera na corveta *Voadora*, entrada no Rio de Janeiro a 17 de setembro, a qual também não conseguiu ser recebida por D. Pedro I, *Diario do Governo*, de 4 de outubro.

O marechal ficou no Rio de Janeiro até 6 de dezembro. O *Diario do Governo*, do dia 10, registrou nas saídas do pôrto daquele dia:

"Lisboa. B. de guerra Portuguez *Glória*, Com. 1.º Ten. Sebastião José Baptista; passageiros o Marechal de Campo Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França, com 2 criados..." Na *Gazeta de Lisboa*, de 16 de fevereiro de 1824: "*Noticias Maritimas*. Entradas do dia 8.... — Do Rio de Janeiro, com 63 dias, 55 pessoas (9 passageiros, o Marechal Luiz Paulino Pinto da França, morreu no dia 8 de janeiro na altura de 8 gráos ao Norte da Linha, trazendo 2 criados)..."

Para a biografia de Luis Paulino veja mais o excelente trabalho do Dr. Mário Torres — *Uma família de generais*, in *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, n. 69 (1943), ps. 253/325. Sua obra poética conhecida é escassa. Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, V, ps. 447, cita de sua lavra quatro sonetos, publicados tres dêles no *Jornal de Coimbra*, e outro no *Parnaso Brasileiro*, de J. M. Pereira da Silva, e uma poesia, intitulada *O naufrágio*, publicado no mesmo *Parnaso*.

Luis Paulino era senhor do engenho Aramaré, na Bahia, e pleiteou uma feira em suas terras, como se vê do folheto: *Commodidades que o marechal de campo graduado Luiz Paulino da Oliveira Pinto da França offerece para o estabelecimento de huma Feira nas terras de seu Engenho denominado Aramaré, e a que se refere o Decreto de 9 de Agosto de 1819*. (Rio de Janeiro) Na Impressão Regia (1819), in fol. de 6 pp. mm. São assinadas por Tomás Antônio de Villanova Portugal, e precedidas do referido decreto.

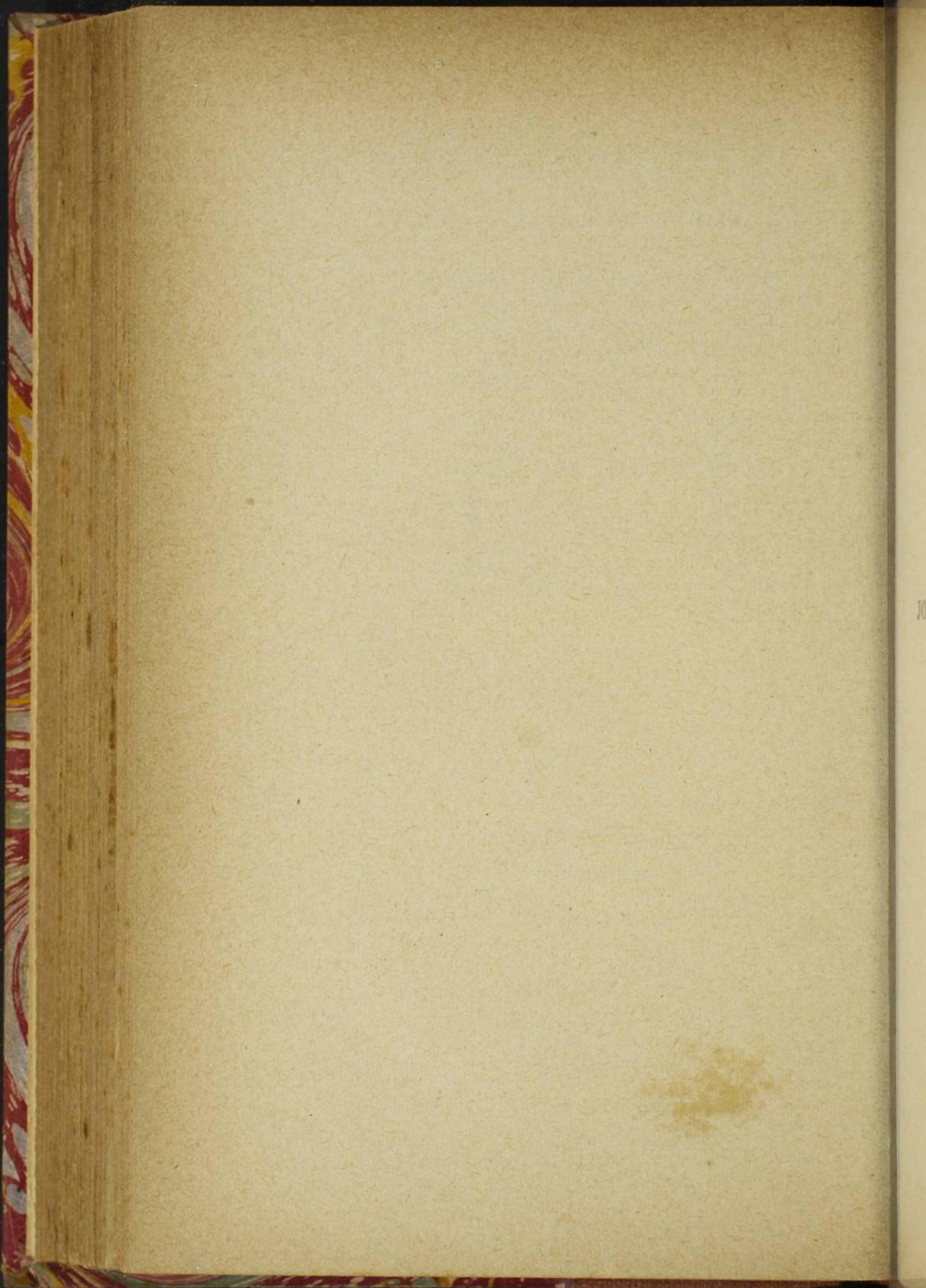
— Vale Cabral, *Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro*, de 1808 a 1822, n. 546. — R. G.].

O terror e o susto
De nós se apodéra,
O medo da morte
Só em nós impera.
Montões d'infelizes
Nas ondas sorvidos,
Intentam salvar-se
Por entre alaridos.
Um disputa ao outro
A taboa partida,
E qual mais ligeiro
Vai perdendo a vida.
Acaba a contenda,
A taboa fugiu,
Ao longo dos máres
Boiando se viu.
Feliz o que vive
Na solida terra,
Que negra borrasca
Jámais lhe faz guerra!

SONETOS

A teus pés, fundador da monarchia,
Vai ser a lusa gente desarmada:
Hoje rende á traição a forte espada,
Que jámais se rendeu á valentia.
Ó rei, se minha dor, minha agonia,
Penetrar podem sepulchral morada,
Arromba a campa, e com a mão myrrada
Corre a vingar a affronta dêste dia.
Eu fiel, qual te foi Moniz, teu pagem,
Fiel sempre serei: grata esperança
Me sopra o fogo de immortal coragem;
E as lagrimas, que a dor aos olhos lança,
Recebe, grande rei, por vassalagem,
Acceita-as em protesto da vingança.

Duas horas antes de expirar

Eis já dos mausoléus silencio horrendo
Me impede o respirar e a voz me esfria;
Eis chega a morte eterna; eis morre o dia,
E ao nada a natureza vai descendo.
No, da anniquilação, passo tremendo,
Escudo-me da sã philosophia;
Terror humilde o rosto não m'enfia,
Como Catão morreu, eu vou morrendo.
Mâs ah! tu, d'alma nobre qualidade,
Saudade cruel, co'o soffrimento
Me arremessas ás marés de anciedade...
Mulher... filhos... amigos.. n'um momento,
No momento do adeus p'r'a Eternidade,
Vós sois o meu cuidado, e o meu tormento.

JOSÉ DA NATIVIDADE SALDANHA

JOSÉ DA NATIVIDADE SALDANHA (1)

A André Vidal de Negreiros, natural de Pernambuco, e seu restaurador em 1654.

Eu (mil graças ao céu!) s'em largos campos
Não aro, não semeio
Com malhados bezerros trigo loiro,
Pedindo ao vate Argivo a lyra d'ouro,
Semeio nas campinas a memória
Canções credoras de perpétua glória.

---

(1) Foi um pardo de grande talento: distinguiu-se em Coimbra, onde estudava. Era filho de Pernambuco e de princípios ultra-republicanos.

[José da Natividade Saldanha nasceu no Recife, em 1795 (êste é o ano que vem declarado em seu termo de matrícula na Universidade de Coimbra), filho de Lourenço da Cruz. Teve em sua primeira infância a proteção de D. Tomás José de Melo, governador e capitão-general de Pernambuco; recebeu instrução secundária no Seminário de Olinda; na Universidade de Coimbra matriculou-se em 16 de outubro de 1819 e formou-se em 2 de julho de 1823, *Estudantes Brasileiros na Universidade de Coimbra*, n. 748.

Voltando a Pernambuco no mesmo ano de sua formatura, teve o lugar de secretário da Junta Governativa da província. Aderiu ao movimento revolucionário da Confederação do Equador, logo vencido pelas fôrças imperiais; conseguiu escapar à repres-

As redeas toma do cantor do Ismeno,
Musa canora e bella,
Ignivomos Ethontes atropella,
Guia a tua carroça luminosa
Ao bipartido cume:
Os cantores do Pindo que emudeçam,
Ao teu imperio os astros obedeçam.

E mais ligeiro
Do que o ribeiro
Que accelerado
Discorre o prado,
Serpenteando,
Vai tu levando
O teu carro á azul esfera,
Onde Febo só impera.

Fuja o profano vulgo, inepto e rude,
Pára ouvir os mysterios,
Que o altiloquo vate patentêa,
Quando alegre bebendo a clara vêa,
Da encantadora, diva Cabalina,
Troca a vida mortal pêla divina.

---

são, refugiando-se no estrangeiro, mas à revelia foi condenado à pena última. É conhecida a graciosa procuração em que outorgou plenos poderes ao Dr. Tomás Xavier Garcia de Almeida, membro da comissão militar que o julgou, para enforcar-se em seu lugar. Passou a viver em Bogotá, Colômbia, onde exercia o professorado e a advocacia. Em uma noite de chuva, ao passar pela vala que corre em frente ao hospital de São João de Deus, resvalou e caiu, ficando provavelmente sem sentidos com a pancada que recebeu, porque não pôde safar a cabeça de dentro das águas, e afogou-se aí, num riacho insignificante. Aquela noite foi a 29 para 30 de março de 1832, segundo apurou Argeu Guimarães, *Vida e morte de Natividade Saldanha* (1796-1832), Lisboa, 1932.

Sua obra poética coligiu José Augusto Ferreira da Costa — *Poesias de José da Natividade Saldanha*... precedidas de um estudo histórico-biographico. — Pernambuco, J. W. de Medeiros, editor, 1875, in-8°, com retr. — R. G.].

Oh monte! oh monte ao vulgo inaccessivel,
Onde florêa Apollo!
Quem, do Ethonte domando o bravo collo,
No teu cume fuzila brando canto?
Quem cinge a douta frente,
Póde affoito dispor da humana sorte,
Dar vida ao sabio, dar ao nescio morte?

Se o grande Homero
De Achilles fero,
Que Heitor procura,
A paixão dura
Não arpejára,
Na lynfa amára
Dêsse lago celebrado
Jazeria sepultado.

Se torvos, sopesando invicta lança,
Ó musa, não podêmos
No campo sanguinoso de Mavorte
Espalhar de uma vez terror e morte,
Podêmos, fulminando excelsos hymnos
Dos humanos mortaes fazer divinos.

Levemos dos heroes pernambucanos
A rutilante glória
Ao templo sacrosanto da memória:
Não deixemos em mudo esquecimento
Tantos varões famosos,
Que da inveja a pesar em toda a idade
Entregaram seu nome á eternidade.

Assim de Roma
A glória assoma.
Que do Latino
Em som divino
Relampeguêa
De graça cheia,

Quando fere a doce lyra,
Por quem Orion suspira.

Porém, ó Musa bella, o carro volta
Aos altos Guararápes,
Nelles procura o forte brazileiro,
Tigre sedento, lobo carniceiro,
Que, dardejando a espada em dura guerra,
Faz tremer, ao seu nome, o mar e a terra.
Ante os muros de Troia fumegantes,
Pélides furioso
Pêla morte do amigo bellicoso
Mais estragos não vibra, nem ruinas;
Nem o Aquilão fremente,
Que o pégo marulhoso revolvendo.
Vai montanhas de espuma ao céu erguendo.

Brava procella
Tudo atropella;
Ao belga forte
Fulmine a morte,
E o meu Negreiros
Co'os brazileiros
Augura cheio de glória
Em seus brios a victória.

Por cem boccas de fogo devorante
Vulcão impetuoso,
Vomita o bronze atroador e forte
Por entre denso fumo e negra morte;
E o nitridor ginete atropellado
Respira fogo em sangue misturado.

O vibrado corisco tripartido
Pêla dextra divina,
Ou subita estalando occulta mina,
Tão rapida não é, nem tão ligeira,
Com o nosso Camillo,

Que leva enfurecido ao marcio jogo
Fogo no coração, nos olhos fogo.

Prova, ó tyranno,
Pernambucano
Valor preclaro:
Negreiros caro
Consegue o loiro
De heroes thesoiro,
Conservando a invicta espada
No teu sangue inda banhada.

Será preciso ó musa, que sigamos
O heroe a toda a parte?
Que ao Rio Grande vamos e á Bahia,
Onde calcou Vidal a fôrça impía
Do tyranno hollandez, que ao seu aspeito
Sente o sangue gelar no duro peito?

Descancemos do claro Paraíba
Na margem abundante,
Onde brinca favonio susurrante;
Brilhe tambem na vasta redondeza
Esta illustre cidade,
Patria feliz do impavido Negreiros,
Terror do belga, amor dos brazileiros.

Porém em tanto
Suspende o canto;
Do teu auriga
Á dextra amiga
Confia o leme;
O cysne teme
Que do heroe cantando a glória,
Talvez lhe manche a memória.

———

A D. Antonio Filippe Camarão, natural de Pernambuco, e seu restaurador em 1654.

Dulcisono instrumento,
Que de claros heroes levaste o nome
Ao alto firmamento,
Quando o cantor do Ismeno
O plectro audaz vibrava;
Eleva agora ao templo da memória
Novo heroe, que brilhou no céu da glória.

De sacro enthusiasmo arrebatado
Além da humana esfera,
O argivo cysne, em metro não ouvido,
Celebra o combatente,
Que o bravo corredor domou valente;
Ou nos pitios combates valoroso
O triumpho colheu victorioso.

No Pegaso, correndo o vasto campo
Dos nobres feitos do brazilio Marte,
Vou colhêr sem demora
Flores em toda a parte,
E tecer-lhe depois em Dirce bella,
Ao brilhar do meu canto, uma capella.
D'entre larga espessura,
Ouvindo a voz da patria, a quem opprime
A tyrannia dura,
Sái Viriato forte,
Invicto lusitano,
E, clamando vingança e liberdade,
Resôa a voz na etherea immensidade.

Qual da Sicilia o monte pavoroso,
Que, chamas vomitando,
Entre nuvens de fumo tudo abrasa;
Qual Boreas furibundo,
Que, aberta a porta ao carcere profundo,

Com estampido atroador soando,
Vai as altas montanhas abalando.

Tal Viriato, a patria defendendo,
O Quirino soberbo desbarata;
E, tigre furioso,
Fere, atassalha e mata.
O imperio quirinal ao vê-lo geme,
De susto cheio o capitolio treme.

O Camarão potente,
Indio famoso, illustre brazileiro,
Negro Aquilão fremente,
É, dest'arte, que busca
O batávo em Goianna;
E um dia inteiro em horrida batalha,
Chovendo mortes, o inimigo espalha.

Tanto valor não tem, constancia tanta,
O grande heroe troiano,
Quando, montado no veloz ginete,
Pêla patria peleja:
Troveja mortes, damnos mil troveja;
Brilha o ferreo pavez auribordado,
Açoita as ancas o cocar doirado.

Patrocolo denodado, que atrevido
Ante os muros troianos apparece,
Cedendo ao braço duro,
Succumbe, desfalece;
E o bravo heroe, inda apesar dos annos,
Marcha na frente dos heroes troianos.

O Scipião famoso,
O belga em Santo Amaro derrotando,
Cinge o loiro ditoso,
Seu aspeito annuncia
A fugida ou a morte
De um lado a outro qual peloiro vôa,
Sôa a victória quando o bronze sôa.

Mais velozes não foram na Sicilia
De Pompeu os triumphos,
Que avassallou innumeras cidades,
Com deshumano estrago:
Nem do heroe, que de glória encheu Carthago,
E que, sendo o terror da invicta Roma,
Flaminio, Scipião, Marcello doma.

Não póde estar em ocio descançado
O heroe, a quem Mavorte inflama o peito.
No illustre Paraíba
O hollandez é desfeito;
Cunhaú, onde o belga é triplicado
Vê Camarão, e o belga subjugado.

Sôbre teu alto cume,
Erguido Guararape, altivo monte,
Qual fulgurante lume
Por Jove dardejado,
Brilhar tambem o viste,
Quando todo em furor, desfeito em ira,
Vingança e liberdade só respira.

Quanto é grato suster da patria cara
A fugitiva glória!
Dêste modo se alcança no futuro
Cubiçoso renome,
Que o tempo estragador jámais consome!
É credora de inveja, é feliz sorte,
Pêla patria acabar em doce morte.

Agora, musa minha, em Porto Calvo,
Colheremos a flor mais fresca e bella,
Que ha de ornar do guerreiro
A brilhante capella:
Escape de uma vez o heroe famoso
Do cego tempo ao ferro sanguinoso.

Vibrando a longa espada,
Ao lado marcha do brazilio esposo,

A nobre esposa amada.
No campo dos troianos
Camilla furiosa,
Voando sôbre a grimpa da seara,
Mais triumphos á morte não prepara.

Assoberbam o bátavo nefando,
O quente sangue espuma;
Qual belga foge, qual brazilio fere;
Quem evita o Mavorte,
Na espada feminil encontra a morte:
Ambos assim cobertos d'alta glória
Alcançam do hollandez clara victória.

Brazilio Camarão, indio Mavorte,
Recebe com prazer ésta capella,
Que te consagra o vate:
Com ella adorna a frente;
E da fama loquaz no excelso templo
Aos futuros heroes dá nobre exemplo.

A Henrique Dias, natural de Pernambuco, e seu restaurador em 1654.

Não posso, egrégio Henrique, em larga cópia,
As lagrimas da aurora offerecer-te;
Nem de marmor luzente
Padrões eternos contra o tempo erguer-te;
Porém ao som do plectro, que desfiro,
Com aureo canto eternisar-te posso:
Dom de maior valia,
Que cem columnas do opulento Efiro.

Quando no olympio circo,
Não mortal, todo numen o argivo cysne
Da atropellada bocca
Novos vibrava audaciosos hymnos,

Quanto a rival Corina
Raivava de escutar-lhe a voz divina!
Quanto o mesmo ginete, que a victória
Conseguiu ao Senhor, se encheu de glória!

Nem só de Ilio bateu neptunios muros
O indomavel Achilles,
Quando em tôrno correu do argivo campo,
Largo ribeiro, o sangue de Patrocolo:
Nem o velho Nestor, que honrára Pilos,
Transpoz sómente á vida o curto espaço.

Oh! mil vezes ditoso, o que da lyra
Tirando sons, milagres de harmonia,
Que o Patareu inspira,
Rouba os heroes do tempo á foice impía!
Ditoso, o que n'um frio esquecimento
Não deixa sepultar a patria glória!
Assim Camões divino,
Ergueu-te, ó Gama, eterno monumento.

Assim outr'ora Elpino,
Atropellando os Evos fugitivos,
Da immensa eternidade
As bifores abriu formosas portas,
Quanta d'ali rutila
Brilhante glória em Azamor e Arzila!
Viste de novo Adamastor, ferrenho
Sulcar teus máres lusitano lenho.

Qual furor divinal de mim se apossa!
Que sacro enthusiasmo
Em grossos turbilhões me assalta á mente!
Onde me elevas, impeto divino!
Oh passado! oh futuro! eu vejo tudo,
Abrem-se os penetraes aos meus accentos!

Henrique! lá me assoma em densa treva
Do fero belga a alta trincheira invicta!

Que clamor que se eleva!
Que terror nos cercados que se excita!
O bipene cutello a Parca afia
No fuzilo dos elmos, das espadas;
Troa o bronze inflammado,
Que em chuveiros a morte despedia.

Como debalde intentas,
Belga soberbo, te esquivar ao raio!
Como!... já se arremessam
Altas escadas ás trincheiras altas;
Já tremula a primeira
Sôbre as muralhas portuguez bandeira:
Já curvas, hollandez, com fado escasso,
Altiva fronte do africano ao braço.

Freme na estancia o bellico Mavorte,
Fulminando ruinas.
Lá Dias apparece... ah! quão azinha,
Foge ao vê-lo a batavia atrocidade,
Assim de Heitor fugia o grego imbelle,
Que as muralhas de Troia acommettia.

Que confusão, ó musa, que alarido!
O céu se encobre de negrume horrendo!
Que estrondo nunca ouvido!
Que sangue pêla terra vai correndo!
Que é isto!... Mâs lá sôa... "O belga forte,
Nas Salinas fugir em vão intenta;
Henrique os atropella,
E a seu lado se espraia a negra morte."

Tal do heroe de Carthago
Fugia á vista a quirinal cohorte;
Quando em Tresbia valente
O consul atrevido derrotára.
Tal foge temeroso
Do açor cruento á garra furibunda.
O aereo bando de mimosas pombas:
Tanto do Heitor brazilio assusta o braço!

Como lá foge ao vê-lo nas Tabocas
O bátavo medroso!
Como sem côr, sem vida, espavorido,
De susto cheio, no Afogado foge!
Como tresúa, navegando os mortos,
Na feia barca o sórdido Charonte!

Guararápes! abaixa o nobre cume;
O illustre Scipião lá vai subindo,
Que nunca visto lume
Da fulgurante espada vem saindo!
Relincha o nitridor atropellado,
Sangue e fogo no freio mastigando;
Lá sôa!... lá começa
Dos peloiros o estronde repetido.

Qual do cavallo vôa,
Qual sem cabeça corpo vai rolando,
Qual decepado braço,
Inda tremendo aperta a quente espada,
Qual sem dono ginete
Pisa e repisa galopando o campo...
Lá dá costas o belga, já procura...
Nas densas mattas o mesquinho abrigo.

Musa!... porém já basta, descancemos
Um pouco a lyra d'oiro;
E entretanto conheça o mundo todo,
Que entre o remoto povo brazileiro
Tambem se criam peitos mais que humanos,
Que não invejam gregos, nem romanos.

Ao Mestre de Campo Francisco Rebello, natural de Pernambuco, e seu restaurador em 1654.

Brazileiros!... de novo afino a lyra,
E o numen de Patara,

Que os lisongeiros vates não inspira,
A minha mente inflama.
Tecei-me nova corôa,
Filhas do céu, razão, ingenuidade;
Pois agora acordando
A lyra brazileira os sons argivos,
Vou estampar o nome
De Rebello immortal na eternidade.

Já da apollinea chama
Acceso turbilhão me desce ao peito!
Como um tropel de idéas magestosas
A mente me confunde!
Eu vejo, eu não me engano, o Delio Numen,
Que aos ouvidos me entôa altivos hymnos:
Ó Pindaro! esmorece!
Tu já tens um rival no amor da patria,
No canto, que aos heroes dá nome e vida.

Longe de mim o vulgo boquiaberta,
Que não póde escutar os sons cadentes,
Que o vate desencerra;
Longe de mim a turma aborrecida,
Que á lyrica não sóbe, e que derrama
Versos sem alma, e só no nome versos;
Longe, socios de Mevio, e não de Elpino,
Não de Filinto, Coridon e Alfeno:
Meiga pompa ululante
Não segue os vôos da ave do tonante.

Vem, Aonio, a meu lado ouvir meus hymnos;
Vem a prestar-me a lyra,
Que hoje tem de troar com sons divinos,
Quaes Diniz, que nos guia,
Outr'ora modulára;
Vem comigo cantar, deixa de parte
A arrufadiça Ulina.
Se devemos á patria a nossa vida,

Dêmos-lhe a nossa fama,
Dêmos vida aos heroes, que á patria a deram.

Ó vós, sombras divinas,
Manes de Henrique, manes de Negreiros,
As campas sacudi, erguei a frente,
Pâra escutar o cisne,
Que roubou vosso nome ás mãos do Lethes.
Exultai! novo heroe vai hombrear-vos
Sôbre as azas da fama.
Teve parte comvosco nos perigos,
Vai ter comvosco seu quinhão na glória.

Qual de Roma o guerreiro, que inda joven,
Emulando de Marte a valentia,
Venceu Numancia fera,
Carthago derrotou, deu leis ao mundo,
Foi doce á patria, horrivel ao imigo;
Qual Condé, cujo nome portentoso
Faz de Alcides lembrar os nobres feitos,
E que, quando voava ao marcio campo,
Levava no seu braço
O augurio não falivel da victória.

Rebello assim desfeito em chamma, em ira,
A toda a parte voa,
E onde assoma valor, audacia inspira.
Treme de ouvir-lhe o brado
O belga esmorecido.
Tu, Santo Amaro, o viste, quando inerme,
Provocando o inimigo,
Co'a espada trovejou raios de mortes,
E, Hercules imitando,
Rouba a vida a um Antheu co'os rijos braços

Foge o belga medroso,
Foge á vista do heroe; porém aonde
Póde escapar ao raio? O heroe o segue,
Assoberbando tudo.
Nada lhe embarga os passos, nada o prende;

Chameja, espuma, brama, e os campos tala,
Desmorona os redutos:
E de sangue, e de glória, e pó coberto,
Entre impios ossos caros ossos piza.

Mazurépe! já voa em teu socorro,
Dos olhos scintillando fogo ardente,
Sedento do inimigo,
O heroe, a cuja fama é pouco o mundo.
Já!... Que horror! entre fogo, entre alarido,
Chove o bronze mortifera granada;
Cruzam lanças, a hoste se derrama...
Exulta, ó Mazurépe! O belga cede,
Antes o brazilio raio
Tudo é pó, tudo é cinza, tudo é nada.

Novo campo de glória se offerece
Ao brazileiro tigre:
Sigismundo a vingar-se lhe apparece.
Ó belga desgraçado!
Porto Calvo famoso
Por três vezes te viu deixar-lhe o campo,
Quando Rebello forte,
Á dextra o raio, o terrorismo á frente,
Impavido assomando,
Tudo era pouco a saciar-lhe a furia.

Assim o antigo persa,
No esquadrão numeroso confiando,
Aos da Grecia guerreiros se apresenta;
Assim Flaminio bravo
Á glória de Carthago, ao fero Annibal,
Tal em Neméa os bravos sicilianos
A Pericles se offerecem;
Assim nas margens ferteis do Garona
A aguia soberba foi lançada em terra.

Taparica infeliz em ti devia
Com a morte coroar tantas victórias.

Peloiro penetrante,
Rompendo o peito forte, foi beber-lhe
As fumantes entranhas inda quentes,
E envolvido em troféus do seu triumpho.
Na campina mavorcia teve a morte.
Porém quando se chega ao céu da glória
A existencia é pezada:
Assim Turene sôbre o campo expira.

Ó pátria minha e delle! enxuga o pranto:
Morreu; mâs libertou-te,
E de novo revive no meu canto.
Inda hoje a sombra sua
Te cérca a todo o instante,
E co'os olhos em ti, assim te brada:
— "Exulta, ó Pernambuco!
Dei a vida por ti — foi doce a morte!
Não te falta o meu braço,
Tu genios inda tens, que me assimilham."

Ó jovens brazileiros.
Descendentes de heroes, heroes vós mesmos,
Pois a raça de heroes não degenera,
Eis o vosso modelo;
O valor paternal em vós reviva;
A patria, que habitaes, comprou seu sangue,
Que em vossas vêas pulsa;
Imitai-os, porque elles do sepulchro
Vos chamem com prazer seus caros filhos.

Assim em Roma o brio dos Horacios
Nos recemnados filhos vegetava;
Assim o egregio sangue
Em Termopilas dura derramado
Antolhava em seus filhos vingadores:
Tomai delles o brio, a fôrça, a manha;
Sêde sempre fieis á patria cara;
Vós sereis brazileiros;
Sereis pernambucanos verdadeiros.

PADRE SILVERIO DA PARAOPEBA

PADRE SILVERIO DA PARAOPEBA (1)

Fabula do Morro do Ramos

Qual Dom Quixote
No Rocinante,
Já cavalleiro
Me fiz andante.
Apenas raia
A luz plebea,

---

(1) Era filho de Minas e poeta fecundo por natureza. Morreu cego. — Segundo o sr. Paulo Barboza, são muitissimas as composições que deixou, e em todas ellas ha bastante originalidade. — N'uma dellas conta a maneira como fez fortuna nas Minas.

[Chamava-se Silvério Ribeiro de Carvalho, nasceu e viveu cerca de oitenta anos na freguesia de Paraopeba, do município de Ouro-Preto, hoje Itabirito. Era presbítero secular e fazendeiro em suas terras. Faleceu cego, em maio de 1843. — Conf. Cônego Raymundo Trindade, *Archidiocese de Mariana,* II, ps. 1093, São Paulo, 1929.

De sua obra poética o Dr. José Maria Vaz Pinto Coelho coligiu e publicou:

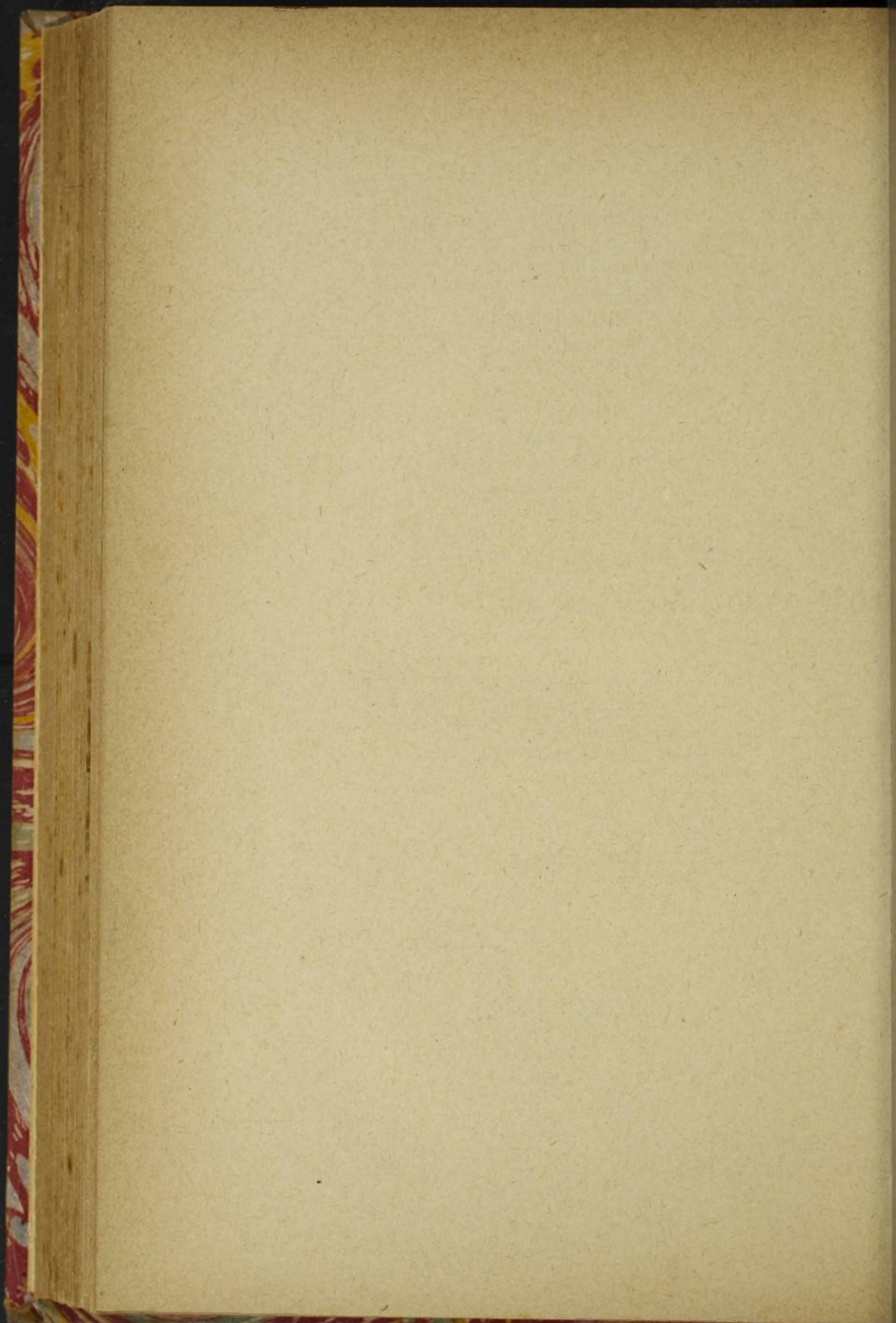
Trovas Mineiras: Rio de Janeiro, Typographia Portugal e Brasil — Rua da Assembléia, n. 34, 1863, in-8°, de 93 pp.

Mário de Lima, *Collectanea de Autores Mineiros — Poetas,* vol. I, ps. 273/293, Belo Horizonte, 1922, publicou oito de suas produções, incluindo a *Fábula do Morro do Ramos*. — R. G.].

Não busco encantos
De Dulcinea.
A estrada busco
De Villa Rica,
Que dôze leguas
Distante fica.
Só por beijar
Neste almo dia
A mão piedosa
D'alta Maria.
Passo a *Itabira,*
Passo a *Caxoeira,*
E a mesma Serra
Subo á carreira.
Aonde o Conde
De Cavalleiros
Deixou a fonte
Aos passageiros,
Que ali descançam
Junto á corrente,
Quando os abraza
A calma ardente.
Logo presago
Meu coração
Cá palpitou-me,
Nem era em vão.
Porque chegando
Ao fim da Serra,
Ouço um ruido
Que ali me aterra.
De espessa gruta
Do sol isempta,
Figura horrenda
Se me apresenta.
Tostado o corpo
Tinha a figura,
Mais de mil palmos
Tinha de altura.
Os olhos fundos,
Faces chupadas,

As barbas brancas,
As mãos myrradas.
    Mal se apresenta
Pasma o cavallo:
Cheio de espanto
Assim lhe falo:
    — "Quem és, me dize,
ó monstro horrendo?"
Mal lhe pergunto
Fiquei tremendo.
    Depois de um pouco
Estar calado
Como quem soffre
Um mal pesado.
    Abrindo a bocca,
Onde se viam
Tres velhos dentes
Que já boliam.
    Alçando aos ares
A carantonha,
Com voz cançada,
Porém medonha:
    —"Sou *Ramos*" disse,
"Filho da terra,
Que aos altos deuses
Tambem fiz guerra.
    "Com *Villa Rica*
Tomei amores,
Que hoje causam
Mágoas maiores.
    "Ella me fez
O leito d'oiro
E fez-me entrega
Do seu thesoiro.
    Vivia farto,
Alegre e cheio
E dos amores
Em doce enleio.
    "Porém os deuses,
Que se aggravaram,

Logo a soberba
Me castigaram.
“Neste alto morro,
Precipitado,
Por meu castigo
Fui transformado.
“Meus longos ossos,
Que aqui jazeram,
Em duas pedras
Se converteram.
“Por maior pena,
Maior castigo,
Tenho a *Velloso*
Por inimigo.
“Elle me estruge,
Elle me aterra,
Fazendo sempre
Contínua guerra.
“Agudos ferros,
Fôrças estranhas,
Me vão rompendo
Estas entranhas.
“Tenho defronte
A minha bella;
Mâs oh! não posso
Chegar-me a ella.
“Deito-lhe os olhos,
Votos lhe off'reço,
Nem um aceno
Sequer mereço.
“Nos seus ouvidos
Por meus suspiros,
Soam medonhos,
Horrendos tiros.
“Lagrimas tristes,
Correndo em fio,
Nas repuchadas
Daqui lhe envio.
“Porém debalde
Suspiro e chóro,

Por essa imagem,
Qu'inda hoje adoro.
"Entre prazeres
De mim se esquece,
Ou por enorme
Me desconhece.
"Pois que com ella
Falar não posso,
Pelo destino
Ou fado nosso:
"Dize-lhe que hoje,
Bem que se occulta,
O seu amante
Tambem exulta.
"Que, pois, lhe pede
Como em penhor
Do seu antigo,
Fiel amor.
"Que dêsse nobre
Metal luzente,
Que do seu seio
Vai na corrente,
"Um padrão alto
Mande erigir,
Onde éstas letras
Faça insculpir:
"— A par de Pedro,
Com alegria,
Por longos annos
Viva Maria.—"

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA (1)

Aos Gregos

Ó musa do Brazil, tempéra a lyra,
Dirige o canto meu, vem inspirar-me:
Accende-me na mente estro divino
De heroico assumpto digno!

Se comigo choraste os negros males,
Que a saudosa, cara patria opprimem,

---

(1) O nome de José Bonifácio, no Brazil e em Portugal, como em geral na Europa, é tão conhecido nas lettras, nas sciencias e na politica, que a sua vida comprehende a história d'um grande periodo, primeiro de história litteraria de Portugal, depois da história do Brazil. Aqui nos limitaremos a dizer que nasceu em Santos a 13 de Junho de 1765, e faleceu aos 6 d'Abril de 1838, e que suas grandes occupações não o impediram de votar ás musas uma parte do tempo. Estando desterrado em Bordeus em 1825 ahi publicou um tomito de poesias avulsas, intitulando-se Americo Elysio. Outras andam dispersas.

[A obra poética de José Bonifácio foi ultimamente inserta nas Publicações da Academia Brasileira (Coleção Afrânio Peixoto), compreendendo a reprodução fac-similar da *editio princeps* das *Poesias Avulsas,* de Américo Elysio (Bordeos, 1825), as poesias ajuntadas na edição do Rio de Janeiro, 1861, e mais uma contribuição inédita, precedidas de lúcido estudo de Afrânio Peixoto sôbre *O Primeiro livro do Romantismo no Brasil,* — Rio de Janeiro, 1942, in-8° paq., de XVII + VII + 187 pp. José Bonifácio, o Patriarca, é patrono da cadeira n. 16 dos membros correspondentes da Academia Brasileira. — R. G.].

Da Grecia renascida altas façanhas
As lagrimas te sequem.

Se ao curvo alfange, se ao pelouro ardente,
Politica malvada a Grecia vende;
As bandeiras da cruz, da liberdade,
Farpadas inda ondeam.

As bayonetas que os servís amestram,
Carnagem, fogo, não assustem peitos,
Que amam a liberdade, amam a patria,
E de helenos se presam.

Como as gotas da chuva o sangue ensópa
Arido pó de campos devastados;
Como do funeral, lugubre sino,
Gemidos mil retumbam.

Creancinhas, matronas, virgens puras,
Que á apostasia, que á deshonra vota
O feroz Moslemim, filho do inferno,
Como martyres morrem.

E consentís, ó Deus; que os tristes filhos
Da redemptora cruz, arabes, turcos,
Exterminem do solo antigo e santo
Da abandonada Grecia?

Contra algozes os miseros combatem;
Contra barbaros cruz, honra e justiça:
A Europa geme — só tyrannos frios
Com taes horrores folgam.

Rivalidades, ambição, temores,
Sujo interêsse a inerte espada prendem;
E o sangue de christãos, que lagos fórma,
Um ai lhes não arranca!

Perecerás, ó Grecia, mâs comtigo
Murcharão de Albion honra e renome:

O sórdido egoismo, que a devora,
É já do mundo espanto!

Não desmaies, porém: a Divindade
Roborará teu braço; e na memória
Gravará pâra exemplo os altos feitos
Dos illustres passados.

Eis os myrrados ossos já se animam
De Mélciades; já da campa fria
Ergue a cabeça, e grito dá tremendo
Pâra acordar os netos.

— "Helenos!" brada: "ó vós, prole divina,
Basta de escravidão — não mais opprobios!
É tempo de quebrar grilhão pesado,
E de vingar infamias.

"Se arrazastes de Troia os altos muros
Pâra o crime punir, que amor causára,
Então porque soffreis ha largos annos
Estupros e adulterios?

"Foram assento e berço ás doutas musas
O sagrado Helicon, Parnazo e Pindo:
Moral, sabedoria, humanidade,
Fez vercejar a lyra.

"Ante helenicas prôas se acamava
Euxino, Egeu, e mil colonias íam
Levar artes e leis ás rudes plagas,
E da Lydia e da Europa.

"Um punhado de heroes então podia
Tingir de sangue persa o vasto Ponto:
Montões de corpos inda palpitantes
Estrumavam os campos.

"Ah! porque não sereis o que já fostes?
Mudou-se o vosso céu e o vosso solo?

E não são inda os mesmos estes montes,
Estes máres e portos?

"Se Esparta ambiciosa, Athenas, Thebas,
O fratricida braço não tivessem
Em seu sangue banhado, nunca a Grecia
Curvára o collo a Roma.

"E se de Constantino a infame prole
Do fanatismo grego não houvera
Aguçado o punhal, ah! nunca as luas
Tremularam ufanas.

"Depois que foste, ó Grecia miseranda,
De despotas brutaes brutal escrava,
Em a esquerda o *koram*, na dextra a espada,
Barbaria prega o turco.

"Assás sorveste já milhões de insultos,
Já longa escravidão pagou teus crimes:
O céu tem perdoado. — Eia, já cumpre
Ser helenos, ser homens.

"Eia, gregos, jurai, mostrai ao mundo,
Que sois dignos de ser quaes fostes d'antes;
Eia, morrei de todo, ou sêde livres!"
Assim falou — calou-se.

E qual ligeira nevoa, sacudida
Pelo tufão do norte, a sombra augusta
Desapparece. A Grecia inteira brada:
"Ou liberdade ou morte."

Aos Bahianos

Altiva musa, o tú, que nunca incenso
Queimaste em nobre altar ao despotismo,

Nem insanos encomios proferiste
De crueis demagogos.

Ambição de podêr, orgulho e fausto,
Que os servís amam tanto, oh! nunca, musa,
Accenderam teu estro — a só virtude
Soube inspirar louvores!

Na abobada do templo da memória
Nunca comprados cantos retumbaram:
Ah! vem, ó musa, vem na lyra d'ouro
Não cantarei horrores.

Arbitraria fortuna! despresivel
Mais que essas almas vis, que a ti s'humilham,
Prosterne-se a teus pés o Brazil todo,
Eu nem curvo o joelho.

Beijem o pé que esmaga, a mão que açoita,
Escravos nados — sem saber, sem brio;
Que o barbaro tapuia, deslumbrado,
O deus do mal adora.

Não! reduzir-me à pó, roubar-me tudo,
Porém nunca aviltar-me póde o fado:
Quem a morte não teme, nada teme;
Eu nisto só confio.

Inchado de poder, de orgulho e sanha,
Treme o visir, se o grão-senhor carrega,
Porque mal digeriu sobrolho iroso,
Ou mal dormiu a sésta.

Embora nos degraus do excelso throno
Rasteje a lesma, pâra ver se abate
A virtude que odêa, só me alenta
Do que valho a certeza.

E vós tambem, bahianos, despresastes
Ameaças, carinhos — desfizestes

As cabalas que perfidos urdiram,
Inda no meu destêrro.

Duas vezes, bahianos, me escolhestes
Pâra a voz levantar a pró da patria,
Na assembléia geral; mâs duas vezes
Foram baldados votos!...

Porém em quanto me animar o peito
Este sôpro de vida que inda dura,
O nome da Bahia, agradecido,
Repetirei com jubilo.

Amei a liberdade e a independencia,
Da doce, cara patria, a quem o luso
Opprimia sem dó, com riso e mofa:
Eis o meu crime todo!

Cingida a fronte de sanguentos loiros,
Horror jámais inspirará meu nome:
Nunca a viuva ha de pedir-me o esposo,
Nem seu pai a criança.

Nunca aspirei a flagellar humanos;
Meu nome acabe, pâra sempre acabe,
Se pâra o libertar do eterno olvido
Forem precisos crimes!

Morrerei no destêrro em terra estranha,
Que no Brazil só vís escravos medram:
Pâra mim o Brazil não é mais patria,
Pois faltou á justiça.

Valles e serras, altas mattas, rios,
Nunca mais vos verei! Sonhei outr'ora
Poderia entre vós morrer contente;
Mâs não! monstros o vedam.

Não verei mais a viração suave
Para o aerio vôo, e de mil flores

Roubar aromas e brincar travêssa
Co'o trémulo raminho.

Oh! paiz sem igual, paiz mimoso!
Se habitassem em ti, sabedoria,
Justiça, altivo brio, que ennobrecem
Dos homens a existencia...

De estranha emulação acceso o peito,
Lá me ía formando a fantasia
Projectos mil para vencer vil ocio,
Pâra crear prodigios!

Jardins, vergeis, umbrosas alamedas,
Frescas grutas então, piscosos lagos,
E pingues campos, sempre verdes prados
Um novo eden fariam.

Doces visões, fugi! Ferinas almas
Querem que em França um desterrado morra!
Já vejo o genio da certeira morte
Ir afiando a foice.

Gallicana donzella lacrimosa,
Trajando roupas luctuosas, longas,
Do meu pobre sepulchro a tosca lousa
Só cobrirá de flores.

Que o Brazil inclemente, ingrato ou fraco,
Ás minhas cinzas um buraco nega,
Talvez tempo virá qu'inda prantêe
Por mim com dôr pungente!

Exulta, velha Europa, o novo imperio,
Obra prima do céu, por fado impio...
Não será mais o teu rival activo
Em commercio e marinha.

Aquelle que gigante inda no berço,
Se mostrava ás nações, no berço mesmo,

É já cadaver de crueis harpias,
De malfazejas furias!

Como, ó Deus, que portento a Urania, Venus
Ante mim se apresenta? Riso meigo
Banha-lhe a linda bocca, que escurece
Fino coral nas côres.

— "Eu consultei os fados que não mentem"
Assim me fala a piedosa deusa.
"Das trevas surgirá sereno dia
Pâra ti, para a patria.

"O constante varão que ama a virtude,
Co'os berros da borrasca não se assusta,
Nem como a folha do alamo fremente
Treme á face dos males.

"Escapaste a cachopos mil occultos,
Em que ha de naufragar, como até-gora,
Tanto aulico perverso. Em França, amigo,
Foi teu destêrro um porto.

"Os teus bahianos, nobres e briosos,
Gratos serão a quem lhes deu socorro
Contra o barbaro luso, e a liberdade
Metteu no solo escravo.

"Ha de emfim essa gente generosa
As trevas dissipar, salvar o imperio:
Por elles liberdade, paz, justiça,
Serão nervos do estado!

"Qual a palmeira que domina ufana
Os altos topos da floresta espessa,
Tal bem presto ha de ser no mundo novo
O Brazil bem fadado.

"Em vão de paixões vís cruzados ramos
Tentarão impedir do sol os raios:

A luz vai penetrando a copa opaca,
O chão brotará flores."

Calou-se, então — voou; e as sôltas tranças
Em tôrno espalham mil sabeus perfumes,
E os zefiros, as azas adejando,
Vasam dos ares rosas.

Cantigas bacchicas

A Baccho brindemos,
Brindemos a Amor:
Embora aos corcundas
Se dobre o furor.

Em brodio festivo
Mil copos retinam;
Que a nós não nos minam
Remorsos crueis.
Em jubilo vivo
Juremos constantes
De ser como d'antes
Á patria fieis.

A Baccho brindemos, *etc*

Consocios amados,
Se a patria affligida
Por nós clama e lida,
Pois longe nos vê;
Jámais humilhados
Ao vil despotismo,
No meio do abysmo
Fiquemos em pé.

A Baccho brindemos, *etc*

Gritemos, unidos
Em santa amisade:
Salve, ó liberdade!
E viva o Brazil!
Sim, cessem gemidos,
Que a patria adorada
Veremos vingada
Do bando servil.

A Baccho brindemos, *etc.*

A nau combatida
Da tormenta dura,
Furores atura
Do rabido mar.
Já quasi sumida,
Resurge, e boiando
Lá vai velejando,
Sem mais soçobrar.

A Baccho brindemos, *etc.*

Bem prestes, amigos,
Vereis vossos lares,
Tão tristes azares
Jámais voltarão.
Os vís inimigos
Só colhem vergonha;
E a negra peçonha
Distillam em vão.

A Baccho brindemos, *etc.*

Se a patria nos ama
Amal-a sabemos:
Por ella estivemos
O sangue a verter.
Se a patria nos chama,
Iremos contentes
Com peitos ardentes
Por ella a morrer.

A Baccho brindemos, *etc.*

Patricios honrados,
Aos ternos meus braços
Em mutuos abraços
A unir-vos correi.
Co.'os copos alçados
De novo juremos
Que amigos seremos...
Já bebo — e bebei.

A Baccho brindemos, *etc.*

A Venus fagueira
A Baccho risonho,
Ninguem por bisonho
Se esqueça brindar:
Moafa ligeira
Tomemos agora:
Amigos, vão fóra
Tristeza e pezar.

A Baccho brindemos, *etc*

ODES

I

A Poesia

Não os que enchendo vão pompozos nomes
Da adulação a boca;
Nem canto tigres, nem ensino a feras
As garras afiar, e o agudo dente:
Minha musa orgulhoza
Nunca aprendeu a envernizar horrores.

Genio da inculta patria, se me inspiras
Acceso estro divino,
Os porfidos luzentes não m'o roubam,
Nem ferrugentas malhas, que deixaram
Velhos avôs cruentos:
Canto a virtude quando as cordas firo.

Graças às nove irmãs! meus livres cantos
São filhos meus e seus!
A lauta meza de baixela d'ouro,
Onde fumegam siculos manjares,
Do vulgo vil negaça,
Mal comprados louvores não me arranca.

Divina poesia, os alvos dias,
Em que pura reinavas,
Já fugiram de nós. — Opacas nuvens
De fumo os horizontes abrazando,
A luz serena offuscam,
Que sobre o velho mundo derramaras.

Á sede d'ouro, e á vil cobiça dados,
Os filhos teus (ingratos!)
Nas níveas roupas tuas aljofradas
Mil negras nodoas sem remorço imprimem.
Mascarada lisonja,
Fome, baixeza os venaes hymnos dictam,

Então que densos bosques e cavernas
Os homens acoutavam,
Pela musica e dança acompanhada
Benefica poesia a voz alçando,
Do seio da mãe terra
Nascentes muros levantar fazia.

Então pulsando o vate as cordas d'oiro,
A populoza Thebas
Altiva a frente ergueu, ao som da lyra;
E os horridos costumes abrandando

A sentir novos gozos
Aprende a feroz gente, bruta e cega.

Assim Orpheo, se a doce voz soltava,
Os Euros suspendidos,
O rio quedo, as rochas attrahia:
E os raivosos leões e os ursos feros
Manso e manso chegavam
A escutar de mais perto o som divino.

O selvagem que então paixões pintava
Com uivos e com roncos,
Pelas gentis camenas amestrado,
Os ouvidos deleita, a lingua enriça,
E com sonoro metro
Duraveis impressões grava na mente.

Qual a tenra donzella branca e loira
Da Paphia deusa inveja,
Os olhos côr do céo, vermelha a face,
O peito faz sentir que não sentia:
Assim musas divinas,
Corações bronzeados ameigavam.

Entre os frios Bretões, e os Celtas duros
Reinaram as camenas.
De pó, de sangue, de ignominia cheios
Mostra os vencidos Ossians á patria;
E a frente coroando,
Canta os triunfos, canta a propria gloria.

Qual das aves magica harmonia,
Que a primavera canta,
Assim teus feitos, grandes e sublimes,
No dia da victória, herculeo Fingal,
Teus bardos celebravam,
E a testa sobrançuda desfranzias.

Soberbos templos teve, teve altares
Na Grecia a poesia.

Genios brilhantes! seus antigos vates
Os sociaveis nós, uteis e doces;
Humanos apertaram;
Simples e poucas sabias leis fizeram.

A frente levantar não se atrevia
O fanatismo ferreo;
Co'a gotejante espada dos altares
Arrancado, vermelho sangue quente
Que lagos mil formára,
Dos proprios filhos não vertia a terra.

Nem absurda calumnia perseguia
A razão e a virtude...
Se a terra via, via heroicos crimes.
Tu monstro horrendo, horrendo despotismo,
Ah! sobre ti cahiram
Accesos raios, que na mão trazias.

Maldição sobre ti, monstro execrando,
Que a humanidade aviltas!
Possam em novos mares novas terras,
Por britannicas gentes povoadas,
Quebrados os prestigios,
Os filhos açoitar da liberdade?

Então a fome de oiro, mãe de crimes,
Negra filha do inferno,
Não tinha o braço matador armado
Do tyranno europeo. — A Africa adusta,
E a doce patria minha
Seus versos innocente entoavam.

Vós lhe dictaveis, heliconias deusas,
Ternos versos chorosos
Do doce amigo morto á sombra ausente!
Outras vezes as vozes levantando,
A glória dos heroes
Em choréas enérgicas cantavam.

Então nascendo altiloqua epopea
Celebra os semideuses:
Tal da Grecia recente em alvos dias,
A trombeta embocando sonorosa,
Fez ver a luz Homero,
Que depois imitaste, augusta Roma!

Não mil estatuas de fundido bronze,
Nem mármores de Paros
Vencem as iras de Saturno idoso:
Arrazam se pyramides soberbas,
Subterram-se obeliscos,
Resta uma Illiada, e uma Eneida resta!

Qual rouca rã nos charcos, não pretendam
De mim vendidos cantos.
Se a cythara divina me emprestarem
As filhas da memória, altivo e ledo,
A virtude cantando,
Entre os vates tambem terei assento.

II

O poeta desterrado

Ó lyra brazileira, que inspiravas,
Com teus hymnos, no peito amor de glórias:
Tu que o pranto da esposa suspendias,
Quando ausente o guerreiro;

Ora do triste vate no desterro
Já não accendes de Mavorte o fogo:
Nem cantas os trophéos da patria amada
Com magica harmônia.

Fica pois, lyra inutil, pendurada
De secco ramo; ou temperada agora

Em tom mais brando, vai soar tristonha
Em acanhado estylo.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate,
Se procurando lenitivo á magoa,
Sob a copada rama solitario,
Enseja amor na lyra.

Um mavioso coração afflicto
Que abandonado em terra estranha geme,
A qual recorrerá propicio nume
Senão a Venus meiga?

Mas a causa, que a alma ora lhe agita,
É tambem de Narcinda a santa causa:
Da terna lyra os sons enchem-lhe o peito
De dôr e de saudade.

Os suspiros que a lyra aos ares manda,
Ella com suspiros acompanha:
São sorrisos da lua, que embellece,
Da negra noite o manto.

Não do regato o placido susurro,
Nem o travesso zephyro, que esperta
Do lethargo da sombra a flôr cheirosa,
Ao pastor é mais grato!

Fresca e gentil, qual matutina rosa
Pelas gotas de maio rociada;
Assim do teu dilecto olhos e peito
Arrebatas sorrindo.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate,
Se ainda se acolhe de Narcinda ao seio:
Pois no meio do sonho dos amores,
Tambem co'a patria sonha.

Para a molleza não nasceu o vate:
Em ditosos dias chammejava

Sua alma ardente, do heroismo cheia,
Quando uma patria tinha!

A corda que sicia docemente
Sobre a doirada lyra malfadada,
Outr'ora ousou curvar arco guerreiro,
Vibrar rapida setta:

Os labios, que ora movem molles versos,
Já levantar souberam da vingança
Grito tremendo, a despertar a patria
Do somno amadornado.

Mas de todo acabou da patria a glória!
Da liberdade o brado, que troava
Pelo inteiro Brazil, hoje emmudece
Entre grilhões e mortes!

Sobre suas ruinas gemem, choram,
Longe da patria os filhos foragidos:
Accusa-os de traição, porque a amavam,
Servil, infame bando.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate,
Se aos lares seus não volta acicalado,
Subito ferro afogaria o grito,
Que pela patria erguesse.

Ali da santa liberdade os filhos,
Esses poucos, que restam, fugidos
Vivem inglorios; pois as honras dão-se
A perjuros escravos.

Almas fracas e vis! e vós não vedes
Que o facho horrivel, que allumia a senda
Das falsas honras, accendeis no fogo
Que abraza o Brazil todo?

Quando mortes fulmina a tyrannia,
E calca aos pés o merito e virtude,

Uma lagrima se quer não vos arranca
A terra, em que nascestes?

Maldição sobre vós, almas damnadas!
A taça do prazer a vós vos saiba
Como o mel venenoso das abelhas
Da Cisplatina plaga.

Suspirai pelo céo, morrei no inferno
— Contentes, paz e glória de vós fujam
Como as aguas de Tantalo fugiam
No Tartaro dos Gregos.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate
Si a Paphia deusa algum consolo pede
Si a aguda dôr, que pela patria sente,
Sonha abrandar um pouco!

Que um raio de esperança o fado accenda,
Que um relampago só penetre as trevas,
Que o seu Brazil envolvem, n'esse instante
Em pé se alçará forte!

Então seu coração no altar sagrado
Da liberdade, deporá ligeiro
A branda lyra — então com nova murta
Coroará a espada.

Oh! quanto é forte um vate, se nutrido
Entre perigos foi! Se denodado
Da morte os brados retumbar ouvira
Com não-mudado rosto!

Que um Trasybulo novo se levante
C'um punhado de heróes, a tyrannia
No ensanguentado throno já lutando
Cahirá aos pés exangue.

Mas em quanto o Brazil adormecido
Brilhantes dias renovar não sabe,

Repita ao menos o seu nome amado
A lyra dos amores.

Da dôr profunda, que a seu vate opprime,
Extranhos se condoam; e os suspiros
Da lyra, que através dos mares voam,
Façam chorar a patria.

Adeus, ó lyra; basta; já se embruscam
Cada vez mais os ares: — sombra espessa
Involve em torno a placida ramada,
Em que teu vate geme.

Fica pois suspendida d'alto cachopo:
Nem mais afflicta mão as cordas fira:
Ao murmúrio da fonte só responde;
Os zefiros te movam;

Aos apartados echos da collina
Muda teus sons; e do pastor a gaita
Fremito doce em ti sómente excite,
Ou zunidora abelha.

Adeus emfim, adeus, lyra piedosa!
Ah! quantas vezes o teu pobre vate
Ameigava comtigo a dôr profunda
Em desveladas noites!

Se tantos males supportou constante,
A ti o deve, ó lyra — já não pódes
Ora mais consolar dobradas magoas!
Adeus, em paz descansa!

III

A sepultura

Ali repousa o divinal poeta
No tumulo! ali donde mansamente
A descansada vaga temerosa
Se arreda com respeito,
Vós singelas bellezas da natura.
Ah! vinde levantai-vos,
E ornai do vosso vate a sepultura.

Ali n'aquelle fundo verde leito
De juncos murmurantes enterrada
A frauta está, que annosos troncos duros
Attrahia ligeiros.
Ah! quem tiver o coração afflicto,
Em tristeza ensopado,
Visite uma e mais vezes seu sepulchro!

Aqui tenros mancebos e donzellas
Mil lagrimas darão ás cinzas frias;
E em quanto seus sons tristes o contorno
Encherem de amargura,
A compaixão c'os olhos desvellados
Crerá que ainda lhe escuta
Suas meigas palavras derradeiras.

Melancholica saudade quantas vezes
Lá pela margem vagará pensando,
Em quanto a fronte adorna o patrio rio
De vernaes grinaldas!
E quantas vezes golpeante remo,
Nos ares suspendido,
Tranquillos deixará seus gentis manes!

Quando o prazer e a festival saude,
Fugindo das cidades se retiram
Aos prados geniais, onde lascivos
Os zefirinhos folgam,

Triste amigo a cabana descubrindo
Entre a varia paisagem,
A face regará com pranto justo.

Mas tu, vate gentil, que friamente
O campesino humido leito habitas,
De que te hão de servir lagrimas tristes
Que afflição entôa?
Que amorosa saudade
Chora debaixo de ligeira véla?

E inda haverá mortal desassisado,
Que sem temor os olhos seus demore,
Sobre pálido tumulo sagrado,
Que lá reluz ao longe?
Á vista delle, doce vate, morre
Toda a alegria minha,
Morre o prazer da amena primavera...

E tu paterno rio despresado,
Cujas margens tristonhas desamparam
Que tristes vão secando,
Ah! da vista me tira aquelle outeiro,
Cujas humidas fraldas
O sepultado caro vate encerram...

Murchos já vejo os valles florescidos!
Habitação de barbaras napeas!...
Que opaca noite escura vem cubrindo
Esta vista solemne!...
Inda uma vez amada sombra ausente,
Da candida natura,
Inda mais esta vez, Adeus filhinho!...

IV

Ao Senhor dom João VI

1820

Co'a santa paz, com teu benigno mando,
A fera esfaimada, mansa ameiga
    O timido cordeiro.
O infante que apenas lava os beiços
No leite maternal, teu doce nome
    Já repete risonho:

Faz chover tua mão celestes dons,
E vaza mil venturas, qual chuveiro
    Por Boreas sacudido.

E os vastos campos, que avisinha o Prata,
Ora de mato e d'herva mal vestidos,
    Serão jardins do Eden:

Mas se o colono ibero nos provoca,
Nossos ginetes beberão com gosto
    De sangue as aguas tintas.

Da reluzente espada, teus paulistas
Irão sobre os rebeldes sacudindo
    Apinhoadas mortes.

E Mavorte, que em sangue ensopa as fauces,
Fará seus membros vis pasto de tigres
    E de famintos corvos.

V

Ao principe regente de Portugal

Rasgando o véo de trevas,
Esparge aurora as matutinas rosas:
Assim divina Urania, quando os deuses
No Olympo diamantino em largo gyro
Os extaticos cantos escutavam
Que a lyra acompanhava.
O mesmo padre Jove desfranzindo
A fronte sobrançuda,
Os ouvidos fitáva
Banhados em riso; em jubilos nadava...
A mim, não as corôas alcançadas
Na pythica carreira,
Que Pindaro cantára
Móvem meu estro. — Só quando celebras
Os heróes sobrehumanos,
Que virtude e sciencias embalaram;
A quem povos amaram,
Então deitando mão da lyra d'oiro.
Da lyra, que me deras,
Qual de Cumas a horrisona caverna
Retumbra em torno c'o furor divino;
Assim ó musa, de teu nome accesa
Chameja a mente, ferve todo o sangue...
E ledos hymnos, filhos teus, voando
Os ares vão cortando!

Ah! quem não sente estremecer-lhe o peito
Ouvindo os cantos dos Argivos Cystes,
Odio das musas é — Odio de Jove!
Teu nome amado
Alados hymnos levarão sem susto
Ao templo da memória
João do Brazil, glória, esperança!
E pois que Apollo, e tu divina Urania,
Prenhe de dons eternos
Puro regaço sobre mim vazastes,

Com mão segura de mil novos cantos
Rico feixe ajuntemos,
Com que lhe a frente heroica coroemos.

Mas que scena funérea
Ante meus olhos se abre!
Eis o Tejo tristonho, reclinado
O corpo sobre a urna,
Das Tagides cercado,
Assim o ar povôa de queixumes!
"Já fui Tejo! já fostes Lusitanos!
(E pára um pouco) ó dias!
"Dias de Henrique, Manuelinos dias!
"Já fugiram da patria!
"Os lenhos portuguezes
"Que cem mares arando não trilhados,
"Tres mundos arredados,
"Por cima de milhões de insanos medos
"Ousados conquistaram
"E as quinas indomitas plantaram,
"Minhas margens não saudam.—
"Mil piraticas quilhas
"Do Gallo, do Bretão, do Escandinavo
"Áporfiadas roubam
"O oiro e o sangue da indolente Lysia!
"Meu nome augusto que infundia outr'ora
"Á terra toda espanto,
"Hoje apenas se ouve no Universo.—
"Cumpriram-se os destinos:
"Foi victima de crimes Lusitania!
Assim falou. — E na torvada mente
Revolve um grão tropel de idéas cento
As Tagides chorosas
Se arremeçam ao Deus, e tentam meigas
Amaciar-lhe a magoa:
Mas a magoa que sente
Vive no peito impressa eternamente.

Ah! sim, já fomos Lusos,
Prole somos de antigos semideuses!

Eis de arredadas terras busca a patria
Rico de noções mil, rico de glória
Aventureiro Pedro!
Eis se electriza a mente mais que humana
Do creador Henrique!
A um seu aceno só, ergue-se em pé
Navegação altiva!
Na frente os murchos loiros reverdecem-lhe
Nunes, brilhante de saber profundo,
A douta penna empunha,
E da rica Astronomia as fontes abre.
Então abarca no pejado seio
A bella Lusitania, que remoça
Em ardimento e glória,
Sabios estranhos e varões ousados,
Que transpondo do inerte patrio sólo
O vastissimo deserto,
Encontram nova Patria e asylo certo.

Lusas soberbas Argos
Vão lustrar novos céos, e novos mundos.
Acama-se o Oceano respeitoso
Ante estranhadas prôas;
E o douto astrolabio, que reune
Os mundos, o universo inteiro abre
De mil nações diversas
O mar dissociavel e o liame.—
Colombo, que Lysia ensina e nutre,
Vai embicar n'um mundo,
Que do Tártaro filhos, negros monstros
De crimes asselaram.
Eis o Gama afrontando infindos p'rigos
Ao berço se abalança
Da Aurora pavonada!
Domam os gelos da Hudsonia costa
Corte-Reaes osados. —
Dos inclytos heroes se expande o peito;
E rompendo as prizões da estreita patria,
Vão respirar um novo ar immenso!
Gravidam-lhe a mente destemida

Novos climas e leis, novos costumes,
Mil novas producções, mil novos entes.
        Mas ó céos, que transtorno!
Louco mancebo! aos crús alfanges mouros
Dar vás da gente miseranda o collo!
Velho desassisado! ergues fogueiras
        Contra a patria, que entregas
Do ibero leão ás impias garras!
        Os Netos desgraçados,
ó inclytos trabalhos mallogrados!
Mas Jove ama a justiça, e pune os crimes:
        Nem sempre o céu é surdo
Dos miseros mortaes ao pranto e aos ais.
A patria que gemera agrilhoada
Pelas armas e ardis do ibero infame
        Doze lustros inteiros,
        Já levanta a cabeça;
E beija a mão libertadora e santa
        Do inclyto Bragança.
João o Quarto, Jozé, Maria Augusta
        A quem leão ibero não assusta,
Da Lusitania as lagrimas enxugam:
        Acham nelles asylo
A razão, a virtude, as artes bellas.
Já sobre a Lusitania vai raiando
Brilhante luz, de novos bens presaga...
Mas, ó Fado cruel, que scena horrivel!
        Infame negro monstro,
Que o inferno criou, nutriu, cevou,
        A bella Lysia esmaga;
E a luz, que já raiava, abafa e apaga.
        Qual túrgida torrente,
Que precipite cahe da rocha ingreme,
        Tudo súbito alaga:
Assim das furias o esquadrão cerrado
        Sobre Lysia caiu.
Em gomo mata as debeis esperanças
        Gallicano granizo.

Eis fusco véo de nuvens atras, grávidas
A Lusitania envolve.
Liberdade, razão, virtude e honra,
Filhas do céo! ao carro maniatadas
Levam de rojo as furias-foragidas;
As artes perseguidas
Pávidas fogem. — Nas campinas áridas
Não brincam prazenteiros
Co'a loira espiga os zefiros travessos:
Filhas do inferno impias
Abafaram de Lysia os novos dias.

Justos benignos deuses,
Deuses outr'ora aos Lusos favoraveis,
Basta de males, basta!
Ouvi os rogos que do peito arranco!
Que súbito portento!
Rasgando os ares que d'amor se accendem,
De Jove omnipotente ao solio eterno,
A Paphia deosa vôa.
Qual depois de borrasca negra e horrenda,
Branquêa os cumes destrançada aurora,
E a creação remoça:
Assim ao ver a bella Cytheréa
O Olympo exulta e goza.
Eis chega a Diva ao pai: Jove estremece,
E para a abraçar do solio desce.
....

A criação

Lá sobre um alto do nascente mundo,
Donde as aguas tremendo recuaram,
Quando ouviram a voz do Deus do raio,
Poderoza energia discorrendo
Por entre a denegrida humida terra,

Que do abysmo a cabeça levantava,
Organizados, moveis entes cria,
Viçozas plantas, de que o globo pasma!
Pelos ventos aromas mil espalham
Os verdejantes ramos seus diffusos,
Que do ar expansivo a vida tiram:
Os zefiros brincões dependurados
Alegres batem as lascivas azas.

Já d'entre o firme verde labyrinto
Voam, cortando o ar, canoras aves:
Entoando canções em seus gorgeios
Ledas saúdam a menina aurora.
Então amor de prole em laço estreito
As une todas. Laços que natura
Forjou para os viventes, meigos laços,
Que em vão intenta ferreo fanatismo
Quebrar d'entre os humanos, Deus piedoso.

Eis pelo novo campo vem saltando
Animaes de cem formas, cem figuras!
Lá da noite do nada, em que jaziam,
Deus lhe faz ver a luz; a luz que tinha
Do esteril cháos fecundado o seio.
Ah! de prazeres mil gozam contentes,
Que natureza liberal derrama:
Nem austera razão, injusta e fraca
Os atormenta com seus vãos remorsos,
Porque teu braço aqui não suspendeste,
Ó sabia, compassiva divindade?
A criadora mão parar devera.
Pobres humanos, ah! porque os geraste?
Leves momentos em prazer gastados,
Que os crimes avenenam, sepultados
Jazer deviam no vazio nada!
Nos campos geniaes de Eden formoso,
Gentil morada, que nos destináras,
Ligeiro somno apenas encetaram
Nossos primeiros paes, a quem o fado,
Invejozo! segou em flor os gozos.

Então o negro averno, impio e tyrano,
Das sujas fauces vomitou senhudo
Cerrados esquadrões de horrendos males,
Mil sanguinosos malfazejos crimes.
O filho infame, bravejando de ira,
No sangue maternal ensopa os braços;
E pensa, ó meu bom Deus, qu'assim lho mandas!
Eis lá na costa d'Aulide saudosa
C'o vivo sangue de Ifigenia bella
As sacras aras da triforme deusa
Manchou deslumbrada a Grega frota.
Ao vento dadas as madeixas d'oiro,
Cingida a frente de sagrada faixa
Ao altar se avisinha. O sacerdote,
Em alto alçando o barbaro cutello,
O golpe lhe prepara. Ternas gotas
A dôr espreme dos bisonhos olhos:
Cruel suspende o golpe: e de que serve
Para ventos domar sangue innocente?
Triste Ifigenia, misera donzella!
Em vez dos laços de hymineo suaves,
Que amor compadecido lhe tecia,
De surdos deoses victima cruenta
Cega superstição a sacrifica!

Lá de Haiti nas praias assustadas
De ver cavados lenhos que orgulhosos
Cerram em largo bojo espanto e morte,
Desembarcam ousados homens-monstros;
E apóz o estandarte correm, voam,
Que fanatismo, que cubiça alçaram.
Imbelles povos, Indios innocentes!
Do armado Hespanhol provam as iras.
Que Deus fizera um mundo crêm os tigres
Para ser preza sua. Em toda parte
Americano sangue, inda fumando,
A terra ensopa, e amollenta as patas
Dos soberbos ginetes andaluzes.
Deus do Universo! a natureza freme,
E de horror na garganta a voz se prende!

Tiranos europeos! e tanto póde
Esse loiro metal divinizado!
E tu, que os crimes dos mortaes conheces,
Deus piedoso, Deus que nos criaste,
Porque cruentas mãos livres lhes deixas?
Devias antes seus nefandos feitos
Manso atalhar, do que punir irado!
E se para o castigo é que os consentes,
Sendo unidos, deixam de estar feitos?
Se a maquina imperfeita não regula,
O artista é só culpado, que não ella.
Ah! se a obra de tuas mãos benignas
Rebelde havia ser a teus preceitos,
Antes, ó Deus, antes a não formasses:
Criar folgaste eternos infelizes?
Que perspectiva horrenda! densas nuvens
O horizonte da razão me embruscam!
Immenso abysmo me rodêa todo!
Fraca razão humana, cháos vasto
De orgulho e de cegueira, ah! não presumas
Misterios penetrar a ti vedados:
Ama os homens e a Deus: isto te basta.

O Brazil

Que é isto, ó musas! porque a lyra empunho,
A lyra que ao silencio consagrara?
De novo os labios não molhei nas aguas
De Aganippe e Castalia! no Parnazo
Não dormi, nem sonhei! Porque estro santo
Me inflama a mente de Apollineo fogo?
Mas eu já vejo o numen que mo accende.
És tu, ó bom João: teus são meus versos;
Gratidão m'os bafeja, a patria os pede.
E tu, João Augusto, ouve estes versos,
Que o Brazil me arrancou do experto peito:

E lança um volver d'olhos piedoso
De amor paterno, sobre a nova China
Que teus Lusos povoam, fertil rica,
Sobre tudo o que vê o sol doirado,
Quando nasce e se põe! Teu é inteiro,
Desde o longo Pará ao largo Prata
Este immenso paiz, mimo do céo!
Que deve merecer-te amplos cuidados.

Não te enganem com vil hypocrisia
Astutos cortezãos, sombrios bonzos,
E os que nos molles vicios ser affectam
"Albuquerques terriveis, Castros fortes
"Em quem poder porém já tem a morte."
Mas em torno de ti adejem brandas,
Filhas do céo! Verdade, sã justiça,
Meiga e candida paz, risonha Flora,
Ceres, Pomona, os Sylfos bemfazejos
Que os tezouros te abram, entranhados
Nas vastas serras, nas impervias matas.
Illumina teus povos; dá socorro,
Prompto e seguro, ao Indio tosco, ao Negro
Ao pobre desvalido. — Então riqueza
Teus cofres encherá. O mar inchado
Verás manso acamar-se, como outr'ora,
De novos argonautas ante as proas;
Verás o Genio da gentil botânica,
A quem a bemfeitora medicina
Corteja, e acompanha a agricultura,
A corôa enramar-te de mil louros:
E criadora chimica escoltada
Das artes todas, verás o rico seio
Revazar sobre ti, sobre teus povos
Dos tesouros que o patrio solo encerra.
Mas hoje justo é que te offereça
A nova Lusitania agradecida
Grinaldas mil de immarcesciveis flores,
Que amor e lealdade te hão tecido.
De jovens e donzellas chóros cento
Com ledos hymnos seus troam os ares;

E bemdizem-te hoje, ó rei Augusto,
Porque commércio e industria tu lhes abres;
Tu lhes dás novas leis e novos foros:
Tu lhes ensinarás a arar a terra,
Os rios navegar, rasgar os cerros;
Porque despedaçando vás benigno
A immunda vestidura da pobreza;
E de brutos farás homens e heróes!

Uma tarde

Como esta mata escura está medonha!
Não é tão feia a habitação dos Manes!
Este ribeiro triste como soa
Por entre o pardo emaranhado bosque;
E como corre vagarozo e pobre;
O sol, que já se esconde no horizonte,
O quadro afeia mais. — O vento surdo
De quando em quando só as folhas move!
A rouca voz pararam temerozos
Os esquivos "jacús" nos bastos galhos
Cheios de "caraguataes" das "upiubas".
Das azas vai lançando a fusca noite
Terror gelado; o grito, agudo e triste,
Nos velhos "sapezaes" dos verdes grillos
Somente soa; e o ar cheio de trevas,
Que as arvores augmentam, vem cortando
Do agoureiro morcego as tenues azas.
É este da tristeza o negro alvergue!
Tudo é medonho e triste! só minha alma
Não farta o triste peito de tristeza!

Anacreontica

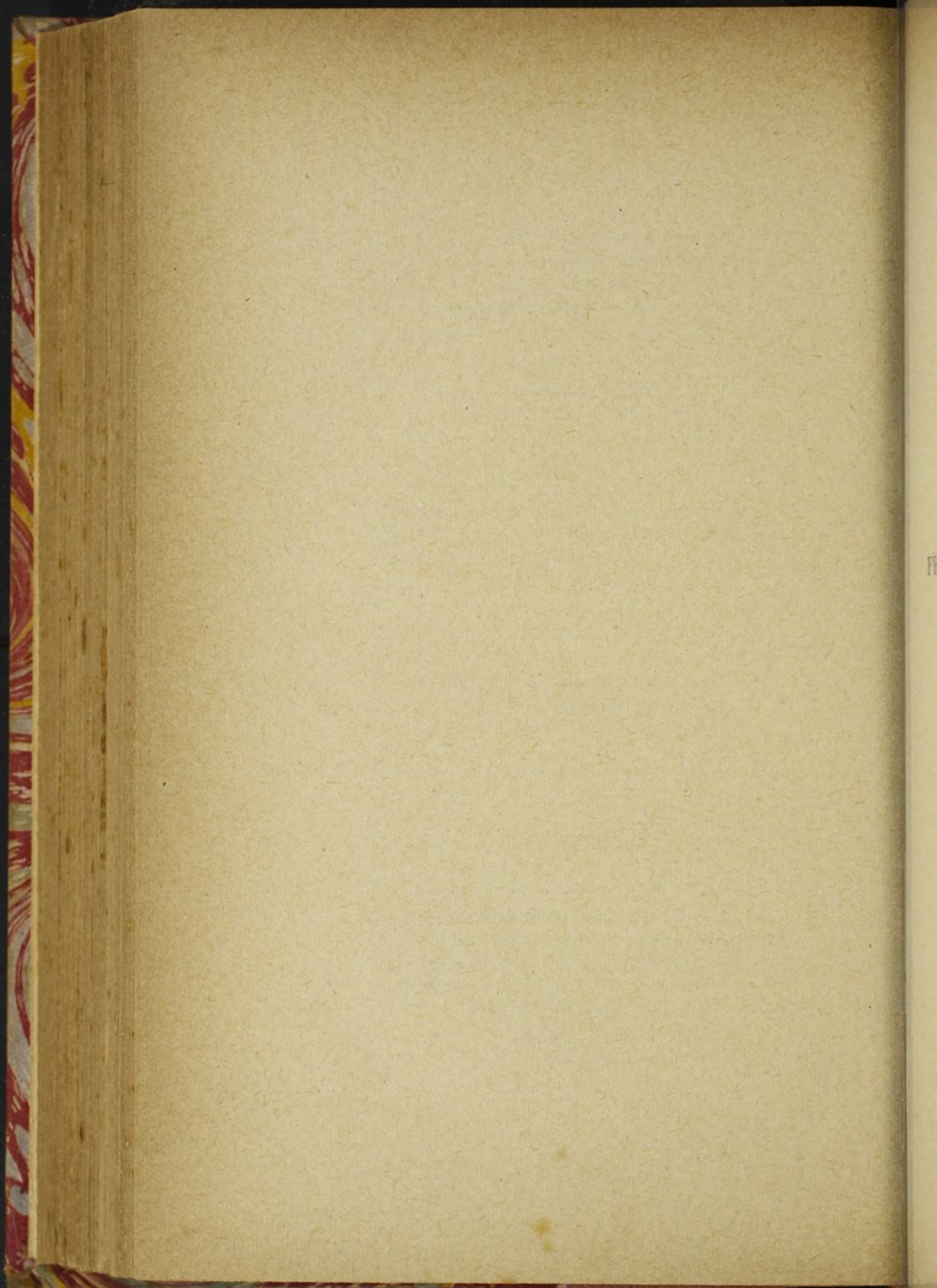
Os brincos, as meiguices,
Os arrufos, os risos,
Os odios e caricias,
Termos, "quindins", denguices

Eu já cantei d'Almira;
Que ella me dê amores,
Ah! faze, meiga Venus,
Já que lhe dei a lyra.

A Nize

O rosto de Nize amada,
Se c'os meus labios toco,
Surrindo-me envergonhada,
É qual matutina rosa
Pela aurora rociada.

Outra

Pretendes encubrir, ó nescio amante
O amor em que ardes todo,
Quando suspiras, e andas delirante!
Se assim não fôra, o doce murmurio
Desta fonte, que Nize outr'ora honrara,
Nunca teus olhos humidos tornara!

FRANCISCO VILLELLA BARBOSA,

MARQUEZ DE PARANAGUÁ

FRANCISCO VILLELLA BARBOSA,

MARQUEZ DE PARANAGUÁ (1)

Lyras

Auras, que mansas vibrais
As azas nestes retiros,
Manda amor, vos alimentem
Meus ternissimos suspiros.

---

(1) Francisco Villella Barboza, marquez de Paranaguá, nasceu em 20 de Novembro de 1769, e faleceu no dia 11 de Setembro de 1846. — Veja-se a sua biographia pelo Exmo. Sr. Candido Baptista d'Oliveira, na Rev. do Instituto do Rio, T. 9, p. 398.

[Matriculou-se em Matemática na Universidade de Coimbra, em 31 de outubro de 1790 (obrigado) e em 5 de outubro de 1792 (ordinário); formou-se em 16 de julho de 1796, — *Estudantes Brasileiros na Universidade de Coimbra*, n. 371. Em 1801 era lente substituto da Academia Real de Marinha; por decreto de 29 de dezembro de 1804 foi promovido a capitão do Real Corpo de Engenheiros, conservando o exercício do cargo que tinha na Academia, — *Gazeta de Lisboa*, de 21 de janeiro de 1805, suplemento. Estadista de dois reinados, o Marquês de Paranaguá, antes deputado às Côrtes Constituintes, foi senador pela província de Minas Gerais desde a criação do Snado, membro do Conselho de Estado e ministro e secretário de Estado em vários gabinetes.

— Veja sua biografia, por Cândido Batista de Oiveira, *Revista do Instituto Histórico*, IX, ps. 398/408.

— Sua bibliografia registra Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, III, ps. 135/137. — R. G.].

Mas se quereis
Matar ardores,
Temei suspiros
Abrazadores.

Eccos, que nestes rochedos,
Ha muito estais escondidos,
Manda amor, que vos despertem
Os meus ais, e os meus gemidos.
Mas se causar
Não quereis dor,
Não repitais
Queixas de amor.

Regatos que ides correndo
Tão pobres de vossas agoas,
Manda amor, que vos augmentem
O meu pranto, e as minhas mágoas.
Mas se quereis
Puros cristaes,
Prantos de amor
Não recebais.

Auras, eccos e regatos,
Pois amor póde em vós tanto,
Recebei compadecidos
Meus suspiros, ais, e pranto,
Amor vos dê
Frescura amena,
Alegres sons,
Onda serena.

Viste-me, Anarda, e gemeste...
Mas eu que tambem gemia
Os teus ais attribuia
A dó de me ver penar.
Não julguei que de amor fossem;

Este em Gelia estar cuidava;
Cego, então, que o procurava
Tão fóra de seu logar!
 Não receies, pois, que n'alma
 Mais essa Gelia persista:
 Já sou teu, e ésta conquista
 Quem te póde disputar?

Sim, Anarda, amor julguei
Existir no peito della,
E no teu estava, ó bella,
Que a mais bella é o seu altar.
Mas alfim em ti o achei,
Foi-se o encanto, e acabou Gelia;
Assim perde o brilho Delia,
Se Phebo chega a raiar.
 Não receies, etc.

Se ella tem longos cabellos,
De côr de ebano, e anellados,
Dize os teus não são doirados,
Não fazem tudo cegar?
O sol, meu bem, que aos mais astros,
Por brilhante causa zelos,
Tambem tem loiros cabellos,
Como os teus se veem brilhar.
 Não receies, etc.

Se os seus olhos são travessos,
E ardentes como os de Venus,
Não faltam certos acenos,
Certa expressão singular?
Quando amorosos se volvem,
E mostram d'alma a ternura,
Teem a languida doçura,
Em que os teus vejo nadar?
 Não receies, etc.

Nos teus olhos quaes dois astros
Marco as horas preciosas,

Em que as vagas amorosas
Meu baixel deve sulcar.
Pois se denso nevoeiro
Gyra nelles do ciume,
Fujo ao trepido negrume
Vou-me no porto ancorar.
Não receies, etc.

Se o seu rosto é bem talhado,
Se é mimosa a face sua,
Tem acaso a côr da tua,
Veem-se as rosas rebentar?
Tu não vês como já murchos
No seu rosto os jasmins pendem,
Não vês como os teus recendem,
Quaes estrellas no alvejar?
Não receies, etc.

Se ella tem a bocca breve,
Por ventura tão jocundo
Vê se o coral rubicundo
Como na tua rasgar?
A tua bocca, meu bem,
É de perolas thesoiro:
Tuas palavras são oiro,
Que a tempo sabes soltar.
Não receies, etc.

Se tem o seio espaçoso,
As ondas nelle espraiadas,
Já batidas e cançadas,
Dormem como em morto mar.
No teu, meu bem, ao contrário
Empoladas ondas vagam,
Onde as vontades naufragam,
Que ardentes se vão banhar.
Não receies, etc.

Se os seus braços são roliços,
Breve a mão, o pé escasso,

Seus movimentos, seu passo,
Teem garbo regular?
Ah! se tu nos teus me prendes,
Sinto de amor as cadeias;
Se danças, ou se passeias,
Vejo-te as graças cercar.
Não receies, etc.

Em fim, Anarda, de Gelia
No que toca a formosura,
Tenho-te feito a pintura;
E tens tu que recear?
Não tens, além de mais bella,
Uma alma em tudo completa
Que sabe nobre e discreta,
Tantas graças realçar?
Não receies, etc.

Se por acaso inda a Gelia
Alguma homenagem cabe,
É de nescio, que não sabe
O que é digno de se amar.
Assim ao barro formoso,
Sem alma, sem movimentos,
Mil profanos rendimentos
Vê-se o mundo tributar.
Não receies, etc.

A Primavera

Lá onde tuas margens, patrio Rio,
Que do primeiro mez tomaste o nome,
Pasce o sidereo Capro o verde esmalte,
E de teus cristais bebe a onda pura,
(Méta antiga do sol, centro hoje de outro,
Cujo lucido império abrange os pólos)

Com providente mão a natureza
O asylo preparou da primavera.
Ali não murcha a rosa: ali os troncos
De flores sempre novas se ataviam.
Ali (em quanto as negras tempestades
Sôbre as azas de Boreas carrancudo
Arripiam do inverno a hirsuta grenha,
No céu rola o trovão, cái o diluvio,
E do septentrião alaga as plagas)
Se acolhe a deusa com as graças todas:
Mas apenas viçosa a amendoeira
Dá signal de acordar ás nuas plantas,
No pressuroso carro Phebo a toma:
Dali volta com elle alegre e rindo.
Quão doce é vêl-a então com mão curiosa
Toucar a densa coma do arvoredo,
E sôbre o verde dos macios valles
Desdobrar a cheirosa bordadura,
Em que arte e mimo despendêra Flora!
Quão doce é vêl-a do sanhudo inverno
Triumphante correr em roseo carro
Os tapizados campos! Vão ante ella
Os capripedes satyros dançando:
Fazem-lhe côrte as graças prazenteiras:
Namorados de vêl-a os bosques cantam:
Os arbustos, os platanos florescem
Com seu halito doce perfumados;
E os virgineos botões, abrindo os labios,
Com pudibundo riso se franqueiam
Ao pranto creador da madre aurora.

Cantai, ó pastoras,
A deusa da selva,
Que veste de relva
As vossas campinas,
E os valles matiza
De sôltas boninas.

E tu, que a natureza estudas e amas,
Andrada, escuta o canto: ser-te-ão gratos

Os sons da patria musa, e o nobre assumpto
Com a lyra nas mãos, na bocca os hymnos
E no peito a virtude, ella te acena,
E te convida para os floreos valles
A saudar as matutinas graças
Da formosa estação, aurora do anno.
Venturoso o mortal, que contemplal-a
Póde longe da côrte estrepitosa,
E se apraz de trocar os aureos tectos
Pelos verdes docéis da umbrosa selva!
Das symetricas praças abhorrido,
Corre éstas veigas placidas, sem ordem,
Habitadas da franca singeleza.
Das flores pelo calice orvalhado
Do tranquillo prazer o nectar gosta:
E se adornando de virentes folhas
No curvo ramo amadurece o oiro;
Encetado sem crime, então lhe deixa
A fragrancia nas mãos, o mel nos labios.

Mas que augusto espectaculo se ostenta!
Eis das moças titães a promogenia,
Que do primeiro sol doirára o berço,
E o fulgido Oriente assignalára
Com acceso rubim sôbre o horizonte!
De brincado lavor vistosas galas
Trajam os céus; e os campos a esmeralda;
E as montanhas de perolas se toucam.
Taes do eden os jardins se nos pintaram,
Que a innocencia enflorou, murchou a culpa:
De cujos restos sempre preciosos
Saudosa a natureza, de anno a anno,
Com pincel immortal reforma o quadro;
Não de teus camarins, mortal vaidoso,
Pâra ornar as paredes viciosas:
No sanctuario está da natureza,
E mui longe de vós, homens vulgares,
Para quem sôbre os valles esmaltados
Não tem côr a tulipa, ou cheiro a rosa.

Salve, pois, estação linda,
Que alma nova dás ao mundo!
    Tua vinda,
    Teu jucundo
Riso alegra a terra e ar.

Já dos igneos horizontes
Desce á terra alma scentelha:
    Sôbre as fontes
    Já se espelha
O verdejante pomar.

Já não muge o trovão rouco
Nas profundas cavidades:
    Nem tão pouco
    Tempestades
Sôbre a costa ouço roncar.

Já co'os sóccos quebra a neve
O córado lavrador:
    Já se atreve
    Sem pavor
A seus campos visitar.

Sob o jugo os bois mettendo
Canta o amor; mas sem apêgo:
    Descrevendo
    Torto rêgo
Que ha de breve semear.

Rejeitando o tojo bravo,
Tenros prados tosa a ovelha:
    Vai o favo
    Loura abelha
Fabricando a sussurrar.

Cobre povo de mil flores
Todo o valle, e monte agreste:

Traja as côres,
Que o celeste
Arco em chuvas lhe vem dar.

Salve, pois, estação linda,
Que alma nova dás ao mundo!
Tua vinda,
Teu jucundo
Riso alegra a terra e ar.

Mas que fogo divino, que ar mais puro
Me inflamma o coração, me esperta o sangue?
Quão formosa manhã coroa os montes!
Espargindo oiro e lirios se annuncia
O rei dos astros. Como alegre surge
Em pompa conduzindo a primavera!
Sôa nos bosques emplumada orchestra:
Ardem aromas sôbre o altar de Flora:
E adora ao sol alvoroçada a terra!
O' tu fonte de luz, alma do mundo,
Princípio omniparente, e bemfazejo,
Tu, que fazes volver a roda ingente
Da carbunclea carroça luminosa,
Onde as quatro estações gyram perennes,
Sentado no teu solio de diamantes,
Os meus hymnos protege, agora que alto
Lá do animal lanigero celeste
Ambos os pólos vês equidistantes,
E igualmente nos dás a luz e as trevas.
Foste de adoração o digno objecto
Das profanas nações, que te incensaram?
Recebendo de ti alento e vida,
Gratidão lhe dictou canticos sacros:
Levantaram-te altar teus benefícios.

Louvai, pois, viventes,
O lucido nume,
Que próvido lume
Reparte entre os entes:

E o frouxo embrião
Na madre profunda
Anima e fecunda
Da terrea extensão.

Já do arctico pólo
Com jasmins e oiro
Do celeste toiro
Orna o fulvo collo:

Que submisso humilha,
Em amor acceso,
Ao formoso pêso
Da Agenoria filha.

E a terra, a que dera
Nome a gentil moça,
Com graças remoça,
E folga na sphera.

Depois ledo mora
Co'os lumes irmãos,
E os fructos louçãos
Nos ramos colora.

Para elles copeia
Da tenra donzella
A côr da tez bella,
Que o pejo afogueia.

Mas eis a tarde de primores rica!
Em mimos com a manhã rivalizando,
Da creadora estação varía o ornato,
Com diversos paineis vestido o templo
Seguida dos favonios innocentes
Desce o phebeo carro, e a par co'a deusa
A amizade a entretem, amor a encanta.
Em floridos vergeis passeia e brinca.
Aqui tece grinaldas; lá sem ordem

Labyrinthos enreda, enleia sombras:
Entre o mirtho cheiroso o arroio escuta,
E em cochins de verdura afaga os somnos.
Engolfada em taes lidas não receia
A paz da natureza ver turbada.......
Quando do occaso subito negrume
Surge; e sobre o horizonte a nevoa poisa.
Do inverno fugitivo austro juntando
Os dispersos destroços, a reforça:
Cresce, as azas estende, avulta, e voa.
É cerrado esquadrão de feias nuvens:
Cobre parte dos céus: feroz ameaça
Disputar do hemisphério a posse á deusa,
Ai dos encantos seus! Quem os defende?
Dá signal o trovão: começa a lucta.
Quanto me agrada ver estes combates!
Tudo é bello nos céus té seus furores.
Inda entre elles reluz da deusa a imagem!
Em seu auxilio Phebo acode prompto:
Ardente setta rapido dardeja,
Que o seio rasga da assombrosa treva.
Dissipa-se a tormenta: as nuvens fogem,
Dando em tributo aljofares á terra.
Venceu a deusa emfim, e a luz resurge.
Como é mimosa então a natureza
Co'a bocca em riso, e as faces orvalhadas!
Tal a donzella, que travesso amante
Em amorosos brincos magoára:
Chora, e se ri, e alegre entre queixosa
Lhe embebe na alma divinaes delicias:
De pavoneas plumagens guarnecido
Iris levanta o arco do triumpho.
O sol lhe doira a pompa: as flores se erguem
Adornadas de liquidos diamantes,
De enfeitar-lhe a coroa cubiçosas:
E das aves, que attonitas nos bosques
Pela densa ramagem se esconderam,
Harmonioso bando os ares cruza,
Celebrando a victoria, a paz, e a deusa.

Os ledos pastores
De tantos
Encantos,
E ricos primores,

Das frautas nos sons
Com hymnos
Divinos
Decantam os sons.

E tu, ecco, as phrases
Que escutas,
Ás grutas
Ensinas loquazes.

Nas azas então
Os ventos
Attentos
Suspensos estão.

Porém já lança languido sorriso
Phebo sobre os outeiros empinados,
Augusta sombra a natureza envolve,
E doce luz a escuridão prateia.
Eis no theatro da noite a scena posta,
E nocturnos festins tecendo encantos.
Seus mysterios, então, amor celebra.
Do ethereo pavilhão se estende o panno
Bordado da mais rica pedraria.
Do centro pende do soberbo tecto
Argenteo lustre, que illumina a scena.
Eu vos saudo, ó noite, ó lua, ó astros,
Que da quadra gentil sois ornamento!
Nos festejos co'a terra o céu compete.
E fulgores disputa a noite ao dia.
Em aureo e vasto circulo os planetas
Formam attentos nitido cortejo,
Á formosa estação reconhecidos,
Nella o primevo impulso receberam,
Quando do mundo na mimosa infancia,

As prescriptas carreiras ensaiando,
Pela abobada azul promptos rodaram.
Veneranda memoria, anciã, sagrada,
Que repetem fieis á voz do Eterno!

Fervem mil lumes
No céu sereno.
Que ao brilho ameno
Fazem ciumes

Do verde prado,
Tambem bordado
De seus fulgores:
São estrellas no céu, no campo flores.

Ventos mais doces sobre as crespas vagas,
Sobre as verdes searas se derramam,
As perfumadas azas estendendo.
Quaes se repartem do oceano o imperio:
Quaes se dividem as amenas varzeas.
Suaves virações, aquelles cruzam
Os undosos distritos socegados:
E ao voto ardente e saudosa esposa
Prosperos sopram borrifando os deuses,
E os pintados heroes da erguida poppa.
Brincões favonios, estes se divertem,
Ora levando ás sequiosas plantas
A amiga geração nas ferteis azas;
Ora brincando co'os anneis dispersos
Da loura camponeza, que cantando
Entre os dedos de neve o fuso volve,

Neptuno brando
As vagas doma.
Dos mares toma
Zephyro o mando,
Que euro excessivo,
E Africo altivo,
Exercitavam
Nas salgadas campanhas, que guardavam.

Então desperta
Gyra a ambição.
Oh como vão
Por via incerta
Gravidas quilhas,
Das mãis e filhas
Sempre choradas;
Das recentes esposas detestadas!

Já a novos portos
A frota aborda:
A industria acorda
Nos genios mortos:
E ao mutuo bem
Correndo vem,
Inda singelas,
Firmes dando-se as mãos as artes bellas.

Porém quem como tu, illustre *Andrada,*
Na malfadada, ingrata idade nossa,
Ha que assim possa sempre estudioso,
E proveitoso despender da vida
Em melhor lida o seu melhor thesoiro:
Na lyra de oiro ora altos sons tangendo,
Ora regendo os lusitanos choros,
Donde sonoros alvos cysnes voam,
Que o mundo atroam com eterno brado,
O tempo, o fado ameaçando, e a inveja,
Que em vão pragueja vendo a luz phebea.
Astros luzentes sois da lusa sphera:
Vá de era em era vossa fama e glória.
Fiel história põe a salvo os que amam,
E a patria afamam por trabalhos nobres
Que não descobres, ó sagaz talento!
Cada elemento submettendo a normas,
As artes fórmas, e dás leis aos usos.
Em vão reclusos seus thesoiros tinha
Com mão mesquinha a natureza ignava.
Industria cava as preciosas minas:

Cria officinas pertinaz trabalho:
Retine o malho, range a lima, e ruge
Eólo, e muge a lavareda ondeando.
De quando em quando geme a selva; e ás praias
Baixam as faias das frondosas serras,
E a extranhas terras levam uteis seres.
Pomona e Ceres orna a mãi Cybele;
E de Semele guia o filho as danças,
Prendendo as tranças pampinosas vides.
Sempre assim lides, geração humana!
Riqueza mana das proficuas artes,
Que mal repartes, caprichosa sorte.
Porém importe para o bem de tudo
Primeiro o estudo, que nos traz ventura.
Formosa e pura só a dá sapiencia
Á consciencia, que despiu cuidados,
Por livres prados estendendo a vida.
Ali guarida foi achar verdade,
Quando á cidade de entre ardís fugindo,
No seio lindo a recatou virtude,
E ao pastor rude a confiou em guarda.
Muito, pois, tarda para ser ditoso,
Quem cuidadoso alli não busca abrigo;
Onde o perigo da ambição salvando,
E contemplando a universal belleza,
Que a natureza tem tão rica ornado,
Por seu doirado codigo instruido,
Cante embebido na lição celeste
A mão que veste á primavera aas flores,
E á aurora as galas de gentís primores.

No palacio da riqueza
Não habita a sã ventura:
No seio da natureza.
Lê, pois, *Andrada* ditoso,
No grande livro do mundo,
Em quanto o somno profundo
Cérca o leito do ocioso.
Nas puras manhãs suaves,

Quando o sabio o campo estuda
Rouxinol o sauda,
E ledas cantam-lhe as aves.
Nas longas tardes calmosas
O abriga docel frondoso,
E brincar no leito hervoso
Vê as sombras buliçosas.
Logo enlevado o diviso
Co'os olhos nos horizontes,
Quando o sol doirando os montes
Lhes dá o último sorriso
Depois no nocturno véu
Em caracteres brilhantes
Leem os seus olhos errantes
As maravilhas do céu.

ALLEGORIA

O rio e o regato

A um manso regato um dia
Soberbo rio dizia:
"Desgraçado, eu te lamento
"Em teu curso pobre e lento;
"Pois fazendo voltas tantas
"Por entre as rasteiras plantas,
"Corres sem nome, escondido:
"Emtanto que eu conhecido
"Nas cidades mais famosas,
"Minhas ondas copiosas
"Metto, levando a abundancia
"Á mais remota distancia.
"Cem regatos orgulhosos
"De minha alliança, anciosos
"Se vem metter no meu seio
"Sem fazer um só rodeio.
"De mais eu tenho coragem,

"E nada em minha passagem
"Encontro, que eu não arrede,
"Pois tudo a meu valor cede."
Disse; e ainda mais fallava,
Quer da sua origem rara,
Quer das suas qualidades,
Quando a taes fatuidades
Mais sabio o pobre regato
Lhe responde, e mui pacato:
"Quê, amigo! Da matriz
"Ou lago, d'onde sais,
"Não tenho eu tambem saído?
"Logo depois de nascido
"Um e outro n'esta selva
"Debaixo da mesma relva
"Nossas aguas não correram?
"D'onde é pois, que vos vieram
"Tantos fumos de altivez?
"Só o acaso é que nos fez
"Deixando o materno berço
"Correr por lugar diverso.
"Vós em terreno inclinado
"Caminhaes mais apressado
"Absorvendo estes ribeiros
"Que em vós se mettem ligeiros
"Vossas aguas engrossando.
"Eu ao longo costeando
"Estas formosas collinas,
"Minhas aguas cristallinas
"Conduzo tranquillamente.
"Mas por isto, francamente,
"Julgaes ser mais, do que eu, nobre?
"É verdade que mais pobre
"Eu sou de agua, porém ella
"Não é clara, pura e bella?
"Vós causaes o medo e espanto
"Por onde passaes, emtanto
"Que eu com murmurio sereno
"Regando mais de um terreno,
"Fertilizo estas campinas,

"Sem causar essas ruinas,
"Que por vós causadas vejo:
"Antes, sempre bemfazejo,
"Até que a minha corrente
"Se confunda finalmente
"N'esse mar vasto e profundo,
"Onde um dia, sem segundo,
"Tocando os mesmos extremos,
"Ambos junctar-nos devemos."

A Rosa

Bella rosa,
Que vaidosa
Vaes ornar o niveo seio
Que faz todo o meu enleio,
Se maligno
Teu destino
Quer que as bellas companheira
Mais não vejas nas roseiras:
Outras rosas
Mais formosas
Tu verás nas lindas faces
Sempre frescas e vivazes.
Vai, ó rosa
Venturosa,
Exhalar o teu perfume
N'esse altar que um céo resume.

Ah! consente,
Que um ardente
Beijo imprima n'esta folha;
Toma-o antes que eu te colha.
Quando a bella
Vires, e ella
Te beijar, seus labios logo
Sintam d'elle todo o fogo.

Mas já Flora
Triste chora!
Mais os seus jardins não ornas.
Mais aos seus jardins não tornas.

Vai, ó rosa
Venturosa,
Exhalar o teu perfume
N'esse altar que um céo resume.

Lá no meio
D'esse seio
Tens teu throno qual convinha,
Pois das flores és rainha.
Porém tremo
Todo, e temo
Que um rival tenha a lembrança
De ir roubar-te por vingança
Um espinho
Teu damninho
Lhe reserva então, prompta.
Fere a mão, que assim te affronta.

Vai ó rosa
Venturosa,
Exhalar o teu perfume
N'esse altar que um céo resume.

Se ao ferires,
Te sentires
Que seu seio não palpita,
Tem por certa a tua dita:
Se se enfada,
Magoada,
Morre logo; pois receio,
Morras fóra do seu seio.
D'esta sorte
Com a morte
Tens ao menos a ventura
De ter n'elle a sepultura.

Vai ó rosa
Venturosa,
Exhalar o teu perfume
N'esse altar que um céo resume.

CANÇONETAS

I

O beijo

O mel, que das flôres
A abelha extrahira,
Não vale a doçura
De um beijo de Elvira.

O aroma que exhala
A rosa, que abrira,
Não vale o perfume
De um beijo de Elvira.

O arpejo mimoso
Da harmonica lyra,
Não vale o ruido
De um beijo de Elvira.

As chammas do raio,
Que rapido gyra,
Não valem o fogo
De um beijo de Elvira.

O nectar, que aos deuses
Langor terno inspira,
Não vale a embriaguez
De um beijo de Elvira.

II

O retrato

De amor por ordem
A Marcia bella
Em fina téla
Vou retratar.

Vós que ao redor
Lhe andaes nas tranças
Co'as auras mansas
Rindo a brincar.

Subtis amores,
Deixai-as ora:
Ide da amora
A côr buscar.

Pintar com ella
Quero o cabello,
Que a vista ao vel-o
Faz enlear.

Os longos fios
De quando em quando
Vereis fluctuando
Prisões armar.

A lisa testa,
Feliz assento
Do pensamento,
Vê-se alvejar.

Para ella a côr,
Que a tem assim,
Do mogorim
Vinde-me dar.

Bem como estrellas,
Que ao Céo adornam,
Idéas a ornam,
Menos de amor.

Não vos esqueçam
Purpureas rosas
Para as formosas
Faces corar!

Faces aonde
Tenta o desejo
Timido beijo
Ir assaltar.

Mas vós de assombro
Paraes, amores?
Ide os fulgores
Ao sol roubar.

Ide, que eu quero
Pintar-lhe os olhos,
Que pódem mólhos
De settas dar.

Ah! té parece
Que já se movem,
Que d'elles chovem
Farpões no ar!

A bocca breve,
Que é toda mel,
Falta ao pincel,
Com que imitar.

Desmaia o cravo
Morre o carmim,
Onde o rubim
Só tem lugar.

Trazei-me pois
Os do Oriente
Filhos do ardente
Raio solar.

E logo um riso
Dos labios nasça
Com tanta graça
Qu'obrigue a amar.

A voz mimosa,
Ou cante ou falle,
Aroma exhale,
Perfume o ar.

Dos alvos dentes
De fino esmalte
A luz resalte,
Que faz cegar.

Para imital-os,
Como careço,
Perolas peço
De Manaar.

De fino jaspe
Brancos pedaços
Roliços braços
Venham formar.

Braços tyranos,
Que prisões negam,
E se se negam,
É por zombar.

Porém que estranho
Suave enleio!
Quem é que o seio
Póde pintar?

Quem, sem convulsos
Sentir effeitos,
Os niveos peitos
Ousa encarar?

Numes dos céos,
Vós que os fizestes,
Vinde-me prestes
A mão guiar.

Já do marfim
Dous globos tomo;
Vou-lhes do pomo
A forma dar.

Limões, que tremem
N'um ramo, imita,
Quando palpita
O niveo par.

Da vista encanto,
Prazer do tacto,
Nobre recato
Sabe-os guardar.

Sómente é dado
Ao pensamento
O atrevimento
De os contemplar.

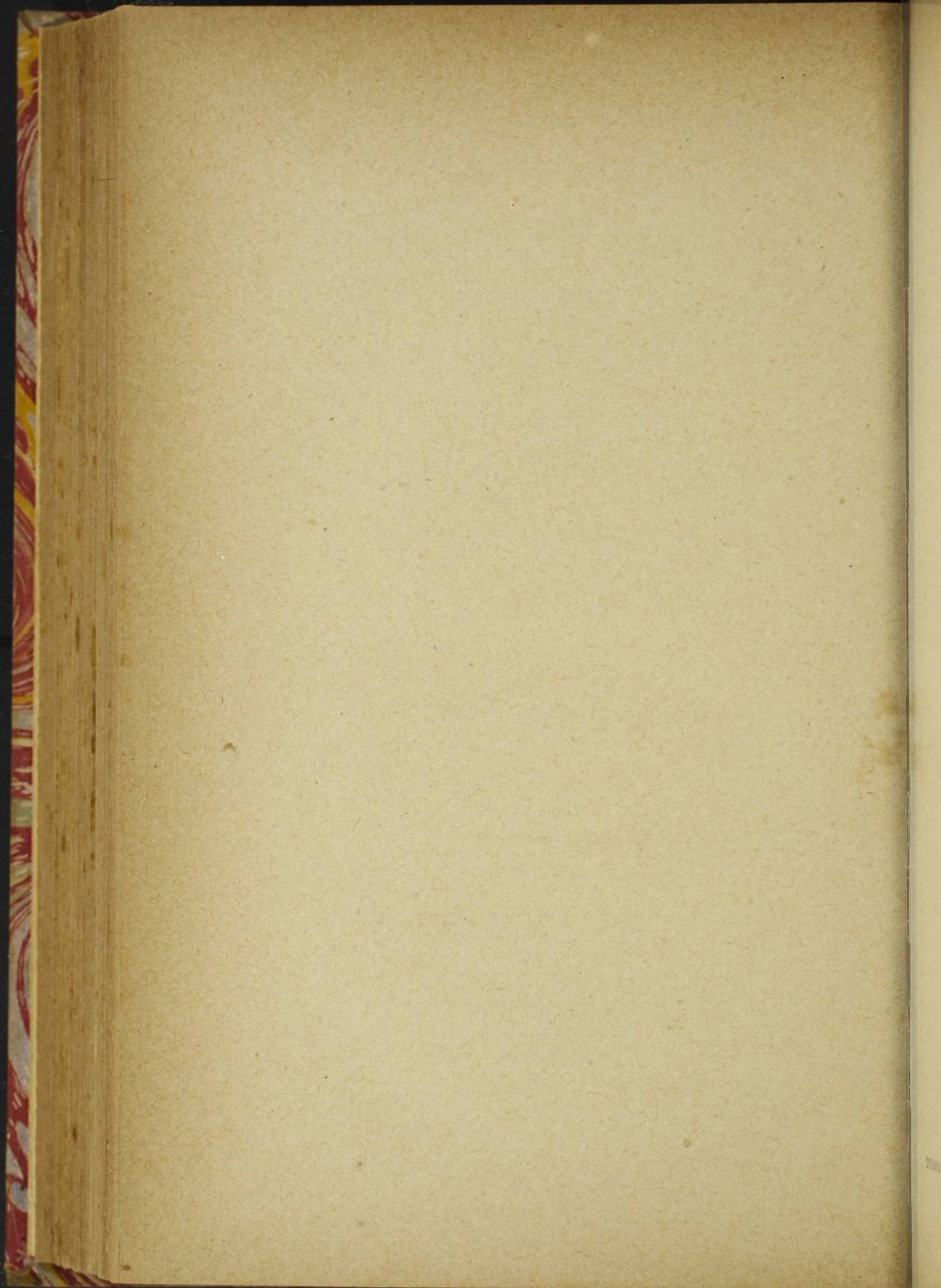
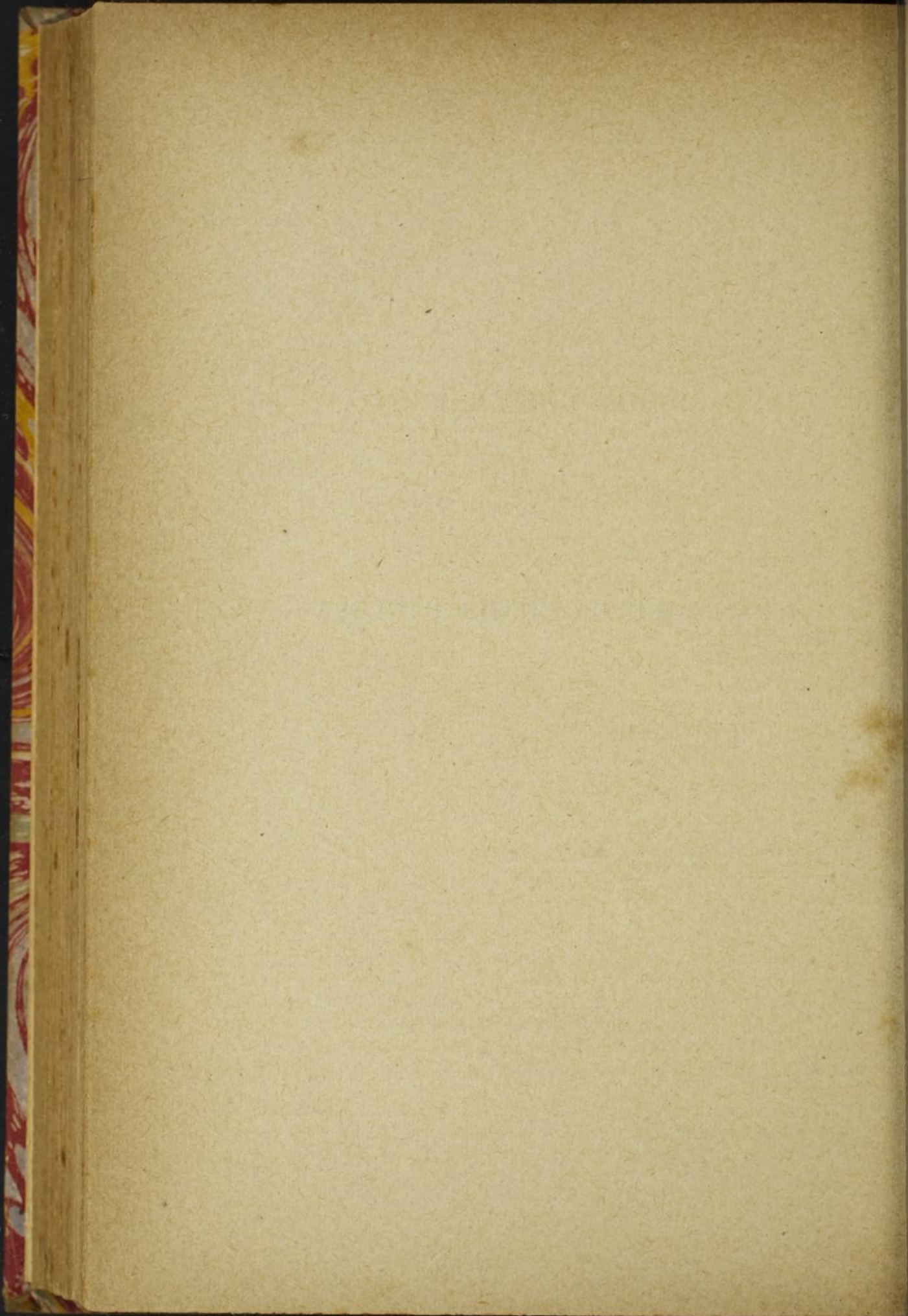
Vou pois... mas céos?
Que mão cruel
Ora o pincel
Me vem tirar?

Tyranno amor,
Se era teu gôsto
Este composto
Não acabar;

Não me incumbisses
Empreza assim;
Mas eu, teu fim
Sei penetrar:

Sei que não queres
Que acabe a obra,
Porque o que sobra
Póde matar:

Mata-me embora,
Mas deixa ao menos
Os pés pequenos
Delinear:

Pés, a que leda
A flôr mimosa
Se dobra anciosa
Para os beijar.

JANUARIO DA CUNHA BARBOSA

JANUARIO DA CUNHA BARBOSA

O Nicteroy

Nos braços maternaes, nascido apenas,
Jazia Nictheroy, saturnea prole,
Quando Mimas, seu pai, gigante enorme,
Que ao céu com mão soberba arremessára
A flammigera Lemnos, arranca
Por máres no furor de guerra impía,
Tingiu de sangue as aguas, salpicando
De seu cerebro o Ossa, o Olympo e o Otrys,
Ferido pelo ferro, com que Marte
Vingou de Jove a injúria em morte acerba.

Lamentando se Atlantida, apertava
Ao peito o filho, palida temendo
Trisulcos raios, q'inda accêsos via.

[Januário da Cunha Barbosa nasceu no Rio de Janeiro, rua dos Pescadores (Visconde de Inhaúma) a 10 de julho de 1780, filho de José da Cunha Barbosa, natural de Lisboa, e de D. Bernarda Maria de Jesús, do Rio de Janeiro, posteriormente Barões de Ipiabanha, por Portugal, e faleceu na mesma rua em que veio ao mundo, n. 80, vitimado por uma febre perniciosa, a 22 de fevereiro de 1846.

Para as suas biografia e bibliografia, veja o estudo do Dr. Antônio da Cunha Barbosa, seu sobrinho, in *Revista do Instituto Histórico,* LXV, parte 2.ª, ps. 197/284. — R. G.].

Ouviu seu pranto o rei do argenteo lago,
E o tenro infante compassivo acolhe.
No choque horrivel, que dos Phlegros campos
O mundo sôbre os pólos abalára,
Surgiram novas terras, novos máres
Cobriram reinos, ilhas, cabos, brenhas,
Neptuno aponta á plaga rica e vasta
Do sepulchro do sol erguida ha pouco,
Inda madida e nova, ind'ignorada
Dos homens e do mundo; aqui se abriga
A estirpe illustre em Mimas profligada
Que o justo e paternal intento herdára.
Cresceu co'idade e fôrça, e raiva, e o brio;
Da illustre geração fervendo o sangue
Nas veias da titanea, occulta prole,
Reforça o braço, que arduas feras doma,
Que troncos mil escacha, abate e arranca,
Mudando o assento ás rochas alterosas.
Cinge a frente ao robusto, altivo joven
Cocar plumoso, ornado de amathystas;
Diamantino fulgor contrasta o brilho
De esmeraldas, rubins, topazios loiros,
Que a rica zona marchetando enfeitam.
Negra coma lhe desce aos ventos sôlta
Repartida vestindo os largos hombros;
Nas faces brilha mocidade imberbe,
E a côr, que as tinge, por que o sol as cresta,
Similha o cobre lucido, polido
Nos olhos lem-se os vividos intentos,
Que de Mimas herdára, e occultos jazem
No grande coração, qu'a injúria abafa.
O esbelto collo tres gorgeiras prendem
D'oiro e prata, e manilhas d'oiro e gemas
Aperta o ventre nú, reveste a cinta
Fraldão tecido de vistosas pennas;
Mosqueada pello um tiracollo fórma,
De que pende em carcaz cavado dente
De monstro horrendo pelo mar gerado.
Nicteroy daqui tira hervadas settas,

Em que ás feras certeiro a morte envia,
Quãdo as brenhas perlustra, e o bosque, e o prado.
Empunha a dextra mão robusto tronco
Dos ramos mal despido; é esta a clava,
Que abate os tigres, os dragões, e as serpes,
Mais prompto do que em Lerna o fero Alcides.

Grato a Neptuno pressuroso entorna
Dos altos montes rios caudalosos,
Que pujantes ao mar tributos levam;
Tortuosa marcha Nicteroy lhes sulca
Por onde correm placidos os campos,
Depois que em negras, firmes penedias
Tropeçando furiosos s'indignaram,
Da branca espuma as margens alagando.
Surgem co'as aguas, do thesoiro occulto
Nas entranhas da terra intacta e nova,
Luzentes pedras e oiro, qu'abrilhantam
As curvas, brancas, arenosas praias,
Em que o feudo Neptuno accеita e guarda.
Já pretende vingar a infausta morte
Que ainda Phlegra eterniza, e Marte accusa;
Nem perde a vista do syderio throno,
Herança paternal, de qu'expellida
Fôra por Jove de Saturno a prole.
Justiça e fôrça os animos lhe accendem,
Cauteloso se apresta, e dá-se á empreza,
Dispondo aos céus o ataque occulto e forte.

Trezentos Megaterios, cem Mamoths,
Domados por seu braço ao mar arrastam
Ingentes, negras pedras, qu'encorpora
Promontorios formando, d'onde espreita
De Jove o ciume, e de Mavorte as íras.
Aqui se affundam lagos, rabalçando
Estofas, negras aguas somnolentas,
Que habitam bronzeos jacarés, e monstros
De horrendo e torpe aspecto; d'ali surgem

Escarpados rochedos, em qu'as ondas
Rebentando furiosas o ar atroam,
Mugindo horriveis, revolvendo as costas.
Altas serras do norte ao seul prolonga
Sôbre as nuvens erguendo-se azuladas;
Recortados penedos lhes guarnecem
De guerreiros merlões, vestindo os muros.
Novas róchas ao mar d'aqui se ajuntam,
De espaço a espaço o reino dividindo,
Possantes botareos, que a mão robusta
Do soberbo gigante ás serras dera:
Fechadas selvas cobrem amplos valles,
D'onde avultam mil ingremes castellos
Subindo de uma, e de outra parte ás nuvens,
Urram tigres furiosos, que retousam
Nas horriveis cavernas, aballando
Pedras, troncos, rochedos, valles, rios;
Silvam negras giboias corpulentas,
Vedando ao bosque emaranhado a entrada.

Contente Nicteroy o ensejo aguarda;
Da empreza a glória o enleva, e meditando
Na syderea conquista, devanea.
Lá quando o sol nos máres mergulhava
Os seus fogosos rapidos Ethontes,
Corrido já de Capro o reino em circ'lo
Ás brenhas prompto o joven se encaminha.
D'aqui vaidoso a vista aos céus erguendo
Dos astros marca a lucida phalange.
Daquelle a fôrça, e dêste a raiva observa
Prudente os golpes calculando e os tiros,
Que em breve disparar pretende ousado.

De Marte o aspecto horrivel se lhe antôlha
Scintillando guerreiro, irado e forte;
Inda a lança, que enristra, o sangue empana
De Mimas qu'á vingança o filho excita.
Arde o peito em furor; é fogo, e chamma,
Que abraza, queima, e devorando assôna;

Penedo grave arranca, a Marte o assesta,
Firmado os pés, os braços retorcendo,
Encravados no imigo o intento e os olhos.
Atalha o céu a estolida ousadia;
Eis subito clarão do ethereo assento
As nuvens rasga rapido e estrondoso;
Brama Jove iracundo, sacudindo
Da rubra dexta o raio accêso e prompto.
Baquea o grão colosso, arqueja e treme,
Varado o peito e o coração, qu'entornam
Borbotões d'atro sangue espumeo e quente.
Mordendo as róchas urra e se debate,
Mâs a vida lhe foge, e a fôrça, e a raiva.
Tomba d'altas montanhas despenhado,
Frondosos troncos, pedras arrastando
Que ao corpo, enorme, enorme estrada abriram.
Ao baque horrivel tremem terra e máres,
E largo tem ao longe ressoando,
Nos fundos vitreos paços apavoram
Amphitrite, Nereidas, Tethis, Glauco.
Tritão ligeiro á flor das aguas nada,
Voltando á praia o rosto observa e admira
Fulgurando d'instante a instante a serra,
Que a chamma cresta, e negro sangue escorre.
Horrendo corpo ressupino avista,
Que entallam terra e pedras, qu'enche e occupa
Do feio bosque ao mar estenso espaço.
Inda o grande penedo, qu'arrojava
Segura a dextra morta; ind'horrorisa
Medonho e fero o aspecto aos céus voltado.

Eis carpindo-se Atlantida commove
Do equoreo reino o lindo côro á mágoa;
Perdida a côr das faces, desgrenhada,
Transida e bella os olhos lhe retratam
Ternura maternal, que o peito nutre.
Convulsa move os passos, misturando
Com pranto amargo as vozes, que lhe troncam

Amiudados suspiros; eis, Neptuno,
Eis de Jove o rancor (exclama, e chora);
Nicteroy insepulto, e sôbre um campo
De um raio jaz ferido! A estirpe augusta
Do pai dos Deoses, hoje acaba, expira
No forte surprehendido illustre joven.
Vingar paterna injúria foi seu crime,
Ao crime excede a pena, se não vales
Á mal fadada Atlantida, que escudas.
Póde Encelado aos céus arremessar-se
Com fôrça e raiva, altivo presumindo
Privar do throno a Jupiter supremo,
Recobrando o direito ao sceptro avito.
Typheu, Adamastor, Otho, poderam
Soberbos guerrear na empreza affoitos;
Conturbaram, mudando a face á terra,
Montanhas, máres, rios, astros, deuses.
Baixou dos céus terrifica vingança,
Mercurio, Pallas, Marte, converteram
Dos impios em castigo, pennas, ilhas,
Que leves sôbre as nuvens revoavam.
Do fundo averno aquelles bramam; estes
A graves montes sotopostos vivem.
Mâs inda sobem do Etna inflammado
Fumo e chammas, qu'attestam fôrça e brio
Do opprimido gigante inda tremendo
Em Rhódope, Inarrima, e greta as torres
De seus corpos erguidas eternizam
Dos Titãs a memória, a empreza e a estirpe.

Nicteroy de Saturno é prole, é sangue;
E o nome seu a morte aos Lethes dando,
Inglorio o roubará do mundo á fama?
Raivosas feras já talvez devorem
Seu corpo exangue, e já crocitem perto
Em bandos mil carnívoros abutres;
Branquejando os seus ossos talvez mostrem
Em dias, que o futuro esconde aos homens
De ingente monstro horrifico esqueleto;

E a tanto subiram de Jove as íras?
Dá que a fama o celébre, dá Neptuno...
Recresce o pranto, a fraca voz lh'embarga,
As mãos supplice estende, e afflictos vertem
Os lindos olhos lagrimas que suprem
Confuzos termos, qu'em seus labios morrem.

Suspira então Neptuno, e meigo abraça
A lastimosa Atlantida, rompendo
Morno silencio, que suspende e enluta
A maritima côrte. — "É justo!" exclama:
"É justo, sim, que viva eternizado
No mundo o filho teu, qu'outrora fôra
Por mim da morte injusta occulto e salvo.
O pranto enxuga, pois: Neptuno attende
A mãi de Nicteroy formosa e mesta;
Castiga Jove um crime, e não consente
Que sôbre a terra acabe o nome a fama
De um filho, que a vingar seu pai s'erguêra;
Foi de Mimas herança a fôrça e o brio,
Mimas vive lembrando em Phlegra, em Lemmos,
Vivirá Nictheroy, lembrado e eterno
Na serra, e valle, e rócha, que apontára
Ao terrifico Marte, em furia accêso.
A um justo pranto, um justo aprêço é dado,
Ternura maternal te affoita, e eu quero
Do morto filho a glória eternisando,
Mostrar que abrigo heroe de heroes nascido."

De Phebo a luz doirava a serra e as brenhas,
Dos picos mais erguidos dissipando
Nocturna, branca nevoa, que descia
Ao verde prado, então Neptuno surge
Na argentea concha, que Hyppocampos tiram
Os crespos máres, aplainando e abrindo
Ruidosa marcha, qu'alva espuma cobre.
Daqui vaidosos, negros phocas nadam,
No dorso sôbre as ondas levantando

Cymodoce, Melite, Spio, Nisca;
Escamosos dephins dalli se ostentam,
Que em tôrno as aguas assoprando espargem
Dos ares sôbre as nymphas; Glauco, Phorco,
Palemon e os Tritões em turmas seguem.

Defrontam já co'a praia, o campo e serra:
Desmaia a linda Atlantida, banhando
Em novo, acerbo pranto a face e o peito;
Qual flor nocturna e bella, que orvalhada
Nos jardins se aprazia, e ao sol murchando,
A gala perde, inclina-se impellida
Do brando vento ao sôpro, que a affagava.
Neptuno as mãos lhe toma, aperta, beija,
E ao hirto corpo, então, a vista alonga:
Oh virtude d'um Deus! oh fôrça! oh pasmo!
Desfaz-se o grão cadaver prompto em agua,
Que ferve, salta, muge, avulta e açoita
Os valles, selvas, montes, brenhas, róchas,
No extenso mar, que o verde campo alaga.
Do espaço a espaço avistam-se os penedos,
Derrocados por Jupiter tonante.
Ao novo mar garganta nova se abre,
Ferindo a costa o válido tridente
Junto á rocha, que a Marte se assestára,
E qu'inda ao mar voltada as nuvens busca
Em confuso marulho, em grossas ondas
Descendo as aguas rapidas enfiam
A estreita foz, qu'as sólta aos máres: Glauco,
Qu'em cem rios banhar-se Thetys manda,
Porq'esse só faltava, alegre, salta,
Expõe ligeiro á tumida corrente
O peito largo e cerulo, qu'a quebra,
Forçando as aguas, dividindo a espuma,
Da hirsuta grenha verdes algas descem,
Assombrando-lhe a testa, a face e os olhos,
(Os olhos, em que Scylla encantos via
Raivoso ciume em Circe despertando,)
A barba negra, esqualida goteja

Salgada lympha d'entre os limos prenhes.
Ramoso tronco de coral na dextra
Levanta aos ares, co'a sinistra rema,
Pairando sôbre as ondas, que lh'escondem
D'atro peixe escamosa cauda e longa.

Ind'alto pasmo os animos enleva,
E já murmura placida a corrente,
Igualando-se ao mar soberbo o lago
Na foz, que a rócha fraldejando affaga,
Quando Glauco o silencio rompe, exclama,
Do peito alegres vozes desprendendo,
Que o trespasso d'Atlantida terminam.

— "Eis divino furor m'impelle e agita,
Deuses, Nereidas, escutai meu canto;
Celeste fogo os ossos me percorre,
Divina inspiração na mente eu sinto,
Vigor mais nobre e santo me arrebata,
Do qu'esse, que d'Anthedon me arrancára
De occultas hervas, por virtude occulta.
Das novas aguas mago influxo tenho,
Já sou propheta e deus — eu vejo, eu vejo
De par em par abertas aos meus olhos
As ferreas portas d'um porvir distante.
Exulta exulta, Atlantida, que a fama
Do morto filho teu sublima a glória,
E eterno o lago faz, eterno o nome.
Troveje em vão Mavorte sôbre a serra,
Em vão raivoso empregue a lança e a fôrça
No grão rochedo, qu'alto feito atesta:
Immortal ficarás, ó pedra, e ao longe
Do novo rio a barra assignalando
Nicteroy lembrarás aos céus e ao mundo.

"Mysterio novo e grande eu vejo e admiro;
Brilhantes feitos surgem refulgindo
Das urnas, qu'inda o fado aos homens veda.
Rompem quilhas soberbas negros máres,

Pasmosa marcha endereçando afoitas;
Domada a furia aos euros, lusos fortes,
Nos céus pregada a vista, e as mãos no leme,
D'aurora ao berço impavido proejam.
Eis subita procella o fado excita,
Á nova plaga e occulta: eu ouço, eu ouço
Propicia e rija os lenhos empuchando
O alegre som dos vivas com qu'arvora
Sôbre as praias Cabral a cruz e as quinas.
(A cruz, que á plaga dá virtude e nome
Nome, qu'atr'ambição trocando, vive
Nos penedos, qu'á dextra o rio apertam
Desta abra ingente, qu'alta glória espera).
Lobriga Marte a lucida grandeza,
Que do imigo o recinto abrilhantado,
Da victória o valor lhe abate e a fama:
Eis prompto Alectrion, mandado espreita,
Do verde lago em meio, em torre erguida,
O mar, a terra e as brenhas; mâs que póde
Da vingança o furor, se o fado é contra?
Mem de Sá daqui surge, é fogo e raio:
Desmantella-se a torre, o gallo escapa;
Lá cresce a grã cidade, que nas águas
Do famoso gigante retratada,
D'altos montes as fraldas borda, e as praias
D'um joven bravo e santo o nome acceita,
Sem perder o de rio ao lago imposto;
Aqui se ostenta próvida a natura,
Thesoiros novos d'alto preço abrindo
No florido matiz do campo e selva.
Aqui do inverno a rispida melena
Não sacode a saraiva, a neve e o gêlo.
De eterna pompa as arvores se arream,
Pomos e flores de seus ramos pendem,
Quaes nunca o horto hesperido guardára.

"Oh com'avulta em glória! oh como a illustram
Heroicos filhos, que o seu gremio adornam!
Nem só Roma verá Sulpicios nobres,

Comprando a grã cidade a pêso d'oiro,
Que de Breno a ambição e a espada aggravam
A mesma ingente glória, qu'assignala
De Romulo o sepulchro, illustra e marca
As auriverdes, nictheroicas aguas,
Da patria e da nação o amor floresce
Do rio sôbre as margens. Ah! são lusos
D'antigo tronco ramos, que prosperam
Sem perder a virtude, a fôrça, e o brio.

"Oh com'avulta em glória! oh como a illustram
Do seu governo as redeas manejando,
Incansaveis Andrades, Cunhas duros!
Tu pacato Rolim! activo Almeida,
Que mais amplo podêr regendo elevas
A cultura, o commercio, as armas, tudo
A um lustre, que o teu nome aclara, afama.
Nem céde em zêlo um Vasconcellos dextro,
Que o vício espanca, as artes acolhendo,
Anima o genio, qu'eterniza a glória
Da florente cidade. Um Castro eu vejo
Melancolico e forte. Um sabio admiro
Do rei, da patria amigo; esteio adorno
Do tronco da Nação; thesoiro excelso
De virtudes sublimes; que ama o sabio,
O justo abraço, Portugal seu nome
Na lembrança dos bons fulgura e vive.
Tu guerreiro Noronha as redeas tomas,
Prudente, firme, e proseguindo ostentas
Saber profundo, amor, virtude e genio.
Oh como avulta em glória! Ah! novos fastos
Do filho teu, Atlantida enobrecem
No mundo o lago, qu'hoje occulto admiras.
Dias mais bellos no porvir s'antolham,
E o fado aponta um seculo ditoso,
Em qu'a Elisia disputa a fama o Rio.
Eis amplo assento e base d'aureo throno,
Qu'escoltam sempre lucidas virtudes;
Aqui medra e floresce, em fôrça em glória

Esse tronco, que o céu plantára outr'ora
No heroico solo em que troveja a guerra.
Já d'entre as mãos d'um Pelias, qu'empolgava
Nova Iolcos no Tejo astuto e forte,
Um mais nobre Jason mais sabio escapa.
Perdendo o nome, ao Rio inveja Colchos,
Varão mais digno d'aurea fama; surge
Das negras mãos d'horrenda tempestade
Um dia, que do mundo a sorte muda.
Salve, o dia feliz! ditoso dia,
Que mais ampla carreira ao genio abrindo,
No velho mundo o esfôrço dispertando,
A paz do globo proxima asseguras.
Salve, principe excelso, que abrilhantas
Com justo scpetro e c'rôa a plaga e o lago,
Em qu'hoje o fado o teu podêr m'inculca.
Eternizam-te o nome a história a fama,
Epoca illustre assignalando aos povos
No vasto e rico imperio, qu'ergues sabio.
Vejo as quinas, qu'ao Indo, e ao Ganges davam
Terror, desmaio, floreando ovantes
Das náus dos Albuquerques, Castros, Gamas,
Sublimadas na esphera, agora dando
Do novo reino brazileiro o indicio.
Vejo um rei acclamar-se oh pasmo! oh glória!
Serão d'Ourique os campos estas margens,
Que só natura esmalta agora e veste?
Revive Affonso acaso! É este o Tejo?
É este o luso heroe, qu'um throno funda
Sem dos evos temer o estrago, e a fôrça?
Fulgura o céu d'Ourique; a cruz se adora
D'igneos raios vertida, santa, e bella.
D'alta noite rompendo o véu nubloso,
Reflecte a luz nas armas luzitanas.
Cerrados esquadrões desmaiam fogem
Eclipsadas as Luas cresce o esfôrço
Que o novo reino portuguez eleva.
Ferindo o escudo e as armas mil guerreiros
Lá saúdam monarca Affonso, o invicto,

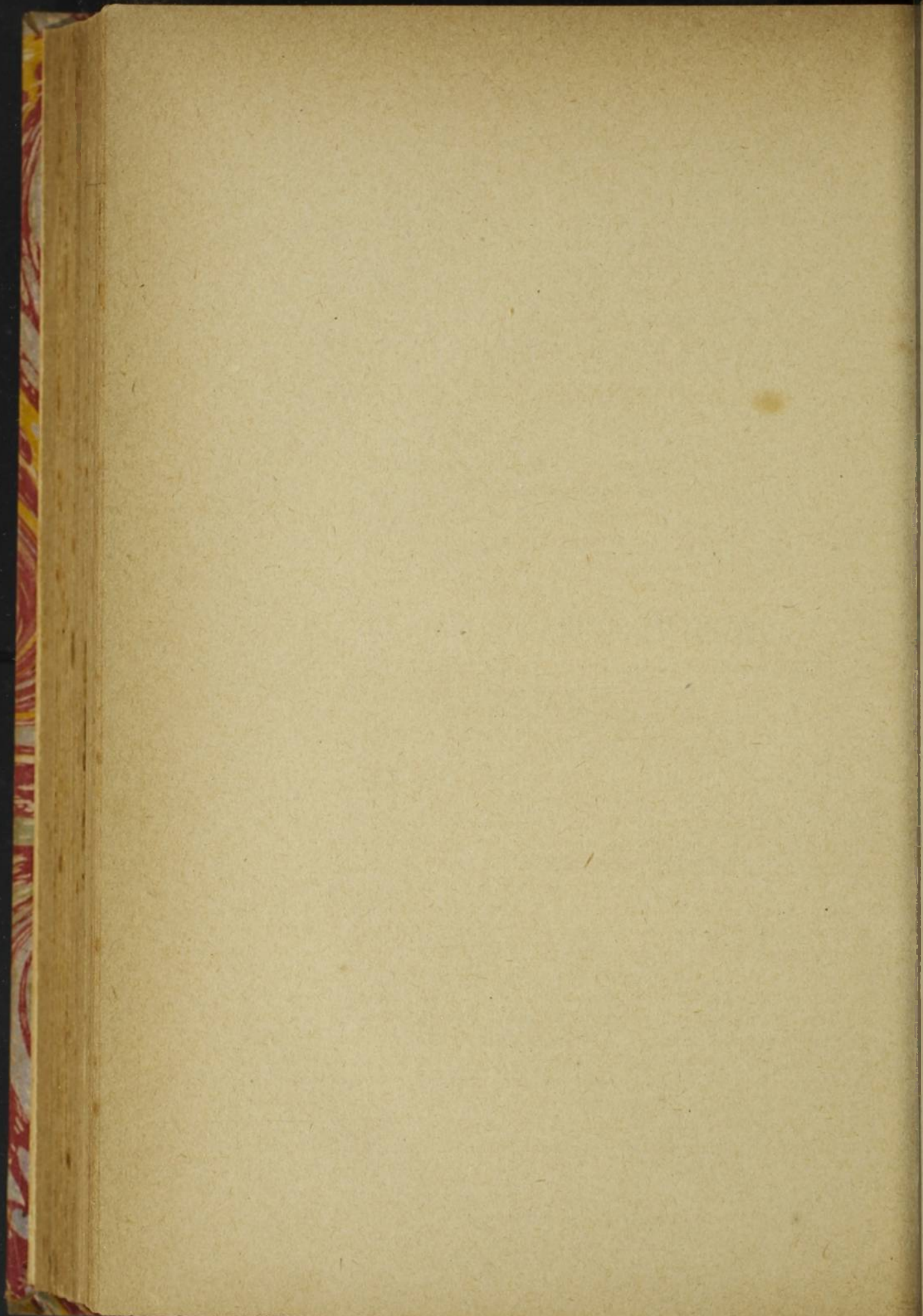
Que o céu protege, e a terra admira e acclama,
Auspicio igual aqui respeita o Rio;
Luminoso cruzeiro ao sul refulge,
Do novo Reino a glória eternizando,
Que um principe esforçado assenta e firma,
Cingindo a c'rôa e a purpura, que adornam
Eternos brilhos de virtude avita.

"Ao grande ao sexto João, que n'esta plaga
Primeiro ao regio throno sóbe, o mundo,
Erguendo as vistas respeitoso acata:
Nicteroy, Nicteroy, um throno, um reino,
Que a cruz defende, e um sabio escora, e afama,
Do lago teu nas margens brilha, e cresce.

"Vejo a glória esmaltando a Estirpe augusta
Do regio bragantino e excelso tronco;
Nova estrella enriquece o céu do Rio,
Tão bella como a d'alva, tão formosa,
Como a gema engastada em oiro ou prata.
Do mar desponta, é Venus, e os Amores
Em tôrno brincam, do Danubio a seguem;
Já d'um principe heroico aos braços chega,
E o céu que os liga d'hymineu co'os laços,
Em reciproco amor, em grato auspicio,
Perduravel grandeza ao Rio augura.
Nem me occulta o futuro ou fado arcanos,
Que a mente em santo fogo ardendo anceam:
Prospéra, ó par ditoso! Exulta, ó plaga!
Que o céu de bençãos enriquece e assalta!
Clarão de eterna glória os evos doira,
Despontam mais brilhantes novos dias,
Marcando a cruz a duração, qu'escapa
Aos frouxos olhos d'indagar cançados.
Penhor augusto vejo, acato e admiro!
Ternura conjugal o afaga, o abraça;
Nas faces brincam risos, sôbre o berço
Adejam votos do Brazil, do mundo;
Traz no sangue de heroes virtude e graça;

Lamego o sceptro de seus pais lhe off'rece,
Concentra a glória de Bragança e d'Austria.
Nunca ao sol, que desponta a linda rosa,
D'entre as flores, qu'esmaltam prado ou selva,
Do cerrado botão rompeu tão bella;
Nunca, Atlantida, estrella igual fulgindo,
Nas frescas aguas do Danubio ou Tejo,
Dos povos mór applauso obteve — exulta!"

Tremeu de novo a terra e o mar: Neptuno
A Glauco impõe silencio, ao ar levanta
O grão tridente, abysmam-se as Nereidas,
E a mãi de Nicteroy ao côro unida
É nos máres por deusa conhecida.

ALVARO TEIXEIRA DE MACEDO

ALVARO TEIXEIRA DE MACEDO

A festa do Baldo

(Canto último)

Agora maior graça, e novo alento,
Generoso derrama nesta empreza,
Engenho meu, e dá-me no remate,
Benigno fogo que, ao princípio déste,
Qual, no meio, ardente me infundiste.

[Alvaro Teixeira de Macedo nasceu no Recife, a 13 de janeiro de 1807, filho do sargento-mor Diogo Teixeira de Macedo e de D. Ana Matoso da Câmara de Macedo. Seus primeiros estudos foram feitos no Rio de Janeiro; em Pernambuco estudou Latim na aula que davam no Recife os Padres da Congregação de São Filipe Néri, na igreja da Madre de Deus. De Pernambuco passou a um colégio católico em Londres, com dois filhos do negociante Antônio da Silva, seu padrinho de batismo. Depois de quatro anos voltou a Pernambuco, habilitado dos conhecimentos necessários à carreira comercial, que não seguiu. Em 1820 foi levado a Paris, afim de estudar Medicina, mas sua saúde precária não lhe permitiu que ali continuasse. Passou então a Coimbra, mas, elevado ao trono D. Miguel, foi a Universidade fechada. Regressou a Pernambuco e matriculou-se em março de 1829 no Curso Juridico de Olinda, recem-criado; em 1833 concluiu o curso. Depois de formado veio para a Côrte e teve a nomeação de primeiro escriturário da Alfândega do Rio de Janeiro, cargo que exerceu por pouco tempo. Entrou então para a carreira diplo-

Voa soberbo, ou vem comigo junto,
Ganhar, se não me engano, a nobre dita
De vêr o feito nosso percorrendo
Essa terra feliz que chamo patria.

Já que os rijos boléus de má ventura,
Até, por fim, a porta me encerraram
Do templo da justiça, rasga ousado
Engenho meu, caminho triumphante,
Por meio das fileiras indiscretas
Daquelles que a fortuna caprichosa,
Cega sem tacto, p'ra seus fins protege.
Eu, que de tal senhora não recebo
Mil favores, que a vejo dar aos outros,
Que tão mal concebi suas promessas,
Que lancei pelas geiras do futuro,
Sem proveito, sementes d'esperanças,
Pretendo que meu nome, ora esquecido,
Meu nome, que o podêr tão mal afaga,
Viva longo das aras do conceito,
Talvez no coração da minha gente.
Viva sempre seguro na memória,
Daquelles que applaudirem meus esforços.
Eis a sorte feliz que tanto anhelo,
E o maior galardão porque trabalho.
Eis o forte incentivo que, em meu peito,
Faz nascer este amor do imaginario,
Esta nobre missão de ser poeta,
Creando pelo mundo novos entes,

---

mática, como adido à Legação Imperial em Lisboa, servindo de secretário, em 1834; dois anos depois foi promovido a secretário da Missão em Londres; foi em seguida encarregado de negócios em Viena d'Áustria e logo em caráter efetivo; em fins de 1848 foi nomeado para igual cargo junto ao govêrno da Bélgica. Em Bruxelas, a 7 de dezembro de 1849, falecia Alvaro Teixeira de Macedo. — Conf. Antônio José de Mello, *Biographia de alguns poetas e homens illustres de Pernambuco,* III, ps. 147/220, Recife, 1859. — Sua bibliografia em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico,* I, ps. 68. — R. G.].

Novos homens e coisas aprazíveis,
Que se tornam reais pela memória,
Que vivem pela terra em tal certeza,
Qual vive com a materia a sombra della.

Mas é tempo, leitor, que entres comigo
Na festa que em ganha teus sorrisos.
Observa d'uma vez meu Cleto Baldo,
Dando realce a tudo por seus modos,
Observa Dona Clara em seu triumpho,
Qual vistosa rainha de comedia,
Com fórmas estudadas pelas salas.
Olha benignamente, e attento escuta,
Que nem sempre taes coisas se fizeram,
Quaes essas que narrei p'ra teu recreio,
E estoutras que direi no seguimento.

A casa apparatosa do vigario,
Defrontava com um bosque de mangoeiras,
Onde o pomo da India, em maior glória,
Mostra ao sol do Brazil as duas côres,
D'uma face doirada, e d'outra rubra.
Nos salões ao convivio dedicados,
Era tudo bem pôsto, e apresentava
Certo aspecto influindo de ventura
Que os humanos ostentam, raras vezes,
Em dias de alegria, mâs que os anjos,
Ou aquelles que o céu tem por morada,
Constante mostram, porque sempre gozam
Prazer sem fel que o mundo não conhece.

Já no festivo solho percorriam
Numerosos senhores convidados
Louvando a bella ordem e elegancia
De tudo que seus olhos avistavam.
Com igual sentimento várias damas
Formosas no semblante ali vagavam,
Concertando engraçadas seus vestidos,
E quer nas vozes, quer nas várias côres,

De araras lindo bando pareciam.
Soberbas dando ao sol as pennas de oiro.
Em pequenas distancias, a pé firme,
Vários grupos ficaram reunidos,
Conversando, entre si, devidamente.
Se o thema contemplado era sciencia,
Ou arte razoavel, definida,
Aquelles que falavam pareciam
Circumspectos civís e comedidos,
Ouvindo com attenção e cortezia,
Cedendo, quando a fôrça do argumento
Continha convicções bem ponderadas.
Se o assumpto, porém era política,
Vaidosa profissão de certa gente,
Que se occupa do Estado, e do Governo,
Não sei que geringonça de máu toque,
Se ouvia proferir de muitos labios,
E não sei duvidoso, como pinto,
O complexo de frazes, e sentenças,
Dos grandes palavrões, de muita audacia,
Dos aires, e donaires de tal gente.
Gente que tanto fala, e pouco escuta,
Gente, que escuta mais, do que devêra,
Gente, que mais esquece, do que lembra,
Gente inconstante e má que aos povos hoje,
Umas vezes dá c'rôa soberana,
E mil outras condena a vil desprezo;
Gente, que até dos thronos vai fazendo
Naus de viagem, das rainhas fusos,
E dos reis seus discp'los de oratoria!...
Gente, emfim, que p'ra tudo é convidada,
E que Baldo pedio fosse ao festejo.

Pelos claros espelhos suspendidos,
Alguns senhores se miravam ledos,
Namorando as feições que possuiam,
Seguros de agradar ao outro sexo.
Bellas modas de calças e casacas,
Faziam summa glória de seus donos,

E apezar que nos talhes divergissem,
Concordes eram todos lá comsigo,
De serem, pelos rostos e elegancia,
Narcizos, sem senão, e mais sensiveis,
Que o frio matador de Echo amorosa.
Nada inutil creou a Providencia,
Animais exquisitos, passarolas
De máu aspecto, e monstros singulares,
Amphibios numerosos e macacos
Hirsutos e travessos, tudo serve,
E todos teem seus prestimo. Aquelles
Que só nos vultos curam, esses homens,
que Cesar conheceu, vendo em Pharsalia,
Preenchem seus logares nos banquetes,
Servem a certos fins, e tambem prestam
Pâra adubo de risos, p'ra recreio
Da gente mais cordata que os contempla.
Sem elles mal iriam os festejos,
E, sem elles, eu juro, que ha donzellas
(De taes pares condignas totalmente),
Que tristes dormiriam pelos bailes.
Oh! gente afortunada, se soubesse,
Conhecer seu valor, e grande pêso!
No entretanto gozai do largo mundo,
E, por fim, quando a morte vos alcance,
Ireis todos p'ra o céu, que é o vosso reino.

Brilhavam, nesse tempo em toda a parte,
Mil adornos de Flora, não riquezas
De prata burilada. Puros vidros
Com agua inda mais pura, recebiam
Ramos verdes, e flores da floresta,
Tão lindas, tão mimosas, e suaves,
Que dos olhos levavam dentro d'alma,
Brando sentir humano e bemfazejo.

As flores companheiras são do homem
E só delle recebem doce trato:
Os brutos seus encantos não percebem:

Não tendo a luz do céu, e Deus no peito,
Mal podem ver bellezas na materia,
O rigido tapir sae das ribeiras,
Corre pêlas campinas matizadas,
Pisa os ricos tapetes de natura,
Da gentil açucena morde a face,
E rompe mil capellas engraçadas,
Com que Alonso enfeitára a linda Cora.

Do festim os salões naquelle dia,
Estavam convertidos n'um bosquete,
Idéa natural de mestre Berto,
Pâra trazer dos campos a frescura
Do tecto hospitaleiro que o honrava
Ramos cheirosos do araçá bravio,
Tecidos co'a limeira e co'a pitomba,
Faziam linda trança co'a folhagem
Da vermelha pitanga, e da mangaba.
Vergonteas de canella, e da baunilha,
Diziam, que o Brazil tambem é Asia,
Galhos de cajueiros, e do artocapo,
E palmas reluzentes do alto côco,
Contemplavam o arranjo deleitavel
Do campestre recinto simulado,
Por fructos, e por arvores da terra.

Niveas toalhas cobriam largas mesas,
Onde, por duas filas, se avistavam,
Sôbre parras, e flores escolhidas,
O ananaz soberbo e aromatico,
Do Maranhão trazido áquelles lares.
Fructas de conde (cujo mel cheiroso
É nata vegetal) estavam postas,
Defronte de quadrados amarellos
De suaves bananas delicadas,
Linda pera dos tropicos felizes.
Laranjas, abacates, verdes limas,
Morenos sapotís, que o bom Filinto
Em vez de trouxas d'ovos comeria,

Tomavam seu lugar ao pé de cestas,
De mangas soberbissimas e raras,
Que de Itamaracá recebem nome.
Outras fructas formosas e fragrantes,
Com mil doces, e pratos delicados,
Prefaziam o quadro mais completo,
E o mais grato dessér do mundo inteiro.

Sôbre as mesas, desta arte, guarnecidas
Trescalando os effluvios de Pomona,
Escravos apurados assentaram,
Grande cópia de pratos fumegando,
Com viandas e môlhos de apetite.
Appareceram quartos de vitella,
Alvo lombo do cerdo e gorda vacca,
Várias aves, e caça peregrina,
Cujo sabor lhe vem da vida alpestre,
Pescado e camarões do manso rio,
Em loiras frigideiras borbulhando,
Empadas de palmito, grandes tortas,
Arroz de forno com jardim de salsa.
E, p'ra timbre final do rico apresto,
Avultava o melhor dos grandes pratos,
Leitão de espeto, glória dos banquetes.

Com tal disposição tudo era prompto,
Quando Baldo, acenando a mestre Berto,
Confessou ser incerto e vacillante,
Sôbre qual dos senhores reunidos,
Teria logar de honra ao pé de Clara.
— "Hoje voga o princípio de igualdade",
Sisudo reflectiu o heroe da festa,
"Receio dar offensa neste trance,
E no enleio cruel depreco aviso."
Mestre Berto falou desta maneira:
— "As sciencias, as armas, e as riquezas,
Disputam a miudo a primazia,
E os homens arrrolados em taes classes,

Para si têm querido a precedência,
Não só nos actos serios e distinctos.
Porém inda nos bailes e banquetes,
Onde ás vezes se encontram misturados,
Céde tudo, porém, á cortezia,
Quando a igreja se mostra em qualquer parte.
As armas, e as lettras retrocedem,
Os ricos, os soberbos se desviam,
Os proprios diplomatas dão-lhe o passo,
Pois de tudo sabendo não ignoram
Que o dizer, *que seu reino é do outro mundo*,
Importa que ella sempre é sobranceira,
Com as azas estendidas, e voando,
Qual sublime condor, sempre elevado
Por cima do que é grande cá da terra.
Dê, pois, ao seu fiel representante
O logar mais distincto que lhe cabe:
Entregue Dona Clara ao bom vigario."
Assim se fez, e musicas do bosque,
Tangeram a entrada pâra o banquete,
E todos com semblantes de alegria,
Tomaram pelas mesas seus assentos,
O gôsto, a novidade do apparato,
Applaudindo o soberbo lanço d'ôlho,
E tudo emfim que ali se descobria.

Depois de curta pausa tinem pratos,
Retinem garfos, facas e colhéres,
Sussurro de festim alto começa,
Olhos scintillam, mãos soccorrem boccas,
Mestre Berto comia, e não falava,
E Baldo, sempre alerta em seus deveres,
Attendia ao serviço das senhoras,
Affavel presidindo ao seu convivio.
Dona Clara, vestida em ricas sedas,
Seu bom gôsto mostrava nos cabellos.
Enorme, coruscante e alto pente
De artistico lavor tinha cravado
Pêlas tranças luzentes de azeviche.

Conta-se que era tal o seu tamanho,
Que o vigario, por vezes, qual Damocles,
Temendo que caísse, deu suspiros!
Era porém o andaime bem seguro,
E a matrona, soberba do enfeite,
Para todos olhava com sorrisos,
Linguagem do prazer que a possuia.

Passava-se o banquete alegremente,
Cosme contava histórias divertidas,
Reinava um tiroteio de bons ditos,
Corria o loiro vinho effervescente.
Oh! que festa ditosa era a de Baldo!
Que prazer, que gracejos, que doçura,
Que toque divinal lhe cala o peito?!...

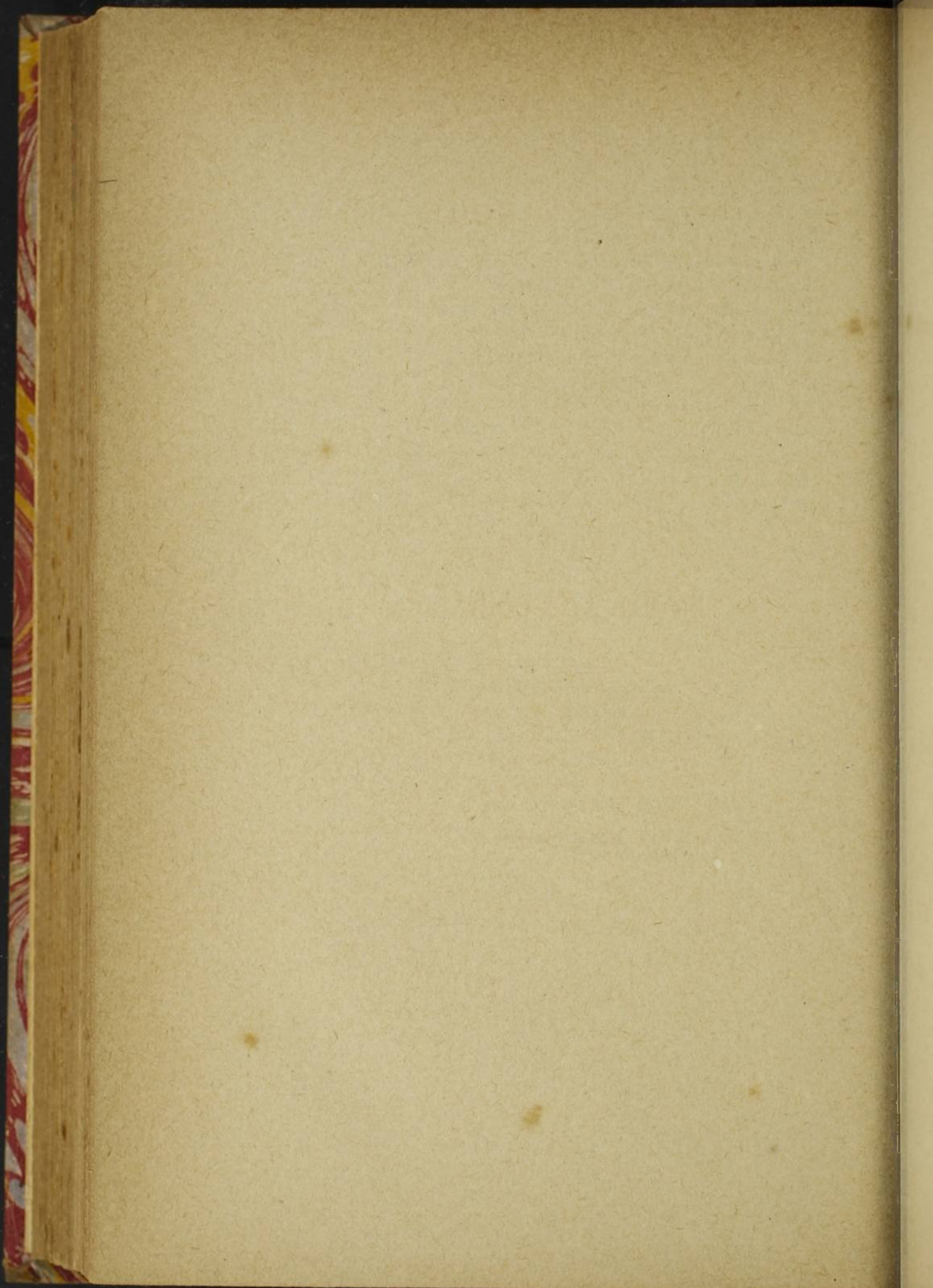
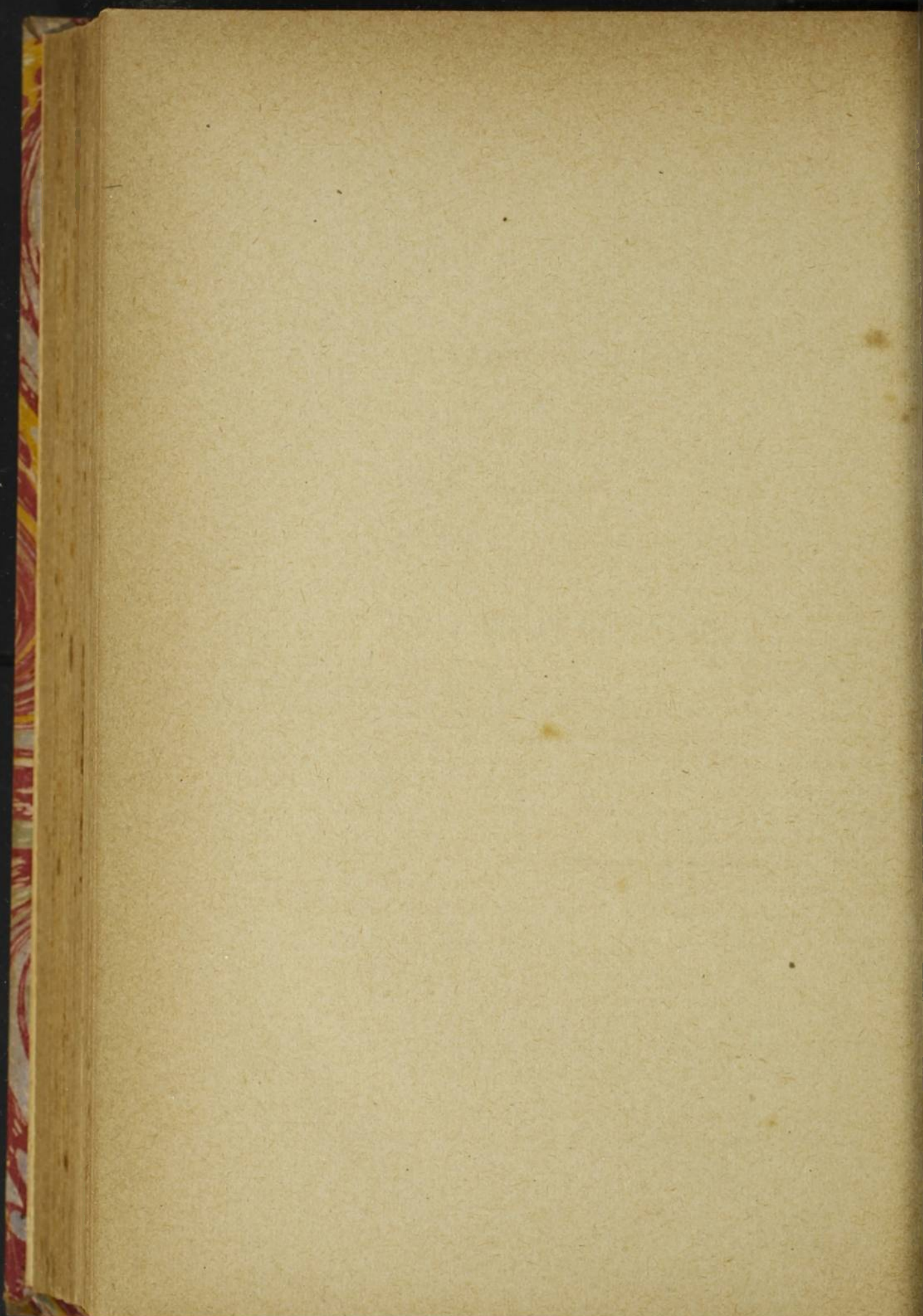
Glorioso escrivão, se o teu empenho,
Me foi dado cantar a teu contento,
Se tua alma pintei qual tu a sentes,
Perdôa ao bom chronista se não póde
Deixar de publicar tua derrota.
Culpa tua não foi, que foi urdida,
Causada unicamente pelo fado,
Pêla triste ousadia de partidos,
Em tempos duros, tempos revoltosos,
Que tudo impedem, tudo precipitam!
Cantarei o final de teu banquete,
P'ra que o rijo clarim que te dedico,
Soando imparcial teu desconcêrto
Seja crido por todo, quando vibra
O sincero louvor bem merecido,
Das virtudes singelas que tiveste,
E da honra, sem par, do teu cartorio.

Em quanto, pois, a festa progredia,
Rouco volume de medonhas vozes,
Com tropel e nitrido de ginetes,
Os ares atravessa, e passa ao bosque
Incutindo temor nos convidados.

Adeus bello prazer, adeus convivio,
Sobresalto cruel em todos lavra,
E o sexo da brandura colhe medos!
Que berreiros são estes que escutâmos?
Que tiros já tão perto são aquêlles?
Perguntou altamente o bom vigario.
— "Nova rusga", respondem muitas vozes.
"D'um novo presidente quer-se a queda!"
— "Maldita estrella nossa, clama Brito,
Onde iremos parar com taes mudanças?
Qualquer que seja o bem que á patria venha
Desta rusga infernal agora em campo,
Deviam têl-a feito há quinze dias,
Ou então adial-a p'ra mais tarde,
Que o nosso Apollo assim ficára salvo:
Eu te odeio, ambição de baixo intento,
E vós, ó patriotas de taverna,
Ó Grachos de comedia, vís escravos,
Vosso deus e senhor chama-se — oiro —
Vosso mestre não foi Cesar clemente,
Nem Augusto sagaz, correndo ao mando.
O heroe que imitais é Catilina,
Mâs, como elle, achareis forte Petreio,
Que vos corte a carreira fatricida!"
Adeus, bosque gentil! flores do campo!!
Adeus, Baccho e Pomona deleitosos!
E vós, bello perú, leitão intacto,
Fofos pasteis, aureas frigideiras,
Ficareis pâra pasto de guilhotes.
Que deshonra p'ra vós... sereis comidos,
Por homens esfaimados sem fineza,
Que com carne, e feijão foram contentes!
Oh! meu rico banquete adeus p'ra sempre,
Minh'alma aqui vos fica, eu levo os queixos!..."

Bradando estas sentenças singulares,
Mestre Berto saíu sem ser mais visto:
Debandada geral seguiu-se logo,
E o proprio escrivão dono da festa,

Tratou da retirada, e sem bagagem,
Fugiu airosamente pelos fundos
Do amigo, escuro bosque das mangueiras.
Não consta que este heroe, qual o de Troia,
Voltasse na procura da consorte.
Consta só, que depois de grandes riscos,
Unidos foram ter á nobre villa,
Concordes d'esperar pela ventura
De uma paz duradoura, e sem perigos,
De dias mais serenos e seguros,
E, si bem que viveram mais á larga,
Por mais que examinasse, não me consta,
Que o escrivão Goyana e Dona Clara
Procurassem jámais dar outra festa.

FIM DO FLORILEGIO

NOTAS AO FLORILEGIO

NOTAS AO FLORILEGIO

1.ª

Pag. 1.ª da Introdução (Vol. I)

Ao avaliar o estado das linguas e lettras castelhanas e portuguezas na epoca em que se descobriu o Brazil se póde ler com interêsse o seguinte documento, que contém alguns fragmentos curiosos em prosa e verso, os quaes devem augmentar em estimação (apesar do descuido com que parece haverem sido transcritos), quando nos lembremos que alguns delles podem ser obra dos poetas Gil Vicente e Bernardin Ribeiro, que floreceram no reinado no venturoso Manoel. Este documento, que copiámos em Simancas, é uma carta original de Ochoa de Ysasaga, embaixador dos reis catholicos em Portugal, quando o rei portuguez recebeu por espôsa em segundas nupcias a rainha D. Maria. Nesta carta se descrevem por extenso as festas que tiveram logar no real paço de Lisboa, na noite da missa do gallo dêsse anno da boda. Tão importante julgâmos tal documento que passâmos a reproduzil-o na integra, certos de que o leitor nos ficará por elle agradecido, embora tenhamos pâra isso de engrossar de algumas paginas este tômo:

Cópia de uma carta autografa de Ochoa de Ysasaga aos Reys Catholicos

Muy Católicos, muy altos é muy Poderosos Principes é Señores el Rey e la Reyna Nuestros Señores.

Aunque yo sere alla presto queriendo Dios para haser relacion de las cosas de aca por menudo á V. as. porque Juan Ortiz

llevador desta llegará alla antes que yo, paresció que era bien dar parte á V. as. de las fiestas que han pasado aqui en esta fiesta de la natividad de nuestro Señor.

Jueves veinte y cuatro deste Diciembre biespera desta santa fiesta, la Señora Reyna oyo misa en su oratorio e se confesó con fray Garcia de Padilla y despues comio retrayda. El Señor Rey oyo misa en su capilla é dicieron-me que tambien se habia confesado y á la tarde el Rey y la Reyna juntos fueron á capilla a oir las biesperas y acabaronse despues de nochecido, y despues el Señor Rey fue con la Señora Reyna hasta su posentamiento y dejandola alli se fue derecho á la sala grande de su aposentamiento que estaba mui bien atabiada y fecho un estrado grande con su doser de brocado encima y debajo puesta una silla rica grande cin su mesa delante y assentose alli y traxieronle la collacion con grande triunfo el mayordomo mayor y los maestres salas que disen aca veedores, y muchos pages con platos grandes de conservas y fruta de sarten, e el Duque de Coymbra se ynco de rodillas delante del Señor Rey y estobo asi con unas toallas en el hombro hasta que acabo de haser collacion y en lugar de copa un caballero llevó al Señor Rey un vernegal de agua con unas toallas en el hombro.

Despues de esto dieron collacion á todos los caballeros é fidalgos que estaban al derredor del Señor Rey da la misma manera que estaban en pie y despues dellos á toda la gente que estaba en la sala sobre que andovo grande regocijo como se suele hacer en semejantes tiempos y para segund la noche que era la ceri·monia fué real y paresció muy bien á todos.

La Señora Reyna hizo collacion en su cámara y despues las damas y á la sazon la infanta Doña Beatris le embió ciertos platos de fruta de sarten y despues de echa la collacion la Señora Reyna vido que la casa no estaba adrezada como era rason para tal fiesta mandó que le adrezasen luego y de noche colgaron los paños y el doser y fisieron el aparador.

Despues de esto á los ocho horas vinó el Señor Rey á la camara de la Señora Reyna y fueron á los maytines de la misma manera que fueron á la biesperas y el Señor Rey dejando á la Señora Reyna en la tribuna decendió abajo donde estaba puesto su sitial con cortinas y oyeron los maytines solenemente con horganos y chamzonetas y pastores que entraron á la sazon en la capilla danzando y cantando *Gloria in excelsis Deo* y dija la misa

del Gallo pontifical el Obispo de Fez y en acabando los maytines á las dos horas despues de la media noche el Rey y la Reyna se volvieron á sua aposentamiento.

Hoy dia de la Natividade de nuestro Señor antes que emanesciese, la Señora Reyna oyo misa en su oratorio, y se comulgó é dijo la misa fray Garcia de Padilla.

El Rey y la Reyna se fueron á misa con sus mugeres y damas entre las nueve é dies horas é iban vestidos en esta manera.

El Señor Rey trahia jubon ancho de cebti carmesi á la francesa y calzas de grana y borceguis blancos con soletas y una cinta de oro y una espada con su guarnicion de oro rico é un collar de oro mediano con muchas piedras y un bonete de terciopelo doblado y en el uns joyeles de diamantes y encima una loba de brocado pelo negro alcarchofado abierta por los lados.

La Señora Reyna trahia una faldilla de terciopelo negro con tiras de brocado y un cós de puntas de brocado pelo morado oro tirado y una delantera de lo mismo y un abito de terciopelo carmesi de muchas perlas con unas lazadas que vestio el dia que se casó en Alcazar y una cinta de mazorcas de oro de martillo muy rica y linda y un colar de las esmeraldas y en la cabeza echa la clencha un tocadito de oro de martillo todo de emes muy rico y en la garganta un hilo de perlas guesas con una cruz de diamantes colgadas del y muchas axorcas en las manos. Yban detras diez y siete damas todas muy bien ataviadas y perfiladas.

El Señor Rey llevó á la Señra Reyna del brazo esquierdo hasta la tribuna y dejandola alli decendió abajo á sua sitial y dijo la misa pontifical el Obispo de Fez que dijo la del Gallo, y estaba en el altar un retablo devoto como en Iglesia y una cruz grande rica y quatro candeleros de plata y el aparejo de los hornamentos de brocado pelo la mitra y el vaculo bien ricos con mucha pedreria y predicó un clérigo muy bien el nascimento de nuestro Señor y el Señor Rey ofreció en la ofrenda dijeronme que doce ducados los seis por si y los otros seis por la Señora Reyna, y el evangelio y la paz dieron al Señor Rey con Cerimonia como se acostumbra y no llevaron á la Señora Reyna.

Acabose la misa acerca de la una hora y despues el Rey y la Reyna fueron á sus aposentamientos cada uno por su parte y el Señor fué en esta manera, iban con el todos los caballeros y

delante uno con el estoque que le embio el padre Santo y mas adelante los vallesteros de maza que son aca como porteros de Câmara y comió en una quadra donde suele comer los otros dias asentado en una silla debajo de doser de brocado y estaban al derredor todos los caballeros y sus ministriles altos que tocaban um poco desviados. El aparador era mediano trajieron el manjar con trompetas y atabales y no comió carne sino pescado.

La Señora Reyna el tiempo que iba desde la capilla á comer á la cuadra baja encontró con la infanta Doña Beatriz que le venia á ver y á dalle buenas pascuas y un page tras si con un plato grande cubierto con manjar paresciome que era capirotada é hisieron la una á la otra sendas reverencias bien bajas y fueron de mano á mano la Señora Reyna á la mano derecha y la Infanta á la mano izquierda y á la entrada de la puerta rogabanse la una á la otra y entraron casi á la par pero paresciome que la infanta todabia se detybo atras un poquito y fueronse á asentar á camita donde estabieron hablando y holgando hasta que trajieron el manjar.

El aparador de la Señora Reyna estaba puesto mui lucidamente aunque estaba la plata muy apretada que habiendo mucha paratres gradas la pusieron en dos pero mucha é muy buena é muy lusida paresció á todos los que venian á verlo y menester fué habella puesto que no han puesto ninguna ves despues que venieron á esta cibdad ya desian algunos que la Señora Reyna no trahia plata y que la que se puso en Alcazar de Sal cuando se casó era de V. as. y que la haviam trahido alli para hacer muestra y que desde alli la habian vuelto para Castilla.

En manjar de la Señora Reyna trajieron al aparador con trompetas y llevó las fuentes Doña Leonor de Milan y poniendolas en la mesa la infanta se levanto sobre las rodillas para servir con ellas y entonces la Señora Reyna levantose un poquito y asiolo del brazo é hizole tornar á sentar graciosamente; en el servicio de la mesa no hobo mas diferencia que en los otros dias que Lope Valdivieso hasia la salva. Doña Angela cortaba y Doña Leonor de Milan serbia con las fuentes y con la copa. El maestre sala con los pajes trahia el manjar á la mesa y estaban todas las Damas al derredor y en las postreras fuentes la Infanta no hiso ninguno mobimento como primero y los menestriles altos tocaron durante la comida altamente.

En acabando de comer vino el Señor Rey á la Cámara de la Señora Reyna é yendose la Infanta mando despejar la Cámara y despues estobieron el Rey é la Reyna solos oyendo musica de Rodrigo Donayre y sus compañeros.

Despues de ido el Señor Rey venieron la Duquesa de Braganza y Doña Felipa á dar buenas pascuas á la Señora Reyna y estobieron asi holgando hasta la hora das viesperas y por que el Señor Rey estaba adrezandose para la fiesta de la noche mandó á los do su capilla que veniesen á desir las viesperas en la sala de la Señora Reyna donde las dijieron cantadas solepnemente.

La Señora Reyna se pusó en su sitial para oir las viesperas y la Duquesa del Braganza un poco desviada mas atras por la parte derecha y mas atras todas las damas é mugeres.

Despues de acabadas las viesperas vino la infanta Doña Beatriz y asentaronse ella y la Señora Reyna en almoadas arrimadas á la Câmara; la Señora Reyna á la mano derecha por la parte de la cabecera y la Infanta por la parte ezquierda y la Duqueza un poco desviada hacial lado de la Señora Reyna y estobieron asi hasta las ocho horas de la noche esperando que se adrezasen los momos y la seis damas que habian de sallir á la francesa y en este tiempo venieron la marquesa de Villareal y la muger del o varano de alvito á dar buenas pascuas á la Señora Reyna y hablando entre otras razones le suplicaron les diese licencia para ver suas Damas porque despues que vino su altesa á cabsa delas sus maridos no hasian caso dellas y el caso porque se sienten ellas es que el marques sirve á Doña Maria de Cardenas y el varon á Doña Leonor de Millan. Cuando ya se acabaron de adrezar los momos el Señor Rey hiso saber á la Señora Reyna para que se fuese y despidiendose de la infanta se fué con sus damas á la sala grande del aposentamiento del Señor Rey que estava muy llena de gente con grand estruendo como para la fiesta que se esperaba y fueso derecho al estrado donde estaba un doser de brocado y debajo seis almoadas de brocado en rencle de dos en dos y asentose en cabo por la parte derecha dejando el hogar bacio para el Señor Rey y las mugeres y las damas se asentaron desde el pie del estrado adelante y luego comenzaron tocar los menestrilles muy altamente y despues salieron muchos momos con ynvenciones cada ynvencion con trompetas delante como aqui será declarado. En cabo de la sala estaba fecho un retraiymento grande con paños

de donde salió un huerto de encantamiento que venia dentro un arbol membrillo grande muy espantable con tres cabezas feroces y seis manos grandes y con cola tenia rebujado todo el cuerpo de arbol y todo el huerto estaba cubierto al derredor con paramentos de lienzo delgado y venian dentro seis damas Doña Leonor de Millan y Doña Maria de Cardenas é Doña Angela é Doña Leonor Enriques é Dona Guiomar Freire é Doña Maria de Silva vestidas á la francesa trahian en las cabezas unos chapirones de cebti carmesi con miras llenos de mucha pedreria y perlas y cadenas é otras joyas muy relusientes y encima unos velos como se pintam en los paños franceses y unas ropas de terciopelo negro con mangas anchas y con colas largas trepadas y con unas letras por las orillas con cebti branco debajo del terciopelo y en las manos unas achas pintadas de cera ardiendo y en cabo del huerto venia echo un asentamiento principal con almoadas de brocado; pregunté para quien se habia echo aquello y discronmne que el Señor Rey tenia acordado una vez de venir alli y que despues le dijieron que mejor era venir despues con sus momos tras el huerto porque no fuera honesta para el venir alli sin la Señora Reyna y llegando el huerto delante de la Señora Reyna de la manera que venia parescia muy real imbencion y saliendo fuera las Damas Doña Angela en nombre de todas dió un escripto á Señora Reyna que desia en esta manera:

"Estando en Itiopia en nuestro huerto damore Sagrado guardado por el Dragon usando de aquel poder que por los Dioses nos fué otorgado de dar remedio á todos los verdaderos amadores vino á nos lo pidir un principe tan enamorado que el so he comparacion de si mismo porque la grandeza de sua pena es mayor que nosa sabeduria y porque en tua alteza que he merecedor de seus amores está o remedio deles é no en nós o tracemus aqui á te pidir que o quieras remediar porque é tua soygecion estima mays estar, que á todos seus Señrios é todos os cavalleros de sua compañia en poder de tuas damas é uoso sean soygetos é sendo coza tan nova aquela que á todas podiam dar remedio o viren pidir a ty por ver una princesa de tanta excelencia ouvemos por probeyto a perda deste poder á te pidimus que nos lo queras otorgar por que o traballo deste camiño se torne en muyto seu é noso descanso e teu servicio.

"Despues de esto quitando-se de alli el carro vino el Señor Rey con veinte Caballeros de los principales de sua Corte echos momos con sus caratulas e cimeras con grande estruendo de trompetas e dieron dos bueltas por la sala danzando y despues el Señor Rey comenzó yr al estrado y la Señora Reyna des que sentio que era el levantose y salio á recibirle á la meytade del estrado y juntandose el Señor Rey quitó la caratula y el bonete y en grand placer reyendose hisieron sondas reverencias bien bajas el uno alotro y despues fueron á danzar una alta y una baja y danzaron muy bien y volvieron á sentar á su estrado y lo que trahia vestido el Señor Rey era un jubon muy trepado y calzas negras á la derecha hasta la rodilla con unas barras de chaperia espesas y debajo de la rodilla donde suelen apretar las calzas dos hilos ensartados de diamantes é piedras que relucian mucho y zapatos de cuero negros puntiagudos e una cinta de oro de martillo con una daga pequeñita colgada del é un collar de oro sin piedras y un sombrero frances lleno de joyeles con una cimera grande de plumages y el cerco del bonete doblado lleno de chaperia y joyeles que relucian y todos los otros momos venian desta misma é muy bien atabiados cada uno segund su estado y especialmente el Duque de Coimbra trahia un collar de oro con mucha pedreria y perlas muy gruesas y la calza esquierda muy llena de piedras y perlas de la rodilla arriba y el sombrero con su cimera con muchos joyeles y encima del bonete trahia dos sartales de perlas gruesas y lo que trahia cada uno de los otros no pongo aqui porque seria prolicidade. Salvo que despues de asentados el Rey é la Reyna en su estrado cada uno dellos llegando á sua dama quitó la caratula e dió cada uno á la suya su escripto y despues danzaron con ellas y esta misma forma tenian cada uno de todos los otros que venieron despues de estos. Despues de esto venieron otros cuatro caballeros echos momos muy lucidos con sus caratulas y uno en nombre de todos dio un escripto á la Señora Reyna que decia asi:

"Mu.to alta é m.to escelente,
Reyna é m.to poderosa Señora.

Veimos á este Seran
Cada un por sua dama
É vimos a sin razon

Que se fas a quen ben ama
É tornamos á pidir
Por merced á vosa Alteza
Que nos de a quen nos fiz venir
Para que de prazer á tal tristeza."

Despues de esto vino una con caratula que trahia encadenado un gigante muy grande é muy feroz y detras del tres momos muy lusidos con sus caratulas y llegando delante del estrado el que trahia el gigante dio un escripto á la Señora Reyna que desia asi:

"M.to alta y escelente Reyna
é m.to poderoza Señora

Yo soy embiado á ti del poderozo Copido el cual sabendo que el Rey tu marido está en determinacion de haser guerra á sus enemigos deseando mas faborescervos que á todos asi por ambos ser los mays, mas magnificos principes que nunca fueran como porque en tu casa ser junta toda la fermosura que sufe (sic) en el mundo hace ser loada te ofrece para su servicio aleso gigante que por amores de ysorfele fué trahido á sus presiones y con su fuerza te notifica por muy cierta la victoria é te pide en satisfaccion de tamaño beneficio que mandes á las damas de estos tres suyos á que mas que á todos debe por buennos amadores que suas cruezas en ellos no usen porque sino se emendon, muy presto seran culpadas en su muerte y el les tera perdidos."

Despues de esto venieron ocho romeros que iban á Santiago con sus bordones y conchas en un bergantin fecho artificialmente y llegando á la puerta de la sala desembarcaron y uno en nombre de todos dio un escripto al Señor Rey que desia asi.

"Las nuevas van tan crecidas
Rey Santo de tu pasage
Que siendo por nos sabidas
Fecha la pelegrinagen
Te frecemos las vidas
Á seguirmos tu viagen
Sabe que nuestra tencion
En esta guerra que tant'amas
Que es servirmos las dos damas
De las muy famosas Enrriquez y de Millan."

Y despues de esto cada uno de estos romeros echaron sus ropetas y caratulas é dieron sus escriptos á las damas y danzaron con ellas.

Despues desto venieron ocho enemigos malinos muy feroces y trujeron cuatro momos muy lucidos con sus caratulas encadenados y un enemigo de aquellos fué á dar un escripto á la Señora Reyna que desia en esta manera:

"En el ynferno temos sabido ha muito tempo que por tua vinda á estes reynos seriamos deles lanzados fora é de todo destruidos é agora soubemos por estes desesperadus que nos suas damas les embiaron que tiñan ja nelas recibida por Señora, é como de cosa tua non podemos aber parte foy nos mandado trazer á éstes as vosas damas é á te pidir mandes a ellas que les den algun descanso poys por ello son mays atormentados que os otros que nos la fican."

Despues desto venieron ocho almas con candelas encendidas en las manos que sinificaban la misericordia y detras un momo muy bien adrezado y las almas llegando delante de una dama que se llama Doña Leonor Enrriquez, incarouse de rodillas é disieron dos vezes á alta voz *ave misericordia ave misericordia* y luego se bolvieron y el momo dio á la Señora Reyna un escripto que desia en esta manera:

"M.to poderoza Reyna Señora.

Yo soy uno de los tres que este otro dia pidimos á sua Real alteza mandase á duas damas no nos tratasen tan mal y porque ya soy ofrescido para siempre servir una de sua real corte le suplico mande guardar el costumbre que sus antepassados tobieron que era en tales fiestas no consentir á suas damas llevar guantes esquierdos en la mano é agora segundo he visto es por lo contrario si á tal cosa vuestra real alteza diese lugar los de estrañas tierras desesperarian de tan escelentè corte."

Despues de esto vino un page pequeñito con caratula y con una ropeta llena de manillas doradas y detras del dos caballeros con ropas rozagantes de guadameci verde y dorado á la francesa con sus caratulas y el page dio un escripto á la Señora Reyna y el traslado del no embio aqui porque no lo pude haver.

Despues de esto vino un hermitaño con su bordon y barba grande y detras una breña echa á manera de encantamiento donde venia metido un momo y dio un escripto á la Señora Reyna que desia asi:

"M.to alta é m.to escelente Princesa.
É m.to poderoza Reyna Señora.

Querendo mina ventura dar fin á mina vida oferecioseme por enamorado en esta real corte de vosa alteza onde creceo tanta mina pena que cuydey que pacencia á podece resistir é fuyme aos montañas onde me achey tan combatido de cuidado que por leyxar alguna memoria de mina tristeza é sentimento comencey de caminar en esse encantamiento en que vengo topando con ese hermitaño per esconjuraçoes piadosas me pidio á cabesa de mina pena respondile que me fasia asi andar á mays fermosa dama do mundo que estaba en la Real Corte de vosa alteza é hele mobido de piadad me dixo que ó seguise."

Despues desto vino otro momo de la misericordia que vino antes disfrazado con otra manera de habito con su caratula é dió á la Señora Reyna un escripto que desia asi:

"M.to poderosa Reyna Señora.

Dos veces so ya venido delante tu real alteza á que pido por merced no me tenga por sobrado en le tanto importunar por los guantes ezquierdos porque soy venido de muy lexos y á grandes peligros."

Despues de esto vino una muger muy feroza con un encantamiento fecho arteficialmente que parescia una cueva metida en una breña aspera y venian dentro cuatro momos muy bien ataviados con sus caratulas y esta muger dando um escripto que trahia á la Señora Reyna tomó una porra y quebró este encantamiento y los momos que venian dentro soltaronde é dio cada uno de ellos su escripto á sua dama y danzaron y el escripto que dio la muger á la Señora Reyna desia asi:

"Rey y Reyna scelente
Á quen regnos non nombrados

Occultos nunca fallados
Desde el cabo de oriente
Obedecen nuevamente
Á quien islas
Y tesoros
Encubiertos
Por caminos
Nunca ciertos
Conquistando
Muchos moros
Te son todos
Descubiertos
Dina de mas escelencia
Pues teneis merecimiento
Que se quiebre en tu presencia
Contra mi consentimiento
Este fuerte encantamiento
E cual tocando la damas
De las que tengo nombradas
Seran sueltas de mis llamas
Abiertas y quebrantadas
Sereis presiones encerradas."

Despues de esto vino el Marques de Villa Real echo momo con su caratula con cuatro pajes delante tambien con sus caratulas é ropetas é dio un escripto á la Señora Reyna que desia asi:

"M.to alta e m.to ecelente Princesa é m.to poderosa Señora.

Eu soy o marques que en esta festa de vossa altesa noso Señor ques dreyto juez por sortes me dey por servidor de vna dama de vosa alteza per saber que yo era mays que todos á quale dama mejor tomaron duas veces por tanto me vengo á quejar á vosa alteza que esta terceyra me mande restituir á seu servivio vna sia asi:

Despues de acabada la fiesta dadas las doce horas de la media noche el Señor Rey danzo con todos los momos en una danza que dicen aca Serau y despues subieron el Rey é la Reyna á sua Camara con mucho placer é triunfo y asentaronse en la Camara y cenaron juntos muy alegremente el Señor Rey de la misma

manera que estaba hecho momo y porque era ya sabado volvierons el manjar de la carne de la Señora Reyna desde al aparador y comieron ambos pescado y despues de cenar mandaron despejar la Camara y quedaron solos para se eacostar. Nuesto Señor les de hijos de vendicion, é á vuestras altezas guarde y prospere como sus reales corazones lo desean de Lisboa 25 de Diciembre — Muy homil Servidor de V. as. que besa sus reales manos é pies — Ocho de Ysasaga."

2.ª

Pag. 16

Os mesmos motivos que tivemos pâra não considerar as obras do Rolim de Moura nesta collecção, militaram ácêrca de André Nunes da Silva, theatino, natural, segundo Barbosa, de Lisboa, e, segundo Sismondi, da Bahia.

3.ª

Pag. 94 e seguinte

Mattos imitou muito não só de Gongora, como de Quevedo, seu modelo. O verso (pag. 94-a)

"Mal direito e bem gibozo"

lembra o de Gongora

"Mal herido y bien curado."

A silva de pag. 143 é, no seu comêço, um verdadeiro plagio da canção de Quevedo (Musa 6.ª)

"No os espanteis, señora Notomia,
Que me atreva este dia
Con esprimida voz convaleciente."

Igualmente a última decima da pag. 106 é feita sôbre a 1.ª de Quevedo, na festa de toiros ao Principe de Galles:

"Floris, la fiesta pasada
Tan rica de cavalleros
No saliera más aguada."
Si la hicieran taberneros

A sátyra ao Cometa, na pag. 107, é parecida com a letrilla de Quevedo

"May haya quien lo consiente."

E a da pag. 118 faz lembrar a do *Chiton* do mesmo Quevedo. A 5.ª decima da pag. 108 é de tal despropósito, que nos justifica o que dizemos na Introducção de que Gregorio ás vezes punha ao lado de algum conceito uma sandice sem sabor.

4.ª

Pag. 173

O soneto que se refere á canonisação de Santo Stanisláo temo-lo hoje por apocrypho; pois que segundo nos consta tal canonisação só se affectuou no princípio do seculo passado, quando já eram mortos os dois irmãos Mattos.

5.ª

Pag. 289 e seguintes

Esta biographia de Claudio necessita em alguns logares mais correcção de estylo que é facil de fazer, e a isso authorisâmos a se afogou no carcere com uma liga. Tomámos a liberdade de quem a reimprima. Na pag. 301 deve preferir-se a versão de que pôr antes da Fabula do Ribeirão na pag. 316, outro soneto de Claudio, com mais côr local, do que elle destinou pâra ahi. Da fabula cortámos um pedaço, onde isso vai marcado no fim da pag. 317.

6.ª

Pag. 314

Em vez de *Briareu,* dizem outros textos *Driario.* Cremos que não deve estar nem de um, nem d'outro modo. Não sería má leitura de *Dirceu?*

7.ª

Pag. 352 e seguintes

Esta primeira composição é não só feita ao poema Uraguay, como á Arte Poetica em geral. A do Templo de Neptuno (pagina 355) parece uma epistola, enviada do Rio a José Basilio; e della se vê que o irmão dêste acompanhára Alvarenga. A composição da pag. 356 é uma ode á paz.

8.ª

Pag. 362

Conservámos o nome *rondó,* dado por Alvarenga ás suas anacreonticas, pâra não deixarmos de dar aos filhos os nomes escolhidos pelo pai; mâs a palavra é franceza, e melhor se diria *rondel,* como no castelhano antigo; mâs verdadeiramente são cantigas, similhantes ás dos trovadores.

9.ª

Pag. 391

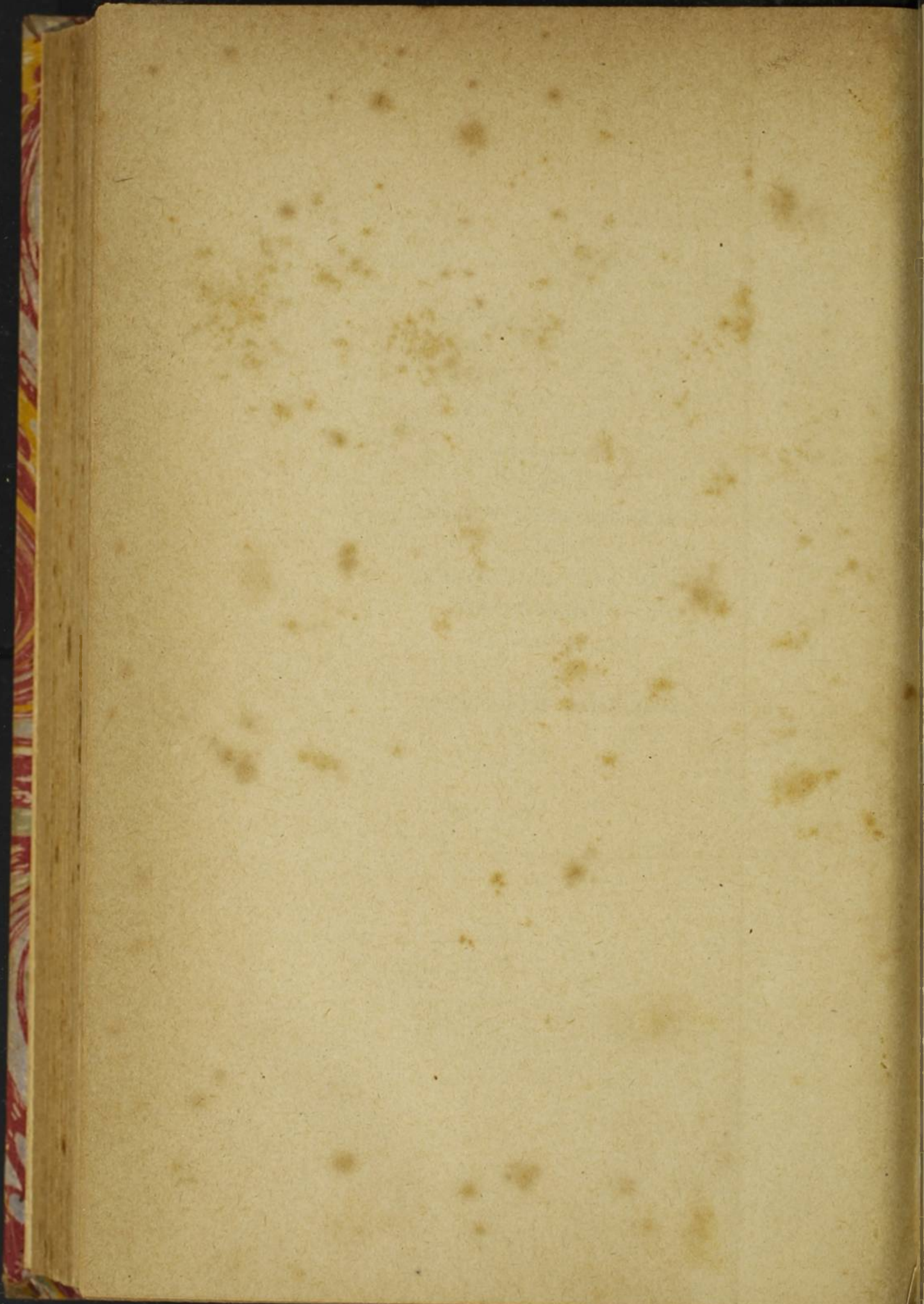
O assumpto do Caramurú é mais proprio pâra uma novella, ou pâra um romance historico. Dêste último modo emprehendemos tratal-o, sob o titulo *"O Matrimonio de um Bisavô"* apresentando o assumpto como nos parece mais natural que elle se passaria.

Teriamos que estender nosso trabalho, se nos propozessemos a apontar as bellezas pâra seguirem os principiantes, ou os vicios pâra delles figurem, em muitos logares desta collecção de poesias. O nosso fim não foi publicar uma obra didactica: foi reunir em corpo, e com certa ordem, muitas peças extraviadas; foi acompanhar de alguns modelos a resumida história litterária do Brazil, que publicâmos, e que tem por fim indicar ao publico nossas riquezas litterarias, pâra que os curiosos possam dedicar-se a formar dellas collecção, e salvar as que ainda se possam salvar: ao passo que os principiantes, com estes dois pequenos tomos, poderão ter uma idéa de toda a nossa litteratura, e dos poetas, que tem produzido o Brazil.

FIM

ÍNDICE

ÍNDICE

ACABOU-SE
DE
IMPRIMIR ÊSTE VOLUME
EM
11 DE OUTUBRO DE 1946,
CINQÜENTENÁRIO
DA FUNDAÇÃO
DA
ACADEMIA BRASILEIRA

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

(continuação)

Diálogos das Grandezas do Brasil, (notas de Rodolfo Garcia), 1930.
Cartas do Brasil, de Manuel da Nóbrega (notas de Vale Cabral e R. Garcia), 1931.
Cartas Avulsas de Jesuítas (1550-1568), (notas de Afrânio Peixoto), 1931.
Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões, de Joseph de Anchieta (1554-1591) (notas de A. de Alcântara Machado), 1933.
Jesuítas do Brasil e da Índia — do Padre José Caeiro — texto latino e português — 1 vol., 1936.
Tácito Português — Dom Francisco Manuel de Melo, 1940, introdução e notas de Afrânio Peixoto, Pedro Calmon e Rodolfo Garcia.
A Academia Brasileira de Letras (Notas e documentos para a sua história, 1896-1940), com prefácio de Afrânio Peixoto, 1940.

III — BIO-BIBLIOGRAFIA

Castro Alves, por Afrânio Peixoto, 1931.
Euclides da Cunha, por F. Venâncio Filho, 1931.
Álvares de Azevedo, por Homero Pires, 1931.
Junqueira Freire, por Homero Pires, 1932.
Luiz Guimarães Junior, por Iracema Guimarães Vilela, 1934.
Lúcio de Mendonça, por Edgar e Carlos Süssekind de Mendonça, 1934.
Artur de Oliveira, por L. F. Vieira Souto, 1935.
Artur Azevedo, por Roberto Seidl, 1937.
Manuel de Araujo Porto-alegre, por Hélio Lobo, 1938.
Gonçalves Dias, por Josué Montelo, 1942.
Raimundo Correia, pelo Cônego F. M. Bueno de Sequeira, 1942.
Francisco Alves de Oliveira, por Edmundo Moniz e Osvaldo Melo Braga, 1943.

IV — INÉDITA

Pedro Luís, Dispersos, 1934, por Afrânio Peixoto.
Artur de Oliveira, Dispersos, por L. F. Vieira Souto, 1936.

V — DISCURSOS

Discursos Acadêmicos, 11 vols. (1897-1943).

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

(nome dado às suas publicações pela Academia Brasileira, decisão unânime de 25 de junho de 1931)

Biblioteca de Cultura Nacional

I — LITERATURA

Prosopopéia, de Bento Teixeira, 1923.

Primeiras Letras (Cantos de Anchieta. O Diálogo, de João de Léry. Trovas indígenas), 1923.

Música do Parnaso. — A Ilha de Maré — de Manuel Botelho de Oliveira, 1929.

Obras, de Gregório de Matos: I — "Sacra", 1929; II — "Lírica", 1923; III — "Graciosa", 1930; IV e V — "Satírica", 2 vols., 1930; VI — "Última", 1933.

Discursos Político-Morais, de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes (prefácio de Alberto de Oliveira), 1930.

O Peregrino da América, de Nuno Marques Pereira (introdução e notas de A. P., Rodolfo Garcia, Pedro Calmon, Varnhagen e Leite de Vasconcelos), 2 tomos, 1939.

Geórgicas Brasileira, de Prudêncio do Amaral e José Rodrigues de Melo, trad. de João Gualberto dos Santos Reis, biografias e notas de Regina Pirajá da Silva, 1941.

O Uraguai, de José Basílio da Gama (edição comemorativa do 2.º Centenário do Poeta, anotada por Afrânio Peixoto, Rodolfo Garcia e Osvaldo Braga), 1941.

Poesias, de José Bonifácio (Américo Elísio) — Edição fac-similar da 1.ª (1825), com prefácio de Afrânio Peixoto, — 1942.

Uma Página de Escola Realista, de Castro Alves. Edição fac-similar do autógrafo, com prefácio de Afrânio Peixoto, 1943.

Queda que as Mulheres têm para os Tolos, de Machado de Assis. Edição fac-similar da 1.ª, de 1861, com prefácio de Afrânio Peixoto, 1943.

II — HISTÓRIA

Tratado da Terra do Brasil. — História da Província Santa Cruz — de Pero de Magalhães Gandavo (notas de Rodolfo Garcia), 1924.

Hans Staden — Viagem ao Brasil (revista e anotada por Teodoro Sampaio), 1930.

Publicações da
Academia Brasileira

FLORILEGIO
DA
POESIA
BRAZILEIRA

TOMO II

Rio de Janeiro
1946